REVISTA LUSITANA

VOL. XX 1917 N.os 1-2

TRADIÇÕES POPULARES DE SANTO TIRSO

(2.ª série)

(Continuação do vol. XIX da *Rev. Lusit.*, pág. 233-257)

IV

Bruxas, feitiçaria e Mouras encantadas

1. — O pai da tia Ana era muito *afouto* (corajoso) e andava aos carretos. Quando via as bruxas vestidas de branco, deitava a fralda de fora, e as bruxas não desapunham o carro, nem lhe faziam mal (S. Martinho de Bougado).

2 — Para que as bruxas não venham a nossa casa devemos dizer as seguintes palavras:

Nesta casa, *contista*,
S. João *Avangelista*,
E entre Nosso Senhor *Jasu*-Cristo,
Assista, assista.

(Areias)

3 — Uma mulher deu um bôlo ao conversado a fim de o prender. O rapaz, adivinhando o perigo, passou o presente a um burro, que, daí por deante, não largou mais a porta da espertalhona.

A tentativa deu origem a esta cantiga:

Tu chamaste-me tolinho,
Eu joguei pelo seguro;
Não quero que tu me faças
O que *fizestes ó* burro... [1]

(Areias)

4 — Algumas mulheres, em vez da tradicional beberagem, seguem outro sistema: Cortam com uma tesoura a camisa dos homens que desejam seduzir. Se alguêm vestir a camisa, depois de cosido o golpe, nunca mais poderá abandonar a autora do feitiço a não ser que descosa a costura (Santo Tirso) [2].

[1] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 45, n.º 11.
[2] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 30, n.º 4, e 44, n.º 45.

5 — As crianças por baptizar são moiras [1] e conhecidas pelos nomes de Custódio ou Custódia [2]. Aquelas que nascem mortas enterram-se por baixo da porta do forno, para receberem a luz quando há cozedura, pois, como não foram baptizadas, vivem na escuridão (S. Martinho de Bougado).

6 — São interessantes as lendas que correm em volta da *Tôrre Alta* (Areias) [3].

Na mina que liga o rio Ave com as ruínas do antigo castro, entrou um dia o tio-avô do informador, e voltou de lá gelado pelo frio e pelo terror, porque a ventania era medonha.

Uma moira muito linda aparecia sôbre um penedo a fiar, e cantava que era uma maravilha! Todos tinham mêdo de se aproximar.

Uma ocasião, um rapaz pôs-se a cantar ao desafio com a moira, a qual lhe disse ficar desencantada se êle fôsse animoso: Ela havia de transformar-se numa serpente, subir por êle acima, dar-lhe um beijo na cara e abraçá-lo.

À hora marcada, apareceu a serpente com rugidos medonhos, e o rapaz deixou-se abraçar e beijar. A serpente ficou logo numa mulher linda que o mandou buscar ferramenta, e êle foi. Voltando, começou a cavar, e levantou uma pedra, vendo no chão muitas meadas de oiro e peças de diferentes qualidades, estando a guardar a toca dois leões, cada um com a sua espada.

O rapaz e a moira ficaram muito ricos e *arreceberam-se.*

Na Tôrre Alta encontram-se à superfície da terra restos de cerâmica, e de lá saiu um fragmento de lucerna que o ilustre arqueólogo de Santo Tirso, P.e Joaquim da Fonseca Pedrosa, conserva no museu organizado nos claustros do mosteiro.

7 — No *Jornal de Santo Thyrso*, de 15 de Março de 1888, encontrei desenvolvida em folhetins uma lenda parecida, cuja acção é posta no Penedo da Moira, em Portos, freguesia da Lama.

O penedo assentava sôbre dois calhaus, formando uma espécie de gruta por onde os moiros traziam os cavalos a beber ao rio Ave. No alto do penedo via-se tôdas as noites uma formosíssima moira, que foi requestada por um morgado de Riba d'Ave, desaparecendo ambos.

O snr. Alberto Pimentel registou na sua obra — *Santo Thyr-*

---

[1] Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 35, e *Trad. Pop. de Port.*, pág. 202 e 210.

[2] Informação de meu amigo, Dr. Dias de Sá, de Landim (Famalicão).

[3] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 47, n.o 18.

so de Riba d'Ave, pág. 311 — uma tradição relativa a Alvarelhos, segundo a qual os mouros trariam os cavalos a beber por uma passagem subterrânea entre o monte de S. Marçal e o rio Ave.

V

Várias superstições

1 — Não se deve ir à horta colher couves no domingo de Ramos, senão elas ganham piolho. Nesse dia é costume fazer-se ao jantar caldo de castanhas (Areias).

2 — Em certos dias não se pode lavrar. No dia de Santo António lavrou o caseiro de Carapeços (Areias), mas uma junta levantou-se e os bois estragaram-se, tendo de ser vendidos por metade do custo. Não se pode lavrar também no dia de S. Pedro de Rates (S. Simão de Novaes).

3 — O centeio não pode cortar-se no mesmo dia em que calharem os Santos Inocentes: Se os Santos Inocentes caírem à segunda-feira, não pode ser a segada à segunda, se caírem à têrça, não pode fazer-se à têrça, etc. (Areias).

4 — Cozendo-se o pão na sexta-feira santa, aparece com raios de sangue (Areias) [1]

5 — Sôbre a superstição registada na *Rev. Lusit.*, v. XVII, pág. 50, n.º 21, li em *Filinto Elysio* uma nota curiosa: «*Dizem as nossas vêlhas que o vinho entornado, é agouro de festa, e de alegria; como o é de pêrda e de disgraça o derramado sal na mesa. Estas boas superstições lhes vem de Mouros e Judeos, com muitas que fora longo referir, e mais longo ainda de arrancar*» [2].

6 — As melancias não crescem se alguêm apontar para elas (Areias).

7 — Quando se *deita* [3] uma galinha, é costume pronunciar as palavras:

Em louvor de S. Salvador,
Que nasçam todos pitas
E um só galador.

ou

Em louvor de Santa Rita,
Que nasçam tudo pitos
E uma só pita [4].

(Areias)

---

[1] V. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 39, n.º 14.
[2] *Obras*, Lisboa, 1836.
[3] *Deitar uma galinha* e pô-la a chocar ovos.
[4] Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 290, e *Trad. Pop. de Port.*, pág. 154.

8 — Não se devem matar as andorinhas e as boieirinhas, porque levam água para lavar os pés ao Senhor (Areias) [1].

9 — Os sardões são amigos dos homens e inimigos das mulheres, como se pode ver dos seguintes exemplos:

— Uma cobra ia a entrar pela bôca dum homem; o sardão presenciou o perigo e salvou o dorminhoco, batendo-lhe com o rabo na cara para o acordar.

— Uma mulher ia de cêsto à cabeça com o jantar para o homem; um sardão perseguiu-a de tal modo que ela teve de gritar por socôrro (Areias) [2].

10 — Teem virtude, servindo para defumadoiros as ervas (cidreira, salva, etc.) colhidas na manhã de S. João.

11 — Para se descobrir a qualidade da pessoa com quem se há-de casar, põe-se ao sol no S. João, um pouco antes da meia noite, um copo com água.

Quebra-se um ôvo e deita-se a clara dentro do copo ao mesmo tempo que se diz:

S. João, de Deus amado,
S. João, de Deus querido,
Deparai-me a minha sorte
Neste copinho de vidro.

Pela manhã, antes do nascer do sol, vai examinar-se a figura formada pela clara: Se o futuro marido tiver de ser brasileiro, ver-se há um navio com todos os seus *trabalhos;* se pedreiro, um martelo; se alfaiate, uma agulha a coser; se lavrador, uma vara. O tear representará uma tecedeira, a foucinha uma lavradeira, etc.

A informadora botou a sorte e saiu-lhe um martelo, vindo realmente a casar com um pedreiro [3].

---

[1] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 40, n.º 24.

[2] Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Port.*, pág. 144; e *Rev. Lusit.* vol. XVII, pág. 31, n.º 16, e 55 n.os 54 e 55.

[3] Ao colher a tradição referida, lembrei-me dum passo das *Decadas* de João de Barros, quando os mouros de Calecut se consultam sôbre a ida de Vasco da Gama: «...*hum delles, dizendo, que o anno passado sobre duas nãos de Méca que tardavam, em que lhe vinha fazenda, fizera pergunta a algumas pessoas, que usam do officio de Astrologia, e d'outras artes, que daqui dependem, huma das quaes pessoas, que elle daria por testemunha, como autor da obra, em hum vaso d'agua lhe mostrára as nãos perdidas, e mais outras á véla, que dizia partirem de mui longe pera vir á India, que a gente dellas seria total destruição dos Mouros daquellas partes.*» *Asia, Dec.* I, Liv. IV, Cap. IX, pág. 341 (ed. de 1778). Cfr. *Lusiadas*, c. VIII, e. 45.

— No comentário da tragédia pastoral de d'Annunzio — *La fille de Jorio* (Tradução de Georges Hereille, Paris, Calmann-Lévy, pág. 187) — encontrei outro exemplo de visão: «*La Plaia est une petite montagne à l'est de l'Introdacqua. Les habitants du pays ont coutume d'y monter pour la Saint-Jean; les caravanes se mettent en marche vers minuit, et, lorsque le soleil se lève, les plus favorisés voient apparaître à l'intérieur du disque le clef du Baptiste, tout ruisselant de sang.*»

— Para um rapaz saber a rapariga com quem há-de casar, aproveita a meia noite de S. João para deitar num copo de água vários bilhetinhos com os nomes das conversadas, e expõe o copo ao rol da noite.

Pela manhã, antes do nascer do sol, vai ver o copo, e encontra aberto o escrito com o nome daquela que lhe há-de caber em sorte, permanecendo todos por abrir, se o rapaz não tiver de casar com nenhuma (Areias).

12 — Depois do dia de S. Bartolomeu não se podem comer amoras; o diabo urina nelas (Areias).

13 — No dia 28 de Outubro (dia de S. Simão) há sempre muito temporal: é S. Simão a varejar os castanheiros. Cfr. o ditado: Fugi, marinheiros, não vos tome S. Simão no mar (S. Simão de Novais) [1].

14 — A cabeceira da cama não deve pôr-se para o lado do mar (Areias) [2].

15 — Em pequeninas (antes de terem um mês) as crianças riem para os anjinhos (Areias).

16 — Tenho ouvido narrar histórias de cartas caídas do céu (Areias) [3].

17 — Nenhuma mulher pode entrar virgem no céu; se lá chega nesse estado, é desflorada por Santo Hilário (Santo Tirso).

18 — A gente morre à mesma hora que nasce (Santo Tirso).

19 — Não é bom ter as crianças a dormir, quando vai a passar um entêrro (Areias) [4].

20 — Na passagem dum cadáver, não devemos pôr-nos do lado da sombra (Areias) [5].

21 — Sonhar com porcaria é sinal de dinheiro (Santo Tirso).

22 — Os pingos de leite que espirram do peito da mulher produzem sardas desde que caiam na cara (Santo Tirso).

23 — Matar sardoniscas faz chover (Rebordões) [6].

---

[1] Freguesia próxima de Santo Tirso, mas pertencente ao concelho de Famalicão,

[2] Em Vila Rial disseram-me não ser bom estar a cama de modo que os pés fiquem voltados para a porta da rua, por ser essa a posição dos defuntos.

[3] Entre vários agouros lê-se na *Célia* de Sá de Miranda: «*...er caio | Del cielo um breve que no hai quien lo lea (Poesias*, ed. de D. Car. Mich. de Vasc., Halle, 1885. pág. 296).

[4] Não devemos conservar-nos deitados quando passa um cadáver na rua (Vila Rial). Cfr. *Rev. Lus.*, vol. XVII. pág. 48, n.º 3.

[5] Cfr. *Rev. Lus.*, vol. XVII, pág. 49, n.º 5.

[6] Informação de meu amigo, snr. Júlio Padrão, professor oficial de Rebordões. O termo «sardonisca», com o sentido de largatixa, registado no *Novo Dicionário* como *t. de Penafiel*, é usado geralmente no Minho.

24 — Matando-se uma saramela à sexta-feira, tira-se uma alma do purgatório. (S. Tiago de Bougado) [1].

VI

Provérbios e ditos populares

1 — Primeiro, a bôca to dirá;
Segundo, guardarás;
Terceiro, irás a S. Brás [2].

2 — Se queres ser bom alheiro, *pranta* alhos em Janeiro [3].

3 — Do cerejo ao castanho
Bem me eu amanho;
Do castanho ao cerejo
É que me eu vejo... [4].

4 — A 20 de Janeiro sobe ao *iteiro;* se vires verdegar, põe-te a chorar, se vires terrear, põe-te a cantar [5].

5 — Se a Senhora das Candeias estiver a rir, está o inverno para vir; se estiver a chorar, está o inverno a acabar [6].

6 — Em Fevereiro põe a mãe ao *sòlheiro*, e vem-lhe um corisqueiro [7].

7 — Vinho, que nasce em Março, vai no regaço [8].

8 — Entre Março e Abril, se o cuco não vier, está *a* [9] fim do mundo p'ra vir.

9 — Em Abril queima a velha o carro e o carril, e uma camba que lhe ficou ainda em Maio a queimou, e deixou ficar o melhor tição para o mês de S. João [10].

10 — O chasco deve dar carne para a Páscoa (S. Simão de Novais) [11].

---

[1] Informação de meu amigo, snr. Júlio Padrão.

[2] Explicação: 1.º—Jejum na véspera da Senhora das Candeias; 2.º — dia santo de guarda na Senhora das Candeias, que tem romaria em Landim, concelho de Famalicão; 3.º— romaria de S. Brás na mesma freguesia, no dia seguinte à Senhora das Candeias. Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 268.

[3] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 6.

[4] Outros dizem: Do cerejo ao castanho bem vai...; o pior é do castanho ao cerejo! O ditado aplica-se tanto aos lavradores como às aves que lutam com falta de recursos no inverno.

[5] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 17. 20 de Janeiro é o dia de S. Sebastião.

[6] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 73, e IV, pág. 15.

[7] Saraiveiro. Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 6, e *Rev. Lus.*, vol. XVII, pág. 292, n.º 129.

[8] V. *Rev. Lus.*, vol. XVII, pág. 283, n.º 11, e *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 8.

[9] Nas palavras *fim do mundo*, *fim* emprega-se geralmente como do género feminino.

[10] Cfr. *Rev. Lus.*, vol. XVII, pág. 284, n.º 13; e *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 74, e IV, pág. 629.

[11] Para que o tempo corra propício aos lavradores, é preciso que haja ninhos com passarinhos pela Páscoa.

11 — Maio, maiola, | Junho, Junheta,
O mês que te rebola; | O mês que te remeta.

12 — Em Maio come o gaio a cereja ao borralho [1].

13 — Maio pardo... Não há Maio sem trovões, nem homem sem... [2].

14 — Chuva de S. João quita vinho e não dá pão [3].

15 — É melhor que chova sete Maios que um Junho [4].

16 — Queres ver o teu homem morto? — Dá-lhe couves em Agôsto [5].

17 — Em Agôsto a poupa preleva a perdiz no gôsto.

18 — Em dia de S. Lourenço [6], nem nascido, nem no lenço [7].
— Em dia de S. Lourenço, vai à vinha e enche o lenço [8].

19 — Em Setembro levanta-se o mar debaixo da pá do remo (Castelo de Neiva) [9]. Em Santo Tirso dizem: Fugi, marinheiros, que não vos cace S. Simão no mar [10]. Talvez a êsse ditado se ligue outro muito conhecido: Por S. Simão e S. Judas colhidas são as uvas [11].

20 — Logo que se passe S. Martinho, cada dia um carrinho [12].

21 — Pelo S. Martinho barra o teu vinho, e mata o teu porquinho [13].

22 — Dos Santos ao Natal, ou bem chover, ou bem nevar.
— Dos Santos ao Natal, inverno natural [14].

23 — Pelo Natal, sachá o faval.

24 — Ano de neve, paga o que deve (Vila Rial) [15].

25 — Lua nova e lua cheia, preia-mar às duas e meia (Viana do Castelo) [16].

---

[1] Cfr. *Rev. Lus.*, vol. XVII, pág. 284, n.º 14; e *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 16, e 18 n.º 138.
[2] Termina o ditado por uma palavra obscena, que substitui o termo *calções* dos *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 17.
[3] Cfr. *Philosophia pop. em prov.*, 2.º ano, 6.ª série, pág. 6, e *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 19.
[4] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 30.
[5] Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 61, e *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 15.
[6] O S. Lourenço cai a 10 de Agôsto.
[7] Ensina o ditado que deve semear-se o nabal nesse dia.
[8] Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 6.
[9] Informação de meu amigo, E. Machado Cruz, professor do Liceu de Braga.
[10] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 287.
[11] V. *Philosophia pop.*, pág. 62.
[12] O ditado refere-se ao centeio: Se bem compreendi, a sementeira deve fazer-se até S. Martinho, havendo, no caso de demora, prejuizo de um carro por dia.
[13] Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 62, e *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 284, n.º 21.
[14] Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 62.
[15] Informação de meu amigo, Dr. Aguiar, médico da armada. Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 72.
[16] Informação de meu pai, Fernando Pires de Lima.

26 — Vento suão, chuva na mão [1].

27 — Vermelho ao mar, pega nos bois e vai lavrar.

— Vermelho ao nascente, chuva de repente.

— Vermelho ao nascente, chuva no poente.

— Vermelho ao nascente, pega nos bois e foge sempre [2].

28 — Quando aparecem os peneireiros, é costume dizer-se: temos chuva! (Areias)

— Ouvi a mesma frase ao passar um amolador, tocando na sua gaita (S. Martinho de Bougado) [3].

29 — Ano de bogalhos, ano de trabalhos [4].

30 — Galinha pedrês, não a comas, nem a dês [5].

31 — Criados e bois, um ano até dois.

32 — A tranca... atranca [6].

33 — Não sirvas a quem serviu, nem peças a quem pediu [7].

34 — Não batas no cão, que não sabes se ainda virás a ser como êle [8].

35 — Sete abogões matam um homem e oito um *bègueiro* [9].

36 — Aos seis assenta e aos sete *indenta* [10].

37 — Três de cada vez, sete cada dia e uma cada mês [11].

38 — Casa Maria com Pedro... é um casamento negro [12].

39 — Quem se não farta de comer, tambêm se não farta de lamber [13].

40 — A ladrão de casa, nada se lhe fecha [14].

41 — O que não mata, engorda [15].

42 — Os homens não se medem aos palmos [16].

43 — Mãe diligente, filha preguiceira.

---

[1] Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop.*, pág. 48, e *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 288.

[2] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 12, e *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 168 e 288.

[3] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 12.

[4] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 288.

[5] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 7.

[6] Os lavradores, em geral, podam as vides das uveiras, ano sim e ano não, e querem dizer com o ditado que a produção do vinho é maior quando as vides não são podadas.

[7] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 274.

[8] Ouve-se êste dito, que existe em forma de provérbio. V. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 71.

[9] O povo acredita que os abogões podem matar realménte um homem e até um burro.

[10] Aplica-se às crianças de seis e sete meses.

[11] Devemos beber três copos de vinho ao jantar: um no princípio, o segundo no meio e o outro no fim; dormir sete horas, e confessar-nos todos os meses.

[12] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 19.

[13] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 20.

[14] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 20.

[15] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 20.

[16] «Les ome aro, bregand, por sèntre | S'à la cano o aü pan se dévon mesura! *Mirèio*, c. v.

44 — Quem faz a vontade ao sono,
Tôda a vez que êle quer vir,
Nunca pode ter na cama
Bôs lençois para dormir.

45 — À direita de Deus Padre, à esquerda do alfaiate, e do sapateiro de nenhuma parte [1].

46 — Os sapateiros *fede* em vivos [2].

47 — Quem mina, fica minado [3].

48 — Quem canta antes de almoçar, ou é tolo, ou quer casar.

— Quem canta antes do almôço, chorará antes do sol pôsto.

49 — De-vagar se vai ao longe ... bem tolo é quem se mata.

50 — Tanta vez vai o cântaro à fonte, que de alguma vez lá fica [4].

51 — O que pelo diabo vem, pelo diabo vai [5].

52 — No tempo de figos, não há amigos [6].

53 — Honra, sem proveito, faz mal ao peito.

— Honra e proveito não cabem num saco [7].

54 — Quem todo o seu guarda, todo o alheio perde [8].

55 — Quem foi ao ar, perdeu o lugar.

— Quem foi ao vento, perdeu o assento [9].

56 — Mandamentos do demandista: Bôca calada, burra aberta, e burra selada (Amarante) [10].

57 — Quem compra sem poder, vende sem querer (Pôrto).

— Quem adeante não olha, atrás torna [11].

58 — Quem gasta tudo o que tem, é ladrão [12].

59 — Ninguêm é cheio senão do que tem em casa.

60 — O de baixo é meu e o de cima é dum judeu [13].

---

[1] O alfaiate trabalha com a mão direita, o sapateiro com ambas as mãos.

[2] Chamam-se sapateiros aos carrapatos do mato, os quais teem um cheiro desagradável.

[3] Apontam-se algumas casas arruinadas pelo facto de os proprietários terem mandado fazer várias minas. Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVIII, pág. 189, n.º 12.

[4] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 291, n.º 110; *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 10, e *Philosophia pop.*, pág. 57.

[5] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 10.

[6] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 13.

[7] Idêntico na *Philosophia pop.*, pág. 41. Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 13.

[8] Isto é, ninguêm lhe dá nada.

[9] Idêntico nas *Trad. Pop. de Port.*, pág. 48.

[10] Informação de meu amigo, snr. Belarmino de Vasconcelos, professor do Liceu de Alexandre Herculano.

[11] Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 42.

[12] Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 37.

[13] Diz-se quando se é pisado por alguêm.

61 — Ainda há-de comer muita rasa de sal [1]!

62 — Pesa-te pelo que fica?! [2]

63 — Já mijou ossos.... [3] Já mijou no mar [4]... Mijar fora do têsto [5].

64 — Fica a perca pelo proveito...

65 — São voltas que dá o mundo: Uns p'ra cima, outros p'r'ó fundo.

66 — Abaixo da cama se quebram as pernas [6].

67 — Agora, assobia-lhe às botas... [7].

68 — Não é caso de morte de homem, nem de casa queimada [8].

69 — Frases que exprimem uma ironia ou dúvida:

D'ouro do rabo do touro...
De prata, do rabo da gata...

70 — Doutor da mula ruça, tira o chapéu e põe a carapuça.

71 — Gaba-te, cesta, que para o ano vais à vindima [9].

72 — Tomar os cãezinhos [10].

73 — É como a Maria Chiça: quanto vê, quanto cubiça!

74 — Que é dela (*ca* dela)? — Anda *ós* cães.

75 — O demónio é tendeiro, fêz a tenda sem dinheiro [11].

76 — Fazer secar uma figueira em pé [12].

77 — Que fazes, que não danças [13]?...

78 — Ai, pipo, pipo, que nem as borras te *fico!* dizia um homenzinho, bebendo mesmo pela vasilha.

79 — Nem bonita que espante, nem feia que meta mêdo...

80 — Quem não vai em novo, de velho não escapa [14].

---

[1] Lança-se êsse dito a pessoas novas e inexperientes.

[2] Queres comer tudo?!

[3] Já mijou ossos uma mulher que teve filhos.

[4] Já foi ao Brasil.

[5] Desmandar-se em comportamento.

[6] Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 56.

[7] V. Camillo, *Corja*, pág. 23 (edição de 1903).

[8] «*Sempre me vens com huns casos de morte de homens.* Ant. Ferr. *Cioso*, pág. 103 (*Poemas Lusitanos*, ed. de 1771).

[9] Aplica-se a quem se está a gabar.

[10] Zangar-se, cortar as relações, virar a cara.

[11] V. T. Pires, *Cantos*, t. I, pág. 143. O *Novo Dicion.* regista o termo como popular, com o sentido de *diabo*. Ora tendeiro aqui e noutras frases significa enredador, astucioso.

[12] Diz-se duma pessoa muito maçadora.

[13] É a resposta que se dá a quem pede um serviço, que podia realizar sem auxilio.

[14] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. I, pág. 482.

81 — Quem quiser roubar, vá para a Serra da Curbiã [1].

82 — «Maia é terra de muita abelha; se o mel fôsse bom não faltaria quem o lambesse...» — dizia um rapaz da Maia a um apaixonado de fora que lhe pedia informações sôbre uma rapariga.

83 — Quem lá vai, lá vai... [2]

84 — Bem jejua, quem mal come...

VII

Romanceiro e anfiguris

1. D. Martinho [3]

Mal hajas tu, rainha,
Mal haja a tua geração!
De sete filhas que temos,
Nenhuma saiu varão.

A filha mais nova diz: — Sou varão,
Dê-me espada e cavalo,
Que eu sirvo de capitão.
— Tendes o pé pequeninho...
Por isso vos conhecerão.
— *Veste-se* sapatos de homem
Que êles grandes se farão.
— Tendes os peitinhos grandes...
Por isso vos conhecerão.
— Ó meu pai, dê-me umas ligas,
Que eu meto-os no coração.
— Tendes os olhos pisqueiros...
Por isso vos conhecerão.
— Quando passar por os homens,
Deito os olhos ao chão.
— Tendes os cabelos grandes...
Por isso vos conhecerão.
— Meu pai, dê-me umas tesouras,
Que êles vão já ao chão [4].

. . . .
— Ó meu pai, ó meu paizinho,
Eu morro do coração;
Os olhos de D. Martinho
São os que me acabarão;
O corpo de homem é,
Os olhos de mulher são.
— Roga-a tu, ó meu filho,
P'ra contigo ir feirar;
Pois ela, se mulher fôr,
Ao ouro há-de atentar:
— Ó que ricas prendas de oiro,
Para meninas gostar!
— Ó que rica espora de prata,
Para um homem montar!
— Ó meu pai, ó meu paizinho,
Eu morro do coração;
Os olhos de D. Martinho,
São os que me acabarão;
O corpo de homem é,
Os olhos de mulher são.
— Roga-a tu, ó meu filho,
P'ra contigo ir jardinar;
Pois se ela mulher fôr,
Às flores há-de atentar:

---

[1] Serra no extrêmo do concelho de Famalicão, afamada pelos assaltos que nela davam antigamente os ladrões.

[2] O pior é dos que morrem; quem fica esquece depressa...

[3] Êste romance apresenta algumas variantes daquele que publiquei na *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 296. Cfr. a mesma *Revista* e vol., pág. 57.

A acção passou-se, segundo a informadora, no tempo em que todos tinham de dar um filho para a guerra.

[4] D. Martinho andou na guerra sete anos e um verão até que por ela se apaixonou o capitão.

—Ó que ricas limas doces
Para as meninas gostar!
—Ó que rico limão verde
P'ra um homem atirar!
—Ó meu pai, ó meu paizinho,
Eu morro do coração;
Os olhos de D. Martinho
São os que me acabarão;
O corpo de homem é,
Os olhos de mulher são.
—Roga-a tu, ó meu filho,
P'ra contigo ir nadar;
Pois ela, se mulher fôr,
De ti se há-de acautelar [1].

—Ó que ao meu coração chega
Uma carta tam sentida;
Que o meu pai que é morto,
Minha mãe já não é viva!
De seis irmãs que lá tenho,
Aqui as ouço chorar;
Os sinos da freguesia,
Aqui os ouço tocar;
Avança, meu cavalo, avança,
Que ainda hoje lá vais dar.
Os sinos da freguesia
Aqui os ouço tinir;
Avança, meu cavalo, avança,
Que ainda hoje lá hás-de ir.

Aqui tem, ó meu paizinho,
Pôs a sua filha varão,
O' tempo que andou na guerra—
Sete anos e um verão—
Ninguêm me lá conheceu
Senão o senhor capitão [2].

2. O Conde d'Alemanha [3]

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
—Eu te amaldiçoo, filha,
E o leite que mamaste:
Um conde tam bonito,
A morte que lhe causaste!
—*'scuita*, *'scuita*, minha mãe,
Enquanto que me eu calei;
A morte que o conde leva,
Não a leveis vós tambêm...

3. O cego [4]

—Abre-me essa porta,
Abre-me o postigo;
Dá-me um lenço, Ana,
Que eu venho ferido.
—Se você vem ferido,
Vá-se daí embora;
A minha portinha
Não se abre agora.
—Se ela não se abre,
Ela se há-de abrir;
Contigo, menina,
Quero ir dormir.
—Acorde, minha mãe,
Do doce dormir;
Venha ouvir o cego
Cantar e pedir.
—Se êle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho,
Para o triste cego
Seguir seu caminho.
—Não quero o seu pão,
Nem quero o seu vinho;
Quero que a menina
Me ensine o caminho.

---

[1] Deixou-o metêr na água e disse o que se segue.

[2] Havia outro episódio em que o pai aconselhava o filho a ir dormir com D. Martinho, mas êste mete a espada entre ambos.

Seria talvez uma reminescência do punhal de Reginaldo ou Gerinaldo.

[3] Ouvi mais alguns versos para acrescentar aos publicados na *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 297.

[4] Cfr.: a versão que publiquei na *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 300; Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Port.* pág. 31; e Pedro Fernandes Tomás, *Velhas Canções e Rom. Pop.*, pág. 47 (Coimbra, 1913).

—Pega daí em 'stôpa,
Pega daí em linho;
E ao triste cego
Ensina o caminho.

—Acabou-se-me o linho,
Acabou-se-me a 'stôpa;
Siga o triste cego
Por essa *caldrosta* [1].
—Acabou-se-me a 'stôpa,
Acabou-se-me o linho;
Siga o triste cego
Por êsse caminho.
—Sou curto da vista,
Já não vejo bem;
Quero que a menina
Venha mais alêm.
—De condes e duques
Eu fui perseguida;
Agora dum cego,
Me vejo vencida!

Adeus, minha mãe,
Adeus, minha tia;
Adeus, minha mãe,
Que bem no sabia.
Adeus, minha mãe,
Adeus, minha terra;
Adeus, minha mãe,
Que tam falsa me era.

4. Santa Iria [2]

—Estando eu a coser
Na minha almofada,
Minha agulha d'ouro,
Meu dedal de prata,
Veio um cavaleiro,
Pediu-me pousada.
Se meu pai lha desse,
Muito lhe pesava;
Meu pai não lha deu,
Não lhe pesou nada.
Deu-lha minha mãe
Por ser confiada;
Entrou para dentro,
Pousou sua espada.

De três que nós éramos
Só a mim levou;
Por essa terra larga
Êle me preguntou
Como me chamava.
Eu lhe respondi
Que na minha terra:
Iria, fidalga,
E na terra alheia:
Triste, malfadada.
—Pelas falas que tu dás
Deves de ser degolada.
Pegou num cutelo
E ali me matou;
Coberta de ramos,
Ali me deixou;
Dali a sete anos
Por ali passou:
—Pastorinhos novos,
Que olhais o gado,
Que ermida é aquela,
Que está naquele adro?
—É Santa Iria,
Que o traidor matou.
—Ó Santa Iria,
Meu amor primeiro;
Perdoai-me a morte,
Sou vosso romeiro.
—Como te hei-de perdoar,
Ladrão carniceiro,
Que da minha garganta,
Fizeste carneiro,
E do meu cabelo
Fizeste dinheiro?!...
Veste-te de azul,
Que é da côr do céu;
Farás penitência,
Irás para o céu.

[1] Como a palavra *congosta* ou *cangosta* não é empregada pelo povo, foi fácilmente corrompida em *caldrosta*.
[2] Fica completa com algumas variantes curiosas a versão publicada na *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 301.
Cfr. Leite de Vasc. *Romanceiro Port.*, pág. 50, e *Rev. Lusit.*, vol. XVIII, pág. 281.

5. Rosa [1]

—Deus te salve, Rosa,
Claro serafim;
Linda pastorinha,
Que fazeis aqui?
—Eu guardo o meu gado,
Que aqui perdi.
—Se aqui o *perdestes*,
Aqui o *ha-des* achar;
Linda pastorinha,
Vamo-lo *prècurar;*
Tam gentil senhora,
A guardar seu gado!...
—Eu nasci, senhor,
Para êste fado;
Olhe como vem grave
De meia de sêda;
Olhe que a não rompa
Por essa resteva.
—Sapatos e meias
Tudo romperei,
Só p'ra lhe dar gôsto,
Meu pai, minha mãe (?).
—Vá-se daí embora,
Não me dê mais pêna;
Aí veem meus amos
Trazer-me a merenda.
—Se aí veem seus amos
Trazer a merenda;
Êles não são lobos,
Que *coma* a gente.
—Vá-se daí embora,
Não me dê tormento;
Já o não posso ver
Nem por pensamento.
—Ó bela Rosinha,
Ó bem agastada;
Falavas comigo,
Já me não dizes nada...
—Se sou agastada,
Faço muito bem;
Quero ser ingrata,
Que assim me convêm.
—Se queres ser ingrata,
Sejas bem, embora;
Vou tocar teu gado
Pela serra fora.
—Torna ali, amor,
Torna ali, correndo;
Que o amor é firme,
Já se está rendendo;
Quando diz que não quer
É que está querendo;
Vamos para a sombra,
Que o mundo está ardendo.
—Se eu fôr para a sombra,
Não vou na má tenção;
Juro-te, menina,
Que sou teu irmão.
—Se és meu irmão,
Mil perdões te peço
Que não contes nada
Do nosso processo.

Tam grande calor
Por êste deserto!
Ó gente da aldeia,
Acudi ao gado,
Que foge a pastora
Com seu *pastorado.*

6. A filha do Rei de Espanha [2]

. . . .

Sou filha do rei de Espanha,
Da rainha Constantina;
Meu pai tem *jinelas* de oiro,
Vidraças de prata fina.

. . . .

[1] Cfr. a *Pastorinha* na *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 303, e Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Port.*, pág. 41.

[2] Encontrei entre as canções colhidas os versos seguintes, que evidentemente pertencem a um romance já diluído.

Devem ser da *Enfeitiçada* do *Romanceiro* de Garrett. V. T. Braga, *Romanceiro Geral* (Romances da *Infanta de França*), e *A filha do Rei de Hespanha* na *Rev. Lusit.*, vol. IX, pág. 285.

7. Agostinha

—Agostinha, Agostinha,
Que fazes a esta hora?
Ou o teu pai te bateu,
Ou te êle mandou embora...
—Eu já estava dormindo,
Ascordei estremunhada;
Ouvi minha mãe gritar,
O meu pai a dar pancada;
Vesti-me, vim p'r'à rua
P'ra me livrar da rascada.
. . . .
—Se ouviste, Augustinha,
Vcu-me deixar aqui 'star,
Aqui a tornar-te o mêdo;
Vou-te levar a teu pai
Pela manhã muito cedo;
Eu te faço um protesto
De te não pôr mão nem dedo.

8. Emília [1]

. . . .
Levanta-te, ó desgraçada,
E faz a tua confissão *gèral;*
'stá ali o teu filho à porta
C'uma faca p'ra te matar.
. . . .
Emília, negra Emília,
Negra vida te hei-de dar,
Por me dares um punhal
Para a minha mãe matar:
Hei-de ir para a África,
E tu has-de-me acompanhar!

9. Beatriz [2]

Beatriz era filha dum conde,
Sua mãe era D. Maria;
Quando sua filha se deu à *disgrácia*,
Que paixão sua mãe não teria!
—Beatriz, onde vai a esta hora?
Meia noite no meu coração.
—De Coimbra *vê-los* doutores
Se inda *sabe* tocar violão.
. . . .[3].

10. O canário [4]

Certo dia fui à caça,
Lindo canário agarrei;
Fui levá-lo de presente
À filha do nosso rei;
A filha do nosso rei,
A princesa brasileira,
Mandou fazer a gaiola
Da mais fina madeira;
A gaiola 'stava pronta,
O canário foi p'ra dentro;
Quer de noite, quer de dia,
Tinha o seu divertimento;
O canário adoeceu,
Foi duma constipação;
A filha do nosso rei
Encheu-se de raiva e paixão;
Mandou chamar uma junta
De trinta um *çurgião:*
À primeira lancetada,
O canário 'stremeceu;
À segunda lancetada,
Deu às asas e morreu.

---

[1] É um fragmento de romance, cujo tema é bastante conhecido: Uma mulher aconselha o marido a matar a mãe.

[2] Fragmento de romance?

[3] Colhi mais algumas palavras desordenadas. A informadora disse-me que os versos eram para cantar, dançando.

[4] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 119, e XVIII, pág. 281.

11. Entre canas e caninhas... [1]

—*Antre* canas e caninhas
Auga debe de nascer;
Menina, que *'stá* na fonte,
Benha-me dar de *bober*.
—Eu a *auga num la* nego,
Pucarinho *num le* dou;
Num quero que o senhor se gabe
Do que ninguêm se gabou.
O pucarinho é de *bidro*,
Tocadinho do amor,
Por ditosa me daria
Dar *auga* a tal senhor.
Dar *auga* a tal senhor
E à Senhora da Guia;
Diga lá, seu manatinha [2],
Se *bem* cá por minha *bia* [3].
—Por sua *bia num benho*
P'ra *le* falar a *berdade*;
Benho por passar o tempo
Na forma da mocidade.
—Na forma da mocidade...
Eu só queria saber:
Nem todos os letrados
Se *tornam im* saber ler [4].
—Eu sei ler e sei *'screber*,
Tamêm sei tocar *biola*;
Inda 'spero de aprender,
Menina, na tua *'scola*.
—Na *'scola* de Cupido [5]
P'ra te amar, aprendi;
Cum penas de te *num ber*
Uma carta te *'screbi*.
—A carta que me *'screbestes*,
Inda cá me *num* chegou;
Se me queres *algũa* cousa,
Fala-me que eu aqui *'stou*.
—Eu te *beijo* aí *'star*,
Bonitinha e *profeita*;
Só *desejaba* saber
Se serás a minha *sujeita*.
—A tua *sujeita num* sou,
Que o meu pai *num* é contente [6];
Pode-me deixar no mundo
Uma fama para sempre.
—Quanto respeito à fama,
Agora te *bou* falar;
Se eu cá chegar a *bir*,
Meu sogro *l'*hei-de chamar [7].
—Como *l'*hás-de chamar sogro
Se são falas escusadas?
Que eu sou rapariga *noba*,
Eu *num* posso *remir casa* [8].
—*Oitras más nobas qu'a ti*
Reme casa e *tem* marido;
Fôra-lo mesmo, menina,
Se tu casasses comigo [9].
—Já *oubi* tua *palabra*,
Repara o que *dissestes*;
Se *num sabe-lo* caminho,
Torna por onde *biestes*.

---

[1] Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 377.

[2] Emprega-se *manato* no sentido de conversado. O *Novo Dicion.* regista *manata*.

[3] *Por minha via*, por minha causa.

[4] Variante:

se é manato ou 'scribão
s'ençarra *im saber ler*.

[5] Sôbre Cupido na poesia popular, V. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 134.

[6] *Ser contente*, concordar, consentir. É dizer clássico: V. Mello, *Epanaphoras*, pág. 95 (ed. de 1660), e Ant. Ferreira, *Bristo*, pág. 44 (ed. cit.).

[7] Variante:

Menina, *num arreceie*,
Nem *tenha* que *arreciar*;
Se eu a meter em fama,
Eu dela a hei-de *librar*.

Má fama *num* na tenho,
Mas ela me pode *bir*;
Fale baixo, num *ascorde*
Meu pai, que *'stá* a dormir.

[8] *Remir casa*, governar casa. É costume dizer-se: «*Num se rime* co *que ganha!*»

[9] Variante:

. . . .
Assim te há-de acontecer, menina,
Sim que tu casares comigo.

—Eu de *donde 'stou* bem *beijo*
Caminhos por donde eu *bim*;
Inda *'spero* de *lobar*
Esta rosa para mim.
—Esta rosa para ti,
Ou a *lobarás*, ou não;
Eu *num* quero nem por *q'anto*,
Que tu me *ponha-la* mão.
—Pois eu a mão *num* ta ponho,
Nem sequer bolir *combosco*;
Só *im 'star* na *bossa ausença* [1],
Nisso faço muito gôsto.
—Se tu fazes muito gôsto,
Eu *ó* pai o *bou dezer*,
Que *bá* chamar o padre-cura
Que nos *benha arreceber*.
. . . .
Padre-cura, *benha* cá,
E *benha* já, sem demora;
Benha arreceber os *noibos*
Já nesta *própia* hora [2].

12

A vinte e um de Fevereiro,
Dia de entrudo chamado,
Dia tam infeliz,
P'ra mim tam desgraçado!
Eu fui ter uma desordem
Com um (bem quieto que 'stava!);
Por minha triste sorte,
Por minhas mãos me matava:
Veio-me um tiro de canhão
Disparado à minha sorte;
Por muitos poucos *Pilatos*,
Terrível a minha morte!
Assim me fui arrastando,
Trepolando [3] pelo caminho,
Pedindo socôrro por 'smola
À porta de um vizinho;
E êle, como benfeitor,
Da cama se levantou,
Da casa dêle saíu,
P'r'à minha me acompanhou.
Quando eu cheguei a casa,
Que a mulher me pressentiu,
Depressa, bem contente,
Logo a porta me abriu;
Mas quando ela viu
No 'stado em que eu 'stava,
Dava ais de quando em quando,
Desgraçada se chamava:
—Triste sorte foi a minha,
Quem me dera em S. Mamede [4]
Ainda hoje solteirinha!

Ó pais, que tendes os filhos,
Educai-os capazmente
Na salvação do Senhor,
P'ra que êles não padeçam
Uma tam cruel dor [5].

---

[1] Por comodidade do verso naturalmente, substituiu-se a palavra *presença* por *ausência*, não sendo de admirar que o povo empregue êste último termo imprópriamente, porque é de uso pouco comum.

[2] Conservei tôdas as particularidades da linguagem da terra:
Entre canas... dá-nos conta das principais, de uso mais geral.

[3] *Trepolar*, tropeçar. Derivará de *trêpo?*

[4] *S. Mamede de Coronado*, freguesia do concelho de Santo Tirso.

[5] O caso foi êste: Um homem de S. Tiago de Bougado embriagou-se, e meteu-se com outro que o espancou. Um historiador anónimo contou o caso nuns *pasquins*, que se ouvem já com várias formas. As minhas informadoras, crianças de 11 e 12 anos, disseram-me que o herói tinha morrido afogado no rio Ave há anos.

A moralidade foi já acrescentada aos *pasquins* pelos narradores. Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. IX, pág. 252.

Há-de o facto esquecer e os *pasquins* viverão muito tempo ainda modificados e acrescentados. Assim deviam ter-se formado muitos romances.

13. Senhora Aninhas [1]

Fui a casa da senhora Aninhas
Com tenções de lá entrar;
Saiu-me o senhor *Zèzinho*:
—Você, que vem cá buscar?
—Trago fitas *ingalesas*,
Se a senhora quiser comprar;
Também trago o meu pintinho,
Para com ela gastar.

Vi as gatas pelo ar,
Botei-me duma *jinela* abaixo,
'scorreguei, caí no chão;
Logo meu coração disse:
'stá prêso, seu maganão!
Eu meti a mão ao bôlso,
Peguei em meio tostão;
Dei trinta réis ao barqueiro,
Quinze réis ao 'scrivão;
Fiquei cá com cinco réis,
Foi a minha perdição.

14 [2]

Quando em Belêm se formou
Palácio de grande altura,
Muita gente lá passou,
Outra foi p'r'à sepultura;
Casa rica tem fartura,
E quem doba tem seu sarilho;
As galinhas vão ao milho,
Enche o papo como os mais;
Tôda-las aves *come* e *bebe*,
Quem paga são os pardais;
O pente é para a cabeça,
Menina, não endoudeça,
Pode-se dar por feliz,
Que tem tamanho nariz,
Nariz de palmo e meio;
Tôda a gente passa e diz:
Ó que homem tam feio!
Tem calcanhar de trombeta
E nariz de murrão.
Diz o povo: Santo nome de *Jasus*,
Ó que grande figurão!

VIII

Janeiras e Reis

1. Janeiras

a) Lá na noute de Natal [3],
Noute de tanta alegria,
Caminhavam para Belêm
S. José e mais Maria.
Quando a Belêm chegaram
Já tôda a gente dormia [4]:
—Porteiro, abri a porta,
Porteiro da portaria!
Êle preguntou quem eram:
—É S. José e mais Maria.
Lá pediram agasalho
Na cidade de Belêm;
Não lhe deram agasalho,
Inda foram mais alêm.
Foram ter a um curral,
Que de longe já se via,
Onde estava o boi e mula
Que nesse lugar *jazia*.
A horas de meia noute
Nasceu aquele menino:
S. José e mais Maria,
Dando graças ao divino;
O boi bento *bafijava*
E a mula remoía,

[1] Cfr. Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Port.*, pág. 32.
[2] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVIII, pág. 282, e A. Gomes Pereira, *Ling. Pop. de V. Real*, pág. 93.
[3] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 249.
[4] Variante: Nem méia noute sería.

Onde [1] teve a maldição
Que nenhuma pariria.
Aí chegaram pastores,
Com seu festejo e canto,
Festejar a Deus Menino
Naquele lugar tam santo.
Aí chegaram os anjos,
Todos cheios de alegria;
Visitaram a Jesus,
S. José e mais Maria.

(Areias)

b) Lá na noite de Natal,
Noite de tanta alegria,
Caminharam para Belêm
S. José e mais Maria.
Quando a Belêm chegaram,
Já tôda a gente dormia;
S. José foi buscar lume
Para alumiar a Maria.
Quando S. José chegou,
Já a Virgem parido tinha;
Pariu num pobre deserto,
Nem um só paninho havia.
Desceu um anjo do céu,
Paninhos de ouro trazia;
Tornou a subir ao céu,
Cantando: Avé, Maria.
Lá no céu lhe preguntaram
Como ficou a Maria.
—A Maria ficou boa,
Numa sala recolhida.
Mandou fazer três conventos,
Todos de pedra *ladrilha*:
O primeiro é o inferno
P'r'onde vão os condenados;
O segundo é *pergatório*
Onde se *pena* os pecados;
O terceiro é o céu
Para os bem-aventurados [2].

(Areias)

2. Reis

a) Reis Grandes ou Reis Velhos

Ó da casa nobre gente,
Escutai e ouvir-nos heis;
Vimos dar as boas festas
Na vinda dos Santos Reis:

Depois das culpas de Adão,
Rezavam as profecias
Que havia de vir ao mundo
O verdadeiro Messias.
Chegando àquele tempo,
Que estava determinado,
Nasceu a mais linda flor
Naquele jardim sagrado.
Naquela noite ditosa,
Que ao mundo deu alegria,
Nasceu o Verbo divino
Das entranhas de Maria.
Mandou o Padre Eterno,
Com poder *onipotente*,
Que *ispirasse* [3] os corações
Dos três Reis do Oriente;
Êles, que já esperavam
Por êsse grande Amor,
Em ver que era nascido
Seu eterno Criador,
Encheram-se de alegria
E, cheios de amor divino,
Com seus humildes vassalos,
Se puseram ao caminho [4].
Chegaram à côrte de Herodes,
Com grande poder de gente;
Preguntaram onde era
Nascido o *onipotente*.
Herodes, que já estava
Com soberba e rigor,
Em ver que era nascido
O monarca superior;
Herodes, como malvado,

---

[1] *Onde*, pelo que. É vulgar o emprêgo dessa palavra com tal sentido, e significando também—nessa ocasião...: «*Estávamos nós à porta, onde chegou ali uma mulher...*»

[2] Cfr. Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Port.*, pág. 36, e P. F. Tomás, *Velhas Canções e Rom.*, pág. 61.

[3] Inspirasse.

[4] Variante: Se expuseram ao caminho.

Com seu intento *malino*,
Às avessas ensinou
Aos Santos Reis o caminho [1].
Mas o alto Deus pod'roso
Le dava luz e sciência,
Para atinar com a estrada
Da verdade *onipotência*.
Guiados por uma estrêla,
Lá foram ter a Belêm,
Onde estava o Deus Menino,
Que é todo o nosso bem.
Ficaram admirados
Em ver tamanha pobreza,
Sendo êle o Rei dos reis,
Senhor de tam grande alteza.
Vinde, grandes e pequenos,
Trazei todos na memória:
Nũas palhinhas deitado
Um sob'rano Rei da Glória!
Vinde, grandes e pequenos,
Vinde, soberbos do mundo,
Nũas palhinhas deitado
Um sob'rano Deus profundo [2]!
Fizeram-*le* seus presentes,
Tiveram grande alegria;
S. José é que aceitava,
E a Senhora *aguardecia*.
Estas *dábitas* [3] e presentes,
Vós, Senhor, tudo nos destes,
Em desconto de nossas culpas,
Quanto faço que nos preste.
Duas cousas vos pedimos
Humildes do coração [4];
O perdão das nossas culpas [5]
E por fim a salvação.
Glória seja a de Deus Padre,
E a de Deus Filho também;
Glória seja o Espírito Santo
Para todo o sempre. Amêm.

b) Deus vos dê festas felizes,
Estimados moradores;
A *benção* de Deus vos cubra
De virtudes e favores.
Deixai as vossas moradas
E marchai alegremente;
Ide buscar a Jesus,
Como os Reis do Oriente,
Que os seus tronos deixaram
Sem nisso sentir pesar,
Pela grande fé que tinham
De *Jasus* ir adorar.

Os três Reis do Oriente
Já foram para Belêm
Adorar a Deus Menino
E à Virgem mãe tambêm;
Ficaram *ademirados*
Daquele infante divino,
Coberto com pobres panos,
Figurando de *pelingrino*.
Sendo do céu a beleza
Mais do que os querubins,
Merecendo ter panos de oiro
E o leito de marfim.
Ajoelharam em terra
Suáveis hinos cantaram;
Suas vozes maravilhosas
Até aos céus agradaram.
Aceitai, disseram êles,
Os três Reis do Oriente,
Oiro, incenso e mirra,
Que vos damos de presente;
Oiro, incenso e mirra,
Mirra e oiro e incenso;
Não lhe ofereceram mais nada
Porque êle era um Deus imenso:
—Dai-nos, meu Deus Menino,
Dai-nos do céu a palma,

[1] Numa versão que colhi seguem os versos:

Herodes, tendo consigo
Os sentidos bem dif'rentes,
Desèmbainha o seu cutelo
No sangue dos inocentes.
Cometeu mil desatinos,
Matou cinco mil meninos,
Só para haver *falte* luz (falta de...)
E para morrer Jesus.

[2] No *Jornal de Santo Thyrso*, n.º 296, de 1888, vem uma versão da Ilha de S. Jorge bastante diferente.

[3] Dádivas.

[4] Variante: Com humilde coração.

[5] Variante: Que nos deis a vossa graça.

Levai-nos ao celeste império
Nosso coração e alma;
Botai-nos a vossa *bença*,
Virgem, mãe dos pecadores;
Brilhe no céu com os anjos,
Na terra com as flores.

Levantai-vos, pombas brancas,
Dêsse leito em que estais;
Vinde-nos dar os Reis,
Indas que não nos conheçais;
Qué-los deis, *qué-los* não deis,
Sempre com alma ficais.
Glória seja...

c) Deus vos dê festas felizes,
Estimados moradores;
A *benção* de Deus vos cubra
De virtudes e favores;
Deixai as vossas moradas
E marchai alegremente,
Vamos visitar *Jasus*.

Os três Reis do Oriente
Já chegaram a Belêm;
Já adoraram Deus Menino
E à Virgem Mãe tambêm;
Admirados de verdade,
Daquele ente divino,
Coberto com pobres panos,
Figurando de peregrino;
Sendo dos céus a beleza,
Mais belo que querubim,
Deviam ser panos de oiro
E o leito de marfim;
Entenderam os três Reis,
Que eram senhores de grandeza,
Mostrou naquele mistério
Que não amava riqueza;
Fizeram suas ofertas
Naquela gruta feliz,
Ouro, incenso e mirra,
Produção do seu país;
Aceitai, disseram êles,
Os três Reis do Oriente,
Ouro, incenso e mirra,
Que vos damos de presente;
Aceitai, meu Deus Menino,
E dai-nos do céu a palma;
Levai ao celeste império
Nosso coração e alma;
Assim como vós nos destes
Uma *'strêla* para guia,
Dai-nos eterno descanso
E a vossa companhia.
Glória seja...

d) **Reis galegos** [1]

No portal de Belêm,
Cidade de Galileia,
Como 'stais, *virgen* parida?
Como 'stais, *virgen doncella?*
Como 'stais, *virgen* parida?
Pedenixe a S. Gonçalo,
Não deve de *tenguir* pena,
Por *vê-lo* filho de *Dios*
Nado em tanta miséria.
Não tem nada em que o envolva,
Senão uma pouca *d'elva* [2].
A mula *mochila* come,
E o boi *mochila l'erga* [3].
Ah, *mi* amigo, ah, *mi* amado,
Pois a morte assim se ordena,
Se *fores ó* monte Calvário,
Lá vereis 'star *ũa 'scalera*,
O *crucero* é o *letrero*,
Que dirá de tal *manera:*
Aqui morreu *Jasu*-Cristo,
Rei do céu e rei *di* a terra;
Morreu pelos pecadores,

---

[1] A mulher que me cantou estes Reis é de Areias e disse-me que a versão era muito antiga. A *cantadeira* pronunciava: *Virxem*, *Xudas*, *micéria*, *quicera*, etc. Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. II, pág. 233.

[2] Corrução de *herba* ou *erba* (ant.). Hoje *yerba*. *Diccion. Español Port.* de Mascarenhas Valdez, Lisboa, 1864.

[3] *Mochila*, saco de pano ou de couro. *Hacer mochila*, fazer alforge, provisão. V. *Dicion.* cit. onde se regista tambêm o termo *erger*, levantar, usado só na Galiza. Será —*erga*— corrução de *llega*, chega?

A minha informadora explicou: A mula comia a erva e o boi chegava-a para a beira do menino.

A todos *le* deu remédio;
Pilatos *le* teve a culpa,
Pilatos culpa tivera;
Judas foi que o vendeu
Por trinta dinheiros de prata,
Porque êle mais não quisera;

Hoje é dia de *los* Reis,
É princípio de bom *ajo*
Onde donas e *doncellas*
D'El-rei pediu Aguinaldo,
Que nos dê indulgência,
Aquelas qne *Dios* nos dava.

Noutro estilo:

Perdixi, Senhor,
Pelos bem cantados,
Pelos mal cantados;
'stava noite escura,
'stava encatarrado.

Bem cantados, mal cantados,
Bem haja quem os cantou;
Eu 'stava muito rouquinho,
Bem haja quem me ajudou.

Alêm das cantigas publicadas nesta *Revista* (vol. XVIII, pág. 199) ouvem-se muitas mais. Nos Reis do ano corrente cantaram-se à porta de meus pais as seguintes:

Viva lá o senhor F...,
Alfinete de oiro ao peito;
Quando passa pelas môças
Empisca-*lhe* o olho direito.

Viva lá o senhor F...,
Raminho da oliveira;
Eu espero que inda case
*Co'*a princesa primeira.

Viva lá o senhor F...,
Garrafinha de licor;
Venho-lhe fazer a festa,
Em nome do seu amor.

Viva lá o senhor F...,
A flor da peonia;
Foi o mais *profeito* cravo,
Que nasceu na freguesia.

Viva lá o senhor F...,
Onde põe as suas botas?
No meio da sua sala,
Parecem duas canhotas.

Viva lá o senhor F...,
Correntes de oiro ao peito;
Quando vai p'ra qualquer parte,
Todos lhe *gardo* respeito.

Viva lá a senhora D. F...,
Raminho de peonia;
É bonita como o sol,
E clara como o dia.

Viva lá o senhor F...,
Raminho de bem querer;
Quando se põe à janela,
As pedrinhas faz tremer.

Viva lá a senhora D. F...,
É *profeitinha* em tudo;
A boquinha redondinha,
Os beicinhos de veludo.

Viva lá o senhor F...,
Alfinete de oiro ao peito;
É o *home* da nossa terra,
Que eu entendo de mais respeito.

Viva lá o senhor F...,
Raminho de salsa branca;
O seu corpo é de neve,
E a sua alma 'stá santa.

Viva lá o senhor F...,
Vou-lhe pedir um favor:
Que trate a sua senhora
Com carinho e amor.

Viva lá o senhor Fernando,
Os anos que Deus *quijer*,
E a senhora D. Clementina
Que Deus lhe deu por mulher.

Despedidas:

Vou botar as *espedidas*
Por cima da carvalheira;
Deixei o gato ao lume
E o caldo na borralheira.

Vou botar as *espedidas*
Vou botá-las a Belêm;
Adeus, meus senhores todos
Até *ó* ano que vem.

IX

Orações e Romances [1] religiosos

I Orações para o deitar

a) A Deus Padre me encomendo
E o 'Sprito Santo me dê luz;
Encomendo a minha alma
Ao Santo Nome de *Jasus*.
Anjo da minha guarda,
Semelhança do Senhor,
Que do céu fostes mandado
P'ra nosso amparo e guardador;
Peço-vos, anjo bendito,
Pelo vosso santo poder,
Que das obras do maldito
Me ajudeis a defender.
Encomendo-me a Deus Padre,
E ao filho que me *garde,*
À *Virge*, Nossa Senhora,
E à Santíssima Trindade,
E à *arbe* da *Bela* Cruz,
Que é bandeira de *Jasus*,
Onde foi crucificado,
P'ra me livrar do diabo.
Inda os mortos por morrer,
E nada poderá ser,
Baptizado, por baptizar,
Do mais pequeno *inté minual* [2].
Em louvor de Nossa S.ª do Carmo,
Que me livre das penas do Inferno,
E más tentações do diabo.

b) Com Jesus me deito,
Com Jesus *cruçuficado*,
Que se deite no meu peito,
Que me meta no seu lado,
Que me livre a minha alma,
Que não morra em pecado.

c) Meu Senhor crucificado,
Êle se deite a meu lado,
E me tire a minha alma de penas
E o corpo do pecado.

d) Meu Senhor crucificado,
Filho da Virgem Maria,
Me guarde esta noite,
E amanhã por todo o dia,
P'ra que o meu corpo não seja prêso,
Nem minha alma perdida.

e) Com Deus me deito,
Com Deus me levanto,
Com a graça de Deus
E do Espírito Santo;
A Virgem Nossa Senhora
Que me cubra com seu manto;
Se eu com êle coberto fôr,
Não terei mêdo, nem pavor,
Nem coisa que má fôr;
Senhor, deitar-me quero,
Minha alma vos entrego;
Se eu dormir, *ascordai-me,*
Se eu morrer, alumiai-me
Com as três tochas da S.ª Trindade.
Três vezes me deitar,
E três vezes me alevantar,
E, se a morte por mim chamar,

[1] Incluímos neste capítulo vários romances recitados como orações.
[2] Maioral.

E eu não puder falar,
Diga o meu coração três vezes:
Jasus, Maria José,
Lá no dia da *má* (?) companhia,
Um Padre-Nosso e uma Avé-Maria [1].

f) Anjinho da minha guarda,
Semelhança do Senhor,
Que do céu *fostes* mandado,
Meu amparo e guardador;
Guardai-me, ó Anjo bendito,
Por o vosso santo poder;
Daquele laço maldito, [2]
Ajudai-me a defender.
Deus comigo e eu com êle,
Deus adeante e eu atrás dêle.

g) Santo anjo do Senhor,
Meu zeloso guardador,
Se em ti me confiou
A piedade divina,
Sempre me rege, guarda e ilumina.

h) Persigno-me com três cravos,
Abraço-me numa cruz;
Venha uma cruz do céu,
Lance-se em cima de mim
Para que o Anjo Custódio
Fale e responda por mim [3].

i) Amorosíssimo *Jasus*,
Amor do meu coração,
Perdoai-me os meus pecados,
Vós sabeis quais êles são;
Dai-me nesta vida paz
E na outra a salvação;
Botai-nos a vossa *benção*,
Dai-me a vossa *aussolvição*;
Pelas vossas cinco chagas,
Pela vossa sagrada morte e paixão [4].

j) Senhor meu *Jasu*-Cristo, livrai-nos de todos os demónios, mortos, vivos, grandes e pequenos e do *mòral* [5] do inferno, por vossa infinita misericórdia [6].

2. **Oração para o levantar**

Bendita seja a luz do dia,
Bendito seja quem na cria,
Bendito seja o Santo ou Santa dêste dia.
Padre-Nosso, Avé-Maria [7].

---

[1] Esta oração deu origem a uma anedota muito generalizada: «Foi o homèm confessar-se e disse ao confessor:

—Eu sou Deus! —Porquê? preguntou o confessor—Pois a mulher tôdas as noites diz: Com Deus me deito... e ela deita-se comigo; é porque eu sou Deus. Outros dizem: «Com as cinco tochas de Nosso Senhor Jesus-Cristo!

Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. IX, pág. 233, e XVIII, pág. 186.

[2] Variante: Que do *delace* do demónio. Cfr. Cardoso Martha e Augusto Pinto. *Folclóre da Fig. da Foz*, t. I, pág. 23 (Espozende, 1913).

[3] Reza-se ao mesmo tempo que se faz o sinal da cruz.

[4] Esta oração tem um grande valor, como se conclui do seguinte caso: «Estava uma pessoa a confessar-se e acusava-se de não se ter confessado há muito tempo, Nessa ocasião ouviu uma voz do lado:—Ainda hoje! Ainda hoje! É que a confessada costumava dizer todos os dias aquela oração.»

[5] Maioral.

[6] A grande quantidade de orações para o *deitar* indica-nos o terror que se apodera de muita gente ao aproximar-se a noite.

[7] Êste hino à luz era invariávelmente rezado por meu avô, homem do povo, e arquivo das mais belas tradições, que o ensinou a todos os filhos. Representa bem a alegria dos homens ao romper do dia, que afasta para longe as trevas cheias de mistério e de terror.

3. Oração de S. Gregório

Padre nosso, S. Gregório,
Assubiu ó pregatório...
Ũa era Santa Ana,
Outra era Santa Catarina;
Usavo de penitência,
Vestidinhas de burel,
P'ra alcançar as cinco chagas,
Do divino Manuel;
Manuel 'stá no céu,
Embanando o S. José,
Os anjinhos 'stão cantando:
Patre nostre dominé.

4. Oração para quando se está a morrer

Santo Inácio de *Lió* [1],
A *fromatura* de *Jasus...*
Valha-me a luz da luz,
Valha-me o Santo Nome de *Jasus*,
Valha-me a *Virge* e a Virgindade,
Valha-me a Santíssima Trindade,
Vão os demónios todos p'r'ó inferno
E mais o *mòral.*

5. Oração para a trovoada

Santos Deus,
Santos *Fortes*,
Santos Imortais,
Miserere nobis;
Corações feridos,
Sangue derramado,
Nosso Senhor *Jasu*-Cristo
Se meta entre nós e o p'rigo [2].

6. Oração do Santíssimo Sacramento [3]

Por aquela noite escura,
Morreu uma criatura
Sem *arreceber* o Sacramento,
Mas com grande arrependimento;
Com culpas e pecados,
Foi dar à face de Cristo.

Diz a alma:

—Ó Senhor meu *Jasu*-Cristo,
Eu visitar-vos venho;
Sou a ovelha mais perdida,
Que do vosso rebanho venho.

Diz *Jasu*-Cristo:

—*Escuita-me*, ó alma *dezelosa*,
Que eu primeiro te *escuitei*;
Trouxe-te na outra vida,
Não me foste de proveito;
Ensinei-te a benzer,
Não quiseste aprender;
Ensinei-te a rezar,
Não me quiseste honrar;
Lá te deixei os meus calvários,
E sempre te vi correndo;
Lá te deixei os meus jejuns,
E sempre te vi comendo;
Vai-te, alma condenada!
Foi-se a alminha muito triste:

— S. Miguel, vinde abaixo,
Botai pesos à balança;
Os pecados eram tantos,
A balança ia ao chão!

---

[1] Loiola.
[2] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 184. A oração diz-se quando o trovão estala e após o grito—S. Jerónimo, Santa *Bárbora Virge!*
Chagas abertas.
[3] Cfr. Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Port.*, pág. 30 e 36.

Vem a Senhora e diz:

—Ó meu filho bem amado,
Ó meu filho bem criado,
Pelo leite que mamastes,
Pelo sangue que derramastes,
Salvai-me essa alminha,
Que já se me vai perdendo.
—Minha mãe me manda
Que passe o ano correndo.
A Senhora tirou a sua touquinha,
Ficou o pêso *incelente*;
Por milagre da Senhora,
Ficou a alma contente.

Quem esta oração disser [1]
Doze anos continuamente,
Será tam certo salvar-se...
E irá para o céu eternamente.
Quem a sabe e não a diz,
Quem a ouve e não a aprende,
Lá no dia do juizo
Verá como se arrepende!

7. Oração do Anjo Custódio [2]

— Anjo Custódio, quereis ser santo?
— Sim, Senhor, quero.
— Dizei-me a uma.
— É a hora em que Deus nasceu sem nunca ter fim. Amêm, *Jasus*.
— Anjo Custódio, quereis ser santo?
— Sim, Senhor, quero.
— Dizei-me as duas.
— As duas são as duas tabuinhas de Moisés, a uma é a hora em que Deus nasceu sem nunca ter fim. Amêm, *Jasus*.
— Anjo Custódio, quereis ser santo?
— Sim, Senhor, quero.
— Dizei-me as três.
— As três são as três *Avangelistas*, as duas são as duas tabuinhas..., a uma...
— Anjo Custódio, quereis ser santo?
— Sim, Senhor, quero.
— Dizei-me as quatro.
— As quatro são *as* quatro Patriarcas, as três as três *Avangelistas*, etc., etc.
— Anjo Custódio, quereis ser santo?
— Sim, Senhor, quero.
— Dizei-me as cinco.

---

[1] Variante do fim:

Devotos, rezai o *rosairo*,
Não o *tragueis* pelo chão,
Que a *Virge* ó *piedosa*,
De nós tem compaixão.
Quem esta oração disser
Sexta-feira da paixão,
Indo na procissão,
Tirará quatro almas do fogo do purgatório.

[2] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 209, *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 282, e XVII, pág. 287.

— As cinco são as cinco chagas de Nosso Senhor *Jasu*-Cristo, as quatro são *as* quatro Patriarcas, etc., etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as seis.

— As seis são os seis círios de Bento que *nascera* no monte *Sinal* [1] p'ra alumiar a Nossa Senhora, as cinco são as cinco chagas, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as sete.

— As sete são as sete dores de Nossa Senhora, as seis são os seis círios, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as oito.

— As oito são as oito do Corpo Santo, as sete são as sete dores, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as nove.

— As nove são as nove horas dos anjos, as oito são as oito do Corpo Santo, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as dez.

— As dez são os dez mandamentos, as nove, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as onze.

— As onze são as onze mil *Virges*, etc. etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as doze.

— As doze são os doze apóstolos, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as treze.

---

[1] Sinai.

— As treze são os treze raios de sol, que arrebenta o diabo mais pequeno até ao maior, as doze... [1].

8. Oração para a coisa ruim

Nossa Senhora me assista,
Nosso Senhor me dê luz,
Valha-me o Padre Eterno
E o Santíssimo Nome de Jesus [2].

9. Orações e romances de Nossa Senhora

a) Valha-me a Virgem Maria,
Valha-me a Virgem Sagrada,
Valha-me a cruz do Senhor,
Valha-me o Anjo da Guarda.
— Para que nasceste, filho?
Para ser crucificado;
Quando vieste ao mundo,
Tudo foi alumiado;
A *lũa* co'as estrêlas,
Tudo foi *remanguado* [3]:
Os panos que te envolviam
Ero de fina *holanda* [4];
Os peitos que leite *davo*
Ero da *Virge* sagrada,
Que desceu do céu à terra
No dia da Ascenção,
Para ver os Santos Padres
C'o divino *sáingue* bom;
Dente [5] daquele *pundão* [6]
Vai um cruzeiro armado;
A virtude que êle leva
É *Jasus* crucificado,
C'o seu *sáingue* derramado,
Seu coração *'strepassado.*
Quem esta oração disser,
Um ano continuado,
Neste mundo será rei,
E no *oitro* rei c'roado;
Três dias antes que morra
*L'*aparecerá Nossa Senhora,
Dizendo-lhe: Filho, ou filha,
Confessa os teus pecados,
Que eu sou a *Virge* Maria
Que vos venho alembrar;
Vou pedir a *Jasu*-Cristo
Que vos queira perdoar;
Tua alma será salva
E posta em bom lugar.

b) Estando a Senhora naquele *iteiro* [7]
Fazendo oração,
Chegou *Madanela* e mais S. João.
— Senhora, que fazeis aí?
Vosso filho vai ali.
— A Senhora *assubiu* àquele *iteiro*
E já o *num* viu;
Botou de porta em porta,
De rua em rua
Inté à rua da Amargura.
— Ó cabeça sagrada, coroada
de espinhos,
Atravessada com juncos marinhos;

---

[1] Esta oração deve dizer-se quando a gente sai de casa.

[2] À velhinha que me ensinou a oração sucedeu o seguinte: «Uma noite ia por um caminho fora e viu uma luz a *meter-se* a ela. Disse as palavras e a coisa deu um estoiro e desapareceu».

A informadora, já paralítica, dizia-me isso com uma convicção profunda, acrescentando que a avó dela assegurava poder-se ir a tôda a parte, sem mêdo, dizendo-se a oração.

[3] Aterrado, assombrado? — A minha informadora explicava: Tudo foi iluminado com os raios. Talvez seja esta a interpretação mais exacta — ofuscado até perder os sentidos —, pois quando alguém cai sem sentidos, o que é vulgar nas igrejas, diz-se: *remangou para o lado.*

[4] Nunca ouvi empregar êste termo ao povo — o que me leva a supor: Ou a oração é muito antiga, ou tem origem literária.

[5] Deante.

[6] Pendão.

[7] Outeiro. Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 280.

Se *num* quereis crer,
Assubide àquele *iteiro,*
Vereis a rua regada
C'o *sáingue* verdadeiro;
Mais *adente* vai o cordeiro,
Amarrado à *queluna;*
—Ajuda-me aqui, Simão.
— Sim, Senhor, ajudarei.
Quinta-feira de endoenças,
Co'a Santa Divindade
Correrei tôda a cidade.
C'o tamanho pêso da cruz,
Inté os caminhos *davo* luz,
E as pedras *atromentavam;*
E *Jasus* ia entrando
Pelas portas de *Jèrusalêm;*
Para todo o sempre. Amêm.

c) Indo indo a Senhora
Pela rua da Amargura,
Pela rua de Tristura,
*In*controu filhas de fiéis,
Môças de *Jèrusalêm;*
Senhora *le prèguntou:*
—Vistes por aqui meu filho?
— Vosso filho não conhecemos,
Mas dai-nos sinais certos,
Resposta vos tornaremos.
A senhora foi andando,
Encontrou uma mulher
(*Pilatrona* [1] se chamava)
E *le prèguntou:*
—Vistes por aí meu filho?
—Vosso filho aí vai,
Cercadinho de inimigos,
E *le* vão chamando:
Gali*léu*, Gali*léu*,
Sapateado malvado!
E eu a êle me cheguei
C'o esta toalha o alimpei [2].
—Bendita sejais, mulher,
Que três nobrezas tendes,
Bendita sejais, mulher,
Que tam amora*ble* és!
A Senhora foi andando
Até *ó* Monte Calvário;
Quando lá chegou,
Já viu o Senhor crucificado:
—Ó meu filho tam amado,
Ó meu filho tam querido,
Pelo leite que mamastes,
E o *sáingue* que derramastes...
—Não importa, minha mãe,
Tudo tinha de passar,
A *pequeninhos* e grandes,

[1] Deve estar por *pelitrona*, rôta, mal arranjada.
[2] «Era a *Madanela* que falava e estendia a toalha à Senhora».

A todos hei-de salvar;
Venha cá, minha mãe,
Que quero fazer testamento
Dos meus *alqueridos* [1] bens:
A S. Miguel o Anjo deixo as balanças
P'ra pesar as almas p'r'à bem-aventurança;
A S. Pedro deixo as chaves
P'ra abrir as portas do céu a quem o merecer;
E a vós, Minha Mãe Santíssima,
Deixo-vos essa santa oração;
Quem se *quijer* aproveitar dela
Tirará quatro *aurmas* do fogo purgatório:
A primeira será a sua,
A segunda de seu pai,
A terceira de sua mãe,
A quarta por quem mais bem *quijer*
Ou no coração trouxer.
Quem esta oração disser
Um ano continuamente,
É tam certo salvar-se
E ir p'r'ó céu *in*ternamente [2];
Quem *na* sabe, não *na* diz [3],
Quem *na* ouve, não *na* aprende,
Lá no dia do Juizo verá como se arrepende.

d) Pus-me a pé de madrugada [4],
Fui varrer a Conceição;
Encontrei Nossa Senhora
Com um ramo de oiro na mão;
Eu pedi-*le* um bocadinho,
Ela me disse que não;
Eu tornei-*lo* a pedir,
Ela deu-me seu cordão,
Que me dava nove [5] voltas
Derredor do coração,
Que me dava outras nove
Da cabeça até ao chão.
Ó meu padre S. Francisco [6],
Ó meu padre S. João,
Aceitai-me êste cordão,
Que me deu Nossa Senhora
Sexta-feira da paixão,
Sábado da Aleluia,
Domingo da '*Surreição*,
Que me deu o seu lencinho,
Bordado por sua mão;
Numa ponta tem Sant'Ana [7],
Noutra tem S. João;
No meio tem o retrato
Da Virgem da Conceição.
Amêm. *Kirie leison!*

e) **Confissão da Senhora**

A *Virge* se confessou
Numa *minhão* ao domingo;
Não era por ter pecados,
Nem *pe-los* ter cometido,
Nem era por dar honras
Ao seu *ingénito* filho;
O padre se assentou

---

[1] Adquiridos.
[2] Eternamente. Cfr. *incelente* por excelente. V. *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 208.
[3] O sentido é: Quem a sabe *e* não a diz...
[4] Cfr. *Folclóre da Figueira da Foz*, t. I, pág. 209.
[5] Variante: *Sete* voltas...
[6] Variante: Ó meu padre S. Dinis!
[7] Variante: Duma banda tem S. Bento. As bandas pertencem ao cordão.

E a *Virge* se ajoelhou;
O que a *Virge* trazia no seu ventre
Tôda a terra alumiou,
E o padre seu sentido duvidou.
— Não vos admireis, padre,
Que nós *semos* todos do mistério
Da Santíssima Trindade;
O primeiro que eu amei
Foi a Deus, Nosso Senhor;
Aqui o trago em meu ventre
Criado a meu favor;
O segundo que eu roguei
Foi a vossos pais mais que a vós;
Eu não sei se pecaria
Em rogar a Deus por vós;
O terceiro que eu matei
Foi um *adragão* infernal;
P'ra conseguir o meu menino
Sem pecado original.
— *Alevanta-te*, pomba branca,
Olhos do Cristianismo,
Espôsa do Espírito Santo,
E mãe do Verbo divino.
— Fica-te daí, padre,
Que eu vou p'ra Belêm,
Que é nascido o meu menino,
P'ra *im*paro de todo o bem.

f) — Mulher cheia *de prisada* [1],
Mulher cheia de *tristura*,
Que vos cai, *pela vintura;*
É um *home* que vi *lovar*
Pela rua da amargura;
Êsse *home* era *Jasus*,
E *Jasus lovava* a cruz;
A cruz era tam pesada,
Que nem sete a *lovavo*;
E cada passada que dava
Ajoelhava ao chão, dizendo:
—*Àssim, àssim*,
Senhor meu, e Senhor *mim*,
Senhor, lembrai-vos de mim;
Sou aquela *Madanela*
Que sempre vos ofendi;
No alto cruelmente,
Nũa cruz tam diligente;
Se me chegará a paixão,
Meus cabelos tirarão
Por *donde* me arrastarão,
Por caminhos e por aldeias;
De *scandeloso* e candeias
E companhia
Enquanto não vem o dia.

(Areias)

g) Avé, Maria, de grande valor,
Rainha dos Anjos,
Do céu *resplandor*;
Muitas maravilhas
Àquele Senhor;
Orações divinas
À Virgem Maria;
A Virgem Maria,
Deus a escolheu;
P'ra ser mãe sua,
Pois ela nasceu;
Dela nasceu
O nosso bom *Jasus*,
Salvador do mundo,
Espelho de luz;
Espelho de luz,
Já nos Deus salvou;
E nós tam ingratos,
Sempre a pecar...
Que contas havemos de dar
Àquele divino Senhor,
Que nos há-de julgar,
Nos juigará bem?
Pedimos a Deus pelo reino do céu
P'ra sempre. Amêm.

(Areias)

h) **Doze excelências que deu o Senhor à Senhora da Graça** [2]

Ũa Avé-Maria,
Cheia de graça;
Cheia de graça,
Ó de graça cheia!
Quando o mar abranda,
O sol *alumeia*;

[1] Desprezada?

[2] Cantam-na as romeiras, primeiro uma vez; a seguir começam: *Duas excelências*, etc. e cantam-na duas vezes; depois: *Três excelências*, etc., três vêzes, e assim por deante até doze. É pecado começar a oração, não acabando.

Se êle *alumeia,*
Deixá-lo alumiar;
Nasce na serra
Põe-se no mar;
Se êle se põe,
Deixá-lo lá pôr;
São as cinco chagas
De Nosso Senhor.

Doze excelências da Senhora do Rosário

Ũa excelência, que deu a Senhora,
À Virgem do *Rosairo;*
Filho do vosso ventre,
Se fez um *saclairo;*
Saclairo aberto,
Vai o Senhor fora;
Visitar *ũa* alma
Que vai para a glória,
P'r'ó céu, triunfar,
Dar as boas contas
Do bem e do mal.

(Areias)

10. Romance de Santa Catarina de Siene [1]

Santa Catarina do *Sena*
Era filha dum rei moiro;
Ela matou a seu pai,
Ela com uma 'spada de oiro;
Seu pai era um turco,
Sua mãe arrenegada;
A tôdas as horas do dia,
Muito castigo *le* dava,
Com *ũas* cordas grossas
E outras mais delgadas,
A ver se Catarina *'scramentava;*
Catarina o que dizia:
— Com *Jasus* era casada.
— Anda cá, ó Catarina,
Anda, *Jasus* que te chama;
Anda contar teus contos
Da tua vida passada;
— Os meus contos são bem poucos,
A minha vida é bem larga;
Desceu um anjo à terra,
S. Gabriel se chamava.
Ó que bodas *hão* no céu,
Ó que bodas haveria!
Que se vai *arreceber*
A ditosa Catarina.
O Senhor por espôso,
A Senhora por madrinha.

(Areias)

11. Oração de S. Francisco

Meu terceiro S. Francisco,
Confessor foste de Cristo,
Pelo livrinho que abristes,
Pelo cordão que cingistes...
Que linda Senhora vós vistes!
Seu amado lhe preguntou
Se por aquela rua passou,
Cheio de *bagadas,*
E feridas no seu coração.

Quem esta oração disser
Sete anos continuados,
Sexta-feira da paixão,
Terá cem mil anos de perdão
Para a sua salvação.

---

[1] De Siene naturalmente. Pelo contexto da oração parece tratar-se de Santa Catarina de Alexandria e não da mística religiosa italiana. V. *Les Nouvelles Fleurs des Vies des Saints* par un Solitaire, Lyon, MDCCLX. Tome Second, pág. 391.

— O *Responso de Santa Helena,* publicado a pág. 208 dos *Ens. Ethnogr.*, começa:

Santa Helena
Rainha de Sena,
Moira fostes,
. . . .

V. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 290 e seg. — *Santa Catarina* e Leite de Vasconcelos, *Romanceiro Port.*, pág. 48.

X

Orações irónicas

I

Os Sacramentos

a) O primeiro é baptismo,
Onde foste baptizado?
Que saiste tam perfeito
Dessa água sagrada.

O segundo é confirmação,
Olha o que vais confirmar!
Dos pés do confessor
Ao inferno vais parar.

O terceiro é comunhão,
Olha o que vais comungar!
Uma hóstia consagrada,
Um corpo particular.

O quarto é penitência,
Que penitência tens feito?
Ainda não fiz só uma
Que a Deus guardasse respeito.

O quinto é *'stremunção*,
'stremece o sangue nas veias;
'stremece a alma no corpo,
Se Deus a falseia.

O sexto é *orde*,
Sacerdote à bela palma;
Arranjais por vossa mão
Perdição da vossa alma.

O sétimo é matrimónio,
Matrimónio da memória;
Fazei-nos filhos de Deus
E herdeiros da glória [1].

b) O primeiro é baptismo,
Creio que és baptizada;
Se assim fôr, quero que sejas
Para sempre minha amada.

O segundo é confirmação,
Confirma, amor, a verdade;
Também quero que me digas
Se me tu tens amizade.

O terceiro é comungar
Pela Páscoa da *'Surreição;*
Também quero que me digas
Se me tu queres bem *ó* não.

O quarto é penitência,
Eu *algũa* tenho feito;
Tenho cometido mil faltas
Só para te andar *ó* geito.

O quinto é *'stremunção*,
É um sacramento forte,
Que se dá *ó penetente*
Na hora da sua morte.

O sexto são *ordes*,
Que tu tens p'ra me prender;
Na cadeia dos teus braços
Não se me dá de morrer...

O sétimo é matrimónio
. . . .

[1] Nestes sacramentos observa-se uma certa compostura, não cabendo, portanto, sob o título — *Orações irónicas* — mas coloco-os aqui para serem confrontados com os seguintes.

Por aquilo que vai lêr-se concluir-se há o seguinte: Algumas orações eram próprias para rezas; a essas opôs o povo canções burlescas; e finalmente misturam-se por vezes as orações com as paródias, sendo já difícil separá-las.

Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVIII, pág. 282.

2

Os Mandamentos da Santa Madre Igreja

O primeiro é ouvir missa,
Eu nunca fiquei sem ela;
Só daquela vez, menina,
Que eu 'stive à tua janela.

O segundo é confessar,
Eu sempre me confessei;
Só não disse ao confessor
O que contigo passei.

O terceiro é comungar
Pela Páscoa da '*Surreição*...
Menina, busca a Igreja,
Se não corres '*scomunhão.*

O quarto é *jejũar*,
Bem *jejũa* quem mal come...
Os beijos *dũa* menina
São *nos* sustentos dum *home.*

O quinto é pagar dízimos,
Eu nunca os fiquei devendo;
Só o ano que acabou
E êste que vai correndo.

3

Mandamentos do Padre

Primeiro, amar a Deus por dinheiro;
Segundo, enganar todo o mundo;
Terceiro, comer boa vaca e *bô* carneiro;
Quarto, *jejũar* depois de farto;
Quinto *bober* vinho branco e que não *le faurte co tinto* [1];
Sexto, que, se assim fôr, tudo *le* corre *d'reito;*
Sétimo, nunca *l'*aconteça comer nabos sem cabeça [2];
Oitavo, comer bacalhau sem 'spinha nem rabo [3];
Nono, dormir quando tem sono;
Décimo . . . .

Êstes dez mandamentos se encerram em nós:
Tudo p'ra mim e nada p'ra vós [4].

4

Os cinco sentidos

a) Amar e saber amar,
Amar e saber a quem;
Eu amo ao meu amor,
Não amo a mais ninguêm.

Amar e saber amar
São pontinhos delicados;
Estes meus cinco sentidos
Em ti andam empregados.

---

[1] *Não faltar com cousa nenhuma a alguêm* é dar-lhe tudo quanto precisa.
[2] *Nabos sem cabeça* são as nabiças.
[3] *Bacalhau sem espinha nem rabo*, isto é, do melhor.
[4] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 182, e *Rev. Lusit.*, vol. XVIII, pág. 284.

O primeiro diz que é ver
As culpas que cometemos;
Confessá-las e dizê-las
Ao confessor que escolhemos.

O segundo é ouvir,
E eu que gosto de *'scuitar*
Tua conversa, menina,
Que é capaz de me encantar [1].

O terceiro é cheirar
Falsos gostos desta vida;
Cega e eterna glória
Já ta Deus tem prometida [2].

O quarto é gostar
Do Divino Sacramento;
Recebê-lo em graça
Dá paz e acatamento.

O quinto é *apalpar*
O corpo à abstinência;
Abrangê-lo com cilícios
E sofrê-los com *pacência* [3].

b) O primeiro diz que é ver,
Só em te ver me alegro;
São os cinco sentidos
Que eu na menina emprego.

O segundo é ouvir missa,
Pois eu nunca fiquei sem ela;
Sòmentes aquela vez
Que eu 'stive à tua *jinela*.

O terceiro é cheirar
O raminho de alecrim;
As falas que dás a outro
São facadas para mim.

O quarto é gostar,
Bem desgostoso fico;
Desculpe-me, menina,
De quanto *le* tenho dito.

O quinto é apalpar,
Não apalpo, mas passeio;
Diga-me, menina,
Se vive com *arreceio*.

(Continua)

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.

---

[1] Variante:

. . . .
A missa com atenção . . .

Estar atento a ela
Fugir à murmuração.

[2] Variante:

Consid'rar na eterna glória
Que p'r'ós bons 'stá prometida.

[3] Variante:

O quinto é apalpar
O corpo com *penetência*,

Chèio de cilícios,
E sofrer com paciência.

DIALECTO INDO-PORTUGUÊS DE NEGAPATÃO

O Sr. Dr. Hugo Schuchardt, fundado em princípios étnicos, divide o ásio-português, ou os dialectos portugueses da Ásia, em quatro grupos: gauro-português, drávido-português, malaio-português e chino-português [1]. Os dois primeiros grupos são mais conhecidos sob a denominação geral de «indo-português».

A contraposição dos termos «gaura» (própriamente *gauda)* e «drávida» *(dravida)* é antiqùíssima na Índia com relação a classes dos brâmanes, que se distinguem em *pancha-gauda* e *pancha-dravida*, ou cinco ramos setentrionais e cinco ramos meridionais. A base da distinção é inteiramente geográfica; é por isso que o grupo meridional abrange duas regiões áricas — Maharaxtra e Gurjara ou Guzarate, e três turânicas — Telinga, Drávida (país tamúlico) e Karnataka ou Canará.

Os termos «gáurios» e «dravídicos» são modernamente empregados pelos europeus, assim para designar a diferença de raças, como para marcar a classificação lingùística. As línguas gáurias ou neo-áricas são flexivas e pertencem à família indo-europeia; as dravídicas, pelo contrário, são aglutinativas e fazem parte da família turânica. Foi o professor Hoernle o primeiro que empregou a palavra «gaurian» para denotar o conjunto dos idiomas áricos actualmente falados na Índia.

Com respeito aos dialectos portugueses da Índia, a sua distinção em gáurios e dravídicos teria muito cabimento se, além da notável influência lexical e até gramatical do idioma indígena a que cada qual se sobrepõe, houvesse traços específicos de cada grupo, proveniente da respectiva família lingùística. Mas a míngua de textos numerosos e variados de diversos crioulos, especialmente da zona dravídica, não permite enunciar juízo seguro.

A julgar, porêm, pelos espécimes até hoje publicados, parece que a feição característica consiste principalmente em os crioulos gáurios, tais como os de Mangalor, Goa, Bombaim (com Taná, Baçaim, etc.), Damão e Dio, eliminarem, em grande escala e por influência das respectivas línguas vernáculas, vogais e até sílabas finais de vocábulos portugueses: o que se não dá, na mesma proporção, com os dravídicos, como os de Cochim e

[1] *Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch*, V.

de Mahé. O crioulo de Ceilão tem de entrar neste último agrupamento, pôsto que agora seja geralmente aceita a opinião de que o singalês, idioma indígena da ilha, procede do tronco árico.

Cumpre também ter em conta que, assim como os portugueses tinham no Oriente considerável vocabulário comum de palavras peregrinas, que levavam consigo para onde quer que fôssem, do mesmo modo os dialectos que êles ocasionaram, se bem que geográficamente muito afastados, nos apresentam numerosas analogias, quer lexicológicas, quer gramaticais. Tais similaridades não se podem justificar, na sua totalidade, pela identidade de processos evolutivos, determinados pelas mesmas leis psicológicas e fisiológicas, nem pela afinidade das línguas do solo onde germinaram. É necessário, alêm disso, admitir freqùente contacto dum com outros e recíproca transfusão parcial, proveniente da constante migração da grande parte dos indivíduos que os falavam.

Com o conhecimento que eu tinha adquirido do crioulo de Ceilão, em que, alêm de conversar, prègava e confessava, quando lá estive na qualidade de superior da missão, podia comunicar-me sem nenhuma dificuldade em Calcutá com as poucas pessoas, de ordinário mulheres velhas, que ainda preferiam praticar no dialecto português local. Tinha sómente de evitar dições singalesas e dravídicas, não generalizadas [1].

*

*   *

O referido dialectologista, que já publicou trabalhos acêrca dos crioulos de Dio, Mangalor, Cochim e Mahé, observa que lhe não foi possível alcançar nenhumas amostras dos crioulos da costa de Choramândel [2]. O motivo é que êsses crioulos, que outrora eram em avultado número, falados em Meliapor, Madrasta, Cudalor, Pondicheri, Carical, Tranquebar, Negapatão, estão agora muito reduzidos por diversas causas, e quási a ponto de

---

[1] Seria sem dúvida de grande valor dialectológico o estudo comparado do vocabulário e da gramática, se não de todos os nossos crioulos, pelo menos dos ásio-portugueses, para o qual há já bastantes elementos. As referências ocasionais, feitas em trabalhos singulares, não são suficientes.

[2] Os nossos indianistas dos séculos XVI e XVII ortografaram *Choromandal*, *Choramandel*, *Charamandel*, em harmonia com o tamul *Choramándala*, «pais dos Choras», título dos antigos reis de Tanjor, na mesma costa. Os estrangeiros (holandeses e ingleses) corromperam o nome em *Coromandel*, por entenderem mal o valor fonético do nosso *Cho* palatal. Vid. Yule & Burnell, *Hobson-Jobson*.

desaparecer. Cumpre, portanto, salvar já o que se pode, antes da sua completa extinção. Fora do domínio português, sómente os dialectos *norteiro* [1] e ceilonense possuem poderosos elementos de vitalidade e de duração.

Também eu, depois de muitas diligências, só pude alcançar, por favor dum amigo [2], duas poesias para canto, que lhe recitou um cristão da missão portuguesa de Negapatão, situada na referida costa ao sul de Madrasta e pertencente à área lingùística do tamul. Os textos, além de serem muito limitados, não tem grande valor para o estudo do genuíno crioulo actual, se é que na realidade existe; porque as cantigas são migratórias, tem formas em parte cristalizadas e representam a linguagem esmerada. Demais, o canto demanda vogais de encôsto e ocasiona o deslocamento do acento tónico [3].

*

* *

Em 1883 escreveu um missionário estrangeiro ao Sr. Schuchardt que havia em Negapatão umas vinte famílias que falavam indo-português, mas não lhe enviou nenhuma amostra dessa fala. Os indivíduos que praticam em crioulo tem a consciência de que a sua língua está corrupta, e não a querem expor ao ludíbrio dos estranhos. Donde provêm a dificuldade de colhêr espécimes dos crioulos exclusivamente coloquiais.

Se a informação foi exacta, deve-se concluir que o número das famílias está ao presente muito reduzido, e estas são bastante esquivas, visto que o meu solícito correspondente, que esteve algum tempo como missionário na localidade, não pôde coligir mais textos [4].

---

[1] Na Índia Portuguesa por *Norte* se entêndê a rêgião quê fica ao norte de Goa, ê por *norteiro*, o habitante cristão das Praças do Nortê e o seu crioulo português, Vid. *Dialecto Indo-português do Norte*, publicado por mim na *Revista Lusitana*, vol. IX. fasc. 1 e 2.

[2] Padre Ludovico da Caridadê Fêrrão, a quem consigno aqui o meu entranhado rêconhêcimento.

[3] É costumê, muito genêralizado, na Índia cantar poesias dêstê génêro, às vêzes êstropeadas com o andar do tempo, em ocasiões festivas nas famílias que sê gloriam dê descêndêr de portuguêsês. Mas tais famílias nêm sempre falam português êm casa, por o terem substituído pela língua vernácula ou pêla inglesa.

[4] Eis a lista que se me enviou dos cristãos (da missão portuguesa ê da êstrangêira, que lhê foi agregada pela última concordata) que sabem o indo-português: Mrs. C. Ferrêira, Mrs. J. Ferdinand, Mrs. Bronkhurst, Mrs. & Mr. Rosário, Mrs. & Mr. Narcis, Mrs. Cooper, Mrs. & Mr. Vandêrsveen, Mr. S. Johnson. Vê-sê daqui quê os dêscêndêntes dê holandêses e inglêsês também falam, como em Ceilão e outras partês, o crioulo português.

Foi em 1905 que recebi estas poesias, mas não tratei de as dar logo à estampa, pois quis ver se conseguia mais materiais da mesma procedência. E de facto, por diligência do referido amigo, chegou-me em 1907 um pequeno espécime em prosa, em que se tenta, com pouco êxito, retratar a linguagem coloquial; e dois anos depois fui favorecido com certos esclarecimentos, que se me afiguravam indispensáveis para se formar um conceito mais preciso do dialecto.

Não nutrindo agora esperanças de obter outros textos, julgo que não devo retardar mais a publicação dos que possuo, para que se não percam. Não posso, por êste motivo, dar ao presente trabalho o mesmo desenvolvimento dialeclológico que dei aos outros concernentes aos dialectos de Ceilão, Goa, Damão e Bombaim.

Negapatão — *Naga-ppattanam* em tamul, provávelmente *Nigama Metrópolis* de Ptolomeu — é um pôrto de mar, situado no distrito de Tanjor, cuja população orça por 60:000, sendo 5:000 católicos. Nos séculos XVI e XVII era um grande empório de comércio e núcleo de intensa actividade de evangelização. Foi um dos nossos mais antigos estabelecimentos na costa oriental, onde residia uma numerosa e florescente colónia portuguesa, que por vezes defrontava com as arremetidas dos maometanos, com as invasões dos *naiques* ou régulos vizinhos, e com as incursões dos ferozes *badagas* de Telinga. Foi ocupada em 1660 pelos holandeses, que ali estabeleceram a sua principal feitoria do comércio dessa região da península [1].

Mas agora tem bastante decaído da sua antiga importância, como tem acontecido a tantos outros portos e cidades da Índia.

Era, por tanto, natural que os descendentes de portugueses por via de mulheres da localidade, e até muitos indígenas por necessidade de convívio, falassem, à semelhança doutros centros populosos, um português corruto e simplificado ou crioulizado, que, por evolução espontânea e por influência do meio e dos crioulos congéneres, se iria distanciando da lingua-mãe. [2]

---

[1] «De Jafanapatam escreveo [em 1619] aos Eleytos de Negapatão (assim se govèrnava então aquele povo Portuguez, que depois vèyo a tèr o titulo de Cidade, e govèrno posto por El Rey)». Padre Fernão de Queiroz (1687), *Conquista de Ceylão*, p. 512.

[2] Observei em Calcutá, quando era vigário geral da missão portuguesa de Bengala, que os dois ou três portugueses europeus, ali estabelecidos e casados com mestiças, estavam quási esquecidos da sua língua e falavam em família o crioulo local. Tenho pena de não tèr colhido apontamentos dêsse dialecto; mas não dava então muito valor a semelhantes assuntos, pôsto que me servisse dêle (e do de Ceilão) em conversa com as poucas pessoas que o falavam. Agora, porêm, o seu número deve estar muito reduzido.

Os descendentes de portugueses (e posteriormente de outros europeus), verdadeiros ou supostos, que trajavam à europeia, praticavam em ásio-português, professavam a religião católica e se empregavam como intérpretes e soldados, eram geralmente conhecidos na zona dravídica pelo nome de *topazes*, tamul *tuppási*, do sânscrito *dvibháxya*, «aquele que fala duas línguas», isto é, no caso presente, portuguesa e vernácula.

É óbvio, por conseguinte, que as ocupações predilectas de tal gente lhe não permitiriam fixar-se para sempre no solo do seu berço e manter a sua tal ou qual independência étnica, mas os vaivêns da fortuna de cidades e reinos a traria dispersa e migratória. Acresce que a classe ilustrada ou um grupo módico e isolado substitui, como língua de casa, a portuguesa pela inglesa, à vista das vantagens que daí lhe resultam, e no decurso do tempo não se recorda ou não quere recordar-se da sua origem portuguesa, e passa por *eurasian* ou eurasiático.

Ficam assim expendidas as razões por que o ásio-português, fora dos domínios actuais de Portugal, está extinto ou a extinguir-se em várias partes, onde era antes tão florescente, e a crivar-se de palavras inglesas.

Efeitos de vicissitudes políticas! Outrora o português era a língua franca do Oriente, particularmente da Índia, onde os europeus de nacionalidades diferentes — missionários, comerciantes e viajantes — o tinham de aprender e de se servir dêle a fim de se comunicarem entre si e com os naturais. Agora, os que o falavam como língua materna procuram olvidá-lo, e pretendem encobrir a sua procedência estropeando os seus apelidos, sendo *Correia Curry, Couto Cout* (pron. *Caut), Gomes Gomesse*, *Soares Swaries*, *Pires Pieris*.

Cantigas

I

Crioulo	Português
Sinhorá Saôdi!	Senhora de Saúde
Né áltu cheralá,	(Que estais) na alta charola,
Avarí d'ós bráçu;	Abri o braço de vós;
Par mi dá ung esmolá.	Dai-me uma esmola.
Sinhorá Saôdi!	Senhora de Saúde!
Sinhorá Vellengani! [1]	Senhora de Valangani!
Sinhorá Saôdi!	Senhora de Saúde!
Mostrá bós milágri.	Mostrai vosso milagre.

[1] Em Velangani — missão pertencente ao bispado de S. Tomé de Meliapor — há um santuário de muita devoção e popularidade, dedicado a Nossa Senhora de Saúde, a quem se atribuem freqùentes milagres e se fazem numerosos votos, como a Nossa

Sinhor de Restádu!	Senhor Ressuscitado
Né áltu palácia;	(Que estais) no alto palácio;
Cantigas ló cantá eu	Eu cantarei cantigas
Ne você's presência	Na presença de você (vossa).

II

Adivaita [1] *ôgu,*	Dividi o ôvo
Metádi metádi;	Em metades;
Gralhá cându té bòcá [2],	A gralha, quando abrir a bôca,
Ló contá verdádi.	Contará a verdade.
Alá té vi barcú,	Lá vem um barco,
Alançá balançá; [3]	A balouçar e balançar;
Dentrú aquíli barcú	Dentro daquele barco
Té minha princesa.	Está a minha princesa.
Anela de ourú	O anel de ouro
Núcu cavá [4] *dedú;*	Nunca acaba o dedo;
Ló mandá um anela eu	Eu hei de mandar um anel
De minha cavelhú.	Do meu cabelo.
Casa sobredádi,	Casa sobradada
Janelá de vidrú;	(Com) janelas de vidro;
Minha pomba branca	A minha pomba branca
Já perdê maridú [5].	Perdeu o marido.

Senhora de Lourdes. Duante a novena e a festa, especialmente, concorrem ilmhares de fieis de diversas regiões e fazem grandes oblatas, que montam a alguns cotnos.

[1] Do tamul *arigirathu*, «cortar, amputar; partir, dividir».

[2] Conjectura-se, naturalmente, que o sentido do verbo *bocá* é «abrir a bôca para falar, falar»; mas não é fácil saber dondo provêm a palavra. Se de «bôca», seria um derivado singular. Nos dialectos de Damão e de Dio *bothó* quere dizer «beijo». O Dr. Schuchardt dá também *boccó* com o mesmo significado.

[3] *Alançá* é o mesmo que *balançá*, com a supressão da consoante inicial, à imitação dos idiomas indianos; e ambas as formas representam os dois movimentos laterais do barco.

[4] «Come, corrói». Não parece ser o vêrbo *cavar*, cujo sentido é exprêsso do dialecto de Ceilão por *gavertá*, no de Macau por *gavartá*, no malaio por *gaburtá* e no norteiro por *garvtid* = esgravatar. *Cabá* = acabar é geral.

[5] Variante do dialecto de Mangalor:

Ai casa sobirana, Margarita,
Janela de vidro;
Ai minho pombo branco, Margarita,
Já nu tem marido.

Variante do dialecto norteiro:

Casa sobreda, Raminho,
Janela de vidro, Raminho;
Minha pominha branca, Raminho,
Já perdeu amigo, Raminho.

Variante do dialecto de Damão:

Caz sobradad,
Janel de vidr;
Minh pomb branc, Surumbá,
Ficou sem marid.

Já sai lumarú *Frónti de meu rostú;* *Isti bós amôrú* *Já dá um desgôstú.*	Já saíu (apareceu) a lua Defronte do meu rosto; Êsse vosso amor Já deu um desgôsto.
Ondêas de mar, *Ondêas areadú;* *Levá minha irmã* *Com grândi cuidadú.*	Ondas de mar, Ondas areadas (espraiadas?); Levai minha irmã Com grande cuidado.
Unanga, dossú, tressú, *Catrú, cincú, sessú;* *Ninas de Pucheri,* *Bistî cê vata* [1] *messu.*	Um, dois, três, Quatro, cinco, seis; Meninas de Pondicheri, Vesti (calçai) as vossas meias de algodão (?).

Prosa

Qui lei [2] *tem saude?*—De que laia (como) é a saúde?

Minha nómi tem Narcis. — O meu nome é Narciso.

Ê devi nascê [3] *esta terra.* — Eu devia de nascer (nasci) nesta terra.

Minha pai e mãe morreu. — Meu pai e minha mãe morreram.

Eu tenho muito coitado. — Eu sou muito pobre.

Para mim mais ninguêm nu tem que suster (?). — Eu não tenho mais ninguêm que me sustenha.

Senhor mast [4] *prendê esta pobre* [5] *carta, and* [6] *Senhor mast fazer qui-ser* [7] *por mim.* — O Senhor deve aprender (ler com atenção) esta pobre carta, e o Senhor deve fazer o que fôr (*quidquid sit*) por mim.

Para mim tem muier com 3 crivanças.— Eu tenho mulher com (e) três crianças.

Senhor mast oiar Deus rost [8] *and mast fazer qui-ser por mim.* — O Senhor deve olhar para o rosto de Deus, e deve fazer o que fôr por mim.

---

[1] Presumo que é o mesmo que o tamul *vattam*, que quere dizer «pano, tecido». Parece que se alude à ôca ostentação das raparigas da colónia francesa.

[2] Esta frase, mais ou menos modificada fonéticamente, voga em toda a área do ásio-português no sentido de «como». *Laia-laia* ou *lai-lai* quere dizer «vário, diverso», ou «assim e assim, sofrivelmente».

[3] Parece ter ressaibos da frase inglesa — *I should have born.*

[4] Inglês *must*, «deve»; pron. *mast.*

[5] Esta carta dum pobre.

[6] Inglês *and*, «e».

[7] É possível que represente a locução inglêsa — *whatever be.*

[8] É reflexo do idiotismo indígena. *Olhar para a face de Deus* é «ter a Deus em vista».

Eu tem serviço sem tem. — Eu estou sem ter serviço (sem emprêgo).

Para mim ninguêm nu tem um bocá arroz pô dar. — Eu não tenho ninguêm para me dar (que me dê) um bocado de arroz.

*

* *

Observações gramaticais

Dos espécimes acima reproduzidos se vê que o crioulo da costa de Choramândel não difere notávelmente dos outros ramos do indo-português. Apresenta, porêm, mais pontos de contacto com o crioulo de Ceilão, seu vizinho.

I.— Quanto à fonologia, cumpre notar em particular o seguinte:

Atenuação de *a* átono em *e*: *cherala* = charola; *sobredádı* =sobradado. Dial. ceil. *sobredade*, *soberdade*. Talvez por influência da preposição *sôbre*. Tambêm *né* = na, *lei* = laia.— De *a* em *u*: *núcu* = nunca. — De *e* tónico em *i*: *isti* = êste, *aquili* = aquele; de *e* átono: *bisti* = vestir; *sinhor, sinhora* = senhor, senhora. *I* por *e* final surdo é comum a todos os crioulos que o não eliminam: *frónti, grándi, verdádi*. O mesmo se deve entender do *o* final: *bárcu, dêntru, vidru, maridu*.

Mudança de *o* tónico em *a*: *cherala* = charola, por influência das líquidas; de *o* final, provávelmente por causa da rima: *palácia* = palácio. — De *u* tónico em *o*: *saôdi* = saúde. Dial. ceil. *saôde; savôdi,* forma moderna.

Simplificação dos ditongos — tendência comum: *sêssu* = seis, *mêssu* = meias; *dôssu* — dous, dois; *cátru, cându. Dós*: dial. ceil. e nort. *Catro*, *cando* são populares no continente.

Desnasalização: *té* = tem, *núcu* = nunca, Dial. ceil. e coch. *nuca*; dial dam. e nort. *nuc. Nu* = não.

Nasalização medial: *lumáru* = luar, significando tambêm «lua». Dial. ceil. *lumar*, *lumara;* tambêm *luma*. Port. arcaico *lũa*, do lat. *luna;* assim como o lat. *una* deu *ũa* (ou *hũa)* e depois «uma».

Guturalização de nasal pura, como no dial. macaísta: *ung*= um, *unanga*, por *unga*.

Palatização de *l* postónico: *cavêlhu* = cabelo. Dial. ceil. *cabelho*, *cavelho;* dial. nort. *cavelho*.

Despalatização: *oiar* = olhar, *muier* = mulher. *Lh* é o fonema da mais difícil prolação nos crioulos.

Troca de consoantes. De *b* e *v* é comum nos crioulos, como no norte de Portugal: *bós* = vós, *bistí* = vesti; *avarí* = abri, *cavêlhu* = cabelo. *G* por *v* medial: *ôgu* = ôvo. Dial. ceil. *ogo; nogo* = novo [1].

Supressão de fonemas:

Aférese: *prendê* = aprender, *cavá* = acabar (comuns); *ós* = vós (por assimilação) [2]; *ninas* = meninas; *cê* = você, como no dial. norteiro.

Síncope: *restádu* = ressuscitado, *Pucheri* = Pondicheri.

Apócope: de *r* final nos verbos — fenómeno comum: *mandá* = mandar, *perdê* = perder, *nascê* = nascer (mas *dar*, *fazer)*, *vi* = vir; *pô* = por; *par* = para (comum); *rost* = rosto; *Narcıs* = Narciso; *d'ós* = de vós, como nos dial. nort. e dam. Em *ló* = logo, partícula do futuro em muitos crioulos, em *bocá* = bocado e em *devi* = devia, cai a sílaba inteira.

Acrescentamento de fonemas:

Prótese: *ala* = lá. Dial. ceil., nort. e caboverd. — Port. arcaico.

Epêntese: *ondéas* = ondas, *avarí* = abri, *unanga,* por *unga* = uma; *presência*=presença, como em Ceilão; *crivanças (= criwanças)* = crianças, para se desfazer o hiato, que as línguas vernáculas não toleram.

Paragoge: *anela* = anel — fenómeno geral. *Lumáru* = luar; *amôru* amor, por ênfase na rima. *Dôssu, trêssu, sêssu* = dous, três, seis.

Deslocação de acento tónico: para a última sílaba, talvez sómente no canto: *sinhorá*, *cheralá, vidrú, dedú.* Parece que o que se nota no original como acento é antes o alongamento do fonema final. *Sinhorá* há tambêm no dial. dam. Em *ondéas* desloca-se o acento, mas com mais uma sílaba.

II. — Quanto à morfologia, dão-se os mesmos fenómenos que notamos nos outros crioulos indianos. Assim, o tempo presente do indicativo forma-se perifrásticamente com *té: té vi* = vem; o pretérito perfeito, com *já: já dá* = *deu*, *já perdê* = perdeu, *já sai* = saiu; o futuro, com *ló: ló cantá* = cantarei, *ló contá* = contará. O verbo *ter* emprega-se no infinito na sua forma do presente, *tem. Minha* por «meu»: *minha pai* = meu pai, *minha nómi* = meu nome, *minha cavêlhu* = meu cabelo. Não ocorre o artigo

---

[1] «Em *lougor* de S. Gonçalo. Em *lougor* de S. Salvador». J. Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, pág. 154.

[2] Dial. nort., dam., dio. *V* equivale a *w* em todos os crioulos indianos.

definido, pouquíssimo usado nos outros crioulos: *núcu cavá dêdu* = não corrói o dedo; *gralhá cându té bocá* = quando a gralha falar; *minha nómi* = o meu nome.

O plural forma-se normalmente: *cantigas, ninas, ondéas*. Mas, *metádi metádi*=metades. Talvez caso excepcional de plural por reduplicação: fenómeno vulgar nos dial. norteiro e malaios.

III.—Com respeito à sintaxe, há pouco que notar:

Ocorre na poesia a colocação do pronome sujeito no fim da preposição: *cantigas ló cantá eu; ló mandá um anela eu.*

Também se antepõe ao verbo o regime directo: *cantigas ló cantá* = cantarei cantigas; *serviço sem tem* = sem ter serviço; *um bocá arroz pô dar* = para dar um bocado de arroz. Igualmente, o regime indirecto pronominal, com preposição: *par mi dá* = dai-me.

Dá-se também transposição do complemento possessivo: *Deus rosto* = rosto de Deus; *d'ós bráçu* = braço de vós, vosso braço; *né você's presência* = na presença de você. O *s* neste exemplo é desinência do genetivo formal, facto que se dá em outros crioulos, especialmente no de Mangalor. «Você» é *pronomen reverentiae* em todos os ramos do indo-português.

Eliminação de preposição: *nascê esta terra* = nascer nesta terra; *um bocá arroz* = um bocado de arroz; *Sinhora Velangani* = Senhora de Velangani; *metádi metádi* = em metades ou em metade e metade.

Redundância de preposição: *Sinhor de Restádu* = Senhor Ressuscitado. Também em Goa se diz: *Senhora de Sant'Ana.*

Há orações elípticas: *Sinhora Saôdi* (que estais) *né áltu cherala; Sinhor de Restádu* (que estais) *né áltu palácia.*

IV.—Com relação à sematologia: emprega-se o verbo *ter* por «ser» ou «estar», como nos outros ramos do indo-português: *Minha nome tem Narcis* = o meu nome é Narciso. *Qui lei tem saúde?* = como é ou está a saúde? *Dêntru aquíli bárcu té minha princesa* = naquele barco está a minha princesa. *Eu tem serviço sem tem* = estou sem ter serviço.

O sentido próprio de *ter (=habere)* expressa-se antepondo o sujeito em regime indirecto (dativo), à maneira dos idiomas vernáculos e do latim com *esse: Para mim tem muier* = há mulher para mim *(est mihi mulier):* tenho mulher. *Para mim ninguêm nu tem* = não tenho ninguêm. Idêntica construção voga em sânscrito, mas com genetivo.

Coitado quere dizer «pobre ou mendigo» em quási todos os crioulos.

Não se podem abranger o «pai e a mãe» sob a designação de *pais*, por o não permitirem os idiomas indígenas.

Figuram duas negativas numa mesma oração antepostas ao verbo: *Para mim ninguêm nu tem* = eu não tenho ninguêm.

V. — Pelo que toca à lexicologia, é muito natural que se tenham infiltrado e se infiltrem, em maior ou menor escala, nos crioulos vocábulos provenientes da língua vernácula, em que estão enxertados, e da inglesa onde essa seja a oficial. É porêm notável que figure na amostra o inglês *and* pela conjunção «e» e *must* pelo verbo «deve».

*

* *

O genetivo formal ou orgânico (-*'s)*, que figura em alguns crioulos portugueses da Ásia, é um fenómeno de importância capital na nossa dialectologia colonial. Convêm por isso averiguar se proveio da evolução própria, se da influência das línguas indígenas ou do reflexo da inglesa.

O Sr. Schuchardt ventilou a questão com referência ao crioulo de Mangalor, propendendo pela intrusão do genetivo inglês. Versei-a eu sucintamente com relação ao dialecto de Ceilão, inclinando-me pela intervenção vernácula. Vou tentar agora esclarecer um pouco mais o assunto, tendo em vista o conjunto dos ramos de ásio-português.

Dialecto de Ceilão: *Eu* **sua** *vida* = a vida de mim (= a minha—); *vossotros* **sua** *gloriação* = a jactância de vós (= a vossa —); *êle* **sua** *falsa esperança* = a falsa esperança dêle (= a sua—). *Peter* **sua** *filho* = o filho de Pedro. *Per sua tanta* **sua** *casa* = para a casa de sua tia.— Formas modernas na poesia: **Espírito's** *Santo dom* = dom do Espirito Santo. *Com* **Jesu's** *grand dors* = com grandes dores de Jesu.

Dialecto de Singapura: *Eu* **sua** *corpo tem sujo* = o meu corpo está sujo. *Já matá eu* **sua** *cavalo* = mataram o meu cavalo.

Dialecto de Batávia e Túgu: *Nossóter* (nós outros) *nempódi sabê nós* **sua** *bida qui sê* = nós não podemos saber o que será a nossa vida. *Ilóter* (êle outro) **sua** *cabeça* = a cabeça dêle. *Sua muler* **sua** *pai* = o pai de sua mulher. *Dios* **sua** *poder* = o poder de Deus.

Dialecto do Norte: *Fula* **su** *cheio* = o cheiro da flor. *Mim pai-tiu* **su** *filh* = o filho de meu tio paterno. *Outro tod* **você's** *casa* = todos os outros da casa de você (= vossa). *Mais noss caz* **sus** *pai* = mas o pai de nossa casa (família).

Dialecto de Cochim: *Por conta de manchu* **su** *luguer*=por conta do aluguer da manchua (barco).

Dialecto de Macau: *Maria são eu* **sa** *mãe* = Maria é mãe de mim (= minha—) *Cô êl* **sa** *têrço no braço* = com o têrço (contas) dêle (= seu) no braço.

Dialecto de Negapatão: *Né* **você's** *presência*=na presença de você. *Deus rost* (provávelmente por *Deus's rost)*=o rosto de Deus.

Dialecto de Mangalor: **Riu's** *banco* = o banco (margem) do rio. **Hombre's olho's** *casco* = o casco do ôlho do homem. **Riu's** *dentro* = dentro do rio. *Com minha* **amigo's** *junt* = junto com os meus amigos. **Su's** *paixões* = as suas paixões. **Su's** *lisa superficie* = a sua superfície lisa. *Et passim* [1].

Vê-se das amostras transcritas: *a)* que o genetivo anteposto era acompanhado de *sua*, que desempenhava o papel de caso, sendo depois reduzido a *su* ou *sa; b)* que se empregava de preferência com *você*, que então equivalia a *vosso*, e com os pronomes de qualquer pessoa, naturalmente por terem formas diferentes para os sujeitos e para os regimes; *c)* que figura em crioulos que excluem a hipótese de influência inglesa e indígena, como o macaísta e o malaio; *d)* que -*'s* aparece, além do crioulo de Mangalor, no de Ceilão e da cidade de Bombaim, mas só modernamente; *e)* que se usa com diversas palavras em que a gramática inglesa o não toleraria, como são os pronomes, os possessivos e as preposições; *f)* que ocorre mais freqùentemente com os vocábulos que terminam em vogal, formando sílaba admissível no português normal: *Jesu's, Espírito's, amigo's, riu's.*

Cumpre também observar: *a)* que as línguas gáurias não tem própriamente genetivo desinencial, mas o pronome possessivo e o adjectivo derivado do respectivo nome, e declináveis em concordância do género, fazem as suas vezes, como em concani: *tátsó pút* (masc.) = seu filho (*ejus filius)*, *tíchí dhúv* (fem.) = sua filha, *táchêm tsákar* (neut.) = a sua criada; *b)* que o tal genetivo antecede invariávelmente o nome determinado: *Rámátsó bháv* (*Rameus frater*, equivalente a *Ramae frater*) = irmão de Rama; *namhíchí tad* = margem do rio; *c)* que nas línguas dra-

[1] **Nos crioulos de Damão e Dio, sujeitos à constante influência de português, não se encontram casos análogos.**

vídicas sempre e nas gáurias muitas vezes o genetivo é representado pelo primeiro elemento do composto, como em tamul: *cherippu* = sapato; *cherippúsi* (*úsi* = agulha) = agulha de sapato, sovela; — em neo-árico: *ráj-pút* = filho de rei, príncipe; *d*) que em várias línguas gáurias as preposições regem a forma temática do adjectivo possessivo (ou genetivo do pronome), como em concani: *majê lágím* = perto de mim; *tujê kuxím* = ao lado de ti; *tíchê kadé* = com ela; *e*) que a sintaxe dos dialectos mais crioulizados denuncia acentuada influência da sintaxe vernácula, como no de Mangalor: *Bossa perto* (= *tum'chê lágím*): perto de vós; *minha junto* (= *majê kadé*): comigo [1]; *minha trás* (= *majê páthí*): atrás de mim; *su diante* (= *táchyá mukhár*): diante dêle; *filha's perto* (= *dhuvê kadé*): com a filha; *f*) que, quanto aos crioulos de Mangalor e do Norte, o concani e o marata, línguas indígenas, respectivamente, não pronunciam a vogal final (e muitas vezes a medial) átona, do que ministram provas a cada passo os referidos dialectos.

Julgo, portanto, que se pode inferir do que fica exposto que a tendência geral do ásio-português é antepor em certos casos o complemento possessivo ou determinativo, e que ela provêm na Índia da índole dos idiomas vernáculos. Creio também que se demonstra históricamente que *-'s* é contracção de *su* ou *sa* = sua. É possível que na difusão houvesse alguma influência do inglês, devida aos indivíduos que o praticavam ou o traduziam. Não se pode, porêm, asseverar que o genetivo dessa língua é o seu protótipo.

Fenómenos análogos também ocorrem em outros crioulos remotos, como no da ilha de Santiago: *Paulo si* (por *sê*) *bida é dentro cartore* = a vida de Paulo é no cartório; e no caboverdiano em geral: *di-meu* = meu, *di-seu* = seu, *di-nós* = nosso, *di-sês* = seu, dêles; *gramática di nós língua.*

As frases *eu sa* = meu, *êl sa* = dêle ou seu, que figuram no macaísta, tem a sua correspondência em chinês, que não conhece *possessivos* formais ou derivados: *vó* = eu, *vó ti* = de eu: meu; *tá* = êle, *tá ti* = dêle: seu.

Idênticamente, com relação aos crioulos malaios: *sahya* = eu, *sahya punya* = *de eu*: meu; *dia* = êle, *dia punya* = dêle: seu. Em outra situação, o complemento restritivo segue o nome sem nenhuma partícula: *chara China* = modo ou moda da China, empregado por Fernão Mendes Pinto (*charachina*); *orang*

---

[1] Dial. de Damão: *minh junt.*

hútan = homem das selvas: *orango-tango*. E no seu crioulo: *tabaco buceta* = boceta de tabaco.

Uma vez justificada a anteposição do complemento determinativo (em obediência à sintaxe vernácula), acompanhado da partícula caracterizante *sua*, *su*, *sa* ou *'s*, e reconhecida a sua conveniência, não admira que se tenha aplicado a regra a todos os casos em que na língua-mãe se usa *de* (*de êle* = sua), ou se usaria, se não houvesse pronomes possessivos (*de nós* = nosso), ou pronomes regimes (*de eu* = de mim = meu).

Assim se explicam locuções como estas: *boz's* = *vós-su*: de vós, vosso; *êle sua* = dêle; *eu sa* = meu; *su's superfície* = a superfície sua dêle, para intensificar o sentido ou para evitar a ambigùidade, como se diria em português: «sua superfície dela».

Cumpre também atender a que os crioulos, além da sua feição individual, originada em grande parte da língua indígena, tinham, como fica dito, alguns factores da gramática comuns, em resultado da mútua comunicação. O da Malásia, por exemplo, exerceu grande influência no de Macau, e o de Ceilão no de Malaca.

Mas qual seria a razão de se preferir *sua* para denotar o genetivo? Não saberei apontá-la com segurança; posso, porêm, aventar algumas conjecturas: a sua freqùente ocorrência no falar português; a sua peculiaridade de se poder referir a uma ou muitas pessoas ou cousas de ambos os géneros (*sua* = dêle, dela, dêles, delas), e à pessoa ou pessoas com quem se fala (2.ª pessoa: *sua* = do senhor, dos senhores; de você, de vocês); a afinidade fonética com a última sílaba de alguns pronomes: *vossa*, *você*, *vós*; e com a desinência do genetivo de algumas línguas indígenas: *zó* ou *zá*, *jó* ou *já*, *tsó* ou *chó*.

Quanto à preferência da forma feminina, *sua*, é facto bem conhecido que o ásio-português emprega a forma feminina dos adjectivos possessivos indiferentemente para ambos os géneros: *minha* = minha, meu; *sua* = sua, seu; *vossa* = vossa, vosso. O Dr. Schuchardt aponta por motivo da preferência o serem as formas femininas mais extensas e sonoras. E pode-se acrescentar que muitos dos nomes, que em várias línguas indígenas se empregam por preposições (*perto, junto, com*), são do género feminino, e requerem que os pronomes possessivos que os antecedem também o sejam, como mostram os exemplos acima aduzidos.

Sebastião Rodolfo Dalgado

Turquel folklórico [1]

SUPERSTIÇÕES

PARTE I

Entidades estranhas

I — Bruxas e feiticeiras

(Aos meus conterraneos)

¿Quem, passando habitualmente, a horas mortas, junto de rio ou pego situado em valle soturno e insulado, não ouviu ahi alguma vez um ruído de palmadas, acompanhado de gargalhadas estrepitosas, como de diabretes que andassem revoluteando sôbre as águas em desenvolta sarabanda? ¿Quem, vivendo em casal solitário onde haja crianças por baptizar, não sentiu ahi nunca, nessas noites em que tudo jaz sob o pêso de trevas caliginosas e a tempestade sacode doidamente as árvores da floresta, um diabólico alarido sôbre os telhados? ¿A quem não pungiu o insistente chôro d'essas crianças? ¿Em conjuncturas taes, quem é que não foi tomado de estranhas somnolências?

¿A que afoito noctívago não succedeu já perder de todo a tramontana? andar, andar, e achar-se sempre no mesmo sítio? ter de empregar um enorme esfôrço para mover as pernas, teimosamente emperradas?

¿E a que attribuir, verosímilmente, tão surprehendentes e extraordinários effeitos? Ao bruxedo; vós o sabeis. O bruxedo constituirá, pois, o assumpto d'este artigo, no qual eu vou expôr, em resumo, as noticias que por aqui me hão subministrado algumas pessoas discretas, e de grande sabença em pontos de demonologia.

Ha bruxas que o são em virtude d'uma lei do fado; assim, a mais nova de sete irmãs é necessáriamente bruxa, salvo se lhe deram por madrinha a irmã mais velha; a maior parte d'ellas,

---

[1] [A maior parte dos factos mencionados neste artigo são já conhecidos, pois constam de trabalhos de outros investigadores. Como porém me falta tempo para os anotar, destrinçando o que é inedito do que o não é, e como alguns d'eles constituirão variantes, não hesitei em os publicar, tanto mais que se referem a uma unica localidade ou região, e estão expostos com método e elegancia.—J. L. de V.].

porêm, de seu mótu-próprio se fizeram iniciar nos mystérios da bruxaria.

Toda a bruxa possue uns novellos de que não posso precisar particularidades; sei apenas, por vagas informações, que são, para ellas, um indispensável adminículo, e que nenhuma póde morrer sem ter a quem os deixar. A êste propósito conta-se que estando certa bruza nos mais angustiosos paroxysmos, não podia findar, ainda assim, por nenhuma das pessoas presentes se resolver a aceitar-lhe as diabólicas insígnias. — «Quem herda?!... quem herda?!..» — repetia ella precipitadamente, com a afflicção do estertor. Alguêm então suggeriu: — «Herde-os aquelle pote!» Êste deu immediatamente um grande estoiro, despedaçando-se, e a bruxa pôde emfim acabar. Os novellos fazem parte indivisa da herança, segundo a opinião de pessoas bem informadas, que dizem, a modo de provérbio: — «Quem lhes herda os bens, herda-lhes os novellos».

O principal malefício praticado pelas bruxas é chupar, de noite, o sangue de crianças de tenra idade, as quaes se vão finando, até que morrem de inanição. Acommettem, de preferência, as que estão por baptizar, quando nos respectivos aposentos não haja luz. Como as aves nocturnas e agoireiras, as bruxas só agem desempeçadamente no meio das trevas.

Ao emprehenderem alguma das suas nocturnas digressões, as bruxas desembaraçam-se do vestuário, e ungindo o corpo com certo óleo contido num púcaro ordináriamente occulto numa cavidade praticada na lareira e coberta com um tijolo, proferem a fórmula: — «Voa, voa, por cima de toda a fôlha», e ahi vão ellas chaminé acima, já invisíveis, já metamophorseadas em morcegos. Dirigem-se seguidamente a uma encruzilhada [1], ou a algum desamparado pardieiro, onde, á meia-noite, apparece o diabo, que se assenta numa trempe collocada ao meio do recinto, indo logo todas dar-lhe um beijo... no orifício de trás. É d'ahi que ellas, após desenfreada folia, se espalham para vários pontos, auctorizadas a fazer das suas até ao cantar do gallo, isto é, até ás duas horas, próximamente. Entre as bruxas corre o prolóquio: — *Gallo branco? não me espanto; gallo loiro é agoiro; gallo preto? não me metto!*

---

[1] A usança que chegou até nós, de exigir cruzes nos pontos aonde convergem três ou quatro caminhos, vem da idade média, e tinha por fim afugentar as bruxas, visto ser ahi que elas evocam o matarrico para o commettimento de malefícios vários. [Para a idade média veio já da antiguidade o costume: *Religiões da Lusitania*, III, 595. —J. L. de V.].

Se alguêm, brandindo pau ou análogo instrumento com a mão canhota, ferir uma bruxa e lhe fizer sangue, quebrar-lhe-á o fado. Essa bruxa, retomando a sua natural figura, cairá nua e já então para sempre livre do fado aos pés do que a feriu, o qual terá de a acompanhar a casa, sob pena de cair no desagrado, muito para recear, de suas companheiras.

Existem, felizmente, vários amuletos contra as bruxas; os mais usados são a figa, a noz de três esquinas, uma cabeça de alhos, o corninho esquerdo d'uma carocha e o chifre esquerdo d'um carneiro branco.

*

As bruxas, como muitas das superstições do nosso povo, têm sua origem em velhas crenças pagans.

Em tempos de lamentavel obscurantismo foram suppliciadas muitas d'essas infelizes alcunhadas bruxas, para as quaes se consignavam nos códigos de todas as nações da Europa cruéis punições. Em Portugal datam do princípio do século XV as primeiras leis contra o bruxedo. Este, comtudo, tomou notável incremento nos séculos XVI e XVII. No século XVIII começou a declinar; e hoje apenas pelos recôncavos sombrios de antigos e cerrados bosques, ou em algum valle medonho e solitário, se deixa ainda ás vezes entrever ao nosso povo aldeão, em noites tenebrosas, a sombra deminuída, quasi aniqùilada, da velha bruxa.

Ampliando o artigo precedente, publicado no *Almanach de Lembranças* de 1888 e ao qual fiz agora algumas correcções, vou expor o que desde então, sôbre o assumpto, me hão noticiado.

Em regra, as bruxas possuem faculdades divinatórias.

O alho, como dito ficou, é um preservativo de seus malefícios; e até confere, aos que o utilizam como alimento ou conducto, um certo ascendente. *Quem come alhos com casca* || *dá pancada que lasca*,—é um dictado lá d'ellas.

Quem avista, ao longe, uma bruxa, e deseja evitá-la, faz-lhe, com a mão esquerda, uma figa, e diz três vezes:

Tôsca e môsca saramantôsca;
Saramago, mostarda e alho.

A bruxa muda logo de direcção.

Ha outras formulas, como:—*Tôsca marrôsca!*—*Tôsca marrosca para fóra do concelho!*—*Vá para as areias gordas!*—Etc.

Quem tem alguma criança por baptizar e receia que as bruxas lh'a molestem, espalha no telhado, ou sôbre o fôrro da casa, mostarda em grão. Emquanto se entretêm a apanha-la, não se importam da criança.

Se uma bruxa entrar numa casa, não poderá d'ella sair se puserem uma trempe ou uma tripeça de pernas para o ar, ou um sapato com a sola para cima. (Parece que o mesmo resultado se obtem lubrificando os lemes das portas com toicinho velho) — Também não sairá d'uma igreja se na pia da água benta, e entre as elevações da Hóstia e do Cálix, alguem deitar uma antiga moeda de prata do valor de seis vintêns, ou um objecto qualquer (ramo, flor, etc.) apprehendido ao tempo em que no céu se haja visto correr uma estrella [1].

O definhamento d'uma criança attribue-se, por vezes, a bruxedo, o que se averigúa immergindo as roupas d'essa criança numa panella com ágoa, que se faz ferver, e picando-as depois repetidas vezes com um objecto ponteagudo. — Caso houvesse malefício, a sua auctora — bruxa ou feiticeira — recebe no corpo tantas pontoadas quantas se dão naquellas roupas, o que a levará a apresentar-se e pedir misericórdia; ás vezes, comtudo, não apparece, ouvindo-se entretanto no telhado certa ringida.

———

Um caminheiro que de noite se transviara, viu na sua frente um grande cannavial, que se afastava ao passo que elle se ia aproximando. Andou, andou, e o cannavial diante d'elle, sempre diante d'elle, até que por fim, sem saber como, se achou ao pé de sua casa!

A partida, é bem de ver, foi logo attribuída a alguma bruxa travessa e jovial.

*

Certa bruxa matava as rezes d'um lavrador com quem tinha embirração. Suspeitou elle da manobra; e, ao esfolarem a última que succumbira, mandou que com fôrça lhe vergastassem a pelle. Assim se fez; e logo ali apareceu, a pedir perdão, a bruxa que praticava aquelles malefícios, e que, pelos geitos, recebia aquellas vergastadas no próprio corpo.

*

Notou um sapateiro que sua mulher, ás sextas-feiras, só

[1] Allude-se ás estrellas cadentes ou aerólithos.

muito tarde recolhia á cama; pelo que, uma noite, tratou de a espiar. E viu tudo. A mulher foi á cozinha, untou o corpo com um óleo negro contido num púcaro escondido debaixo d'um tijolo, proferiu, depois, a fórmula—*voa, voa, por cima de toda a fôlha*, e enfiou pela chaminé acima.

Então o homem, sem perder um momento, unta-se com o mesmo óleo e diz: *Voa, voa, por baixo de toda a fôlha*. E ahi vae elle tambem, chaminé em fóra. Mas, porque errara a fórmula, teve de romper, á fôrça, por entre brenhas e silvados, chegando soffrívelmente arranhado ao termo do percurso, que era um casinéu, onde muitas bruxas estavam já reùnidas.

Á meia-noite chegou ahi o diabo, para presidir á assembleia, e logo todas lhe foram beijar o traseiro. O sapateiro tambêm foi, porque a isso o compelliram; e como levava a sua sovela, espetou-l'ha no rabo.

—Irra!—gritou o diabo, dando um grande pinote—êsse sujeito sempre tem as barbas bem ásperas!

—Credo! Santo nome de Jesus!—brada então o sapateiro, amedrontado.

E logo toda aquella súcia desappareceu, ficando elle sòzinho no meio do casinéu.

*

Um moço aldeão que, fóra de horas, houve de atravessar uma funda e medonha ribeira, ouviu ahi muitas gargalhadas, e ao mesmo tempo um barulho como de pessoas que andassem chapinhando e dando palmadas umas nas outras. Surpreso e um tanto assustado, trepou lesto a um salgueiro que ahi havia, e escondeu-se na ramagem.

Momentos passados bispou elle um magote de bruxas que andavam retoiçando, e ás quaes uma retardatária veio ali ajuntar-se.

—Porque vieste tu hoje tão tarde?—inquiriram as primeiras.

—Estive a enfeitiçar a mais rica e invejada moça do vizinho casal. (E nomeou-a).

—Pelo systema dos alfinetes?

—Sim, senhoras. Peguei num sapo, perfurei-lhe a cabeça e o peito e, para maior segurança, fui-lh'o metter dentro da cabeceira. Assim, os padecimentos do animalejo bem depressa ella os sentirá.

Estavam nisto, quando, ao longe, se ouviu cantar um gallo. A caterva, portanto, debandou; e o aldeão, descendo do salgueiro, foi logo avisar os paes da indigitada moça. Revistaram-

lhe a cabeceira; e com effeito lá estava o sapo, traspassado de alfinetes. E como quem os tirasse soffreria os effeitos do malefício, segundo as leis da feitiçaria, fizeram vir ali a bruxa, que o aldeão reconhecera, e obrigaram-na a arrancar êsses alfinetes. Ella assim o fez (porque não pudera escapar-se); e dando seguidamente um grande berro, rebentou.

*

Jornadeavam dois almocreves com as suas bêstas carregadas. E iam caturrando acêrca d'aquelle velho ditado: *Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga.*

Dizia um d'elles: *Mais vale quem Deus ajuda;* teimava o outro: *Vale mais quem muito madruga.*

Nenhum transigia.

E então apostaram mulas e cargas, devendo a questão ser decidida pelos três indivíduos que primeira encontrassem.

Deparou-se-lhes logo um (era o diabo em figura humana). E elles perguntaram-lhe:

—Qual vale mais? quem Deus ajuda, ou quem muito madruga?

—Quem muito madruga,—respondeu o diabo; e, transpondo invisívelmente o espaço, foi-se postar lá adiante

Chegam ahi os almocreves; e cuidando ver outro homem e não o mesmo diabo, pois êste mudara de apparência, repetiram a pergunta.

—Quem muito madruga,—foi a resposta do diabo, galgando outra vez lá para a frente.

Ao passarem novamente por elle, os almocreves, que nunca o reconheciam por elle tomar sempre differente aspecto, repetiram a pergunta, recebendo, já se sabe, a mesma resposta.

Teve pois um dos almocreves de entregar ao companheiro a mula com a sua carga, indo depois, muito triste, pernoitar na toca d'uma penha que havia perto, ao pé d'um rio. E d'ahi póde elle ver, alta noite, uma caterva de bruxas que, cabriolando na ágoa, como é seu costume, falaram da filha do rei, que estava muito doente, por ter—disseram ellas—uma cobra na barriga e um sapo debaixo da cabeceira. Que a cobra saíria se chegassem um pouco de leite á bocca da princesa; e que esta rocobraria de todo a saúde se, levando o sapo para o jardim, ahi o deixassem ganhar fôrças.

Mal rompeu a manhã, foi o almocreve a palácio e contou isto ao rei, que, reconhecido, lhe apresentou um monte de oiro

e o auctorizou a levar o que quisesse; o almocreve, porêm, não quis senão o bastante para se indemnizar do prejuízo que soffrera.

Na categoria das bruxas inclue o povo, á falta de particular designação, as mulheres de maus olhos. Estas mulheres, involuntáriamente, e, ás vezes, a seu pesar, exercem damnoso influxo em tudo aquillo em que pousam demoradamente a vista. O definhamento d'uma criança, o aggravamento d'uma nascida, o sustar da fermentação, o emperramento d'um vehículo, etc., attribuem-se, por vezes, a mau olhado.

Terminarei com duas palavras sôbre as feiticeiras.

Têm ellas o seu tanto de bruxas, pois adivinham; mas são, sobretudo, curandeiras, associando, em regra, aos medicamentos communs actos de devoçãe e práticas supersticiosas.

A sua clientela compõe-se de indivíduos affectados por doenças attribuídas a sortilégios, ou lesados por furtos cujos auctores desejam conhecer. Neste último caso, as suas respostas são sempre ambíguas, prestando-se a várias interpretações.

Não ha aqui feiticeiras, nunca as houve; algumas pessoas d'estes sítios vão, ainda assim, a Leiria ou á Nazareth, como em tempo iam á Marinha Grande, consultar as que, nessas localidades, exercem o mesmo modo de vida.

II—Lobishomens

São entes passivos que uma fôrça estranha arrasta, e nunca agentes de malefícios. Entre elles e as bruxas ha, comtudo, certa affinidade.

Quando uma mulher tem sete filhos, o mais novo é fatalmente lobishomem, a não ser que lhe hajam dado por padrinho de baptismo o irmão mais velho.

Um lobishomem denuncia-se ordináriamente pela excessiva pallidez do rosto.

Ás sextas-feiras, que são as dias do fadário, e lá a certa hora da noite, o lobishomem deixa tudo, e ei-lo ahi vae numa correria doida, pois tem de percorrer sete freguesias antes do romper de alva.

Nessas occasiões toma elle a figura de algum animal em cujo espojeiro se deitasse; quasi sempre a d'um burro. Ás vezes,

porêm, semelha uma roda de carro a girar, ou apparenta uma fórma indefinida que se escoa ao longo dos caminhosou através dos campos.

Se, durante alguma das suas correrias nocturnas, alguem, ferindo-o, lhe fizer sangue, no mesmo momento elle retomará a figura humana e ficará, para sempre livre do fado.

III—Moiras encantadas

D'entre os várias lendas e tradições populares,—algumas tão curiosas, já consideradas em si mesmas, já em relação ás sciências históricas e ethnográphicas, a que prestam, não raro, subsídios importantes—sobrelevam, por sua feição deliciosamente poética, as que dizem respeito ás gentis filhas da imaginação popular conhecidas pela denominação genérica de *moiras encantadas*.

D'esse florilégio de ficções graciosas apontarei aqui algumas das que correm nesta localidade e convizinhas.

A duas pastoras que iam amiude com os seus rebanhos para as immediações do Cabeço de Turquel apparecia ás vezes a moira que ali habitava, e a cujos pedidos ellas acquiesciam subministrando-lhe bolos sem sal (pão ázymo, bilhas de leite—dizem algumas variantes). Agradecida por taes provas de bemquerença deu a moira um dia a cada uma d'ellas um vaso de barro, cuidadosamente tapado, recommendando-lhes não examinassem o seu conteúdo senão depois de haverem decorrido três luas.—Não pôde uma das raparigas conter-se, e momentos depois destapava o seu vaso, que—ao menos assim se lhe afigurou—continha terra (segundo outra versão continha carvões). A outra conseguiu dominar a natural curiosidade; e ao abrir opportunamente o vaso que lhe coubera, achou-o atestado de reluzentes peças de oiro.

*

—Ao colhêr água numa fonte na alvorada do dia de S. João vieram á bilha de certa moça alguns caracoezinhos, de que ella tratou logo de se descartar. Escapou-lhe um, ainda assim, que depois se lhe deparou, transmutado então jã num brilhante aderêço de oiro.

*

—Foi proposto a uma jóven camponesa desencantar certa moira metamorphoseada em cobra. Appareceria esta numa fonte;

e depois de dar três giros na água endereçar-se-ia á camponesa, que lhe quebraria o encanto e a restituiria á fórma humana se nessa occasião lhe desse um beijo sem manifestar medo nem repugnância. — A moça accedeu; quando, porêm, a cobra lhe trepava ao collo, tomou-se d'um grande susto e caiu desmaiada. «*Ai, que me dobraste o meu encanto!*» — ciciou a moira tristemente, acolhendo-se de novo á mãe-d'água.

*

— A uma alta e anfractuosa penha chegou na noite de S. João um cavalleiro que ia ali encantar uma grácil princesa moira que comsigo trouxera, e a cujo casamento se queria obstar. Introduzindo, pois, a desditosa num recôncavo da penedia — «*Aqui estás e d'aqui não saìrás,* — bradou — *salvo se alguem aqui vier borrifar esta penha três vezes com três púcaros de ágoa, em três noites de S. João*». Deu fé de tudo isto um pastôr que ali re occultava, e que teve a boa fortuna de desencantar a moira. Esta voltou ao seu país e galardoou generosamente o seu libertador, chegando a mandar-lhe navios carregados de presentes.

Ao que precede, e foi publicado por mim nas *Memórias de Turquel*, vou aqui ajuntar novos respigos.

Nas immediações da Casa da Moira, situada no alludido Cabeço de Turquel, via-se ás vezes, cá ao longe, um estendal de roupa alvíssima; chegando-se lá, porêm, tudo desapparecia. Ainda assim, a moira que habitava aquella gruta, várias vezes foi surprehendida pelos pastores, ora assoalhando os seus thesoiros, ora fazendo a sua costura, para o quê se servia d'umas tesoiras muito delicadas.

*

Tambêm o Lombo Ferreiro, segundo a lenda, foi occupado por moiros, que possuíam ahi um grande thesoiro. E tamanho elle era que, receosos, ao que parece, de algum assalto, andaram com sete mulas durante sete luas a transportá-lo d'um cabeço para outro cabeço.

«*Lombo Ferreiro! Lombo Ferreiro!*
Lá me fica o meu dinheiro...»

exclamavam elles, quando, por fim, se viram obrigados a deixar definitivamente estes sítios.

*

Próximo do Poço das Vinhas, não longe da apontado Lombo Ferreiro, ha um oiteirinho que aloja em si — diz a lenda — uma talha com oiro e outra com peste. Receosos d'esta, os fariscadores de thesoiros moiricos teem-se abstido, até hoje, de averiguar o caso.

*

Uma parteira de Évora (Alcobaça) foi uma noite chamada ás Boisias, onde a introduziram numa cavidade cuja entrada era uma pequena e despercebida abertura.

Fez a parteira a sua obrigação; e em paga deram-lhe um fragmento de tijolo, que ella aproveitou para uma consciencia [1], pois era tambem tecedeira.

Um dia chega-lhe á porta um mendigo a pedir esmola.

— Deus o favoreça, irmãozinho. Muito estimaria eu ter que lhe dar; mas tambêm sou pobre.

— Tambem é pobre?! Pois não o parece.

E descobriu-lhe então, o mendigo, que aquella consciencia era um pedaço de oiro em barra.

*

A pouco mais de cem metros ao sul da fonte da Granja nasce numa cavidade ou pequena gruta, hoje quasi atulhada, a fonte da Moira.

Nessa gruta habitou outr'ora uma moira encantada, — diz a tradição popular. Por manhãs de S. Joãô foi ali algumas vezes surprehendida, penteando as suas longas e sedosas madeixas côr de oiro.

*

Num algar, hoje quasi obstruido, que se abre ao sul da fonte da Moira e que com esta — dizem — tem communicação subterrânea, vivia, noutro tempo, uma moira encantada.

Um dia appareceu ella a uma mocinha que por ali andava guardando o seu rebanho e pediu-lhe que, a trôco d'um lindo presente, lhe obtivesse de sua mãe um bolo sem sal cozido num forno novo, e que houvesse sido amassado num alguidar tambem novo com ágoa da fonte nova.

A rogos da filha, a mulher, sim, fez o bolo, mas sem attender a nenhuma das condições requeridas; e assim, quando a pastorita o apresentou á moira, esta, tomada d'uma súbita tris-

---

[1] **Pedra suspensa por um cordel, nos teares manuaes, para retesar a teia.**

teza, exclamou: «*Ai que me dobraste o meu encanto!*» E deu-lhe então um cordão de oiro, com a expressa recomendação de o passar immediatamente ás mãos de sua mãe. Mas a pequena descuidou-se; e pendurando-o ali no galho d'um sobreiro, êste, d'ahi a algum tempo, deu um estoiro e ficou logo estilhaçado. O cordão, nunca ninguem mais o viu.

Outra menina, que á sobredita moira prestara alguns bons officios, foi brindada com um cabazinho de carvões, os quaes quando a menina chegou a sua casa brilhavam como pedras preciosas. E em pedras preciosas, com efteito, elles se haviam transmutado [1].

*

Achando-se um homem do vizinho lugar de Santa Catherina num país distante, pessoa desconhecida entregou-lhe ahi três bolos e pediu-lhe os trouxesse ao *Cabeço do Castil*, devendo collocá-los sobre o Penedo Amarello e dar seguidamente três voltas á roda do mesmo penedo. Apparecer-lhe-ia então uma princesa moira, que elle, por essa fórma, desencantaria, cumprindo-lhe conduzi-la immediatamente ao seu país. A esse fim, daquelles três bolos surgiriam três cavallos, — um para elle, outro para a princesa e o terceiro para transportar o seu thesoiro.

Prometteu o homem desempenhar-se da ponderosa incumbência, e regressou logo á terra; chegando, porêm, a sua casa, a mulher revistou-lhe o alforge, e encontrando os bolos, não pôde resistir: — um foi logo encetado.

Quando isto soube, teve o homem grande desprazer, e previu logo algum insucesso. Com effeito, no dia seguinie, ao poisar os bollos no Penedo Amarello, ouviu uma voz, que magoadamente lhe bradou: — «*Vae-te d'aqui, que me dobraste o meu encanto!*» [2]

Desencantada a moira, iria ella unir-se ao eleito do seu coração, — união essa a que os seus tenazmente se oppunham. Por isso a haviam encantado no Penedo Amarello.

*

Alêm d'este penedo ha no Cabeço do Castello, sôbre o valle

---

[1] Vasos cheios de oiro sob a apparência de terra ou de carvão, davam-nos ás vezes as moiras como brinde. Tambem se têm deparado a alguns camponeses, que ordináriamente os desprezam. Se, tempo depois, vão por elles, nada já encontram.—Seriam acaso urnas cinerárias antigas esses vasos da lenda?

[2] Quando a uma d'essas moiras se dobrava o encanto, os seus thesoiros convertiam-se em carvão.

do Sórtão, o *Penedo da Cabelluda*, que encerra tambêm uma moira encantada, e juntamente um sino de oiro e uma talha com peste. Por temor d'esta, nunca ninguêm o explorou.

Segundo a mesma lenda, os pastores, em tempo, atiravam por ali ao gado com pedaços de oiro, que lhe pareciam pedras.

IV — Almas errantes, espíritos, visões

Occupar-me-ei primeiramente das *almas errantes*, que, em certos casos, vagueiam nos arredores das moradias em que habitavam quando unidas aos respectivos corpos.

Manifestam-se quasi sempre a deshoras, já despedindo ternos lamentos, já soltando gritos raivosos e uivos dilacerantes. Estas últimas são almas de réprobos que não encontram descanso em parte alguma; as primeiras, essas esperam ainda ingressar na bem-aventurança, para o quê imploram de seus parentes alguma restituïção, ou o cumprimento de promessas de que não puderam desempenhar-se.

As almas precitas tomam ás vezes, de noite, a apparência d'um cão preto, d'um gato da mesma côr, d'um porco. etc. (figuras essas que se desvanecem quando alguêm procura attingi-las), denunciando-se tambem pelo escarcalhar de muros á sua passagem, e por certos estrondos que se ouvem fóra de horas nos aposentos em que morreram pessoas mal reputadas [1].

E' nas trovisqueiras que as almas errantes preferentemente se abrigam; pelo quê algumas pessoas fogem de as cortar, como outras evitam colhêr as migalhas da mesa, de que essas almas, dizem, se aproveitam.

Iam uma noite, de jornada, alguns rapazes d'estes sítios, quando a um d'elles se lhe entorpeceram as pernas, tendo, por isso, de ficar um pouco atrás. Appareceu-lhe então ahi seu pae, havia pouco fallecido, que acalmando com palavras serenas o sobresalto que ao rapaz causara a sua apparição, lhe rogou pedisse á mãe que fôsse á Nazareth pagar uma promessa que em sua vida anterior elle fizera e não cumprira, — aliás por ali teria de errar perpétuamente.

A outro indivíduo d'aqui appareceu-lhe uma vez, de noite, uma galga preta, á qual, porque se lhe não tirava da frente, elle mandou uma paulada, desfazendo-se ella então, no ar, assim a modo de remoínho.

[1] Entre estas salientam-se as que, mediante um escrito rubricado com o próprio sangue, entregaram a alma ao diabo em troco da felicidade terrena.

As almas errantes introduzem-se ás vezes no corpo de certas mulheres, que lhes servem de *médiuns*, e então dizem-se *espiritos*, ou mais commumente, *spritos*.

Á approximação d'um *sprito*, essas mulheres, ordináriamente novas, caem num estado comatoso, interrompido, a espaços, por fortes convulsões, e emittem opportunamente, ou quando interrogadas, uns sons estranhos e mal articulados, de cujo sentido alguem ahi vae dando conta á assembleia, quasi sempre numerosa.

Ha *spritos* bons e *spritos* maus ou diabólicos. Estes esbravejam, dão urros, presagiam catástrophes; aquell'outros pedem tão sómente a satisfação de compromissos.

Podem incluir-se na classe dos maus *spritos* os fantasmas [1] ou avejões, a que o povo dá a designação genérica de *coisas ruins*, e que tomam, na maioria dos casos, figuras humanas de proporções gigantescas e côr sombria,—por vezes alvacenta. Apparecem ordináriamente em sítios insulados e lá pela noite velha, movendo-se quasi sempre a uma certa altura do solo. As suas formas um pouco indefinidas, e que se esvaem a pouco e pouco, dissipam-se inteiramente com os primeiros clarões da alvorada.

Vindo de Alcobaça e passando, alta noite, junto a uma ribanceira, viu ahi certo homem um avejão [2].

—Quem está ahi?—bradou elle. Quem é, fale! Ah, não responde? Pois lá vou eu.

E foi; mas propondo-se dar uma cacetada, e levantando, para isso, o pau de que ia munido, uma fôrça estranha lh'o deteve [3], caíndo então o avejão sôbre o atrevido, e estrafegando-o.

O pobre homem, moído como sal, ainda conseguiu arrastar-se até sua casa, mas saiu de lá pouco depois,—para o cemitério.

De outras visualidades,—luzes estranhas, sombras que perpassam, vultos indistinctos, etc,—deixo agora de falar, por brevidade.

---

1 O povo, aqui, diz *pantasma*, f., por *fantasma*, m.
2 Ha quem aponte o sitio e nomeie o individuo com quem o caso se deu.
3 Ha casos em que o pau se esgueira da mão de quem o volteia.

PARTE II

Prejuízos vários

I—Agoiros e maus influxos; dias aziagos

São agoiros [1]: os pios e lamentos do mocho, da coruja e do noitibó (*pardal da morte*), os uivos do cão, o canto nocturno do gallo antes da meia-noite e o da gallinha qne arremeda o do gallo.

Os corvos são tambem agoirentos, e bem assim os besoiros pretos e as borboletas negras de grande corpulência.

Entre as árvores, o cypreste tem algo de sinistro, attribuindo-se-lhe certa influência mórbida. Nas casas de habitação, a sua madeira gera doenças.

Não é bom augúrio sonhor com ovos. E menos o é sonhar com peixe fresco, indício de morte.

O cheiro da cera, espalhando-se muito pronunciado por toda a igreja, e o encontro inesperado do toque das Ave-Marias com o bater das horas, são tambem annúncios de morte.

Quem, no propósito de matar um sapo, o espancar, deixando-o, porêm, ainda cóm vida, penará em quanto o sapo penar e morrerá quando elle morrer.—Bruxas e feiticeiras servem-se freqüentemente d'esse animal para os seus malefícios.

As cobras, ás vezes, mammam nas vaccas, as quaes, lá a certa hora e em virtude d'uma mysteriosa attracção, correm pressurosas ao sítio onde aquellas lhes costumam apparecer.

Com o mesmo fim procuram tambem as mulheres que aleitam crianças. Quando a cobra se chega a uma d'estas, adormenta-a, e sem ser presentida, trepa-lhe ao collo e mamma com muita suavidade, mettendo no entanto a extremidade da cauda na bocca da criança, para a entreter.

Depois de mammar, a cobra toma a si a peçonha, que antes d'isso vasara na depressão d'uma rocha. Se, porêm, a não encontra, por lh'a haverem subtrahido, despedaça-se, raivosa, vergastando a pedra com o próprio corpo.

As cobras, com a idade, tornam-se muito corpulentas, criam asas e desertam para ignotas regiões. A sombra que pro-

[1] *Agoiros*, na linguagem popular, são prenúncios de successos mais ou mênos desagradáveis, ás vezes funestos.

jectam quando voam é letal, tanto para os animaes como para as plantas.

Quando se atira a uma cobra, erra-se quasi sempre o alvo.

A víbora tem necessidade de morder diáriamente; o primeiro animal em que ella morde, morre; a primeira planta, sécca.—«Não se poderia viver no mundo se o licanço [1] visse e a víbora ouvisse»,—costuma o povo dizer.

Contrahir matrimónio á terça-feira, ninguêm aqui ousa fazê-lo, por ser dia aziago. Importa, tambem, não começar viagem nesse dia, apontando-se ainda outros actos que é prudente evitar. *Á terça-feira não cases filha nem urdas teia*,—diz um adágio.

É tambem aziago o dia de S. Bartholomeu (a 24 de agosto), no qual anda o diabo sôlto duas horas.

Cortar as unhas ou fazer a barba á sexta-feira, só os judeus o fazem.

Quando se mata porco ou se faz a salga na segunda-feira do *entreluo* [2], a carne estraga-se.—¿Que segunda-feira é essa? Ignora-se; sabe-se apenas que no anno ha só uma e vem logo depois de lua-nova. Na incerteza, na primeira segunda-feira depois de novilúnio ninguem por aqui mata porco.

II.—Malefícios

Se ao varrer a casa, alguem passar a vassoira sôbre os pés de pessoa solteira, difficultar-lhe-á o casamento.

Se, quando um ausente nos estiver depreciando, puxarmos do lenço e lhe dermos um nó com a mão esquerda, mordendo seguidamente esse nó, o mal-dizente trincará ao mesmo tempo a língua [3].

Cobrir-se-ão de bubões as nádegas da pessoa sôbre cujos dejectos alguêm haja lançado um têlho de brasas.

Uma recusa de perdão dificultará, a seu tempo, a morte natural do offensor, que lhe custará muito acabar sem se reconciliar pessoalmente com o offendido.

Se tivermos uma verruga e a golpearmos de modo que verta sangue, faremos nascer tantas verrugas no corpo de al-

---

[1] O mesmo que *licranço*.

[2] Significa *interlúnio*.

[3] Por um grande calor que ás vezes sentimos nas orelhas sabêmos que falam de nós. (Veja *Revelações, presságios*).

guem, quantos forem os pontos em que com esse sangue o tocarmos. — Alguns deitam o sangue num lenço, que deixam ficar em qualquer lugar público; quem levar o lenço ficará com as verrugas.

Caem certeiras as pragas rogadas contra alguem entre a elevação da Hóstia e o Cálix (quer dizer, entre a elevação da Hóstia e a do Cálix, durante a missa).

Se intencionalmente fizermos córte ou rasgão no fato de alguma pessoa e ella o coser, ir-se-á definhando, — salvo se pegar na agulha com a mão esquerda. — Ha quem empregue esse ardil para suscitar amores; alguns, a este fim, preparam beberagens e confeições que, se não despertam o amor, ao menos estragam muito satisfactóriamente a saúde de quem as ingere.

III — Revelações; presságios

Se, pondo em alguem o pensamento, deitarmos no brasido alguma d'aquellas fôlhas de oliveira a que chamam *sortes* [1] e ella estalar, essa pessoa não nos estima. — Dois émulos utilizam tambêm ás vezes a *sorte*, por esta fórma: cada um pega numa ponta, ambos puxam, e a folha rasga-se. O que ficar com a parte ligada ao pecíolo terá a preferência.

Com o mesmo fim de saberem se determinada pessoa lhes quer bem, tomam algumas uma flor de margaça e vão-lhe despegando as pétalas uma por uma, dizendo successivamente: «*Bem me quer; mal me quer; bem me quer; mal me quer;...*» As palavras que á última pétala correspondam, esclarecem o caso.

Tem as orelhas quentes a pessoa de quem, na ausência, se está falando. Se se diz bem, aquece a orelha direita; se mal, a esquerda.

Estão dizendo mal de nós se, quando estamos á lareira, a chamma produz, por momentos, um som mais forte, como de torrente ou ventania. — Segundo outros, isso corresponde a uma deprecação das almas do purgatório, que soffrem, na conjunctura, fogo mais ardente.

Caem da mão as coisas dadas de má vontade.

As pintas brancas das unhas são indícios de outras tantas mentiras pregadas.

Quando alguem sonha três vezes com um thesoiro, elle existe realmente. A revelação é feita simultâneamente a sete

[1] Fôlhas duplas com um só pecíolo.

pessoas, podendo qualquer d'ellas descobrir um thesoiro, se do respectivo sonho a ninguem houver falado.

Quem sonha com uvas pretas está para receber uma carta.

Está para receber um presente aquelle que veste do avesso, inadvertidamente, qualquer peça do vestuário.

Receberá uma boa nova a pessoa a quem apparecer uma borboletinha branca.

Ninhos de andorinha no beiral de uma casa, são bom presságio.

A configuração tomada por um ovo que se vasasse num copo e se deixasse ao sereno na noite de S. João, revela ás jovens namoradas a profissão de seus futuros consortes.

É bom augúrio para uns noivos *chover-lhes na boda* (quer dizer, — consorciarem-se em dia de chuva).

Bens de padres não chegam a terceiro passuidor (por heranças successivas).

O rumo a que um gato leva a mão quando lava a cabeça, indica a parte d'onde soprará o vento no dia seguinte.

O soão persiste durante uma temporada cujo número de dias é, em regra, ímpar.

O vento que soprar do Natal ao Anno-Bom predominará no anno seguinte.

O carácter dos meses do anno, por sua ordem, é respectivamente *arremedado* pelos 12 dias que precedem o Natal do anno antecedente, e *desarremedado* pelos 12 dias seguintes. Assim, os dias 13, 14, 15,... de dezembro *arremedam* janeiro, fevereiro, março,...; e os dias 26, 27, 28,..., até dia de Reis, *desarremedam* dezembro, novembro, outubro,...

O que se faz no dia de Anno-Bom repete-se todo o anno.

IV — Conseqùências estranhas; factos surprehendentes

O primeiro leite sugado por um recemnascido influe no seu natural, que terá analogia com o da mulher que, na alludida circunrtância, lhe deu o peito.

Porque Adão foi feito de barro, todo o homem turva a ágoa em que se lava.

Leveda em pouco tempo a amassadura feita por pessoa de de mau génio, ou coberta com alguma peça de fato de homem iroso.

Depois de enfornado, o pão crescerá, se deitarmos uma mancheia de sal no brasido e voltarmos costas.

Ás vezes, as qualidades que caracterizam os habitantes de certas povoações provêm das águas que bebem.

A quem mata um gato passará trabalhos. — O gato tem sete fôlegos.

O sangue de quem padeceu morte violenta, por muito tempo se conserva liqùido e vivamente còrado, recrudescendo estes accidentes quando o assassino é levado ao pé do cadáver.

A quem conta estrellas nascerão verrugas; tantas, quantas as estrellas que contou.

As pessoas que comem focinheira (tromba de porco) quebram muita loiça.

Lançar ás chamas o negalho de cabello que saísse com o pente; cuspir no lume («o fogo é sagrado; saiu da bocca d'um anjo»); deitar-se numa cama, ficando com os pés para o lado da porta [1]: são actos de que resulta sempre algum dissabor.

A surdez, total ou parcial, provém da morte ou doença do bicho do ouvido.

Deitar para a rua o lixo, quando, á noite, se varre a casa, é enxotar a fortuna.

Se dermos o seu próprio nome aos ovos depostos no ninho de alguma ave não doméstica, irá lá a cobra comê-los (o que não succederá se lhes chamarmos *seixos*).

Havendo questões sôbre posse de fontes ou nascentes, quási sempre a água ahi escasseia, ou desapparece. «A água não se quer ralhada», — costumam dizer.

Quando se adquire um cão e se receia que elle volte para casa do dono, untam-se-lhe os pés com azeite.

Cabellos providos do bolbo ou raiz, postos em água, convertem-se em cobras [2].

A dòninha, que, pelo visto, não é insensível á lisonja, pára quanda lhe chamam *bonita*.

O alecrim floresce todos os sábbados.

As avezinhas suspendem a construcção de seus ninhos no dia da Ascensão.

V — Usos recomendáveis; práticas devotas

Pôsto que facultativa, é de bom aviso a observância dos actos que vou apontar:

---

[1] A propósito, lembra-me este adágio: — *Quem se deita com a cabeça para o norte, deita-se fraco e levanta-se forte.*

[2] Ha uma espécie de filária que apparênta um cabêllo animado e muito comprido. D'ahi podia provir a crêndice.

Proporcionar a uma mulher grávida quaesquer gulodices que lhe appeteçam.

Ministrar a uma criança recemnascida uma gota da ágoa em que foi lavada. «*Agoinha do c... não faz mal nenhum*», dizem as parteiras.

Empregar a fórmula impetratória: *Benza-te Deus; bons olhos te vejam*» («*e os maus quebrados sejam*,» —accrescentam alguns), quando se vê pela primeira vez uma criança de tenra edade.

Dizer a quem espirra, se for criança: — «*Para bem cresça!*» e, se for adulto: «*Dómis teco*» (*Dominus tecum*), ou «*Viva!*», ou *Deus o ajude!*» [1].

Fazer uma cruz sôbre o amassilho, premendo-o, para isso com a mão direita posta de cutello, e dizer:

> San-Mamede te levede,
> San-Vicente te accrescente,
> San-João te faça bom pão.

Outra fórmula:

> San-Bento e San-Vicente te accrescente,
> Para sustento d'esta gente.

Fazer cruzes com o pollegar deante da bocca, quando se boceja.

Benzer-se com o primeiro dinheiro recebido em cada dia.

Estando-se deitado, soerguer-se quando na rua passa algum entêrro.

Deitar uma mancheia de terra na sepultura aberta a que baixasse um cadáver.

Colhêr um raminho de alecrim quando esta planta se nos depara. Diz um rifão:

> Quem pelo alecrim passou
> E um tranquinho não apanhou,
> De Nossa Senhora se não lembrou.

Na dia de N. S. das Candeias (a 2 de fevereiro), a fim de que as oliveircs *encandeiem* ou floresçam bem nesse anno, frigir em azeite qualquer coisa, sejam embora umas folhinhas de oliveira (a praxe é fazer *filhoses* [2]).

Plantar os alhos num sábbado, sachá-los três vezes (não em maio) e recolhê-los, para não engelharem, antes do S. João.

---

[1] Na escola primária que frequentei, quando o mestre espirrava, faziam os discipulos uma inclinação de cabeça.

[2] *Filhós* (sing.) e *filhoses* (pl.) são fórmas populares de *filhó* e *filhós*.

Semear as abóboras na primeira sexta-feira de março (semeadas por um velhaco, medram muito, — dizem alguns, por facécia) e os mangericos em dia de S. José (a 19 de março).

Rezar ao SS. Sacramento quando nasce o sol [1].

Rezar a Santa Apolónia quando se vê a lua-nova pela primeira vez em cada lunação.

Rezar pelas almas quando, á noite, se accende a candeia.

Rezar pelas almas errantes quando se encontra uma trovisqueira.

VI — Medicina e prophyláctica

Accidentes; *mau successo*. — Beber água quando se tem uma luz na mão é beber o próprio juízo; segundo outros, predispõe para accidentes [2]. — Se uma mulher grávida o fizer, será mal succedida, como tambem o poderá ser se montar jumenta prenhe, pois neste caso terá mau successo ella ou a jumenta.

Asthma. — Comer um gato preto. É remédio geralmente aconselhado. Os curandeiros de profissão — cirurgiões, lhes chamam por aqui — recommendam-no com toda a segurança.

Banhos. — Um número par de banhos é desvantajoso, devendo preferir-se sempre um número impar.[3]

Braveza de crianças. — Tornam-se pacíficas e sossegadas as crianças bravias, logo que durmam um somno em cima do altar de Nossa Senhora. — Meios preventivos: não lhes baloiçar o berço vazio; não lhes mostrar a lua; ao lavar-lhes as fraldas, não as bater na pedra do lavadoiro.

Cabello. — O cabello crescerá vigoroso e abundante a toda a moça que, penteando-se na noite de S. João, enleie no ôlho terminal d'uma canna em crescimento o negalho que o pente tirasse.

Chagas. — Melhoram sensivelmente quando lambidas por um cão. — Os cães têm a língua benta desde o tempo em que alguns d'esses animais dulcificaram, lambendo-as, as úlceras de S. Lázaro [4].

Cobrêlo [5]. — Curam-no, borrifando-o com água pura por

---

[1] *«Por aquella luz divina que nos alumeia»* (o sol) é uma fórmula que o vulgo emprega frequentemente nas suas juras.

[2] *Accidente*, na linguagem popular, equivale a syncope ou deliquio.

[3] Nas fórmulas e práticas folklóricas, o emprêgo de números pares é muito restricto; os impares 3, 9, 7 e 5 são ahi os preferentes.

[4] Trata-se do pobre Lázaro da parábola evangélica (*Luc.*, XVI).

[5] *Zona*, segundo a terminologia médica.

meio d'um pequeno aspersório de fios de esparto. Entretanto vão dizendo:

Eu te curo, bicho, Com ágoa da fonte
Com San-Pedro e Christo, E asparto do monte.

Tambem o atalham, escrevendo sôbre elle algumas palavras ás avessas, ou *cortando-o* com as costas d'uma faca. Neste caso, a fórmula é a seguinte:

Quando San-Romão era estudante,
Todos os bichos andavam para trás, nenhum para deante.
Aqui te corto, aqui te ralo,
Corpo, cabeça e rabo.

Para o evitar, passar com ferro quente ou defumar com alecrim a roupa branca, sôbre a qual bem podia haver passado, no estendal, algum bicho peçonhento. Nossa Senhora, segundo o povo, perfumava tambem com essa planta as faixas do Menino Jesus.

Crianças desmedradas.—Evite-se passar ou saltar por cima d'uma criança, porque com isso tolhe-se-lhe o crescimento.

Dentes botos.—Para que os alimentos ácidos não embotem os dentes é bom ferrá-los num marmello pendente da árvore na alvorada do dia de S. João.

Dentes que caem.—Quando a alguma criança cae algum dos dentes do leite, e para que outro o venha prestes substituir, costuma ella dizer:

Moirão, moirão:
Toma lá este dente podre e dá-me cá um são.

E tambem:

Dente fóra,
Outro na cova.

Seguidamente atira-o para trás das costas, ou para o telhado.

Descòramento do rosto.—Quem o quiser evitar, no primeiro dia de maio levante-se antes de nascer o sol. Não o fazendo, entrar-lhe-á o maio no corpo, e por conseqùência andará todo o anno descòrado.

Desmancho.—De uma queda ou trambolhão resultam ás vezes *desmanchos*, que podem ser do *bucho* ou da *espinhela* [1].

---

[1] *Espinhela*, termo popular, é a extremidade inferior e cartilaginea do estêrno, ou osso do peito.

Para o averiguar, manda o curandeiro que o paciente se deite no chão, de costas, levando-lhe elle então os braços ao alto e repuxaudo-lhe as pernas. ¿Nota-se qualquer differença no comprimento dos membros pares? É porque ha desmancho: da espinhela, se essa differença é nos membros superiores; do bucho, se é nos inferiores.

Para concertar a espinhela, o curandeiro fricciona com a mão os antebraços do doente, começando nos sangradoiros, e untando-a para isso com azeite no qual se frigissem certas ervas medicinaes (losna, alfavaca de cobra, etc.).

Tratando-se do bucho, as fricções fazem-se no ventre, de cima para baixo.

Depois o concertador pendura o doente nos próprios ombros, anda cam elle, assim, d'um lado para o outro, dá-lhe umas sacudidelas, põe-lhe depois emplastros de pez loiro na bocca do estômago [1] e sôbre os rins, e recommenda-lhe, a final, que, durante nove dias, coma bem, evite todo e qualquer trabalho, não faça grandes movimentos ambulatórios e se conserve de cama, pelo menos, nos três primeiros dias.

Estes processos admittem algumas variantes.

Dores.—Fricções com um preparado de bòdanha, devendo excluir-se a que trepasse a alguma figueira.

Dores de dentes.—Quando se vê a lua-nova pela primeira vez em cada lunação, ajoelhar perante ella e dizer:

Deus te guie, lua-nova,
Em todos os teus crescentes;
Em louvor de Santa Apolónia,
Que me livre da dor de dentes.

Padre noso... Ave-Maria...

Diz-se três vezes.

Empigens.—De manhã, estando-se ainda em jejum, humedece-se a empigem com saliva, dizendo:

Tanto medres tu aqui,
Como eu já hoje comi.
Boas noites!

Repete-se isto á noite; mas então, em lugar de *Boas noites*! diz-se: *Bons dias*!

E assim se continua por algum tempo, até a empingem desaparecer.

[1] Este emplastro faz-se ás vezes com as plantas a que me referi.

Enguiço.—Para preservar do enguiço, ou quebranto, as crianças de peito, aproveita collocá-las ás avessas, quando mammam. (Veja também *Amuletos*).

Entorse.—A um leve desarranjo das articulações entre a mão e o antebraço ou entre a perna e o pé, chamam *ar* [1]. «*Metteu-se-me aqui um ar nesta perna, neste pulso*»,—costumam dizer. E é assim que *tiram o ar:*—Tomam uma púcara cheia de ágoa a ferver, emborcam-na dentro d'um alguidar, collocam uma tesoira em cruz sôbre o fundo da púcara e põem, depois, o pé ou a mão em cima da tesoira. Se a ágoa se for recolhendo á púcara,—o que, de ordinário, acontece, em virtude de o ar estar ahi rarefeito pelo calor—o incommodo dissipar-se-á.

Erysipela.—Com uma penna de gallinha preta embebida em azeite [2] besunta-se a parte lesada, dizendo:

—Pedro Paulo, foste a Roma;
Que viste lá?
—Muita gente com erysipela e bôlha má.
—Pedro Paulo, torna lá,
E unta com óleo de oliveira e penna de gallinha preta.

Esipla [3] (enxaqueca).—Pedir a um mendigo, *pelo amor de Deus*, uma moeda de cinco réis, furá-la e pendurá-la ao pescoço.

Espigas das unhas.—Não cortar estas á sexta-feira.

Falar tardio.—Ás crianças que tardam em falar,—resultado, ás vezes, de se verem ao espêlho—dá-se-lhes água da amassadeira.—Usa-se tambem o seguinte ensalmo:

O senhor San-Luís
Dê fala a esta criança,
Que não sabe o que diz.

Farpão.—Passar pelo ôlho doente um objecto de oiro.

Hérnia ou *quebradura.*—A cura das crianças rendidas obtem-se por esta fòrma, na madrugada de S. João.—Reúnem-se três Marias, um João e um Manuel ao pé d'um carvalhinho ou d'um vimeiro, ao qual o Manuel fende longitudinalmente a haste.

---

[1] Distinguem, aqui, entre *ar* e *ramo de ar*. Esta última expressão designa um ataque de paralysia.

[2] É particularmente recommendável o azeite da lâmpada, o qual entra na constituição de vários remédios populares, bem como a *cera bella*, amarella, não curtida; a cera do *gallo* ou *vela Maria*, isto é, a que, na Semana Santa, occupa o ápice do candieiro triangular; a ágoa benta, sendo preferivel a que se tira da pia entre a elevação da hóstia e do cálix; etc.—Alguns curandeiros usam nas suas mixtelas urina, excremento de rato, pós de sardão tisnado, etc., etc.

[3] Não confundir com *erysípela* ou *erysipéla*.

O João e uma das Marias passam então alternativamente a criança um ao outro pela abertura do vime, cujas metades o Manuel mantem afastadas, e dizem: — «*Dá cá, Maria!*» — «*Toma lá, João; ahi tens êsse menino doente, dá-m'o cá são*». Repetem isto três vezes.

Entretanto, uma das outras Marias fia uma estriga, para o que se provê de roca e fuso; a outra rasga em tiras a camisa da criança: e todos, com o auxílio d'essas ligaduras, unem de novo as duas partes da vergôntea. Se estas, com o tempo, forem soldando, a deformidade da criança ir-se-á ao mesmo passo resolvendo, até desapparecer.

Ictericia.—Urinar nove dias a fio sôbre um tufo de marroiros.

Incontinência de urinas.— As crianças que passam o serão á lareira, não brinquem com o lume; aliás, nessa noite urinarão na cama.

Incubação.— Para que a incubação dos ovos d'uma gallinha decorra sem incidente, e os pintos não morram na casca por occasião de alguma trovoada, collocam-se dois ferros em cruz por baixo do ninheiro.

Influências maléficas.—Provem de origens várias: — bruxedo, feitiçaria, mau olhado, mal de inveja, etc. Como podem evitar-se, veja em *Amuletos.*

Influência da lua.—A lua exerce tambem uma influência maléfica sôbre as criancinhas cujas faixas e cueiros ficassem ao relento em noite de luar, e ainda sôbre aquellas que attentam nesse astro.

Uma criança *apanhada da lua* anda triste e mofininha, não tem síria, não tem vigor, ri-se quando dorme, os seus excrementos tem côr esverdinhada, etc.

É simples o remédio que póde oppor-se á tanta lástima: — cifra-se em pendurar ao pescoço da criança uma meia-lua de pau de aroeira, feita pelo padrinho.

Com a erva-da-lua tambêm se prepara um remédio contra esse incómmodo das crianças, para o qual, aliás, se conhece um preservativo, que é dar-lhes a lua por madrinha.

O folklore infantil consignou este último facto. Dirigindo-se á lua, costumam as crianças dizer:

Ó minha madrinha:
Dê-me pão com sardinha.

Inguas.— Quem tem uma íngua, assenta um dos pés, descalço, numa pouca de cinza, e retirando, depois, o pé risca uma cruz sôbre a pègada.

Outros, traçando uma cruz sôbre a íngua com um dente de alho, dizem:

Íngua corto,
Íngua talho;
Em louvor de San Bento
E de San-Bernardo.
Padre nosso..., *Ave Maria...*

Insolação. — O curativo faz-se num quarto escuro, mas no qual, por uma pequena abertura, entre uma réstea de sol. Ahi, põem sôbre a cabeça do doente uma toalha dobrada, e em cima da toalha, invertido, um copo com água, collocando o paciente por fórma que a réstea incida nessa ágoa, e a aqueça. Ora como o calor, assim, persiste no interior do copo, e a evaporação — causa de resfriamento — é ahi muito restricta, a ágoa bem depressa entra em effervescência, e ao mesmo tempo o incómmodo — dizem — vae-se a pouco e pouco dissipando.

Ha quem prefira, para *tirar o sol*, o processo que expus para a cura da entorse; mas, emborcada a púcara (a tesoira é dispensável), terminam a operação pondo o alguidar sôbre a cabeça do doente. O sol, então, vae-se escapulindo á medida por que a ágoa vae entrando na púcara.

Leite que falta ou que escasseia; seios doentes. — Mulher com criança de peito não se debruce na cama d'uma parturiente, porque, fazendo-o, a esta seccar-se-lhe-á o leite.

Quando uma gata, uma cadella, ou outro animal que ande amamentando seus filhos, ingere, por qualquer fórma, leite de alguma mulher (o que ás vezes acontece quando as crianças o bolsam), a essa mulher escassear-lhe-á bem depressa o leite, e o do alludido animal augmentará.

Esta inversão poderá a mulher desfazê-la dando ao animal, numa tigela, algum do seu próprio leite, e bebendo ella, depois, o que elle deixar.

Algumas mulheres que soffrem dos peitos, ou não têm leite sufficiente para criar seus filhos, pegam-se com S. Romão, que se venera na Lameira (Aljubarrota), a quem ellas brindam com garrafas de leite, vasando-o numa pia ahi destinada a essas offerendas.

Para propiciar S. Romão ha este este ensalmo:

San-Romão, San-Romão coroado,
Em Belêm foi nascido, em Belêm foi criado,
Que nos livre de serpentes e sezões quartãs,
Inimigos baptizados e por baptizar:
E sempre a San-Romão me hei-de encommendar.

Mordedura de cão.—Applicar á ferida um emplastro em que entrem alguns pêlos do mesmo cão.

Nascidas.—Havendo de apontar-se, no próprio corpo, o local em que alguêm tenha um abscesso, diz-se: *Aqui salvo seja;* ou então: *Sôbre tal lugar.* A omissão de alguma d'estas fórmulas pode fazer que no local apontado appareça um abscesso igual àquelle a que se fizesse referência. As nascidas aggravam-se, vendo-as ao espêlho.

Olhos inflammados.—Lavá-los com a ágoa em que um boi, bebendo, deixasse alguma espuma.

Parto difficil.—Promovem o bom successo algumas badaladas dadas num sino da paróchia pelo marido da parturiente. Enfiar na cabeça d'esta um barrete do pae do nascituro, dá tambêm bom resultado.

Pé dormente.—Fazer sôbre o peito do pé uma cruz com saliva. As crianças dizem:

Desadormenta-te pé,
Que lá vem o lobo Mé
Por a vinha do Thomé,
Que te ha-de querer comer
E não has-de poder correr.

Raiva.—Evite-se que os cães lambam sangue humano, para se não damnarem.—Suspeitando-se que elles, ou outros animaes, fossem mordidos por cão hydrôphobo, mandam-se benzer.

Rebanhos.—Avigora-se-lhes a saúde, defumand-os junto ás fogueiras de S. João.

Sapinhos.—Contra os *sapinhos* ou aphtas das crianças, metter-lhes na bocca a chave do sacrário.

Sarampo.—Envolver a criança num estofo de côr vermelha, —prática esta modernamente rehabilitada pela chromotherapia.

Sezões.—D'ellas se livram alguns, comendo qualque coisa que muito lhes appeteça. Diz-se: *As sezões vão-se com desejos.* Ha quem tome uma aranha viva e a encerre num canudo, pondo este, depois, ao pescoço. A aranha vae-se mirrando e as sezões vão decrescendo, até que findam. Tambem aproveita comer pão de milho novo, cozido num forno novo.

Sombra de figueira.—É nociva. Para que o não seja, quem se acolhe a essa árvore despega-lhe préviamente três fôlhas.

Tympanite.—Tratando-se de animaes, fustiga-se-lhes a barriga com uma palma benta, ou, na sua falta, com um ramo de figueira baforeira (figueira brava).

Usagre. — Sobrevêm ás crianças ainda não baptizadas, quando se lhes passa uma luz por cima da cabeça.

Verrugas. — Esfrega-se cada verruga com sua pedra de sal, que depois se deita no lume, e foge-se rápidamente, para não ouvir a crepitação. Tempos depois, as verrugas desapparecem.

VII — Amuletos

Contra as bruxas, nozes de três esquinas e cabeças de alho são amuletos de apregoado valor. Figas, cruzes, chifres de carneiro e corninhos de carocha tambem o são; mas estes preservam cumulativamente da feitiçaria, do enguiço ou quebranto (mau olhado), etc.

Também a arruda tem virtude contra o enguiço e outros maus influxos. Quando ella em nosso caminho se nos depara, é de bom aviso não passar adeante sem a cheirar. Diz um adágio:

Quem por um pé de arruda passou
E a não cheirou,
Se pouca saúde tinha, com menos ficou.

Mencionarei aínda o aipo (*«onde está o aipo branco não põe o Diabo quebranto»*), palbas-alhas, o fumo das mesmas, o da arruda e o de lascas de corno, etc.

Contra os encantamentos é bom o sino-sàmão.

Uma meia-lua feita de pau de aroeira preserva da influência da lua as crianças de tenra edade.

Nunca as descargas eléctricas attingem o local em que se guarda uma pedra de raio [1], nem aquelle onde vegetam rosas de Santa Bárbara.

Uma cabeça de víbora apprehendida na primeira sexta-feira de março confere immunidade contra sortilégios, e proporciona certas vantagens aos jogadores, e a todos que se dão ao exercício das malas-artes.

Turquel (Alcobaça), 26-12-916.

José Diogo Ribeiro.

---

[1] As chamadas *pedras de raio* são authênticos machados neolíthicos. Por ocasião de trovoada e segundo a crendice do vulgo, aquellas pedras, a que chamam *coriscos* quando pequenas e provêm dos *astros* (por *astros* entende o vulgo as altas regiões atmosphéricas), introduzem-se sete braças pela barra dentro, adquirindo depois um movimento ascensional em virtude do qual, ao fim de sete annos, chegam de novo á superficie do solo.

ESTUDOS CAMONIANOS

(Vid. *Revista Lusitana*, vol. XIX, págg. 227-232)

II

«É mortificante o trabalho de imprimir com perfeição livros latinos, e ainda mais o de imprimir livros gregos, mas superior a tudo está o desgosto de ver tão mal empregada tanta solicitude, neste tempo em que mais se cuida das *armas*, do que se presta atenção às *letras*».

No «Prólogo» de Aldo Manucio ao Thesaurus Cornucopiae — *1497*.

As Duas Portadas dos Lusíadas de 1572

Dando a público, em 1880, a sua excelente monografia — **A Primeira Edição dos Lusíadas** — escrevia Tito de Noronha a pág. 23:

«Seja como fôr, do que não pode restar duvida, é que a edição dos *Lusiadas*, authentica, impressa em 1572, por Antonio Gonçalves, é a que tem na portada do rosto o pelicano com o colo voltado *á esquerda* do leitor.»

Nove anos depois, imprime Francisco Gomes de Amorim, nosso sempre lembrado amigo, a sua «edição crítica» — **Os Lusíadas de Luís de Camões** —, e no tomo I, cap. XXVI, pág. 125 da «Introducção», desenganadamente declara:

«... de nenhum dos auctores que tenho lido, até hoje, côlho prova alguma que contrarie a minha convicção inabalavel: a edição considerada *segunda* por todos os criticos (excepto pelo sr. Tito de Noronha) é a que foi primeiro impressa.»

Por último, outro nosso muito prezado amigo, sr. Dr. Xavier da Cunha, dá a lume, em 1893, a tão estimada poliglota — **Pretidão de Amor** — *Endechas de Camões a Barbara escrava* —, e em Nota I, de pág. 100, adverte:

«(Chamo edição *princeps* á que em Lisboa sahiu, estampada na officina de Antonio Gonçalves em 1572, com o bico do pelicano que figura no entablamento da portada frontispicial voltado para *a esquerda* do leitor).»

Nestas três transcrições, pois, está patente o testemunho de que já desde 1880 vinha públicamente *afirmado*, ainda que não perentoriamente *provado*, ser a verdadeira edição *princeps* dos **Lusíadas** a que apresenta na gravura frontispicial o Pelicano, que aí se vê, em lugar de honra, com o colo voltado para a *esquerda* do leitor.

Decorrendo, porêm, o ano transcurso, fica, emfim, o facto indubitávelmente *provado* pela inclusão no *Catálogo N.º 8* da Livraria alfarrabista do sr. Manuel dos Santos, estabelecido no Largo do Calhariz, desta capital, da «reprodução zincográfica da *Regra e Statutos da Ordem de Santiago*, das três que Germão Galharde imprimiu, a ultima, a de 1548.» [1] Esta portada foi a que o impressor António Gonçalves empregou (já mutilada e desfigurada, quási, no tempo do seu primeiro possuídor) vinte e quatro anos depois, na 1.ª ed. do célebre Poema. Innocêncio, que descreveu a 1.ª das preditas três impressões da *Regra*, a de 1540, limitou-se a apontar as datas das duas seguintes, sem mais esclarecimentos de nenhuma espécie. No artigo a que em Nota *infra* nos referimos demos de tudo sumária conta, e segundo no-lo permitia a índole de uma folha diária, que não admite longas explanações erúditas, narramos as peripécias que matizaram êste interessante assunto da bibliografia portuguesa.

O que resta, pois, agora, é contar os antecedentes históricos e literários do assunto, explicando o porque foi que nem Tito de Noronha, nem Gomes de Amorim, nem quantos antes dêstes dois autorisados críticos versaram o assunto, puderam explicar a dualidade frontispicial da 1.ª ed. do Poema, e por conseguinte o porquê; nem um, nem outro dos nomeados puderam *provar* a prioridade do frontispício: — Pelicano com o colo voltado para a *esquerda* do leitor.

É o que passamos a fazer, adicionando à nossa narrativa a interpretação *simbólica* da célebre portada; o que não será, assim o cremos, menos estimado pelos estudiosos. Ela contribuìrá igualmente para corroborar o que em nosso já lembrado artigo do jornal *O Dia* deixámos afirmado: — «A gravura frontispicial aplicada á portada da *Regra e Statutos da Ordem de Santiago*, de 1548, é a que serviu, mutilada, à 1.ª ed. dos **Lusíadas** de 1572; é a que apresenta o colo do Pelicano voltado para a *esquerda* do leitor».

---

[1] Expressões do comêço do nosso artigo no jornal *O Dia*, de 10 de Junho de 1916. Cumpre explicar que há uma *Regra* desta Ordem, impressa em Setúbal em 1509, pelo alemão «Hermann de Kempis», de que nós fizémos «Armão de Campos».

Proximo ao último quartel do século XVI saiu à luz, nesta «mui nobre, leal cidade de Lisboa», um livro que tinha por título e mais dizeres:

Na parte superior do frontispicio:

OS / LVSIADAS / DE LUIS DE CA / MÕES

Ao centro:

Com privilegio / real

Na parte inferior;

Impressos em Lisboa, com licença da / Santa Inquisição, & do Ordina / rio: em casa de Antonio / Gõçalves Impressor.

1572

Enquadra este título uma gravura em madeira, executada em quatro peças soltas, representando uma portada, composta de envasamento, duas colunas e frontão, no meio do qual figura um *Pelicano*, que alimenta os filhos segundo a crença do tempo, isto é, recurvando o bico sobre o peito, e rasgando-o, para aquele fim.

Saiu êste livro «*in* 4.º, contendo 186 folhas numeradas pela frente, além das duas primeiras inumeradas, que conteem o frontispício, privilégio, e informação do qualificador» [1].

Pormenor que adiante se vai ver quanto se torna necessário ter em vista:—o alvará que concede a licença e privilégio ao autor para poder imprimir o Poema, e gozar os direitos da edição por dez anos, está assim composto:

«Em Lisboa a xxiiij de Setembro de MDLXXI».

O Livro é o que sabemos. *Dez* cantos de um Poema em que o Divino Camões,—no que muito pese à crítica assombradiça de um José Agostinho—exaltou:

«.... o peito illustre lusitano
«A quem Neptuno e Marte obedeceram.»

[1] *Dicion. Bibl.* Tom. v, art. «*Luiz de Camões*», pag. 239 e segg. Não entramos no ajuizar do como deva classificar-se o formato do livro: se em 4.º, se em 8.º Limitamo-nos apenas a transcrever a informação do douto Innocêncio.

Mil cento e duas estâncias, em que o Poeta deixou para todo sempre celebrizada a nação que alcançou a suprema ventura de o ter por compatriota; *oito mil oito centos e dezasseis* versos feitos para honrar o nome português, imortalizando o «genio sumo» que os entreteceu com a história do seu país: *cincoenta e cinco mil seis centos trinta e um* vocábulos inspirados pelo mais nobre de todos os sentimentos; — o do amor pátrio, e destinados a serem vertidos em *doze* línguas vivas, desde Castela até à Rùssia, de Veneza a Cracóvia, de Londres a Copenhague. Quere dizer: — um total de *oitenta e três* traduções a ajuntar às *cem* edições nacionais que os **Lusíadas** teem tido no espaço de *quatro* séculos [1], não contando as diversas edições das *Obras*, as *sete* versões latinas, a grega, de Verdier, que se perdeu, e a hebraica, de Lusetto, que Mickle e Delstrich citaram; — muito mais de *doze milhões* de palavras, só pelo que toca ao Poema em si mesmo.

Considere-se ainda o número infinito de comentários e de estudos biográficos e críticos, tanto nacionais como estrangeiros, os excertos e inúmeras citações a que a obra monumental do Poeta de há séculos tem dado matéria, assim como as referências às suas outras obras; considere-se, emfim, a extensão bibliográfica, necessária ao perfeito recenseamento de toda esta operosa e vastíssima aplicação literária, por um só mas potentíssimo engenho suscitada, e não será demais que se computem em *vinte milhões* de termos os que formam a «bibliografia Camoniana»; tudo quanto, emfim, se tem trabalhado para fundir com a luz do Sol a glória do Imortal Poeta, e com ela a glória de Portugal! [2]

Quanto à gravura frontispicial que serviu para ornamentar a *primeira edição* do Poema, célebre ficou ela tambem, não tanto por ter sido empregada no Livro, como pela fôrça das circunstâncias que a acompanharam no glorioso emprêgo.

Como execução artística, pertence esta gravura, na verdade, ao número das que o douto Ribeiro dos Santos achava «mostrarem bem a falta de desenho que então havia, e quanto era vacilante e mui pouco déstra e assentada a mão de seus artífi-

[1] Tanto o número das traduções, como o das edições nacionais se acham de presente mais aumentadas.

[2] A economia estatística dos **Lusíadas** foi por nós dada a lume em Nota 1, do I artigo dêstes **Estudos Camonianos**, no *Boletim da Sociedade de Bibliophilos «Barbosa Machado»*. Anno III, N.º 3—Lisboa, 1916.

ces». Nem por isso deixaria, contudo, de possuir títulos que a viessem a recomendar ao estudioso, ao bibliógrafo e ao bibliófilo, ainda que a êstes títulos se estivesse, em 1572, muito longe de supor especie alguma de importância, e que tal gravura não tivesse sido ocasionalmente empregada pelo impressor para frontispicio dos **Lvsiadas**.

Porque o facto é que, não só semelhante frontispício não foi executado *de propósito* para esta obra, mas nem sequer tinha já, no ano em que a ela foi aplicado, novidade alguma. Bem pelo contrário: — havia vinte e cinco anos que vira a luz da publicidade, empregado em certo livro, para o qual longe de lhe suceder como a respeito dos **Lvsiadas**, fôra propositada e mui expressamente desenhado e aberto.

Não contando, porêm, a obra em que origináriamente figurou, havemos de ver que, ao menos de conhecimento já averiguado, foi o frontispício de que se trata utilizado em mais *cinco*, impressas na oficina onde nascera, e que uma vez entrando na posse do impressor António Gonçalves, ainda, que se saiba, êle o empregou noutro livro, dois anos antes de o fazer servir à edição *princeps* dos **Lvsiadas**.

Supondo que de todas as *oito* obras, pois, a que, de sciência certa, este frontispício até então servira se hajam tirado, uns por outros, 300 exemplares [1], reproduziu-se êle em 2:400 tiragens, o que vale como atribuir-lhe outros tantos esmagamentos num grosseiro prelo do XVI século.

Devia, portanto, estar bem estafada e gasta semelhante gravura, e razão não deixava de ter, neste particular, Antonio da Silva Tullio, para alegar em favor de seus engenhosos raciocínios a fácil deterioração do artístico artefacto [2].

E com efeito, como êle ficára, depois de tirada a célebre primeira edição do Poema Camoniano, se pode ver na sua reaparição aplicada à raríssima obra intitulada *Regra do Glorioso Patriarcha S. Bento*, que António Ribeiro, provável sucessor de António Gonçalves, e proprietário do material que a êste perten-

---

[1] Não formamos, na verdade, precisa ideia do número de exemplares que, por êstes tempos, comportaria qualquer edição normal.

Reportámo-nos à natureza das matérias, e ao volume das obras e sua importância relativa, considerada sob o tríplice aspecto de *devoção*, de *curiosidade* e do *interesse geral* (como era, por exemplo, o *Reportório dos Tempos*), em que êste célebre frontispício conhecidamente figurou. A consideração de que o número de exemplares devia de aumentar, em proporção com o dispendio da obra, para valer a pena imprimi-la, sem risco de prejuizo, pesou tambem no cômputo suposto.

[2] Nos artigos do *Archivo Pittoresco*, a que adiante nos referirêmos.

cera, imprimiu em Lisboa, em 1596. Facilita este exame a reprodução zincográfica do rosto da aludida *Regra*, publicado, com as mais gravuras que acompanham a obra, incluindo o famoso frontispício que nos ocupa, entre a pág. 590 e 591 do *Catálogo* N.º 7 da Livraria do mesmo inteligente alfarrabista, sr. Manuel dos Santos, a quem já nos referimos, o qual dispunha então de um exemplar, mencionado sob o n.º 4718.

Em pleno século XVII, porêm, descobriu-se que andavam no público *duas impressões* ou *edições*, dizia-se, tão semelhantes e iguaes, que apenas por certas diferenças materiais e graficas se discriminavam.

Dera pela duplicação o comentador Manuel de Faria y Sousa, o qual na «*Vida del Poeta*» (2.ª), inserta no tomo I da sua edição das *Rimas Varias*, se exprime nos seguintes termos:

> «27... El gasto desta impression fué de manera, que el mismo año se hizo otra. Cosa que aconteció rara vez en el Mundo; y en Portugal ninguna más de esta. Y porque esto ha de parecer nuevo, y no facil de creer, yo asseguro que lo he examinado bien en las mismas dos ediciones que yo tengo: por differencias de caracteres; de ortografia; de erratas qué ay en la primera, y se ven emẽdadas en la segunda; y de algunas palabras con que mejorò lo dicho.»

Manuel de Faria e Sousa publicára em 1639 uma edição comentada dos **Lvsiadas**, e falecera dez anos depois, vindo o 1.º tomo da edição das *Rimas*, por êle comentada, a saír póstumo em 1685. Do passo transcrito se vê que o acérrimo comentador do Poeta, uma vez entrando no conhecimento da revelada duplicação, e acusando as diferenças «de carácteres» e de ortografia, e assim mesmo as *erratas* que observara entre os dois diversos exemplares, de que veio a declarar-se possuìdor, um dos quais demonstrou não conhecer ainda em 1639, nem por sombras desconfiou da genuinidade de uma de tais duas edições;—a que era do seu uso. Bem pelo contrário; vinte e cinco anos de trabalho sôbre um exemplar da edição que, de 1880 em diante, se indicou ser a *segunda* das duas datadas de 1572, acostumaram de tal modo o indefesso comentador a te-la por *única* daquele ano, que, em presença da que de novo conhecia, acha-

va ser ela «*segunda*» aperfeiçoada pelo Poeta, por emendas e «algunas palabras con que mejoró lo dicho»!

Ora do mesmo modo que as diferenças gràficas, e outras, das duas edições, nenhum abalo produziram neste entusiastico admirador do grande Poeta, e nenhum reparo lhe mereceram, para as estudar e comparar, existindo, aliás, em uma delas, como êle notára, sem lhe entrever o alcance, a prova incontestável do propósito feito e assente de se substituir em todo o Poema um sistema ortográfico por outro—«por diferencias de... ortografia», escrevera,—ficando desta sorte para todo sempre inconfundíveis as duas tiragens, também lhe não atraiu a inadvertida atenção a circunstância, pelo menos extraordinária, de se ter ao mesmo passo procurado, sem a menor sombra de dúvida, confundir uma com outra a gravura frontispicial do livro, adotando-se o expedito processo de copiar por transparência, e o mais exactamente que se soube, a que devera ter sido a *primeira* desenhada e gravada.

A isto, porêm, se reduzira a característica principal desta subrepticia imitação, por isso que, alêm das diferenças entre um e outro dos dois exemplares, a que Faria e Sousa aludiu em termos gerais, referindo-se ao Poema, logo no texto do Privilégio e no da censura de Fr. Bartolomeu Ferreira se encontram as diferenças ortográficas e de partição que o Visconde de Juromenha notou em sua edição, vol. VI, pag. 480 e segg., e que mal se compreendem como fruto de uma imitação persistente. A disposição da data do Alvará de privilégio é tópico de primeira ordem, para ajuizar do inegável valor das dissimilhanças apontadas.

Assim, ao passo que na *primeira* edição verdadeira, a do Pelicano, colo para a *esquerda* do leitor, se imprimiu:

«Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a xxiiij: de Setembro de MDLXXI»;

Na *segunda* verdadeira compôs-se o texto pela seguinte forma:

«Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa a vinte & quatro dias do mes de Setembro, de MDLXXI».

Seguem-se depois, no Poema, as diversificações graficas, a que decerto se referia Faria e Sousa, e as alterações de texto e de grafia, a que dão começo os já tão comentados versos:

«*E* entre gente remota edificar*aõ*
«Nouo Reino, que tanto sublimar*aõ*.»

substituidos por:

«Entre gente remota edeficar*am*
«Nouo Reino, que tanto sublimar*am*.» [1]

Pelo que toca, porêm, à imitação do frontispicio, saiu esta, ao primeiro aspecto, tão semelhante ao original, que a não se dar a circunstância de estar em uma representado o Pelicano, a que nos referimos, com o colo voltado para a *esquerda do leitor*, e em outra, o mesmo palmipede, com o colo voltado para a *direita*, nem pelo próprio frontispício seriam imediatamente destrinçados os dois diversos exemplares, apesar de, alêm daquela, outras mais divergências de desenho se revelarem a um exame atento.

É, portanto, da singular contradição existente neste facto:— que, emquanto se procurava confundir num só os dois frontispícios, se operavam, de propósito feito, e subordinadas a um outro sistema gráfico, profundas alterações na redação e na ortográfia de um dos textos, e até se diversificava a composição tipografica de muitos vocábulos,—que veio a nascer o infortúnio dêste assunto interessantíssimo da literatura pátria, protraindo-se assim até nossos dias a resolução de um dos mais notáveis problemas da bibliografia nacional.

Manuel de Faria e Sousa, porêm, nada disto viu, nem previu. Entusiasmado com o Poema que tantos cuidados e canceiras, por tão largo espaço de anos, lhe havia custado, não teve olhos para alcançar mais do que a glória—desculpável cegueira, por tão generoso motivo!—do seu Poeta querido, sintetizada na, por êle suposta, necessidade de levar-se, no mesmo ano, a efeito a nova edição, para satisfazer à procura extraordinária que atribuiu ao livro. Daqui procedeu que, não o deixando a agradável impressão que do facto recebia em nada mais pensar, nem reflectir, pela mesma ordem porque lhe viera o conhecimento das duas edições, na aparência irmãs, o transmitiu, infelizmente, à posteridade, nem sequer advertindo que sendo *só* para se realizar segunda impressão *melhorada*, no mesmo ano, não era absolu-

[1] Note-se que nosso sempre lembrado amigo Francisco Gomes de Amorim, comentando esta 1.ª estância em sua «edição crítica e anotada» *Os Lusíadas de Luís de Camões*—Lisboa, 1889, estabelece que a conjunção *E*, posta na *primeira* edição verdadeira, no comêço do v. 7, está fora do seu lugar, colocando-a o competente comentador, por isso que poeta e sabedor, portanto, das regras métricas, na restituição que empreendeu, no v. 5, como Visconde de Juromenha opinou também.

Inteiramente alheio às exigências da metrificação, entendemos, que, a não resolverem elas, dificil ha-de ser, perante a ordem do pensamento, decidir em qual dos dois versos, na verdade, o Poeta colocaria tal conjunção, se é facto, como Gomes de Amorim pretende, que Luís de Camões não reviu as provas da sua obra.

tamente necessário que para ela se imitasse o frontispício da que êle tinha por original.

É óbvio, pois, que se Faria e Sousa, todo enlevado na que tomou por tão extraordinária excepção, que julgava dever empenhar o seu testemunho de escritor e homem público, para ser acreditado, nenhuma atenção prestou a qualquer dos dois frontispícios, não deixaria igualmente, se lhe tivera ocorrido confrontá-los, de tomar a imitação pelo original, tão persuadido estava, sem mais reflectir, que à prioridade das duas edições correspondia, sem discrepância, a ordem cronológica porque êle sucessivamente as fôra adquirindo.

Ora, aos que depois dêle vieram, sem darem, a seu turno, pelo equívoco em que Faria e Sousa laborava, outro tanto sucedeu, e eis como se engendrou êste *qui-pro-quo* literário que só ao cabo de séculos devía ser desfeito.

Foi depois do aparecimento, em 1685, da edição das *Rimas*, comentadas por Manuel de Faria e Sousa, isto é, trinta e sete anos após a sua morte, e sabe Deus quantos depois que êle dera pela duplicação cujo conhecimento deixou inédito, que se entrou na posse do facto pela maneira, infelizmente viciada, que deixamos exposta, e que tanto havia de influir no juizo de pósteros escritores, no tocante à procedência e crédito literário das duas famosas edições.

Que, pelo que toca à intenção que terá presidido ao empreendimento da, já agora, declarada *segunda* edição, o sincero entusiasmo de Faria e Sousa esteve bem longe de ser seguido pelos que depois dêle versaram o assunto. Bem ao inverso, com efeito, de terem a duplicação por decisória prova da pretendida popularidade do Poema, os críticos que sucederam ao entusiasmado comentador, vendo nela intenções de manifesta fraudulência, mais ou menos extensa e grave nas conseqüências, mais ou menos atentatória do Direito, segundo a procedência que lhe era assinalada, ou chegaram a supôr o próprio Poeta conivente na *fraude*, por motivos que em certo modo o absolveriam dela, ou o fizeram a êle, ou a sua veneranda mãe, vítimas de especuladores derrancados, explorando cinicamente a miséria do Poeta, e a completa ignorância de Ana de Sá em assuntos em que interessava o seu direito [1].

[1] Gomes de Amorim, entre outros, em sua «edição critica», já citada, escreveu, com efeito, na *Introdução* do I vol., a pág. 114:

«A segunda edição do poema, não é, pois, senão uma contrafeição da primeira.

Entretanto, em 1861, António da Silva Tullio, versando por sua vez o assunto, dera uma nova face à questão.

Para êle, se havia dois frontispícios, não havia *duas* edições: Discorria Tullio que:

> «As alterações e emendas que se notam nos exemplares que existem, não provam diversidade de edições, não só porque muitos erros da primeira se repetem na que se julga ser *segunda*, mas porque esta traz erros que não vem n'aquella outra. — Isto prova, accrescentava, que houve mais de uma tiragem, que as emendas se fizeram na fôrma, e que algumas folhas saíram mais correctas que outras, aproveitando porém o editor todas quantas se imprimiram, de que resulta não sabermos qual seja o exemplar mais conforme ao original, ou antes, á copia que serviu para esta primeira edição.» [1]

Procederiam estas razões, ainda que mais hipotéticas do que provadas, mais engenhosas do que verosímeis, se, como objectou outro não menos competente crítico e analista, se não demonstrasse, pelas diferenças ortográficas de *todas as folhas*, haver evidente e manifestamente mais de uma edição [2].

Mas, se não tinha havido, como Tullio pretendeu, *duas* edições, perfeitamente caracterizadas, ou melhor, *duas* series de exemplares da mesma obra, acobertadas sob *dois* frontispícios, tão iguais que só uma diferença de desenho mais em evidência em um dos atributos dêles denunciou a dualidade, para que serviria o emprêgo de um segundo frontispício?

Tullio, que assim como todos os mais escritores que o antecederam, e alguns dos que depois dêle vieram, entrou no êrro de julgar a questão dando mais atenção à obra, tal como tipográficamente se apresenta, do que aos *frontispícios* que acompanharam as duas edições, como que responde a esta pregunta, explicando a existência de uma das duas gravuras do seguinte modo:

> «O argumento da gravura, que serve de tarja ao rosto dos exemplares de 1572, estar ás avessas em muitos deles, tambem não prova que houvesse duas edições, porque as

Saiu tanto mais incorrecta, quanto maior foi a ignorancia dos que a tentaram subrepticiamente, com a intenção criminosa de roubar a mãe do poeta, provavelmente no mesmo anno de 1580, em que falleceu seu filho; ou ainda no de 1579, adquirida a certeza prévia de que elle se não levantaria mais do seu leito de tormentos».

[1] *Archivo Pittoresco*, 1861. A pag. 173 começam os artigos deste escritor.

[2] Gomes de Amorim, *in* «edição critica», cit.—«*Introdução*».—Em diversos passos dela, e nomeadamente a pag. 125, onde, resumindo, escreveu: «... porque se prova, segundo já fartamente demonstrei, que em *todas* as folhas de ambas se acham mudanças, desde o principio até ao fim ...»

gravuras de madeira mettidas no prelo deterioram-se facilmente, e por isso, inutilisando-se a que servira para a primeira tiragem, fez-se outra desenhada por um dos rostos impressos (do que resultou ficar ás avessas) para se continuar a impressão».

Ora, nada se oporia, com efeito, a que uma gravura que, segundo já deixamos notado, presumívelmente se prestara no largo espaço de vinte e quatro anos a mais de 2:000 tiragens, estivesse realmente gasta e incapaz de aguentar toda ou parte da tiragem do Poema, qualquer que houvesse sido o número de exemplares a que, segundo a suposição de Tullio, ela pudesse ainda ter aproveitado.

Sem nos termos por obrigado a aceitar, pois, a hipótese engenhada pelo distinto crítico, e não tendo, sequer, a certeza de que todas as obras que tem aparecido com o célebre frontispício original sejam as *únicas* em que êle foi empregado, devendo, pelo contrário, esperar-se que averiguações mais persistentes, dentro e fóra do país, aumentem a lista dos *oito* exemplares já conhecidos, impressos até 1572, não nos repugnaria crer que por efeito do só trabalho conhecido, à gravura de que se trata, de todo incapaz de continuar a servir, se dessem por terminados os seus dias, ao terminarem também os trabalhos tipograficos da *primeira* edição dos **Lvsiadas** [1].

Mas o que Tullio não advertiu, e lhe dá em terra com a afirmativa, que não provou, de se ter feito nova gravura, para acabar a tiragem da edição que afirmou ser *única*, é que é justamente em *todos* os exemplares que vieram a lume a coberto do referido frontispício, repetido, «por se ter inutilisado — como êle, arquitectou — o que servira à primeira tiragem», que se observa a persistência sistemática da mudança em *am* do ditongo *ão*, tanto nos simples substantivos e advérbios, como em todos os tempos da infinidade de verbos que o Poema comporta, onde tal mudança pode caber, contra o canon ortogràfico de Duarte Nunes do Lião, vulgarizado desde 1573 [2]; é que é nestes

---

[1] Já vimos que decorridos 14 anos (1586) ainda ela apareceu na raríssima *Regra de S. Bento.*

[2] Querê dizer: se a verdadeira *segunda* edição dos *Lvsiadas* de 1572 é obra, como Tito de Noronha se persuadiu, de André Lobato, e foi levada a efeito, como êle crê, entre os anos de 1584 e 1586, teve o zeloso refundidor da ortografia camoniana, o igualitário seguidor do «*am*», farto ensejo de ver que o ditongo «*ão*» expresso por *am*, o declarou Duarte Nunes «erro manifesto».

«Finalmente, diz ainda o célebre gramatico, com o dito ditongo se hão de screver, na final terminação, to-

exemplares da que, por mofina, correu por serem os da verdadeira *primeira* edição, que se observa a tendência para prestar ao *y* as honras de membro do alfabeto português, nas emergencias preconizadas por Pero de Magalhães de Gandavo [1]; é que é nestes exemplares que as vogais coroadas de *til* figuram como sílabas perfeitas — ã por *an*, ẽ por *en*, ũ por *um*, etc., em obséquio á abstrusa doutrina do velho grámatico Fernão de Oliveira, e seus amoucos. O que Tullio não advertiu, tambem, é que é nestes exemplares que se atribui a Luís de Camões linguagem de preto, quando se refere aos *ingleses* [2], é que é nestes exempla-

---

dolos nomes, que vulgarmente se screvem por *am*, dizendo capitão, alemão, galeão, tabaleão, se queremos screver como pronunciamos.»

E ainda adiante:

«... que nenhum nome nem verbo se screva no fim per *am*, que he pronunciação alhea da que nós damos aos dictos vocabulos.»

Orthografia, per João de Barreira, MDLXXVI.

[1] A famosa trilogia do I, «jota, comprido, y, grego, e i, pequeno» está consagrada pelo autor citado no texto, em suas *Regras que ensinam a maneira de escrever a ortographia da lingua portuguesa*» dadas a lume em 1.ª ed. por António Gonçalves, Lisboa, 1574.

Pelo que respeita ao y, diz-nos o autor:

«Este y, grego, se seguirá sempre em meyo de diçam, quando acontecer entre duas vogaes, & nunqua terá pronunciação de consoante, assi como joya, mayor, moyos, etc.»

Em obediencia a este belo canon ortografico, ainda ha bem poucos anos certos letreiros das vias públicas de Lisboa ostentavam o indispensavel Y nos vocabulos *Arroyos*, *Atalaya*, *Atayde*, *Poyaes*. Ortografia igual, e que ainda não teve emenda, nas taboletas dos «*Alfayates*».

«E noutra nenhuma parte se deve vsar, nem será sofriuel, saluo se for em cabo de diçam diante vogal, assi como, Rey, darey, foy, muy, etc., que parece bem em semelhantes lugares & não offende a pronunciação da lingoagem.»

Innocencio, que introduzira êste autor entre o número dos que, por nome proprio, se chamam *Pedro*, sem remeter os leitores, na abreviatura *Pero*, para o lugar que lhe assinou na letra inicial, declara não ter logrado ver nenhum exemplar, das três edições que cita, das «*Regras que ensinam*, etc.

Por nossa parte, afirmamos que tomámos os nossos apontamentos do exemplar da ed. de 1590, existente na Sala dos *Reservados* da Biblioteca Nacional, sob o n.º A-428.

[2] Conquanto na 1.ª ed. verdadeira do Poema esteja estampado «*Inglesa*» e «*ingleses*», reconhecemos que bem poderia o Poeta escrever tais vocábulos tal qual a primitiva forma: — preferência do *r* ao *l* — pois que, seguindo esta, ainda no século XVII.º tal vernáculo prosador, qual foi D. Francisco Manuel de Melo, a usou em uma de suas *Epanaforas*, e apesar de escrever «*Inglaterra*», escreveu «*ingrezes*».

Êste exemplo, porêm, excelentemente prova que ao promotor da edição contrafeita minguava o especial critério linguístico de que tantas provas o Divino Poeta nos deixou em sua Obra. Ela não é só, com efeito, um inspirado hino apoteótico à Pátria, que tanto amou, mas um verdadeiro repositório, também, de castiça, polida e aprimorada linguagem.

res, emfim, que se notam as emendas mais crueis e os lapsos de revisão mais censuráveis que podiam ter escandalizado o zêlo do Poeta pela possível integridade do seu pensamento, se êle tivera passado pelo desgôsto de ver o seu bom senso, as suas letras e o seu saber tão atrozmente comprometidos.

Por conseguinte, quer pelo motivo engenhado por António da Silva Tullio, quer pelos que Tito de Noronha [1] e Gomes de Amorim [2] aduziram, para afirmar que a que tem sido considerada *primeira* edição é que é realmente a *segunda*, e que esta não passa de ser condenável contrafeição daquela, sempre é certo que, de quantas folhas tem o Poema, *duas* edições se fizeram, perfeitamente distinguíveis uma da outra por diferenças que não só se não concebem em nenhuma imitação, destinada a fazer-se passar fraudulentamente pela verdadeira, mas, por isso mesmo, se não prestariam a considerar tal, quer uma, quer outra, quando se não soubesse, como hoje de certeza o sabemos, que a edição imitada da *princeps* é a que tem no frontispício o Pelicano, com o colo para a *direita* do leitor.

Somos chegados ao memorável ano de 1880, e sai a lume, escrita por Tito de Noronha, a Memória — *A Primeira Edição dos Lusiadas.*

Nesta excelente monografia opina finalmente o conspicuíssimo escritor que o verdadeiro frontispício da edição *princeps* dos **Lvsiadas** não podia ser, em suma, senão o que apresenta o colo do Pelicano voltado para a *esquerda* do leitor.

Tito de Noronha conta, com efeito, ainda que um tanto menos bem disposta a sua narrativa, que em 1554 dera a lume o impressor Germão Galharde, de nação francês, uma obra em que aparece a gravura frontispicial que serviu à estampagem da edição verdadeira dos **Lvsiadas**, tal qual a gravura era, antes de sofrer a mutilação por que passou em fins dêsse mesmo ano de 1554 [3].

---

[1] *A primeira Edição dos Lusiadas*—Porto e Braga, 1880.

[2] Na obra sup. cit.—«*Introdução*».

[3] Eis o principal do titulo da aludida obra:

«Tratado de la/vida loores y excelencias del glorioso a/postol . . . san/luan . . . . . . /:cõpuesto/por el P. F. Diogo de Estella . . . /».

Tem no fim a seguinte subscripção:

«A Loor y Gloria de/Dios, acabose el tratado de la vida e excelẽcias del glo/rioso euangelista sant Iuan, en la muy noble e siempre/ leal ciudade de Lisbona, en la imprẽta de German / gallarde imprimidor del rey nvestro senor. / Acabose a nueve del mes de

Mas esta gravura, dir-se-há tambêm agora, assim como fôra propositadamente desenhada para a obra onde em 1548 veio pela primeira vez a lume, ao passo que demandava certa largueza de margens, ocupava bastante campo no espelho, ou espaço destinado ao título das obras em que fosse aproveitada.

Tal inconveniente, junto ao mais elevado custo de papel que se prestasse a maior formato, seriam orígem de transtornos técnicos e económicos. Quer por tal motivo, pois, quer pelo não menos plausível, explicado por Tito de Noronha [1], ou por ambos os motivos juntos, certo é que se resolveu, como fica dito, operar na gravura de que se trata considerável mutilação, não parecendo que, depois de 9 de agosto de 1554 até 13 de novembro do mesmo ano, em que se sabe ter saido a lume o famoso frontispício, em seu novo e já agora definitivo aspecto [1], nenhuma outra obra produzisse Germão Galharde, em que tal portada, figurasse, modificada ou não pela mutilação sofrida.

Depois desta obra, mais *duas* se publicaram executadas pelo mesmo impressor, tendo por frontispício a gravura mutilada de 1548. Nem uma, nem outra, porêm, declaram, como aliás se vê em tantas do século, a data em que foram acabadas, sendo lícito

---

Augusto, Ano de mil quinientos y cinquenta y quatro».—Biblioteca Nacional. *Reservados* A-246.

Padre João Bautista de Castro, tratando dos «Escritores Portugueses» em seu *Mapa de Portugal*, tom. II, P. 4.ª, enumera entre os expositores da Sagrada Escritura a Fr. Diogo de Estela, do qual diz, apoiado em Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*:

> «Fr. Diogo de Estella, religioso franciscano da provincia de Santiago, a quem muitos querem fazer natural do reino de Navarra, *sendo verdadeiramente portuguez*.»

Lá terão sabido o porquê...

[1] «A gravura, com o trabalho da impressão, sofreu alguma cousa, principalmente as partes destacadas do cheio da peça, onde a compressão era mais violenta...»

Certos atributos «foram mais ou menos esmagados...».

Mem. cit., pag. 81.

[1] Eis o título da obra em que foi aproveitado:

«*De las Sentencias que hasta nuestros tiempos, para edificacion de buenos costumbres, estan por diversos Autores escritas, &*» — Cit. por Innocencio, que lhe transcreveu igualmente a subscrição final, onde consta a data que se lê no texto. Vid. *Dicion. Bibl.* tom. VII, pág. 254.

Uma das duas razões por que Innocencio incluio esta obra em seu Dicionário, sendo escrita em castelhano, e por autor anónimo, foi, como êle o declarou, «a singularidade com que nos rostos d'ela se apresenta a mesma tarja que dezoito anos mais tarde, isto é, em 1572, aparece tambem nas primeiras edições dos **Lusiadas**, feitas na oficina de Antonio Gonçalves.»

Vamos ver adiante que êste impressor já dois anos antes fizera servir a uma outra obra a mais que discutida tarja.

supor por vários indícios, que ambas pertençam ao ano de 1555 [1].

O aspecto do frontispício de que se trata ficou tal, com a mutilação sofrida, que, a não serem certos atributos de maior evidência, quási poderia passar por ter sido outra a chapa que o produziu [2]. Não foi tal mutilação, porêm, tão dextramente praticada, que não deixasse nas peças que a sofreram vestígios evidentes. Por isso, e porque os atributos restantes são e estão de todo o ponto conformes com o primitivo desenho e sua disposição, há a mais absoluta certeza de que a chapa frontispicial das obras apontadas em Nota é a mesma a que Tito de Noronha se refere.

Faleceu Germão Galharde em 1560, deixando viúva e um filho de menor idade, que não parece, se continuou a existir, ter praticado a arte de seu pai. Manteve-se a viúva à testa da casa, acabando a impressão do *Repórtorio dos tempos em linguajem portugues*, que seu marido começára, e que já em sua oficina fôra tambem reimpresso em 1557 [3].

Como não vimos exemplar algum destas duas edições, não podemos saber se na portada de uma ou de outra, ou de ambas, terá figurado a tão discutida gravura. Tito de Noronha, em nota (68) de pág. 80 da sua Memória, tambem se refere à edição que a viúva Galharde terminou, sem dizer, contudo, cousa alguma acêrca do rosto dela.

Mas em 1563 voltou a viúva do activo impressor a fazer nova edição do mesmo *Reportório*, que segundo se vê, era reim-

---

[1] As obras a que nos referimos no texto são, pela ordem que lhes presumimos, as seguintes:

1.ª *«Principios e fundamentos da christandade, ou dialogo com um breve summario de lembranças do que cada um deve guardar no estado da vida que tomou»*.

Este é o titulo transcrito por Innocencio, diferindo bastante do que se lê em Tito de Noronha, *Memoria* cit., não duvidando nós que de qualquer das maneiras se intitulasse a obra, que o douto bibliografo classificou «opusculo».

2.ª *Svmmario ẽ/ qve brevemente se/ contem algvas/ covsas (assi ec/clesiasticas/ -como secv/lares) qve/ ha na ci/dade de Lisboa./*

Declara-se autor desta obra, no verso da página frontispicial, o Guarda-roupa do Arcebispo de Lisboa, «Cristouão Rodriguez doliueira».

Quer seja esta, quer a inversa, a ordem da publicação destas duas obras, cousa é de pouco momento. O que, em todo o caso, cremos, é que o *Summario* não saiu a lume, senão em principios de 1555; pelo menos, no fim do ano anterior.

[2] Adiante daremos a justificação desta afirmativa, transcrevendo certo pssso da *Bibliotheca Historica Portugueza*, de Jorge Cesar de Figaniere, que tem ligação intima com este assunto.

[3] De que Innocencio dá noticia em seu *Dicion. Bibl.*, não no lugar proprio, mas tratando de Valentim Fernandes, tom. VIII, pág. 397.

presso trienalmente. Aí foi, de certeza, empregado o célebre frontispício, pois que, apesar de Inocencio não mencionar esta edição, vimos na Sala dos *Reservados* da Biblioteca Nacional o exemplar B-10, achando-se exarado na parte inferior da famosa gravura o ano referido, e no fecho do livro a subscrição:

«em casa da viuua molher q̃ foy de Germão Galhardo.» (*sic*)

Aqui estão, portanto, os *seis* exemplares de obras saídas da oficina de Galharde, e de sua viúva, em que figura o frontispício: — Pelicano, colo à *esquerda* do leitor.

Trespassou, porêm, Ana Picaia, a viúva de Germão Galharde, a sua oficina — e dizemos «trespassou», se é que não falecera, — porque presumimos ter sído para ela que Marcos Borges mudou a que, em suas obras, dizia ter «atraz de Nossa Senhora da Palma». Ou porque a nossa presunção se não verifique, ou porque a Marcos Borges, tendo material próprio, só lhe conviesse a casa, certo é que o que pertencia à viúva Galharde passou ao poder de António Gonçalves, acaso «obreyro de emprimidor» do velho tipógrafo francês, e que, em contrário do que diz Tito de Noronha, já a meiados de 1566 se achava estabelecido, como em outro nosso escrito o deixamos patente [1].

Cinco anos depois (1570), reedita êste impressor o imprescindível *Reportório*, não se achando também esta reimpressão compreendida no *Dicion. Bibliogr.* entre o número das mencionadas no tom. VII, pág. 77, mas existindo um exemplar, o n.º B-11, na Sala dos *Reservados* da Biblioteca Nacional. Ora, o frontispício adotado por António Gonçalves para êste livro é ainda a famosa gravura de que nos temos ocupado.

Finalmente, dois anos depois, utiliza-a de novo êste impressor na *primeira* edição dos **Lvsiadas**, verificando-se ultimamente que em 1586 ainda ela esteve no caso de figurar, posto que um tanto fora de propósito, na *Regra de S. Bento*, como anteriormente notamos.

Eis como êste misterioso frontispício, desenhado e aberto em 1548, deitou até êste último ano, tendo sucessivamente servido, que se saiba, a *nove* obras diversas, das quais *duas* o reproduziram tal qual primitivamente fôra desenhado, e *sete* o

[1] Acêrca de Germão Galharde e sua viúva, bem como a respeito de Marcos Borges, António Gonçalves e outros impressores do século, veja-se a nossa *Noticia de Livreiros e Impressores em Lisboa, na 2.ª metade do Seculo XVI*, 1911 — Imprensa Libanio da Silva, Travessa do Fala-Só, 24 — Lisboa.

repetiram tal qual, depois da mutilação sofrida, ficou para sempre estampado no Immortal Poema.

Mas, — e redobra aqui o infortúnio que tem malsinado êste assunto — aproximando-se a época da celebração do Tricentenário Camoniano, ocorrera muito naturalmente, — e excelente fôra a inspiração, se mais cedo se manifestára, — a Tito de Noronha, dar forma literária a apontamentos desde anos laboriosamente coleccionados, para pôr em público a sua notável Memória — *A Primeira Edição dos Lusíadas:* — ; notável, com efeito, apesar de alguns senões, tanto mais para lastimar, quanto é sobejamente sabido como houvera sido fácil ao autor evitá-los, se não foram precipitações de ocasião.

Tarde levada a efeito a resolução, faltou já ao autor o tempo necessário para subordinar os seus numerosos apontamentos, os seus especiais estudos críticos, os seus largos conhecimentos das espécies que mais de perto se relacionavam com o tentador assunto principal, a um quadro bem delineado, e ao sossêgo necessário para o aperfeiçoar e bem ligar.

Sucedeu, pois, o que era natural: — saíu a obra acentuadamente mal digerida no plano, e a parte informativa, tão copiosa e interessante, senhora, como podia ter ficado, do grande êxito da Memória, para o assegurar ao autor, que tanto o merecia, incompleta, contraditória e confusa em sua redacção. A própria revisão técnica, em suma, foi de tal modo descurada, que gera pena o pensar-se que ha de haver quem, não tendo conhecido, nem a pessoa, nem a competência e letras do autor, lhe ajuíze da gramática pelas repetidas provas de precipitação de que o revisor dá testemunho, deixando passar, sem a corrigir, a gramática dos tipógrafos.

Declara Tito de Noronha, no final da nota (68), da pág. 80, que do impressor Germão Galharde conhecia — e concebe-se bem que conhecesse — «mais de *setenta* edições». Só o catálogo das composições portuguesas e traduções para o idioma pátrio, de nós conhecidas e notadas, comporta 86 números, entre obras de tomo e simples folhetos. Ora, entre aquelas figuram *três* edições da obra onde, e em uma das quais, a terceira, apareceu o célebre frontispício, objecto dêstes estudos. Sairam dos prelos de Galharde em 1540, 1542 e 1548. A obra é a *Regra de Santiago.* A ela nos referimos em nosso citado artigo do jornal *O*

Dia, de 10 de junho de 1916, ao qual aludimos no comêço dêste II Capítulo de nossos *Estudos*.

—¿É possível, preguntamos agora; é possível admitír a presunção, sequer, de que Tito de Noronha não incluisse o conhecimento de tal obra entre o número de «mais de setenta edições» que se gabava de ter visto, saídas dos prelos de Germão Galharde? É realmente possível que Tito de Noronha não conhecesse esta *Regra* e esta edição dela, principalmente, familiar como se mostra com todas as produções dos séculos da infância da «arte impressória»? É possível conceber ainda, que Tito de Noronha—que desde longe se andava preparando para lançar no mundo dos estudiosos, e dos interessados nos assuntos da bibliografia portuguesa dos seculos XV e XVI, e principalmente no círculo dos Amadores Camonianos, esta grande, esta decisória verdade: — «a edição verdadeira *princeps* dos **Lusíadas** é a que tem na portada o pelicano, com o colo voltado para a *esquerda* do leitor!»;—é possível, repetimos, conceber que Tito de Noronha, encetando a parte *informativa* da sua tão útil Memória, salte por cima da *prova provada* da sua asserção, deixando-a em inexplicável olvido, para preferir referir-se ao primeiro dos livros conhecidos, que, depois da obra a que lhe conviria ir direito, apareceu, ostentando a célebre portada, mas já incapaz, ela própria de apresentar ao leitor o testemunho irrecusável da sua verdadeira origem?

Pois foi o que aconteceu!—Mas como?—Outro inexplicável caso!

> «Examinando os productos da imprensa portugueza durante o seculo XVI—escreve—pode-se tambem determinar qual seja a 1.ª edição. (dos **Lvsiadas**, bem entendido)
>
> «Em 1551 sahiu das oficinas de Galharde o *Summario de Lisboa*. O rosto é mettido em uma portada de madeira, que se tornou celebre. Compõe-se a portada de um plintho com seus adornos; de duas columnas, com caneluras na metade inferior, cahindo da esquerda para a direita do leitor, e a meio d'ellas dois capacetes sobrepujados com uns festões que não chegam a pousar na gola dos capiteis; *pela parte de trás dos capacetes, em guisa de tropheus, umas alabardas cruzadas;* no entablamento vê-se um pelicano, com o collo voltado á esquerda do leitor, entre dois golpinhos *de phantasia*.»

Pedimos ao leitor benigno se sirva tomar nota de que tudo que nesta descrição transcrevemos em itálico, é por nós sublinhado. Já vamos ver o que é que, na realidade, está por detrás des-

tes capacetes, e lá mais para diante mostraremos que a «*phantasia*» dos golfinhos foi fantasia do autor.

Continua, porêm, logo Tito de Noronha, escrevendo:

«Em 1554 o mesmo impressor imprimiu o *Tratado de la vida loores y excelencias del glorioso apostol... San Ioan*, de Diogo d'Estella; serve a enquadrar o rosto *a mesma portada*.» (!)

Passa depois a explicar como, e por que se resolveu mutilá-la, e acrescenta:

«Foi assim que a portada tornou a servir, em 1554, no livro impresso tambem por Germão Galharde *Primera parte de las Sentencias que... estan por diuersos Autores escritas*.

«A mesma portada, *já sem as lanças*, serviu ainda na edição da *Doctrina d'prinçipios e fundamentos d'christãdade*, do bispo do Algarve D. João de Mello.»

Sublinhamos «já sem as lanças», porque alêm de intempestiva, neste lugar, semelhante advertência, na descrição da portada referira-se Tito de Noronha, como acabamos de ver, a «umas alabardas cruzadas». Da própria fotogravura da mesma portada, uma das quatro que acompanharam a Memória, se vê que não há nela lanças nenhumas, e alabardas, há *uma só*. Tudo o mais que forma o resto dos trofeus está longe de se parecer com alabardas e com lanças.

Seguem-se as referências ao falecimento de Germão Galharde, e á actividade industrial da sua viúva, limitada pelo autor ao ano de 1563 [1].

E logo, concluindo a sua explicação de como a gravura do *Summario* e do livro de Diogo de Estela veio a ornar a edição verdadeira *princeps* dos **Lvsiadas**, escreve, por fim Tito de Noronha:

«Antonio Gonçalves estabeleceu prelos em Lisboa em 1568, tendo adquirido typos e utensilios que anteriormente haviam sido de Galharde, e imprimiu em 1572 a primeira edição dos *Lusiadas*, servindo-se no rosto do livro da mesma

---

[1] Outra distracção de Tito de Noronha:

Ana Picaia, viuva de Germão Galharde, só depois de 21 de março de 1564 desfez a oficina, ou faleceu, acaso. O *Exemplo para bien vivir*, de Fernão Peres de Gusmão, a 4.ª das obras que se sabe terem sido por ela impressas, traz, com efeito, no fecho aquela data como a do acabamento da obra. (Cf. o n.º A-443, dos *Reservados* da Biblioteca Nacional.)

portada que servira ao *Summario*, á *Vida de S. Juan*, e *depois de aparada* (é nosso o italico) ás *Sentencias* e á *Doctrina de principios.*» [1].

Agora, o verdadeiramente extraordinário da parte de um bibliógrafo bem farto de saber, decerto, que o que estava deixando imprimir não passava de um infeliz agregado de inexactidões, e de inexplicáveis confusões:

«Alem desta portada, tambem ainda Gonçalves *possuia outra*, que anteriormente fôra de Galharde: é a que aquelle empregou na edição do *Reportorio dos tempos* de 1570, e servira noutra edição anterior do mesmo *Reportorio*, impressa em casa da viuva Galharde em 1563.»

Não há pontos de admiração bastantes para comentar semelhante infortúnio informativo!

Em primeiro lugar, não foi em 1551 que o *Summario*, dito de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, «saiu das oficinas de Germão Galharde». No próprio livro está a prova de que no ano seguinte ainda se não achava a imprimir. No verso da pag. *C* (as páginas dêste livro não são numeradas) [2], referindo-se aos muito mil cruzados que a Misericórdia recebia de esmolas, cada ano, escreve quem quer que foi, Cristovão ou outra pessoa:

«E o ano de quinhentos E cincoenta e dous recebeo mais de sesenta mil cruzados:»

A nosso humilde ver, o *Sumario*, poderá como já dissemos, — e sempre que a ocasião o tem permitido o temos afirmado — ter vindo a lume em fins de 1554, e em todo o caso, *depois* do *Tratado* de Fr. Diogo de Estela, por isso que êste livro é, que se saiba, o que após a *Regra de Santiago* de 1548, em que a célebre portada primeiro apareceu, a repetiu *inteira*, eliminada já, todavia, nela a lâmina de dois gumes cravada no punho e

---

[1] Tito, assinando o ano de 1563 ao têrmo da actividade impressoria da viuva, e o de 1568 ao estabelecimento de Antonio Gonçalves, abrio uma margem de 5 anos ao destino que teriam «os prelos, os tipos, as vinhetas», que «passaram naturalmente a outros possuidores».

Em nosso sentir — e assim o exprimimos em nossa alegada *Noticia* — não ha nada disto. A viuva, ou morreu ou trespassou a casa, depois de 21 de março de 1564, a Marcos Borges, se são certas as suspeitas que, a respeito deste, já fizemos entrever, e o material não havia de ter muito tempo para andar perigrinando, antes de ir parar ao poder de Antonio Gonçalves, pois que em 17 de setembro de 1566 já nós o encontramos estabelecido, como declaramos supra.

[2] Aos menos versados no assunto cumpre explicar que ha uma 2.ª edição dêste livro, datada de 1755, tão rara, porêm, cemo a primeira.

guardas em forma crucífera, que é o distintivo da Ordem, e campeava no espelho do envasamento, a que a corôa de louros serve de moldura.

Por conseguinte, tendo sido o *Tratado de la vida loores y excelencias del... apostol San Iuan* o *unico* em que se amostrou intacta, depois da sua primeira aparição, a portada de que se trata, salvante a pequena eliminação a que nos referimos, a descrição que Tito de Noronha dela faz, aplicando-a à do *Summario,* que toda a gente pode ver que não tem alabardas nem lanças, que não tem troféus, que não tem nada «pela parte detraz dos capacetes»; que não é, em suma, senão o *terceiro,* ou, pelo menos, o *segundo* [1] dos exemplares, conhecidos, que sairam a lume depois da mutilação operada, é, não só descabida, mas causadora de confusões, difíceis de desfazer perante os menos versados na matéria.

Ora, estas confusões aumentam-se, dizendo Tito que em 1554 saíra o *Tratado,* servindo a enquadrar o rosto «a mesma portada».—A mesma, decerto, mas, apenas com a ablação do emblema da Ordem, *completa* em tudo mais; *completa,* como poucos a hão-de conhecer, porque o que raros sabem, ou saberiam antes de Tito de Noronha o contar, mal contado, como vemos, é que desde 9 de agôsto, pelo menos, de 1554, tal portada não ficou sendo senão um reflexo do que fôra em 1548. Com a mutilação que sofreu nas armas, nos «troféos», que Noronha atribuiu ao *Summario,* em vez de os descrever aplicados ao *Tratado* do frade navarrino, êste frontispício ficou sendo uma espécie de Abelardo, das artes de impressão portuguesas do seculo XVI.

Manifesto se torna daqui, que o que Tito diz acêrca da *Doctrina de principios* é puro pleonasmo, no tocante à ausência das «*lanças*». Êste livro está no caso do *Summario, mutatis-mutandis,* no que respeita às datas de aparição, circumstância que nenhuma importância tem para o caso. Apareceram ambos sem troféus [2].

---

[1] Conforme se quizer estabelecer a precedencia entre este livro e a *Doctrina de principios,* visto que nem um nem outro têem data, como ficou dito.

[2] Fixemos em breve *Quadro* as datas de aparição de todas as obras mencionadas:

Regra de Santiago—3.ª ed. de Galharde—15 de Junho de 1548—Frontispicio *ad hoc.*

Tratado de Fr. Diogo de Estella—9 de agosto de 1554—Frontispicio tal qual, menos o distintivo da Ordem.

Sentenças—13 de novembro de 1554—Frontispicio mutilado.

Principios de christandade—Fins de 1554, ou principios de 1555.

Agora, pelo que toca a António Gonçalves, o que Tito escreveu é que tem importância suma; não pela dos acertos, em que não abunda, mas pela das gravíssimas inexactidões, de que está cheia, comprometedoras, até, dêsse mesmo incompleto êxito a que ficou limitada a sua, aliás, tão oportuna monografia.

Tito de Noronha fixa o estabelecimento de António Gonçalves em 1568, por ser dêste ano que viu datados os primeiros testemunhos da actividade independente deste impressor. Abstraindo da questão de saber-se se não haverá algum trabalho de António Gonçalves, produzido antes daquele ano, devendo-se atender a que a cautela nos manda pôr de sobre-aviso a êste respeito, uma vez que é fácil de provar, até pelos próprios frontispícios, conhecidos, do século XVI, que obras houve de tal século que não chegaram até nós, [1] de certo, temos o que já dissemos: — que em data de 17 de setembro de 1566 já António Gonçalves estava estabelecido. E acrescentaremos agora: — na Costa do Castelo, «na rua que vai do Postigo de Santo André ao Baluarte de Sam Lourenço», no bairro conhecido pela designação (antes, do que denominação) de «rua das casas de Manoel Afonso», antigo assento da chamada Vila Quente; tudo tal qual consta da nossa já alegada *Notícia*.

Não sendo natural que entre tal data e o ano de 1568 António Gonçalves permanecesse inactivo, aí está já margem larga para se reconstituir a bibliografia industrial do impressor dos **Lusiadas**, se tal cometimento fôr possível.

Bem sabemos que não podia Tito, com respeito ao tão falado impressor, ter outra notícia, que não fosse a indirecta, resul-

---

Svmmarío de Rodrigues de Oliveira—Idem, idem.
Reportorio dos tempos—1563.
Dito—1570.
Lvsiadas—1572.

[1] O do n.º A-149, da Sala dos *Reservados* da Biblioteca Nacional, por exemplo, que, assim como o de que estamos tratando, foi expressamente feito para uma outra obra, diferente desta em que foi aplicado, mas que se não conhece.

¿Entanto, quem nos dirá que sumisso levou a 1.ª ed. da *Aulegrafia*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, que em 1561 teve nova edição, e que feições, teve a 1.ª ed. da *Comedia Ulyssipo*, do mesmo autor? ¿Quem nos dirá se realmente existiram os *Triumphos de Sagramor*, e se as conjecturas de Innocencio, acêrca da existencia desta obra prevalecem ou não? ¿Quem nos resolverá o problema das edições portuguesas do *Palmeirim de Inglaterra*, de que se diz ter havido uma edição em 1564, a qual seria já *terceira*, a respeito de duas outras anteriores, que totalmente se não conhecem? Quem nos resolverá tantas e tantas dúvidas desta materia e valor, que estão esperando, e continuarão, provavelmente, por largo espaço a esperar solução satisfatoria;—noticias de vista pelos reconditos de tantas bibliotecas de amadores, ciosos de seus recatados tesouros?!—Veja-se, a respeito do *Palmeirim*, o que diz Manuel Odorico Mendes, em seu *Opusculo acerca do Palmeirim de Inglaterra*,—Lisboa, Tip. do *Panorama*, 1860. 8.º grande, 79 pag.

tante da primeira data, conhecida, de uma impressão da sua oficina, as *Poesias* de Cadaval Gravio. Circumstâncias excepcionais nos permitiram dar os pormenores que aqui se têem lido, acêrca dêste impressor, e da viúva Galharde, respigados em a *Notícia* que em 1911 publicamos, e a que já aludimos. Não é, pois, o atribuir Tito de Noronha ao ano de 1568 o estabelecimento de António Gonçalves que nos admira. O que nos causa sincera pena, é ver o ilustre bio-bibliógrafo, como que trabalhando contra o principal empenho da sua muito bem vinda monografia, afirmar que António Gonçalves, alêm da portada que servira ao *Summario*, à *Vida de San Juan*, e depois de aparada, às *Sentencias* e à *Doctrina de principios*, ainda possuia *outra*, que tambem pertencera a Germão Galharde, e êle, António Gonçalves, aproveitou, em 1570, para a reimpressão do *Reportorio dos tempos*, dêsse ano! Isto é que nós achamos estupendo, numa obra que se aplica a mostrar, embora mal, que o frontispício verdadeiro dos **Lusiadas** de 1572 é o mesmo que serviu ao *Tratado* de Fr. Diogo de Estela; o mesmo que «depois de aparado», para usar o vocábulo empregado por Tito, serviu, às *Sentencias* e restantes obras citadas!

—¿Pois então a gravura do *Reportorio dos tempos*, de 1570 não é a mesma gravura dos **Lusiadas**, de 1572?!

¿E a gravura dos **Lusiadas** de 1572 não é a mesmíssima gravura do *Reportorio* de 1563, do *Summario* e da *Doctrina*, do provável ano de 1554; a mesmíssima das *Sentencias*, de certeza publicadas em novembro dêsse ano?—¿E todas estas estampagens não se apresentam no estado em que ficou a chapa, em resultado da mutilação nela realizada, quando, tendo sido empregada no *Tratado* de Diogo de Estela, após a sua primeira e original aplicação ao livro para o qual fôra desenhada e aberta, a *Regra de Santiago* de 1554, se resolveu reduzi-la ao aspecto em que veio a tornar-se para todo o sempre célebre?!

¿A que vem, portanto, o estabelecimento, mais do que intempestivo, inexacto, de uma *dualidade* que o próprio autor não reconheceria, se tivera tido tempo para pensar o seu escrito, e lhe não pode senão prejudicar o judicioso empenho?

Fiquemos, pois, nisto, que é preito à Verdade, e concedamos que tambem o proprio Homero dormita às vezes.

Apesar destes senões, e de um que outro mais, por aqui, por ali espalhados, a Memória de Tito de Noronha—*A primeira*

Edição dos Lusíadas—teve um grande mérito, que a precipitação com que foi ordenada e impressa obstou a que se elevasse às merecidas culminâncias do grandíssimo triunfo que devia recompensar o seu autor conspícuo, por tanto, e tão apropositado trabalho [1].

A Memória de Tito de Noronha teve o grande mérito de deixar demonstrada a inutilidade,—mais do que a inutilidade—a esterilidade de todas as discussões, acêrca da prioridade tipográfica, méritos e deméritos gráficos das duas célebres edições, intuitos inocentes ou culposos da que ficou patente ser *segunda*, a do Pelicano com o colo para a *direita* do leitor.

Êste só serviço a redime, em nosso sentir humilde, de todos os apontados senões com que a precipitação no pensá-la, e a urgência no imprimi-la, a tornaram menos perfeita, do que, em verdade, se podia e devia esperar de seu autor.

Com efeito, desde que nesta Memória se revelou a existência anterior à publicação dos **Lvsiadas** por António Gonçalves, de umas poucas de obras, em que figura o frontispício: Pelicano com o colo voltado para a *esquerda* do leitor; desde que neste escrito se contou a variedade de peripécias porque passara esta famosa gravura de feições duplas, e se mostrou à evidência que a sua homonima não podia de modo algum continuar a disputar preferências de *original:* toda a questão de verdadeira, suposta ou positivamente afirmada, contrafeição fraudulenta e criminosa do Poema morreu. Morreu, como lhe teria acontecido no dia em que um de tantos críticos que, depois de 1850, versaram a matéria, se tivesse lembrado de averiguar o que, porventura, quereria dizer certa observação ao frontispício da *Regra de Santiago* de 1548, feita por Jorge César de Figaniere, èm sua *Bibliografia Histórica Portuguesa*, naquele ano publicada [2]; *Regra* da qual declarou possuir um exemplar.

---

[1] Esta Memória—escrevemos para aqueles de nossos benignos leitores que, porventura, a não conheçam—não se limita só á parte noticiosa que temos examinado, e que é, afinal, a menos extensa, e sob o ponto de vista literario, a menos copiosa de elucidações A parte historica e critica da excelente monografia tem verdadeiro valor, e patenteia de modo muito completo a grande extensão dos conhecimentos poligraficos de seu respeitavel autor, e a subida competência que lhe assistia para tratar o assunto.

[2] Entre os criticos anteriores ao ano de 1850 avulta o Morgado de Mateus, que assentou em que a 2.ª ed. deverá ter sido a *primeira:*

1.º porque aquela tinha *menos erros* do que a outra;

A isto respondeu Tullio que «a chamada *segunda*» (isto é a *princeps)* têm 133, e a reputada *primeira* 160.»

2.º porque a portada da que reputou 2.ª ed. «*está gravada ás avessas*».

Por nossa parte, perguntamos só: — ¿Onde foi o Morgado de Mateus adquirir se-

Todos êsses conflitos «*de Deo trino et uno*», em que diversos Arnobios se empenharam pela genuinidade de uma das duas famosas edições, existiram pela mesma razão que eternizaria hoje em nossos tribunais uma questão de «propriedade industrial», em que o autor, ao revés de se limitar a provar a contrafeição feita à sua *Marca de fábrica*, se empenhasse, mal aconselhado, em pretender demonstrar a falsificação do produto exibido no mercado pelo seu desleal concorrente. Se os críticos que ventilaram o assunto, em vez de consumirem o tempo a enclavinhar os seus argumentos,—pró e contra,—sôbre as estâncias do Poema, a ver qual as arrancaria do tribunal da severa crítica lídimas de culposa fraudulência, se tivessem voltado para o que cumpria;—tratar de indagar de *vita et moribus* daqueles dois, por igual, suspeitos frontispícios; de onde vinham, por onde tinham andado, a quem haviam servido, antes de 1572, já tudo estava desde muito resolvido [1]. Um dêles teria saído triunfante do inquérito.

Veio, porêm, em 1880, Tito de Noronha, e se, por grande infortúnio seu, não pulverisou tudo isso, como podia com um título e uma data apenas, trouxe ao menos à questão eficazes revelações, ainda que menos bem apresentadas, nos domínios da execução artística frontispicial do Poema. De tal iniciativa ninguem lhe poderá negar o mérito. Mostrou a Verdade, ainda que a não soube *demonstrar*.

Seguiu-se-lhe, em 1889, Gomes de Amorim, a quem tambêm escapou o ensejo de resolver definitivamente o assunto, e apesar

---

melhante certeza, não tendo jámais conhecido a gravura executada em 1548, nem, por conseguinte, sabido que ela fôra reduzida, em 1554, ao estado em que a mostrava o verdadeiro exemplar primeiro dos Lvsiadas de 1572?

A observação de Figaniere é esta:

«Esta edição traz no frontispicio uma portada de gravura em madeira, *mui semelhante á que vimos em uma das edições dos Lusiadas de 1572*».

—O' Verdade! Quão longe, e quão perto!

[1] Nosso sempre lembrado amigo Gomes de Amorim, que chegou a tocar na porta, por onde poderia ter entrado com melhor exito, no muito bem entendido empenho de afirmar a prioridade da edição geralmente reputada por *segunda*, quando se lembrou, «*Introd.*» cit., pag. 109, do «direito de propriedade literaria, que naquele tempo era garantido pelo privilegio real», demonstrava, a pag. 74, final da nota 1, de pag. 71, que desconhecia por completo este meio, graças ao qual na actualidade, um reivindicador da genuina edição poderia provar a contrafeição do frontispicio dela, e por tal prova, a da propria edição, afirmando ficar demonstrado que «*só* pelo exame comparativo dos caracteres tipograficos do rosto, pelos do privilegio e das licenças, e pelas diferenças ortograficas é que as edições do ano de 1572 se podem distinguir entre si».—Todo o nosso grande sentimento, é que a Morte nos não permitisse levar à esclarecida consideração de nosso tão distinto quanto afectuoso amigo a prova de que era, pelo contrário, no exame analítico da gravura que principalmente se deveria ter insistido, para se chegar à verdade.

da muito positiva afirmação de nosso prezado amigo sr. Dr. Xavier da Cunha, incidentemente feita em 1893, certo é que êste assunto ficára para resolver de modo indubitável e terminante, até á aparição da estampa zincográfica que motivou o nosso artigo do jornal *O Dia*, confirmatório dêste facto: — «A gravura frontispicial da *Regra de Santiago* é que é, modificada pelas mutilações de que foi objecto, a gravura frontispicial dos **Lusiadas** de 1572. Esta gravura é a que mostra o colo do Pelicano voltado para a *esquerda* do leitor».

Passaremos agora ao exame pormenorizado da predita gravura, sob o ponto de vista da sua execução artística, tal qual ela se mostra no 4.º gótico da *Regra de Santiago* e no *Tratado* de Fr. Diogo de Estela.

Este detido exame se rematará pela comparação dos dois frontispícios do Poema, referida à execução, por cópia transparente, do falso frontispício, tendo por fim corroborar e deixar bem explícita e indubitávelmente *provada* a genuinidade e prioridade do desenho onde o colo do Pelicano se amostra voltado para a *esquerda* do leitor.

Explicaremos, por ultimo o *simbolismo* dêste desenho, e mostraremos que as portadas das mais obras em que êle se apresenta, incluindo a dos **Lvsiadas** de 1572, já mutiladas, são quanto resta das quatro peças que compunham a primitiva gravura original, na *Regra* sobredita.

Lisboa, Janeiro, 1917.

GOMES DE BRITO.

Contontos populares de Évora

Vid. REVISTA LUSITANA, XIX, 27-35

XX—A Flor da Rosa

Era uma estalajadeira e tinha uma filha. A mãe chamava-se Rosa e a filha a Flor da Rosa. E a mãe era muito vaidosa e preguntava a toda a gente:

—¿Qual é mais bonita, é a Rosa ou a Flor da Rosa?

E entraram-lhe a dizer que era a Flor da rosa. E ela com enveja escondia a filha e por fim mandou-a matar.

E mandou-a por uns homens que a lèvassem para o mato e que a matassem e lhe trouxessem a língua dela. E a menina tinha uma cadelinha e a cadelinha foi atrás da dona. E os homens levaram a menina e com dó dela não a mataram e ataram-na a uma árvore e cortaram a língua á cadela e trouxeram-na á mãe.

E a mãe ficou muito contente e preguntava a todos que iam á estalajem se já tinham visto cara mais bonita que a dela e todos lhe diziam que não.

E a menina lá ficou. E passou uma quadrilha de ladrões e viram a menina presa à árvore e soltaram a menina e ela contou tudo aos ladrões e porque é que a mãe a tinha mandado matar. E os ladrões gostaram muito da menina e levaram-na para casa deles.

E ela ficou com os ladrões e tratava da casa e fazia o comer para quando os ladrões vinham à noite.

E ia a estalajadeira preguntava a toda a gente:

—¿Já viram uma cara mais bonita que a minha?

E entraram a dizer à estalajadeira que havia uma cara mais bonita do que a dela.

E ela tinha uma pobre a quem dava esmola. E disse à pobre que visse ela se sabia quem era uma menina assim e assim como os sinais que lhe davam.

E a pobre tanto procurou que foi bater à da menina; e apareceu-lhe a menina e deu esmola à pobrezinha. E a pobre veio logo dizer à estalajadeira.

E estalajadeira mandou fazer uns sapatos envenenados que quem os calçava parecia morto.

E a velha levou os sapatos à menina a ver se ela os queria comprar. E a menina não queria os sapatos; e a velha começou

a ateimar e a dizer que os experimentasse que lhe haviam de ficar muito bem. E a menina foi a calçar os sapatos e ficou como morta.

E à noite vieram os ladrões e viram tudo às escuras. E entraram e deram com a menina no chão. E tiveram muita pena da menina e mandaram fazer um caixão muito rico e vestiram a menina muito bem e encheram-na de flores e fecharam o caixão e deitaram-no ao mar.

E o caixão andava a boiar e o principe daquela terra estava à janela e viu aquilo a luzir e mandou apanhar o quer que era.

Trouxeram-lhe o caixão; e abriram o caixão e deram com aquela menina morta. E o principe tinha mãe que era a rainha e a rainha gostou muito dos sapatinhos que a menina trazia nos pés. E mandou-lhe tirar um para ver melhor e quando lhe tiravam o sapato e a meniua começou a mexer e a abrir os olhos e depois descalçaram-lhe o outro sapatinho e a menina ficou boa. E a menina contou então tudo ao principe e o principe disse logo à mãe que queria casar com a menina e casaram e lá ficaram muito bem, e bendito e louvado está o conto acabado.

XXI—**Empada matou Feliz**

Era um rei que tinha uma filha muito sábia que explicava tudo quanto havia. E o rei deitou um pregão que se houvesse alguém que fôsse capaz de dizer uma cousa que a princesa não explicasse, se fôsse homem casava com ela e se fôsse mulher dava-lhe uma grande soma de dinheiro. Isto soou-se pelo reino todo. E havia um rapaz, muito abrutado, lá do campo, e disse à mãe que queria ir à presença da senhora princesa. E a mãe entrou-lhe a dizer que não fôsse e êle tanto teimou que abalou. E a mãe com mêdo que lá o matassem e o fizessem penar meteu-lhe no alforje uma empada envenenada para êle morrer no caminho.

E êle levou a burra e a burra chamava-se Feliz. E êle lá no meio do caminho sentiu vontade de comer e puxou da empada para comer e teve dó da burra e deu um bocado da empada à burra e a burra entrou a estrebuchar e morreu. E êle foi andando e pôs-se a pensar:

—Ora já tenho uma adivinha para a senhora princesa: empada matou Feliz; vamos a ver se ela é capaz de explicar o que isto quere dizer!

E armou-se uma grande trovoada e começou a chover mui-

to e veio a cheia. E êle foi ver a cheia para cima dum penedo. E a burra vinha na cheia com cinco corvos em cima a comerem nela.

E diz êle:

—Já tenho outra adivinha: estando eu nem no ar nem no chão vi passar um morto andando com cinco vivos às costas.

E chegou a palácio e bateu à porta e foi levado à presença da princesa.

E todos se riram dele. E a princesa preguntou-lhe o que é que êle queria que lhe explicasse.

—Empada matou Feliz estando eu nem no ar nem no chão vi passar um morto andando com cinco vivos às costas.

E a princesa pôs-se a pensar e não podia atinar com o que aquilo fôsse e disse-lhe que fôsse êle lá no outro dia que logo lhe dava a resposta.

E a princesa vestiu-se de homem e foi à estalajem onde estava o rapaz e puseram-se a cear. E por fim continuaram a dormir no mesmo quarto. E ela preguntou-lhe o que é que êle fazia naquela terra, e tanto, que êle contou-lhe tudo e explicou-lhe a adivinhação.

E deixaram-se dormir. E pela manhãzinha ela acorda e viu claro e vestiu-se a correr e com a pressa e vestiu a camisa dele e abalou.

E êle acorda e o companheiro já lá não estava; e vai a vestir-se e quando êle vê uma camisa de mulher toda bordada. E logo percebeu que tinha sido a princesa que o tinha enganado e vestiu-se e enrolou a camisa e meteu-a debaixo do braço e pegou nos seus alforjes e foi a palácio.

E mandaram-no entrar e já estava a princesa e o rei e a côrte toda. E a princesa pediu-lhe para êle repetir. E êle tornou a dizer:

—Empada matou Feliz...

E ela disse-lhe logo:

Isso é muito simples: empada matou Feliz: foi uma empada que trazias e deste-a à burra que se chamava Feliz; estando nem no ar nem no chão: estavas com certeza em cima dalguma pedra; viste passar um morto com cinco vivos às costas: era a burra que vinha na cheia de ontem à tarde e os cinco vivos deviam ser cinco corvos.

E êle esteve a ouvir, esteve, esteve e quando ela se calou e diz-lhe assim:

—Ora se você não fôsse dormir no meu quarto já você não era tão esperta.

E pregoù-lhe com a camisa na cara e abalou a fugir e ninguem mais o viu e todos da côrte conheceram a camisa e a princesa ficou muito envergonhada e nunca mais quis ser sábia e bendito louvado está o meu conto acabado.

XXII—Os quatro vinténs

Era de uma vez um compadre pobre e um compadre rico. E o compadre pobre era sapateiro e era muito pobrezinho e vivia com muita precisão. E o compadre rico tambem era sapateiro e era muito fona e não era capaz de dar nada a ninguem. E uma vez o compadre pobre com muita necessidade e pediu quatro vintens emprestados ao compadre rico. E o eompadre rico emprestou-lhe os quatro vinténs. E passaram-se tempos e o compadre pobre já tinha muita vergonha de dever aquele dinheiro e não o podia pagar. E um dia disse à mulher:

—¡Ora mulher, já tenho tanta vergonha de devermos aquele dinheiro ao nosso compadre!

E diz-lhe a mulher:

—Ôlha, tu fazes-te doente e eu vou-lhe pedir para nos perdoar a dívida e êle com certeza que perdoa.

Assim foi. O marido meteu-se na cama e a mulher foi a casa do compadre rico:

—Ai, meu compadre, o meu marido está muito mal e sabe Deus quando melhor, se o meu compadre, ao menos nos perdoasse aquela dívida!

—Ora comadre, deixe lá a dívida, não lhe dê fezes, o seu marido em se pondo bom logo paga.

E não quis perdoar a dívida. E a mulher veio para casa e contou tudo ao marido. E puseram-se a pensar e diz a mulher:

—Ôlha, eu vou dizer ao nosso compadre que tu morreste e êle, com certeza, perdoa os quatro vinténs e ao depois diz-se que foi uma cousa que te deu e pronto e ficamos livres da dívida.

E assim foi. E a mulher foi a chorar:

—Ai, meu compadre, que o meu marido morreu, se o meu compadre nos perdoasse aquela dívida!

E diz o compadre:

—Bem, então visto isso, quando êle se enterrar eu perdoo a dívida.

E a mulher veio para casa e contou tudo ao marido. E puseram-se a pensar e diz a mulher:

— Ôlha, eu vou a casa do nosso compadre sacristão e combina-se o entêrro para as ave-marias e êle diz que já é tarde para se enterrar o defunto e que de madrugada se enterra e o nosso compadre perdoa os quatro vinténs e depois diz-se que tu voltaste a ti e pronto e ficamos livres da dívida.

E assim foi. A mulher foi á do sacristão e contou-lhe tudo e lá combinaram como tudo havia de ser.

E cá o compadre rico e vestiu o fato preto e foi ao entêrro. E chegaram à igreja e o sacristão disse logo:

— Bem, isto já é tarde e eu amanhã de manhãzinha cá enterro o defunto.

Diz logo o compadre rico:

— Pois eu fico a acompanhar o meu compadre e aproveito e vou buscar o serão.

E foi a casa buscar o serão e veio para a igreja.

E o compadre pobre estava no esquife, no meio da igreja a fazer de morto.

E o compadre rico pôs-se a ver adonde havia de ficar melhor para ver a fazer o serão e lembrou-se e levou a trepeça para cima do púlpito e pôs-se a amanhar uma obra.

E lá ficaram.

E uma quadrilha de ladrões e traziam uma manta cheia de dinheiro que tinham roubado naquele dia e tinham de fazer as partilhas. E chegaram ao adro da igreja e viram luz e foram espreitar e viram um morto.

E entraram e estenderam a manta no chão e puseram-se a contar o dinheiro. E o compadre rico ouvia aquilo e morto de curiosidade e começou a debruçar-se do púlpito para ver o que era e tanto se debruçou, tanto, tanto que pregou com a alcofa da ferramenta do púlpito abaixo. E as ferramentas bateram no taboado e fizeram um grande barulho.

E os ladrões e ouviram aquele grande estrondo e puseram-a olhar e o compadre pobre do que é que êle se havia de lembrar: assenta-se no esquife e grita:

Acudam-me os meus irmãos defuntos
Se não forem poucos, muitos.

Ora os ladrões assim que ouviram aquilo, ó pés para que te quero, abalaram a fugir.

O compadre pobre não quis ver mais nada: salta do esquife, vai à porta da igreja, dá volta à chave e pronto e lá ficaram os dois vá de repartir o dinheiro.

Cá os ladrões, passado um bocado foram outra vez à igreja ver o que seria aquilo. E viram a porta da igreja fechada e puseram-se à escuta e quando êles ouvem lá dentro uma voz:

— Ó compadre, os meus quatro vinténs que não esqueçam.

E diz um dos ladrões:

— ¡Ôlha quantos êles são, que de tanto dinheiro só calha quatro vinténs a cada um!

E foram-se embora e os compadres lá ficaram e bendito louvado, conto acabado.

XXIII — A mão do almofariz

Era um velho e tinha uma filha que era pastora e o velho um dia encontrou uma mão de almofariz de ouro. E veio para casa muito contente e amostrou à filha aquela prenda tam rica e a filha disse-lhe assim:

— Ôlhe pai, ninguém mais pode dar aprêço a esta prenda senão o rei e o melhor é vocemecê ir a palácio porque só o rei pode ter um almofariz para essa mão e se não o tiver só êle é que o pode mandar fazer e mais ninguém.

E o velho foi e lá conseguiu entrar em palácio. E o rei preguntou ao velho quem lhe tinha dito para lá ir e o velho disse-lhe que tinha sido a filha dele e o rei diz-lhe:

— A tua filha é muito esperta, pois has-de-lhe dizer que quero que ela cá venha para eu a conhecer mas ôlha que ela ha-de cá vir nem de noite nem de dia, nem vestida nem despida, nem calçada nem descalça, nem a pé nem a cavalo, senão tu vais a morrer.

E o velho veio para casa muito triste e contou à filha o que o rei lhe tinha dito. E ela disse-lhe logo:

— Não lhe dê fezes.

E arranjou uns alforjes e encheu-os com terra e pôs os alforjes em cima da burra. E calçou um sapato e deixou só ficar a camisa no corpo e escarranchou-se na burra e lá foi a caminho do palácio e chegou à noitinha. E ia nem de noite nem de dia, e ia nem vestida nem despida porque levava a camisa, e ia nem calçada nem descalça porque levava um pé calçado e o outro não, e ia nem a pé nem a cavalo porque ia na burra mas levava os pés na terra.

E o rei assim que viu aquilo e achou-lhe muita graça e gostou muito dela e casou com ela.

E ela ficou sendo a rainha. E era muito esperta e resolvia

tudo e fazia justiça a todos. E todo o povo gostava muito dela e ela entremetia-se em todos os negócios do rei e resolvia tudo melhor que o rei. E quem queria um conselho ia ter com a rainha. E o rei entrou a não gostar daquilo, porque ela sabia mais do que êle.

E um dia e um homem tinha uma égua e a égua tinha um potro. E ia por uma estrada adeante e o potro ia a brincar atrás da égua. E passou um homem a cavalo num cavalo e o potro na brincadeira e começou a ir atrás do cavalo e deixou a mãe. E o homem da égua e começou a gritar ao outro para lhe enxotar o potro e diz-lhe o outro:

— O potro é meu.

E começaram numa grande questão porque ambos queriam o potro.

E vieram ao rei. E o rei ouviu-os e disse assim:

— ¿Para que lado é que o potro ia?

E êles disseram-lhe que ia atrás do cavalo.

— Pois se êle ia atrás do cavalo é porque é do dono do cavalo.

E o homem da égua e foi para casa muito desconsolado porque o rei não lhe tinha feito justiça; e aconselharam-no a que fosse ter com a rainha. E o homem foi e contou tudo à rainha e a rainha riu-se muito e disse-lhe assim:

— Ôlha, amanhã, o rei há-de passar a tal sítio assim e assim; e tu põe-te a cavar no meio da estrada e o rei ha-de-te preguntar o que andas tu a fazer e tu respondes-lhe que andas a ver se apanhas umas sardinhas e êle ha-de-se admirar e tu responde-lhe que um cavalo ter potros ainda é mais para admirar.

E assim foi.

E o homem e pôs-se a cavar no meio da estrada e vem o rei e viu o homem a cavar e perguntou-lhe:

— ¿O que andas tu a fazer homemzinho?

— Ó meu senhor eu ando a ver se apanho aqui umas sardinhas.

Diz o rei:

— ¡Sardinhas em estrada, foi cousa que nunca vi!

— Pois cavalos terem potros foi cousa que também nunca ninguém viu.

E o rei lembrou-se logo da questão da véspera e disse:

— Bem, vai buscar o potro que o potro é teu, mas isso aí andou a rainha.

E foi muito zangado para palácio e disse à rainha que se fosse embora porque êle não a queria mais ver; mas que em paga do bem que ela o tinha tratado que podia levar de palácio a prenda que ela mais gostasse.

E ela calou-se e preparou a sua roupa. E às escondidas e mandou comprar dormideiras e deitou-as no chá que o rei havia de beber.

E o rei bebeu o chá e deixou-se dormir que nem uma pedra. E ela meteu-se numa seje e levou o rei para casa do pai dela. E deitou-o na cama dela que ela tinha quando era solteira.

E de madrugada e o rei acordou e olhou para o teto e víu a claridade a entrar pelo telhado porque o telhado era de telhavã; e percebeu que estava deitado na palha e quando êle começou a ouvir os borregos:

— Mé, mé.

E diz:

— ¿Mas onde estou eu?

E diz-lhe ela logo:

— Ora essa, está em casa de meu pai. Vossa Alteza disseme que trouxesse a prenda que eu mais gostasse; e que melhor podia eu escolher?

E o rei achou-lhe muita graça e levou-a outra vez para palácio e nunca mais se zangou dela se meter nos negócios dele e pelo contrário queria-a ouvir sempre em tudo e lá estão muito felizes e nuca mais houve um rei que melhor governasse que o rei daquele reino e bendito louvado está o meu conto acabado.

XXIV — **Terroxoxô**

Era uma mulher casada e dizia a toda a gente que o marido gostava muito dela e que se ela morresse o marido não casava com outra. E uma vezinha dizia-lhe que não, e tanto, tanto que a vezinha uma vez disse-lhe:

— Ôlhe, vossemecê finja-se morta e depois ha-de ver.

E assim foi. O marido veio para casa e encontrou a mulher morta.

E a vezinha veio logo a correr e disse ao homem que não lhe desse fezes que ela arranjava tudo. E puseram a mulher no meio da casa e a vezinha disse-lhe assim:

— Ôlhe vezinho, eu não posso cá passar a noite mas mando para cá a minha filha para lhe fazer companhia para o vezinho não ficar só.

E fez uma cama para a filha ao pé da cama dele. E o homem foi-se deitar primeiro e a vezinha mandou a molher dele deitar-se para lá e o homem julgava que era a filha da vezinha.

E ela pela noite adeante e deu-lhe vontade e pôs-se a urinar e êle então dizia-lhe assim:

Ai minha alma, meu serafim
Que até no mijar fazes terlintintim
Que a outra que o diabo levou (pronunc. *levô*)
Quando mijava fazia terroxoxô.

E a mulher acendeu a luz e deu-se a conhecer e só assim é que ela ficou sabendo o que os homens são e bendito louvado conto acabado.

XXV—Enl-rei passaro verde

Era duma vez um homem e tinha uma filha; e casou com uma mulher que tinha também uma filha. E a madrasta tratava a enteada muito mal. E a filha disse ao pai que já não podia sofrer a madrasta e o pai pôs-lhe casa à parte.

E um dia a menina viu vir um passarinho muito bonito e o passarinho entrou a falar e disse-lbe:

—Arranja-me uma bacia de água, outra de leite e um laço de pita.

E abalou a fugir.

E ela assim fez e o passarinho veio e caiu no laço, e banhou-se na bacia de água e depois banhou-se na bacia de leite e saiu um principe.

E o príncipe disse-lhe que era ẽl-rei pássaro verde e que ela é que lhe tinha quebrado o seu encanto. E que nunca lhe fizesse nenhuma falsidade porque se lhe fosse falsa só o tornaria a encontrar depois de ter estragado três pares de sapatos de ferro.

E entrou a ir lá todas as noites; e ia, caía no laço, banhava-se na bacia de água, depois banhava-se na bacia de leite e saía um príncipe.

E a menina andava muito satisfeita. E a madrasta entrou a desconfiar. E disse-lhe que a irmã havia de lá ir passar uma noite com ela e ela mandou comprar dormideiras e deu-as à irmã na água e ela deixou-se dormir e não viu nada. E quando veio para casa e disse à mãe que não tinha visto nada e a mãe preguntou-lhe se ela tinha bebido água. E ela disse que sim e a mãe ensinou-lhe que para a outra vez deitasse a água fora.

E a irmã voltou lá outra vez e pediu água e fingiu que bebia e aventou-a para o lado da parede. E viu tudo e veio contar à mãe que tinha entrado um príncipe assim e assim.

E a mãe fez um laço de navalhas e pôs o laço na janela.

E no outro dia veio o passarinho e caiu no laço das navalhas e feriu-se todo e abalou a fugir e não tornou a aparecer.

E ela veio à janela e viu tudo cheio de sangue e o laço das navalhas. E logo viu que tinha sido falsidade da madrasta. E mandou fazer três pares de sapatos de ferro e foi correr mundo à busca de ēl-rei pássaro verde.

E foi andando, andando e já tinha estragado um par de sapatos de ferro. E viu uma casinha ao lonje e foi lá bater à porta. Apareceu-lhe uma velhinha:

— ¿A senhora sabe-me dizer adonde mora ēl-rei pássaro verde?

— Ôlhe, eu cá não sei, mas o meu filho é o sol, ēle anda por todo o mundo talvez ēle saiba.

E disse-lhe que se metesse atrás da porta.

À noite veio o sol.

— Mãe, cheira-me aqui a sangue rial.

— Ora, filho, é uma pelingrina que procura ēl-rei pássaro verde.

— Enl-rei pássaro verde está em perigo de vida; mora daqui muito longe.

E a velhinha deu-lhe uma nós e disse-lhe que só a partisse quando tivesse muita necessidade e a pelingrina e foi-se embora.

E foi andando, andando e já tinha estragado outro par de sapatos de ferro.

E viu uma casinha ao lonje e foi lá bater à porta. Apareceu-lhe uma velhinha:

— ¿A senhora sabe-me dizer adonde mora ēl-rei pássaro verde?

— Ôlhe, eu cá não sei, mas a minha filha é a lua, ela anda por todo o mundo, talvez ela saiba.

E disse-lhe que se metesse atrás da porta.

Pela manhã veio a lua:

— Mãe, cheira-me aqui a sangue rial.

— Ora, filha, é uma pelingrina que procura ēl-rei pássaro verde.

— Enl-rei pássaro verde está em perigo de vida; mora daqui muito longe.

E a velhinha deu-lhe uma boleta e disse-lhe que só a par-

tisse quando tivesse muita necessidade e a pelíngrina e foi-se embora.

E foi andando, andando e já tinha estragado o outro par de sapatos de ferro.

E viu uma casinha ao longe e foi lá bater à porta.

Apareceu-lhe uma velhinha:

—A senhora sabe-me dizer adonde mora ēl-rei pássaro verde.

—Ôlhe eu cá não sei, mas o meu filho é o vento, êle anda por todo o mundo, talvez êle saiba.

E disse-lhe que se metesse atrás da porta.

Daí a bocado veio vento:

—Mãe, cheira-me aqui a sangue rial.

—Ora, filho, é uma pelingrina que procura el-rei pássaro verde.

—Enl-rei pássaro verde está em perigo de vida; mora daqui muito longe.

E a velhinha deu-lhe uma castanha e disse-lhe que só a partisse quando tivesse muita necessidade, e a pelingrina e foi-se embora.

E fez-se noite e ela meteu-se debaixo de uma árvore. E as rolinhas faziam ninho naquela árvore.

E começaram a recolher-se e entraram a falar umas com as outras.

—¿Então que natícias há de ēl-rei pássaro verde?

—Enl-rei pássaro verde está em perigo de vida.

—¿E então já não se poderá pôr bom?

—Pode, pode, mas as paredes tem ouvidos.

—¿Então como?

—Ai se alguém ouvisse! ôlhe, as nossas cabeças cortadas e torradas e feitas em pó e depois polvilhar três vezes o príncipe com êsse pó; põe-se logo bom.

E ela não quis ouvir mais nada. Esperou que as rolinhas sossegassem, sobiu à árvore, foi-se a elas, torceu-lhes s pescoço, cortou as cabeças e pela manhã foi a um monte [1] pedir para lhe torrarem aquelas cabeças e ao depois moeu-as num almofariz e guardou aquele pó.

E foi andando e foi bater à porta do príncipe e pediu pousada. Mandaram-na para a casa das pelingrinas.

E ela partiu a nós; e apareceu-lhe uma dobadoura de ouro,

[1] *Monte* em sentido alemtejano: casa de herdade.

a prenda mais rica que se pode imaginar. E pôs-se a dobar. E as criadas da rainha e viram aquilo e foram contar à rainha e a rainha mandou-a chamar. E gostou muito da dobadoura e disse à pelingrina se lha queria vender. E a pelingrina respondeu:

—Dar sim, vender não, se Vossa Majestade me deixar ficar esta noite no quarto do senhor príncipe.

E a rainha não queria porque o príncipe já estava a acabar, mas as criadas começaram a dizer-lhe que fizesse a vontade à pelingrina porque o príncipe já nem dava por ela e a rainha tanto e tanto e deixou a pelingrina ficar no quarto do príncipe. E ela foi e polvilhou-o todo com o pó.

E de manhã foi para a sua casa e partiu a boleta; e apareceu-lhe uma roca de ouro, uma prenda ainda mais rica do que a outra. E ela pô-se a fiar. E as criadas da rainha viram aquilo e foram contar à rainha e a rainha mandou-a chamar. E gostou muito da roca e disse à pelingrina se lh'a queria vender.

—Dar sim, vender não, se Vossa Majestade me deixar ficar esta noite no quarto do senhor príncipe.

E a rainha não queria mas as criadas começaram a dizer-lhe que fizesse a vontade à pelingrina e a rainha tanto e tanto, lá a deixou ficar no quarto do príncipe.

E ela e foi e na mesma, tornou-o a polvilhar todo com o pó.

E de manhã foi para a sua casa e partiu a castanha; e apareceu-lhe uma galinha com pintos, tudo de ouro, uma prenda, se as outras eram ricas, esta ainda o era mais. E pôs-se a dar de comer à galinha. E as criadas da rainha viram aquilo e foram contar á rainha e a rainha mandou-a chamar. E gostou muito da galinha e disse à pelingrina se lh'a queria vender:

—Dar sim, vender não, se Vossa Majestade me deixar ficar no quarto do senhor príncipe.

E a rainha não queria mas as criadas começaram a dizer-lhe que fizesse a vontade à pelingrina e a rainha lá a deixou ficar.

E ela foi e tornou a polvilhar o príncipe e assim que acabou de o polvilhar, o príncipe abriu os olhos e conheceu-a.

Ela então contou-lhe tudo, disse-lhe que a falsidade tinha partido da madrasta e ao depois o príncipe contou tudo à mãe e quem era aquela pelingrina e casou com a menina e ainda lá estão hoje e bendito louvado está o meu conto acabado.

BERNARDINO BARBOSA.

NOMES DE VENTOS

III

O sr. Dr. Leite de Vasconcelos [1] refere-se a *noruega* como nome de um vento rijo e frio na Beira-Alta. A expressão *vento noruega* é já antiga e indicava provavelmente um vento frio do norte.

Do *Auto de Rodrigo e Mendo*, por Jorge Pinto, cita o Dr. João Ribeiro estes versos:

«A lua faz mil mudanças
onde o vento é noruega». [2]

Ainda hoje em Turquel (Alcobaça) chamam *noruega* ao vento frio de entre norte e oeste, acompanhado ás vezes de granizo ou aguaceiros. Na Ilha da Madeira *noruega* é o «tempo tempestuoso» [3].

Na revista brasileira *Sciencias e Letras* [4], o sr. Dr. João Ribeiro, menciona os ventos *alcoucês*, *maestro* ou *maastral, libecho* e *vendaval* (*vent d'aval*) «nome específico do vento sul entre os clássicos de quinhentos».

Alcoucês ou *algovês* era o vento do sul, de *alcouço* = sul, o lado do sul [5]. Por *maestro* ou *maastral*, e ainda *maestral*, se designou o *mistral*, vento que no Mediterraneo sopra de entre o poente e o norte. Os marinheiros espanhoes chamam-lhe *mestral, mistral, minstral, maestral.* Em provençal: *maestral, magistral. Libecho* era o vento do sudoeste; em espanhol *leveche, lleveche.*

Vendaval significa hoje, de um modo geral, «vento tempestuoso, temporal». Antigamente, porém, era o nome do vento sul ou sudoeste, a par de *austro* [6]. Em esp. *vendaval* = «viento fuerte, de la banda del Sur, inclinado á poniente» [7]. Estas duas

---

[1] *in-Lições de Philologia Portuguesa.* Lisboa, 1911, pág. 431.

[2] *Frazes Feitas*, I, pág. 159. (Rio de Janeiro, 1908).

[3] V. *Folha de Viana* (de Viana do Castelo), de 9 de Agosto de 1916.

[4] Rio de Janeiro. Ano V, pag. 22.

[5] V. Viterbo. *Elucidario*, s. voc. ALCOUCE e ALCOUÇO.

[6] O Dr. João Ribeiro, no artigo citado, dá varios exemplos clássicos para provar que *vendaval*, ou *dustro*, eram designações do vento do sul.

[7] Rodriguez—Navas. *Diccionario Completo de la Lengua Española.* Madrid, 1907. s. voc. *Vendaval.*

formas proveem do fr. *vent d'aval* = «nom que l'on donne, sur les côtes de l'Océan, aux vents du large, c'est-à-dire aux vents d'O., et particulièrement à ceux qui s'inclinent vers le S.» [1].

Levante e *poente*, ou *ponente*, eram designações genéricas, respectivamente, dos ventos de leste [2] e de oeste. Os marinheiros portugueses só aplicam hoje estas designações aos ventos que sopram no estreito de Gibraltar. No entanto elas estendem-se ainda algumas vezes às terras interiores e às costas do sul de Portugal: «*Lagos*, 23. Devido ao grande levante que fez ontem arribou aqui uma canôa de nome Violeta, procedente de Vila Rial de Santo Antonio...» [3]. Na Póvoa-de-Varzim chamam *levante-corre-costa* ao vento de leste.

«Entre os quinhentistas, e sobretudo em Gaspar Correia (*Lendas da India*) *viração* é o vento que vem do mar; com ela entram nos portos e rios os navios, e com ela não podem sair. Só quando cessa a *viração* ou sopra o terral é possível a saída dos portos» [4]. Tambem em espanhol *Virazon* é o «viento que suele soplar, de dia, de la parte del mar [com buen tiempo]» [5]. Em galego diz-se *maraxe* [6].

A *monção* dos trópicos, e especialmente do Oceano Índico, é o vento que sopra do mar para a terra, no estio, e inversamente no inverno. «A *monção* era muito conhecida dos antigos navegantes portugueses nos mares orientaes e elles a subdividiam em *grande* e *pequena, monção do cêdo e m. do tarde,* conforme os meses do anno, e o que lhes espantava era que, ao contrario da Europa, o peior tempo e tormentoso jazia entre Maio e Agosto, por isso chamavam ás épocas de monção: *tempos bonanças*» [7].

A antiga designação de *vento xarôco* = «vento terral», como define Morais [8], ou = «vento quente de sueste, sobre o Mediterraneo», como diz o *Novo Dicionario*, provém do it. *Sirocco* = vento quente e sêco que sopra do Sará sobre o Mediterraneo. É ainda conhecida em Torres Vedras [9]; e no Alentejo, como

---

[1] *Nouveau Larousse Illustré*, s. voc. *aval*. Oposto a este vento ha o *vent d'amont* —«Nom donné, sur les côtes et les rivières, au vent opposé à celui de l'aval, et vennant de l'E, ou de l'intérieur des terres.»—*Ibidem*, s. voc. *amont*.

[2] «...porque vindo com tempo claro e bom vento Levante correndo a terra para o Cabo da Boa Esperança...»—*Historia Tragico-Maritima*, x, 63.

[3] *Diario de Noticias*, de 20 de Fevereiro de 1916.

[4] Nota obsequiosa do Dr. João Ribeiro.

[5] Rod.—Navas. *Dic.*, citado, s. voc. Virazon.

[6] Informação do D. Avelino Rodriguez Elias, jornalista, de Vigo.

[7] Anotações à *Geographia* de P. Maria de Lacerda, pelo Dr. João Ribeiro, na edição Garnier, Rio de Janeiro.

[8] *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Lisboa, 1813, s. voc. Xarouco.

[9] L. de Vasc. *Lições*, pág. 427.

«vento frio que no inverno sopra do Levante e a que tambem chamam *espanhol*» [1]. Na Trofa chamam *samôco* ao vento de entre leste e sueste. Evidentemente este *samôco* é outra deturpação do vocábulo italiano, talvez por influencia do nome toponimico *Samouco*. Dizem ali, a respeito deste vento:

«*Vento samôco*
venta muito e chove pouco» [2].

A este vento chamam tambem, na Trofa, *soão*, ou *vento da Castanheira*, porque sopra dos lados da povoação daquele nome.

Ainda a respeito da nomenclatura dos ventos tirada dos nomes das regiões ou lugares donde eles sopram, acrescentarei o seguinte:

A maior parte das vezes um vento recebe em uma povoação o nome de outra que lhe está próxima, pelo simples motivo de soprar dos lados dessa povoação. Outras vezes porém essas designações teem caracter de apodos, quando aplicadas a ventos violentos ou malsãos. «Em todos os ditados que se referem a ventos é regra constante que cada povo tenha má disposição contra o que está do lado do vento que mais nocivo lhe possa vir para a saude pública e para a agricultura» [3].

O ditado:

«De Espanha,
nem bom vento,
nem bom casamento».

representa um exemplo de velha animadversão, que estabeleceu uma fórmula largamente utilizada em Portugal nos apodos entre povoações próximas [4].

---

[1] Candido de Figueiredo. *Novo Diccionário da Lingua Portuguesa*. Lisboa, 1913. s. voc. Xarôco.

[2] Cp. *vento do Sàmouco*=vento do nordeste, no Vale-do-Cóina. Sàmouco é povoação do conc. de Alcochete. Relativamente às povoações de Palhais, Santo António, etc. (Vale-do-Cóina), Sàmouco fica no rumo daquele vento. V. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 199.

[3] *El Folk Lore Betico-Estremeño*, pág. 114, por citação de T. Braga *in—O Povo Portuguez*, I, pág. 94.

[4] Teófilo Braga cita como forma originária o ditado tópico espanhol:

«De Jerez
ni buen viento,
ni buen casamiento
ni mujer que tenga assiento»

(*O Povo Port.*, I, 94)

Nos *Ensaios Ethnographicos*, IV, 36, apresenta o Dr. Leite de Vasc. esta forma francêsa, como o êco de uma tradição espalhada: «De l'Auvergne ne vient ni bon vin, ni bon vent, ni bon argent, ni bonnes gens».

Em Turquel (Alcobaça) chamam *vento de Teira* ao vento do sueste, para onde fica situada a povoação deste nome [1]. Como este vento é percursor de chuvas abundantes dizem:

«*Vento de Teira*
ceiva os bois e larga a geira».

ou então:

«*Vento de Teira*
toma os bois, derrega a geira» [2].

Vento de Santa-Catrina, ou *catrineiro*, é ali o vento do sudoeste, porque a povoação de Santa-Catarina fica, relativamente a Turquel, naquele rumo. Ao vento do noroeste chamam *vento da Nazaré*, ou *atravessado*.

Em Cucujães (Oliveira-de-Azemeis) *vento de San-Marcos* é o vento do nordeste. O do norte é *vento do Marão*.

Lá para o Rabal (Bragança) dão o nome de *vento de Montouto* ao vento do noroeste. Como é vento impetuoso que derruba as árvores e produz estragos nas culturas, dizem:

«*Vento de Montouto*
não chega o pão de um ano ao outro».

Tambem lhe chamam *vento galego* [3], ou *furacão*.

No Alentejo *vento espanhol* é o vento de leste (=soão) [4], como na Guarda [5].

Ao vento do nordeste, que sopra dos lados de Burgos (Espanha), dão em Rabal o nome de *vento burgonês*, ou *cieiro* [6]. Este vento causa ás vezes prejuízos consideráveis nas vinhas,

---

Além dos exemplos portugueses que já registei nos dois artigos anteriores, e dos que insiro neste, cf. mais:

«Da Arruda
nem mulher,
nem mula,
nem vento,
nem casamonto.»

(T. Braga. *O Povo Port.*, II, 353)

[1] Lugarejo a sueste de Turquel, na freg. das Alcobertas.

[2] V. José Diogo Ribeiro. *Memorias de Turquel*, Porto, 1908. pág. 72.

[3] «Ha um vento particular chamado *vento gallego*, quando elle sopra diz-se que foi algum galego que morreu arrebentado. (Torre-de-Dona-Chama)».—Leite de Vasconcelos. *Tradições Populares de Portugal*. Porto, 1882, pág. 47.

Em Hespanha chamam *viento gallego* «al viento cauro ó noroeste, porque viene de la parte de Gallicia.»—*Ency. Ségui*, s. voc. Gallego.

[4] V. Soeiro de Brito. *Astronomia, Metereologia e Chronologia Populares*. Esposende, 1890, pág. 23. (in-*Collecção Silva Vieira*, I).

[5] V. Gomes Pereira. *Tradições Populares, Vocabulario e Toponymia da Guarda*. Esposende, 1912, pág. 48.

[6] Cf. L. de Vasc. *Lições*, 428.

nas cearas e nas árvores de fruto, aí pelos mêses de Abril e Maio. Dizem por lá que o que muito lhe modera a fúria destruidora é o facto de «passar por uma serra de alecrim». Mas em todo caso:

«*Vento burgonês*
é o que seringa o português».

De inverno este vento é frigidíssimo, por isso lhe chamam *barbeiro de navalha muito áspera*. Como ele vem da banda da povoação de Aveleda, dizem os de Rabal:

«De Aveleda
nem bom vento,
nem bom casamento».

Em Elvas diz-se que o vento que sopra do sudoeste é *tramoceiro* (=*estramoceiro*), por vir das bandas de Estramores (Estremoz). É mau vento, porque traz sempre chuva. No Vimieiro, quando sopra este vento diz-se que vem *das adegas de Évora* [1].

Ao sul da Ilha de San-Miguel chamam *formigueiro* ao vento do sueste, porque vem dos lados dos ilhéus das Formigas.

Vento da Covilhã é o vento do sul, na Guarda, Em Melgaço chamam *vento da Grova* ao vento do nordeste [2].

Em Macieira-de-Alcoba dão o nome de *vento do Caramulo* ao vento do sul. A este vento, ou ao do sudoeste, que precedem ou acompanham chuvas abundantes, chamam no concelho de Ponte-da-Barca *vento braguês*. E dizem:

«*Vento braguês*
chuva um mês».

Diz-se que o vento norte afasta as chuvas, ou «varre as nuvens e trovoadas». Em França chamam-lhe *balai du ciel*. «*Il balaie les nuages*» [3]. Ao vento do noroeste, ou *galego*, chamam os espanhoes *la escoba del cielo:*

«El viento gallego
es la escoba del cielo» [4].

Nos concelhos de Espòsende e Póvoa-de-Varzim chamam tambem *escova* ao vento norte [5].

---

[1] V. Soeiro de Brito. *Astronomia*, etc. pág. 32. Cf. L. de Vasc. *Lições*, pág. 429.
[2] V. *Jornal de Melgaço* (Melgaço), de 23 de Fevereiro de 1909.
[3] V. P. Boissière. *Dictionnaire Analogique*. Paris, s/d. s. voc. vent.
[4] T. Braga. *O Povo Portuguez*, I, 95.
[5] V. Candido Landolt. *Folk-Lore Varzino*. Povoa-de-Varzim, 1915, pag. 162.

Em Turquel chamam ao vento norte *rei-dos-ventos*, por ser vento seguro, portador de bom tempo. Ainda assim dizem tambem por lá:

«Q'ando Deus q'ria
do norte chovia».

Quando este vento sopra com violencia, é bom desconfiar dele, porque indica mudança de tempo:

Norte brabo
chuba no cabo».
(conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez).

«Norte bravo
ou soão, ou orvalho» [1].
(Turquel).

Norte-alto, em Turquel, é o vento do nordeste. No Alentejo dão este nome, e tambem o de *serrenho, sarrenho, serrano* (por vir do lado das serras), ao vento do norte [2]. *Vento da montanha*, ou *da penha*, é o vento de leste (Guimarães) [3]. Ao vento do nordeste dão pitorescamente, na Póvoa-de-Varzim, o nome de *prega-calotes.* [4].

A antiga designação de *vento de baixo*, aplicada ao vento do sul, usa-se tambem em Turquel [5]. Na Póvoa-de-Varzim chamam a este vento *rasteiro-neblinoso* [4]. No Alentejo, ao vento do sul, ou do sudoeste, dão o nome de *vento do pégo*, «que é o vento da chuva ou da inverna» [6].

Do vento do sueste dizem no Tejo que «é a mãe da auga». Aos ventos do sueste e do sudoeste chamam, respectivamente, na Pòvoa: *morno, e alimpa-gata* [4].

Vento do mar, ou *mareiro*, em Turquel, é o vento de oeste. A este vento chamam na Póvoa *gaivoteiro* [4]. No Tejo denominam tambem *vento de fora* o *vento do mar* = vento de oeste [7].

---

[1] Ao vento norte, frio e de intensidade violenta, que produz às vezes consideráveis prejuizos, chamam em Espanha *cierzo* (lat. circius), ou *transmontaño*. Nos litorais da Istria e da Dalmácia sopra um vento violentíssimo do nordeste, a que chamam *bora*.

[2] V. S. de Brito. *Astronomía*, etc. pág. 22.

[3] V. Leite de Castro. *Folk-Lore Vimaranense*. Esposende, 1908, pág. 24.

[4] Landolt. *Folk-Lore*, pág. 162.

[5] «En la parte S. O. de Galicia soele decirse que cuando sopla el *viento de Portugal* [=vento do sul]. viene mal tiempo. Aunque á veces según el dicho popular gallego:

«Cando Dios queria
tamen do norte chovia»

(Inf. de D. A. Rodriguez Elias)

[6] Brito. *Astronomia*, pág. 162.

[7] Em fr. *vent de mer*, ou *vent d'aval* (=vento de oeste), em oposição a *vent de terre*, ou *vent d'amont* (=vento de leste).

Por oposição a *vento mareiro*=vento que sopra do mar, dizem em Esposende *vento campeiro*=vento de leste, que sopra do lado dos campos.

Vento terrenho era o mesmo que *vento da terra*, ou *terral*: «...fomos velejando ao largo da costa com ventos terrenhos...» [1].

Ao vento que acompanha o curso do sol ([ventus] solanus) chamam tambem tambem *soão* em Rabal (Bragança), em Turquel, e em geral por todo o Alentejo. Naquela povoação transmontana atribúem a este vento a criação dos bichos nas cerejas. Como ele queima as cearas e obriga por isso os proprietarios a aumentarem os salários aos cegadores, costumam estes dizer:

«Aperta soão
que as geiras elas darão.»

«Aperta soão
que a mim me chamarão».

Em Turquel teem este vento como doentio, por causa das mudanças bruscas de temperatura que ele provoca. Dizem que este vento «matou o pai com calor na ceifa, e a mãe com frio no apanho da azeitona». Refere-se-lhe o seguinte ditado:

«Ano soão — chovendo,
Ano de pão, se não, não» [2].

No Alentejo diz-se que o *soão* «é o vento mais frio *d'enverno* e mais quente de *v'rão* [3]. No Vale-do-Cóina crê-se que o *soão*, como o vento norte, ou nordeste, de verão, faz danar os cães. «São ventos sequeiros que queimam os pastos e fazem secar a *auga*» [4].

Como o *soão*, em Turquel, vem do lado da serra dos Candeeiros, ou de Albardos, chamam-lhe tambem *vento da serra*,— e *calceteiro da serra*, porque faz secar as lamas dos caminhos, endurecendo o solo [5].

A *rafada*, que em linguagem marítima significa «violência súbita mas passageira de um vento» [6], equivale *refrega-de-vento*, ou simplesmente *refrega*: «...o impeto de vento tão incompor-

---

[1] F. Mendez Pinto. *Peregrinaçam*, cap. 23.

[2] Diogo Ribeiro. *Memorias de Turquel*, 72.

[3] Brito. *Astronomia*, pág. 23.

[4] È o *solano*, ou *viento solano*, da Espanha (ventus solanus), galego *soan*. (Algunos [en Galicia] dicen *soao*.»—Inf. de Rod. Elias).

[5] Ribeiro. *Mem. Turquel*, pág. 72.

[6] V. O. de Pratt. *Nomes de Ventos*, II. (Separata da *Rev. Lusit.*, vol. XVIII).

tavel e de refregas tão furiosas que não havia homem que as podesse esperar com o rosto direito» [1]. «... que uma refrega de vento lhe levara tres homens ao mar, e os lançara tão longe como quási um tiro de pedra...» [2].

A par de *rafada* ha *rafa* no mesmo sentido. «[A polaca] era embarcação vulgar no Mediterraneo e própria para amainar com facilidade a qualquer rafa violenta e imprevista» [3].

Vulgarmente, a uma súbita violençia de vento, com pouca duração, dá-se o nome de *pé-de-vento* (fr. *pied de vent*), ou *rabanada-de-vento*. Antigamente dizia-se *pègão-de-vento*: «... sendo já passadas as duas horas depois da meia noite, nos deu um pegão de vento tão rijo, que todas as quatro embarcações, assim como estavam, vieram á costa e se fizeram em pedaços» [4].

Em linguagem náutica *vento largo* è o vento que a embarcação recebe pelo través da pôpa: «O navio que navegar com vento largo deve deixar livre o caminho do que navegar á bolina» [5]. Em fr. *vent largue;* em ingl. *Free* ou *Leading wind* [6].

Os torvelinhos, que resultam do embate de duas correntes opostas de vento, chamam-se popularmente *remoinhos*, *ramoínhos*, *remoínhos-de-vento*, *redemoinhos*, *balborinhos* (Briteiros), *barborinhos* (Guimarães), *puginhos* (Alentejo). O povo atribue-lhes influencia maléfica, e foge deles, esconjurando-os [7].

Quando o vento sopra do nordeste, no inverno, e caem alguns aguaceiros, diz-se que está *nordeste mijão;* no Tejo [8]. *Mijão* «diz-se [em Setubal] do vento noroeste, porque traz aguaceiros» [9]. Se o céu se apresenta toldado de *cirrus-cumulus*, quando

---

[1] F. Mendez Pinto. *Peregrinaçam*, cap. 61.

[2] *Ibidem*, cap. 62.

[3] Braz de Oliveira. *Apparelho e Manobra dos Navios*. Lisboa, 1903, pág. 13. Em espanhol ha *ráfaga* e *racha*, com egual sentido.

[4] Mendez Pinto *Peregrinaçam*, cap. 53.

[5] *Regras para evitar os abalroamentos no mar*. (Decreto de 26 de Novembro de 1884.

[6] Couto, no seu *Diccionario da maior parte dos termos homonimos e equivocos da Lingua Portugueza*. Lisboa, 1842. s. voc. Vento, cita os seguintes véntos: «Diz-se em t. de mar. *vento ponteiro*, rijo, tezo; em pôppa, pela pôppa; pela prôa, a huma larga, pelo olho, á trinca, escasso, pé de vento, redemoinho, id. de cima, de baixo, da barra, .. geral, briza .. tufão, pampeiro, vendaval, feito, duravel, favoravel, á feição, contrario ..»

[7] V. L. de Vasconcelos. *Tradições*, 46; S. de Brito. *Astronomia*, 23; Cardoso Marta e A. Pinto. *Folclore da Figueira da Foz*, II, 72; L. de Vasc. *Ensaios*, II, 113; P. Sebillot. *Le Folke-Lore*, 129.

[8] O nordeste e o norte são em geral ventos seguros, mas não é bom fiar. Lá diz o ditado:

«Quando Deus queria
do norte chovia».

De um modo geral diz-se em França: *Il pleut á tous vents.*

[9] *Novo Diccionário*, s. voc. Mijão.

sopra o nordeste, classificam este vento de *nordeste encaramujado;* no Tejo.

É crença geral entre os marítimos do Tejo que os ventos começam a soprar, ou aumentam de intensidade (refrescam), quando se lhes assobia. «La croyance commune dans les marines européenes, d'aprés laquelle on vait venir le vent en sifflant, existe en Annam, dans l'interieur de l'Afrique, etc.» [1]. Tambem é costume, no Tejo, invocar os ventos exclamando: *refresca San-Lourenço!*

Os prenúncios de ventos pela observação das núvens são vulgaríssimos. No Tejo chamam *rabo-de-galo* (Vale-do-Cóina), ou *pé-de-craveiro* (Barreiro, Aldegalega) a uma aglomerção de núvens alongadas (*stratus-cirrus*). que irradiam em várias direcções, divergindo de um centro comum. Anunciam ventos fortes e às vezes chuvas.

Tambem é prenúncio seguro de vento uma nuvem pequena, de forma arredondada que, num céu muito limpo, corre velozmente em determinada direcção. O vento virá do lado donde ela vem (Tejo).

Olho-de-boi é uma nuvem avermelhada, no seio de uma massa de nuvens brancas. Quando ela aparece deve esperar-se vento on chuva. «*Oeil de boeuf*, nuage rougeâtre qui annonce du vent» [2].

Vários ditados metereologicos que se referem a ventos:

»Ceu escamento
Ou chuva, ou vento».

(Vale-do-Cóina).

«Ceu pedrento
Ou chuva, ou vento».

(Estremadura, Alentejo).

«Tempo traz tempo,
E chuva traz vento».

«Mudam os sempos,
Mudam os ventos».

Diz-se em Turquel que «o vento não paga a barqueiro», aludíndo-se à presteza com que ele salta de um para outro quadrante.

A inconstancia ou ausencia absoluta dos ventos é por vezes a causa das demoradas viagens dos veleiros. Para significarem a facilidade com que os barcos a vapor navegam com todo o tempo, dizem os marinheiros dos navios de vela que eles «tra-

[1] P. Sébillot. *Le Folk-Lore.* Paris, 1913. pág. 129.
[2] P. Boissière. *Dict. Analogique.* s. voc. vent.

zem o vento no porão». Na Galiza «tambien suelen decír algunos marineros veleros, envidiando la suerte de los que navegan en buques de vapor, que estos *levan o vento no ventre*, alusión al vapor de la caldera, que es lo que impulsa la nave» [1].

Ás grandes agitações dos ventos sucedem por vezes largos períodos de calma, no mar. Diz-se *calma*, *calmaria*, *calmeiro*, *calmiço* (esp.: *calma*, *calmaria*, *calmazo*, *calmia;* it.: *calma*, *calmeria*). «Mar *calmão*», dizia-se antigamente. *Calmiço* é a calma poriódica de pouca duração, a certas horas do dia, em determinadas épocas [2].

A calma diz-se *chata*, *branca*, *podre*, *estanhada*, *ralassa* (fr.: *calme plat;* ing.: *dead* ou *flat-calm;* esp.: *calma chicha*). Para se significar que ela é absoluta diz-se que «não ha um bafo de vento». Em fr.: *il ne fait pas une haleine de vent*, ou *une bouffée de vent* [3]. No Minho: *nun bole ũa folheirinha.*

«O ceu annuviado, de côr plúmbea ou cobreada em tempo calmoso, forma o que se chama [tempo] *emechornado*, do hespanhol *bichorno*» [4].

Á aragem branda dá-se o nome de *bafagem*, ou *bafugem*: «...para d'ahi com as primeiras bafugens da monção fazerem sua viagem» [5]. Em galego ha *arela* e *airexa* = cast.: *ventolina* e *brisa*.

Dezembro de 1916.

Azinheira—BARREIRO.

ÓSCAR DE PRATT.

---

[1] Inf. de D. Avelino Rod. Elias.

«Les marins de la Manche racontent qu'un capitaine ayant été chercher les vents dans leur pays pour les mettre à souffler sur l'Océan, les enferma dans des sacs à fond de cale ..»—P. Sébillot. *Le Folk-Lore*, pág. 127.

[2] «Aproveita-se o calmiço da madrugada, ou a agua estar parada, para com maior facilidade fazer este trabalho.»—Braz de Oliveira. *Apparelho e Manobra dos Navios*, pág. 143.

[3] P. Boissiére. *Dict. Anal.* s. voc. vent.

[4] S. de Brito. *Astronomia*, pág. 25. «Este mesmo estado de inverno, acompanhado de vento frio, chama-se *Carameleiro* e *Escaneve*.»—*Ibidem, idem.*

[5] Mendez Pinto. *Peregrinaçam*, cap. 53.

TRADIÇÕES POPULARES
DO
BAIXO ALEMTEJO
(OURIQUE)

I. O conto do pastorinho

Era uma vez um pae que tinha um filho que era pastorinho. E o pae ia todos os domingos de quaresma á missa. O padre prègava uns sermões muito bonitos e lá um certo dia ouviu ele dizer que o sermão do outro domingo havia de ser mais bonito ainda.

Ele veio de lá e disse ô mocinho que havia de ir á missa naquele domingo. E o rapazinho disse-lhe que não sabia aonde era.

— Olha, não tem nada que saber. Vae aqui por este caminho fóra; pr'adonde vires ir muita gente, vai tu tambem; onde pararem, pára tu tambem. E deixa-te estar ali na rua. Quando vires entrar muita gente p'ra uma casa, entra tu tambem, que lá é que é a igreja. E tudo que vires lá fazer, faz tambem.

O pequenito assim fez. Via ajoelhar, ajoelhava; via benzer, benzia-se; via levantar, levantava-se. Depois quando veio lá o tempo, o padre foi prègar o sermão. E prègou que isto estava tudo pior, que estava tudo perdido. Que noutro tempo a estrada do ceu era tão larga, que cabiam dois carros á parelha; e a do inferno que não lhe cabia uma ovelha sem tocar com a lã no mato. E agora era o contrario. Que estava a do inferno tão seguida, que lhe cabiam os dois carros á parelha, e a do ceu tão estreitinha que lhe não cabia uma ovelhinha sem tocar com a lã no mato. E o rapazinho ouviu aquilo e ficou com aquela cousa nos ouvidos.

E veio outra vez p'rô pé do gadinho [1]. Depois, vê ele uma ovelhinha — lá a sua escolhida — vê ele tomar a ovelhinha por uma verêda fora.

— Olha a minha ovelhinha, vae alem por aquela veredinha tão estreitinha... Talvez que aquela seja a estrada do ceu.

E seguiu atrás da ovelha. Foi indo, foi indo, até que chegou lá a um convento. E a ovelha desapareceu.

[1] Expressão deminuitiva muito usual dos pastores.

Foi para voltar para trás... «então eu agora não sei o caminho!» E foi á porta do convento perguntar se queriam ali concertar um rapazinho p'ra mandados. E os frades disseram que sim.

—Olha, calha bem, que o moço dos mandados saiu. Ajustamos-te.

Depois, ajustaram o rapazinho. Depois, assim que veío lá a hora do jantar, deram-lhe a sua reçanita [1]. Depois ele começa a andar ali pelo convento, e um dia foi ter lá á capela onde estava o Senhor crucificado. Diz-lhe assim:

—Coitadinho!... que está tão magrinho! Tem aqui este desgraçadinho...—Isto é com fome! Deixe estar que eu hei-de vir todos os dias comer a minha reçanita consigo.

E assim foi: No outro dia, assim que lhe deram a reçanita, foi lá p'rô pé do Senhor comer. E o Senhor fingia que comia. Depois, todos os dias, em lhe dando a reçanita, ia comer com o Senhor. D'aí lá ô fim de uns poucos de dias, começou ele a dizer:

—Coitadinho, já está melhor. Se eu aqui não venho dar, deixavam-no morrer aqui á ne'ssidade.

D'aí os frades deram am notar que ele todos os dias desaparecia com a reçanita e deram em espreita-lo. Um dia ouviram-no estar a falar, e escutaram o que era. Ouviram-no dizer:

—Coma, meu camaradinha, coma. Coitadinho! Já está mais gordinho. Se eu aqui não viesse dar, deixavam-no morrer de fome.

Depois, o frade, veio de lá e disse ôs outros:

—Sabem lá? O que a gente tem no convento, é um santo.

E contou o que tinha ouvido. Depois os frades combinaram de dar um jantar, e disseram ô rapazinho que dissesse ô seu camaradinha se queria vir jantar com eles.

—Quer si senhora (*sic*), quer. Ora ele come o que lh'eu levo, não hade querer cousas tão boas. Quer si senhora (*sic*).

Depois, no outro dia, assim que lhe deram a reçanita, foi, e disse ô Senhor se queria vir jantar com os senhores frades lá no dia que eles destinaram. O Senhor disse que sim. Abanou-lhe a cabeça que sim.

Os frades trataram de arranjar tudo p'rá'quele dia. Mataram capões, piruns ([1]), galinhas, vitelas... Tudo o que era bom. E

---

[1] O povo diz *reção* em vez de *ração*. Por isso o deminuitivo *reçanita*.

[1] Forma popular de *perus*.

prepararam tudo muito bem composto. Tudo o que havia de grandeza naquele convento: pratas, roupas, tudo. Assim que tiveram tudo prompto, disseram ô rapazinho:

—Bom. Está tudo pronto. Vai dizer ô teu camaradinha que em querendo vir que venha.

E o Senhor disse-lhe:

—Desprega-me lá este braço.

E o pequenito foi e despregou-lhe o braço. Ele jogou-o aqui por cima do hombro do rapazinho. Depois disse-lhe que despregasse o outro. O rapaz despregou. O Senhor jogou-lhe o outro braço por cima. Depois que lhe despregasse os pés. E abraçou-se ô rapazinho, e veio até á casa onde estava a mesa posta.

Os frades estavam todos de pé á roda da mesa, á espera que o Senhor viesse.

Assim que o Senhor apareceu alem, caiu tudo por terra. Menino e tudo. Mas salvaram-se todos. Foram todos directamente para ô ceu.

Aquele convento estava todo em pecado. E o menino estava em graça; é que o salvou.

II. Romance

Estando uma bela princesa
No seu jardim assentada,
Deitando os olhos ao mar
Viu vir uma grande armada.
Capitão que nela vinha
Muito bem a governava.

—Diga-me o meu capitão,
Diga-me pela sua alma,
Se lá viu morto na guerra
Uma prenda que eu estimava.
—Diga-me ó minha senhora
Os signaes que ele levava.
—Levava cavalo branco,
Cavalo branco levava;
Levava uma cruz de ouro
Na ponta da lança atada.
—Pelos signaes que vós *dá* (sic)
Lá o vi morto na guerra.
Detràs dum pinheiro os seus
Sepultura lhe fizeram.
—Ai de mim, triste viuva!
Ai de mim triste coitada!
Que morreu o meu marido,
Já no mundo não sou nada.
—Quanto deras (*sic*) vós, senhora,
A quem vos (*sic*) trouvera aqui?...
—Todo o dinheiro que eu tenho
Todo te eu dera a ti.
—Não quero o seu dinheiro
Que me não pertence a mim.
Que darias mais senhora,
A quem vos trouvera aqui?...
—De tres moinhos que eu tenho,
Todos tres os dera a ti.
Um moe cravo, outro canela,
O outro a folha do jasmim.
—Eu não quero os seus moinhos
Que me não pertence a mim.
Que darias mais senhora,
A quem vos trouvera aqui.
—De tres filhas que eu tenho,
Novas, tres, te dou a ti:
Uma p'ra te descalçar,
Outra para te despir,
E a mais bonita que achar

Para convosco dormir.
—Não quero as suas filhas
Que me não pertence a mim.
Que darás mais senhora,
A quem vos trouver aqui:
—Não tenho maís que te dar
Nem vós mais que pedir.
—Eu queria de vós, senhora,
Era o seu corpo gentil.
—O' maroto que tal pede
Que tal se astreve [1] a pedir!
Altos, altos, meus criados,
Venham todos já aqui:
Atem-no ao rabo do meu cavalo,
Corram pelo meu jardim.
—Veja lá minha senhora,
Veja lá se está lembrada,
De um anel d'ouro que eu parti
Numa cadeira assentado.
Mostre-me a sua ametade
Que a minha, vê-la aqui.
—Se vós eras (sic) meu marido,
Para que me tratas (sic) assim!
—Eu estava a ver, ó menina,
O amor que eu tinha em mim.

III. Origem popular do proverbio:

Preso por ter cão || Preso por não ter cão

No tempo em que os Hespanhoes governavam cá na nossa terra, era uma grande desgraça. De cada tantos porcos, de cada tantas galinhas, ovelhas, rêses ou chibos que a gente possuia tinha de dar um lance que era de cada quatro um.

— Ninguem ajuntava pé com orelha. Era uma desgraça.

E depois os moleiros eram obrigados a ter um cão, sob pena de ir para a cadeia. Mas um cão que não comesse farinha. E como não havia meio mais seguro de vigiar isso, era obrigação que o animal tivesse o focinho preto.

Uma certa vez, um moleiro que havia nesse tempo, tinha lá um canito que era muito bom, mas por infeliz sorte, tinha o focinho branco. Veio de lá a justiça um dia, e bumba! prendeu-o. O homenzinho tinha muito genio, e vae e mata o cão. Torna a justiça outra vez... O moleiro não tinha cão. E bumba! cadeia outra vez com ele. O homenzinho então costumava dizer:

— Isto é assim: preso por ter cão, preso por não ter cão.

IV. A procissão das almas

Muito espalhada no Baixo-Alemtejo esta crença, não é dificil encontrar pessoas que vissem ou ouvissem contar a outras mais velhas casos como estes sucedidos em Ourique, do desfilar terrificante dos mortos.

Na rua da Umbria vivia em tempo uma mulher muito boa-

[1] Forma muito usual do verbo *atrever*.

zinha, e que não era de mentiras. Um dia levantou-se cedo para ir p'rô pégo, e ô depois, quando ela vê uma procissão. E vai a mulher e mete-se na procissão. E depois deram-lhe uma vela e a mulher aceitou. A mulher sempre metida na procissão deu uma volta á roda da Senhora da Assumpção (capela que serve de matriz em Ourique). E depois desapareceu tudo. E a mulher muito admirada veio p'ra casa. Quando foi olhar a vela, estava uma canela de defunto. Á noite estava ela ô lume: trás, trás (á porta).

—Quem está ahi?

—Faz favor de me dar o que trouxe ontem á noite!

E a mulher meteu a canela pela gateira.

—P'ra outra vez faz favor de se não meter onde não fôr chamada.

*

A senhora Ignacia Joaquina, uma boa mulher já falecida, que exercia o mister de parteira, e cujos braços honestos foram os primeiros que me ampararam quando eu vim ao mundo, tambem viu uma noite a triste procissão das almas. Naquela casa havia um costume, de estar sempre o postigo aberto emquanto a sua gente não entrava toda.

Uma noite ouve ela, parece-me que era uma hora, um hu-ri muito grande.

Vae a mulher, assoma-se ô postigo, vê ela vir uma procíssão pela rua de S. Luis (a rua onde a Senhora Ignacia Joaquina morava). Ouve ela umas vozes muito tristes, muito tristes:

—Anda para diante.

—Como hei-de eu andar, se a minha mãe quando eu morri nunca me deu o apertilho com que eu amarrava o meu fatinho [1].

A senhora Ignácia Joaquina jurou para nunca mais assomar-se assim àquelas horas da noite.

V. **Abel e Caim**

Eram dois irmãos. Um era Abel e o outro Caim. E depois, o Abel era muito bom e o outro um jogador. O Abel estava sempre a dizer:

—Ai, irmão Caim, não faças isso, olha que te perdes.

---

[1] **É costume alentejano (pelo menos nalgumas terras do Baixo Alentejo, não deixar ir para a sepultura uma criancinha sem a cinta que segure os coeiros. A palavra *apertilho* tem aqui uma significação muito lata.**

E ele nada de se emendar. Jogava com o Diabo e chegava a ter o chapeu já acagulado de almas ganhas ao Diabo. Mas o Diabo dava-lhe taes voltas, que l'has ganhava todas outra vez.

E o Abel sempre:

—Ai, irmão Caim, que te perdes!

—Ai, irmão Caim que te perdes, arremedava o irmão. E pegou numa caveira de um burro e matou o irmão.

Os anjos vieram buscar Abel e cantavam:

Já Caim matou Abel,
Duma morte inocente,
Já os anjinhos o levam
Para o ceu eternamente.

E o Caim perdeu-se. É um dos grandes Satanazes que ha no Inferno [1].

VI. Oferecimento á Lua

Para ter sempre dinheiro:—De cada vez que a lua é nova e logo que qualquer a lobrigue, não tem mais que mostrarlhe uma moeda enquanto recita:

Deus te salve lua nova!
Lua luar!
Aqui tens o meu dinheiro,
Ajuda-mo a casar.

Repete-se tres vezes e reza-se um Padre Nosso e uma Avè-Maria a Nossa Senhora.

Para passar a dor de dentes:

Deus te salve lua nova!
E lua luzente!
Quem t'a ti fez lua nova,
Que me tire a dor de dentes.

Para as crianças não serem atacadas de lua, para não andarem aluadas:

Deus te salve, lua nova!
Lua luar!
Aqui tens o meu menino,
Ajuda-mo a criar:
Eu por mãe,
E tu por ama.
Cria-o tu.
Que eu lhe darei mama [2].

VII. Pesar a terra

Eficaz para livrar as crianças do malefício do bruxedo:—À meia noite leva-se a uma encruzilhada um Manuel e uma Maria, ambos virgens, e a criança embruxada. Esta é posta num prato de uma balança, dentro de uma alcofa.

---

[1] Já depois de ter isto escrito, soube que a narradora contava, não simplesmente uma lenda, mas sim uma lenda revivida num episodio de téatro de *Orra bibas*. Orra-bibas é a corrutela da saudação favorita dos *fantoches*.—Ora viva! seria pouco comico.

[2] Acerca d'estes costumes cfr. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, §§ 33-35.

A Maria diz:
— Cava, Manuel.
E ele responde depois de cavar a terra.
— Apanha, Maria.
Os dois ao mesmo tempo:
— Pra que Deus nos livre desta bruxaria.
Repetem isto até ter a terra suficiente na alcofa que serve de contrapeso á criança. O pai, se o tem, é que pega na balança.

Depois quando o peso está certo, isto é, quando a alcofa que contem a terra e a que contem a criança se equilibram, a Maria tira desta a criança que conserva nos braços enquanto o Manuel emborca a outra com a terra, no sitio onde se fez a pesagem. Colocam-se então frente a frente, *aternando* na direcção das quatro estradas e passam assim, dos braços dum para os doutro, a criança embruxada, de forma que se descrevam cinco cruzes. A roupinha que a criança trajar nesse momento fica lá.

VIII. **Virtudes da envide** [1]

Para que as bruxas não tenham entrada com as crianças: — Logo que a criança nasce, volta-se de bruços e com a envide, diz-se-lhe o credo em cruz nas costas.

Tambem se usa esfregar-lhe a cara com a envide para que saia córada e bonita, e as sardas lhe não peguem.

IX. **Para a quebradura** [2]

Agarra-se num lagarto vivo e golpeia-se tanta vez quantas sejam necessarias para que ele deite sangue. Logo que isto suceda, unta-se a quebradura com ele, e deixa-se o largato em liberdade. Conforme este se for curando assim se curará o quebrado [3].

X. **Outra receita**

Eficaz nas criancinhas: — Faz-se uma incisão numa amoreira (e na falta desta, noutra qualquer arvore), ao comprido, e metem-se-lhe uns fios dos cueiros. Reza-se a Nossa Senhora.

---

[1] Ou *vide*—cordão umbilical.
[2] «Hernia».
[3] Esta receita forneceu eu já ha tempos ao Dr. Claudio Basto para um dos seus estudos sobre medicina popular. Não sei porem se já está publicada.

XI. **Para a diarreia verde**

Quando as crianças têm dejecções verdes, pega-se num cueiro sujo e põe-se em cima do telhado e deixa-se lá para sempre. Reza-se a Nossa Senhora.

XII. **Um esconjuro**

Eu te benzo, eu te esconjuro,
Com a pata do meu burro
E a cebola albarran,
Para que te dê uma terçã,
Que não dures
Té amanhã pela manhã.

Aljustrel, 19-12-916.

MARIA DA CONCEIÇÃO PORTUGAL DIAS.



VOCABULARIO BARROSÃO

A

a. Exemplo do seu emprego como preposição: *passar a* (em tal sitio); *fiador a uma divida; num entrei á igreja.*

abalar, ir-se embora (no sentido de ser para muito longe): «F. abalou para o Brasil».

abaluar, avaliar.

abanado, acabrunhado.

abanar, sacudir, abalar, agitar: «Abanar uma arvore».

abascada, nome insultuoso entre mulheres. Vid. «apaseada».

abecas, aivecas, (Pedrario e Tourem)..

abeirado, beiral do telhado.

abelha, homem astuto: «F. é uma abelha!»

abental, peça de vestuario da mulher. Em algumas povoações como Padrôso ê Vilar de Perdizes tem o mesmo nome uma especie de saia que usam os homens sobre os ombros, a qual aperta no pescoço.

abentar, abrir a boca dum animal para se saber a sua idade.

abéspora, vespera.

àbêsse, ás avessas (Fiães do Rio).

abestunto, bruto.

abezar, ter. Aquele sempre abeza uma saia quadradra!

abichar, conseguir alguma coisa.

àbô (int. admirativa e dubitativa), àgora!

abobeda, abobora.

abocanbar, melhorar o tempo (querendo significar uma *aberta* em tempo de chuva: «Parece que vai abocanhar».

aboiada (a vaca), coberta sem eficacia.

abôno, estrume: um carro de abôno. Emprega-se muito.

abotecado, hipotecado.

aboucar, bater, esmoucar, e tambem fazer barulho, falar alto.

abrigado, pouco batido: caminho abrigado da chuva.

abrótega e **abrótiga:** certa planta dos montes. Ás *abrótigas* depois de sêcas, chamam *aguços;* os aguços são usados pelos pobres para iluminação das casas. Vid. Aguço.

acabáramos, acabámos.

acaçar, caçar.

açães, vermes que aparecem na carne e no queijo.

acendalhas, lenha meuda, chamiça.

achabouçado, mal feito: pião achabouçado.

achair, gradar (a terra). (Tourem).

achentar, aquentar. (Fiães do Rio).

achi, aqui. (Fiães do Rio).

acirrar, desafiar.

aclar (o cabêlo), ageitar.

aclimar-se, habituar-se, afazer-se.

açobar e **açogar** (o cão): açular.

acordar, recordar. «Eu até me acordo do Cocles belho (velho) andar a guiar o telhado».

Adelaida, Adelaide.

adelhas, polainas brancas usadas pelas mulheres (Salto).

á dependura (estar), a morrer, na pobreza.

adiente, adiante.

adital, edital.

á divina (estar), sem nada.

adjunto, ajuntamento. «Havia lá um grande adjunto».

adoada (a criança), carinhosa.

adotar, dar dote.

adregar, conseguir: «tanto andou, que adregou o negocio».

adruvio, mentiroso, aldravão.

advertido, pandego, alegre.

àdvertir, advertir. Perguntando na serra do Larouco a um pastor porque é que fumava, respondeu:—

«A gente fuma p'r'ádvertir o genio».

afifar, bater?

afinado, zangado.

afinhado, apoquentado: «afinhado c'os remorsos».

aflege, aflige (flexão verbal)

afumados (chouriços), bons, já curados pelo fumo.

afumar, enegrecer com fumo: «deixaram afumar a casa».

agachar-se, esconder-se, abaixar-se: «está agachado detrás das messes».

aganar, respirar com dificuldade.

agano, certa doença dos bois.

agarimo, afago. «O cão e ó menino || vão p'ra onde lhe fazem o agarimo».

agarradiça (terra), que se agarra ao calçado.

1. **agantahar,** subir ás arvores: «agatatanha como um gato».

2. **agatanhar** e **apresunhar:** agarrar, prender.

ageitar, compôr, concertar. O termo mais usado neste sentido é *guiar*.

agôra, agora.

àgóra (int.), oh! pois é isso?!

àgràdar (o terreno), gradar,

àgráde, grade para gradar o terreno. Compõe-se de *varaes*, *travessas* e *dentes*. (Pedrario). Em Outeiro ouvi chamar respectivamente: *banços*, *outões* e *dentes*.

agrónico, agronomo.

aguço, pauzito de urze sêca que acêso se mete num buraco do fôrno para o iluminar quando se mete ou tira o pão. Vid. *Abrótegas*.

agulha, 1) pedra colocada ao meio do tranqueiro para lhe aliviar o peso; 2) sabor acido do vinho. «Tem uma agulha que se não pode levar».

agulhas, pessoas intriguistas.

Ágústo, Augusto.

ai, ai!—resposta que se dá a algumas perguntas. Então tu já vieste? —Ai, ai!

ajoujado, adoentado.

alagar, cair. «O muro alagou-se».

alambazar, comer muito: alambazou-se na comida.

alanzoar, dizer mentiras.

albardeiro, mentiroso.

albericoque, certo damasco.

albernó, casaco de mulher.

albidar, olvidar.

Alcace e Alcacio: Acacio.

alçafrão, certa herva aromatica.

alcanfora, canfora.

alcanforado, canforado.

alçaprema, pequena pedra ou pedaço de madeira no qual os pedreiros apoiam a alavanca quando querem remover alguma pedra grande.

alcarradas: 1) argolas usadas pelas mulheres nas orelhas (Fiães do Rio); 2) pêlos que crescem nas orelhas dos bezerros; 3) dois apendices carnudos que alguns porcos teem pendentes na mandibula inferior.

áldeagante, vadio, sem morada certa.

aldrabão e **aldrabôna:** que mente muito.

aldrava e **aldrave:** fecho de ferro de uma porta.

aleitar, dar leite. A vaca aleita bem o filho.

alfacia, alface.

algarozes, lajes de granito colocadas de cutelo nos extremos dos telhados de côlmo (Pedrario). Em algumas povoações chamam-lhes *guardas-ventos*.

alha, alho sem dentes.

alheira, enchido feito de couracha, bucho de porco, vitela, galinha, meôlo de trigo, alhos e pimenta.

aliança, anel.

alifante, elefante.

alimal, animal.

alimpar, limpar.

alinheiro, leite novo tirado depois de separada a *cria*. Vaca alinheira.

alivião, alvião.

almalho, -a, bezêrro. É muito empregada.

alma negra, apostrofe insultuosa. Tambem se diz por brincadeira.

almario, armario.
almazem, armazem.
alumiar, nomear.
alonso, que se finge bruto ou parvo. F. faz-se alonso. Não te faças alonso.
alpargatas, alpercatas.
alqueire, raza. Tratando-se de castanhas ou batatas, são precisas duas razas para fazer um alqueire.
alquitete, que se mostra servil.
alustrar, relampejar.
alustro, relampago.
alveira. Vid. *alveiro.*
alveiro (pão), moido na pedra *alveira.* Ha ainda a pedra *centieira.*
Alziria, Alzira.
àmá (int.) exprimindo ralho. Àmá que apanhas!
amadurar, amadurecer (Vilar de Perdizes).
amanhão e **amanhê**: amanhã.
amanhar, fazer qualquer trabalho.
amarelas e **loiras**: libras.
amargôr de bôca, ciumes. Tambem se diz *zêlos.*
amassucar, dar pancadas. Ele amassucou-o.
amatado, escondido no mato.
âmbria, fome. Trago uma àmbria!
amedouchar, fazer *medouchos* ou *medouchas.*
ameixil, nome duma peça do arado (Pedrario).
amerôso, macio, brando. O tempo está ameroso.
amigado, amantizado.
amolar, murmurar, ludibriar alguem. Andas a amolar a navalha nas minhas costas.
amontaria, almotolia.
amora e **mora**: fruto da silva.
ambos e dois, ambos.
amorfanhado, preso. Deitei-lhe as unhas e amorfanhei-o.
amouchar, adoecer. F. amouchou.
anaguas, o mesmo que *inaugas* (Sirvozêlo).
anainho, anão.
andadeira, 1) que anda muito. Pôtra andadeira; 2) pedra superior do moinho.
andar ó fato, diz-se da *rêz* (rebanho) que anda guardada isoladamente.
andar á veseira, diz-se da *rêz* que anda pastando em rebanhos juntos e guardados á vez pelos donos.
andilhas, cadêiras em que se assentam as mulheres quando vão a cavalo.
aneiras ou **de contra-fôlhas** (terras), que produzem em anos alternados. E costume combinarem-se os lavradores para deixarem os terrenos contiguos de *folha vazia* para ali poder pastar o gado.
anga, asa do balde de *acomodar* os leitões (Vilar de Perdizes).
angorêtas, pipos de forma achatada.
anho, a, cordeiro.
Anibel, Anibal.
antes-trasantonte. Emprega-se esta frase, não sabendo eu porém qual a sua significação exacta.
Antonho, Antonio.
antrada, entrada.
apàjár, acompanhar. F. anda sempre a apàjár as crianças.
apancar (a janela), fecha-la.
apanhar lebres, cair nos caminhos.
aparaltado, bem posto, aperaltado. Em Pitões diz-se *bem postado.*
aparelho e aparelhos: aprestos do cavalo.
apascado, -a, 1) tôlo; 2) nome insultuoso entre mulheres.
apeiria, apeirias, jintura e jinturas: jugo com os seus pertences. Em Sirvozêlo ouvi dizer *jintura.*
apeiro, jugo com os seus pertences (Fiães do Rio).
apelido, nome. Cada monte tem seu apelido.
apertar, economizar. Um homem não deve apertar de mais, nem de menos.
apilarada (obra), bem feita. Emprega-se muito em sentido ironico.
apontar, 1) alinhavar; 2) aguçar. Foi

apontar os picos ó ferreiro; apontar estacas, estadulhos, etc.

aporrinhado, muito oprimido.

aporrinhar e aporrenhar: apoquentar com pedidos, serviço, etc. Aporrinhado c'o trabalho.

apresigo, bocado de carne ou peixe com que se acompanha o pão.

apujar, o ato de as porcas darem leite ás crias.

apuladoiros, cunhas de madeira para ajustarem as treitoiras (Pedrasio).

aquela, 1) odio. Tenho-lhe uma aquela! 2) falta de juizo: «Tem uma aquela!»

á que sim, sim. Expressão afirmativa em contraposição a *á que não.*

arado, compõe-se de rabiça, *tumão* (*turnão* em Frades), àteiró, abecas ou ibecas, meixil (meixêlo em Tourem) e ferro (em Tourem rêlha). Em Tourem ha a palavra *pescunhos* no arado. O ferro compõe-se de orelhas, tubo e ponta.

aranhas, homem fraco, que não presta para nada.

aranhões, patranhas. Quem te meteu aranhões na cabeça?

aranzel, pessoa fraca.

arca, caixa. As caixas grandes em que se recolhe o centeio teem junto ao fundo uma abertura chamada *câna.*

arcadias e arcadas: arrecadas.

arcado, que tem arcos: «fôrno arcado».

arco da velha e arco celestial: arcoiris.

Ardãos, Ardães.

ardiume, ardôr.

«**ardupa** o Borges», arde o fôrno (giria dos pobres do fôrno).

arestas, particulas que se separam do linho no *spadar* ou no *assedar.*

argainho, certa herva.

arganassa, ratazana.

arganel, arame que se coloca no focinho dos porcos para não fossarem.

aricar, (o centeio), tirar-lhe herva por meio do arado.

ariôso, sal (giria dos pobres do fôrno).

armação, conjunto de peças que constituem o teto e o soalho duma casa. O teto compõe-se de tirantes, filête, terceiras, caibros, pião, pontaletes, escora real e soleiras. No soalho ha traves, garrotes e piso ou sôlho.

armar cordas, termo de pescador.

armadilhas, dispositivos para caçar passaros. Ha a enxó, as costelas e as esparelas.

armela, assim chamam em Frades do Rio ao fecho do carro.

arnache, decisão, coragem. Marchou com arnache (Sarraquinhos).

arnaz, 1) genio, qualidades. Ter bom arnaz; 2) zanga forte. Tenho-lhe um arnaz!

arochas, brincadeiras. Em Vilar de Perdizes depois de ter feito algumas perguntas de *folk-lore,* ao despedir-me, disse um dos presenfes: «Nunca me ri tanto como agora com estas arochas»·

aromado, perfumado, com aroma.

apersigar, acompanhar o pão com um bocado de chouriço, carne ou bacalhau.

arrã, rã.

arrabar (o gado), fugir com a môsca.

arrabunhar e arrebunhar: arranhar.

arraiano, raiano.

arralar, tornar *ralo.*

arrascanhar, arranhar.

arrate, arratel.

arrates, arrateis.

arrebitados (sapatos), com a biqueira um pouco levantada.

arreceber, receber.

arrecuar, recuar.

arregalar (os olhos), abri-los muitos.

arreganhar, 1) mostrar. Arreganhou-lhe os dentes; 2) levedar. O pão já está a arreganhar.

arrelicas, reliquias.

arreguiçado, levantado. Cabêlo arreguiçado.

arreguiço, raquitico.
arreigar, arrancar.
arreitado, guarrido, aperaltado.
arremangar, arregaçar. Arremangar as calças.
arrencar, arrancar.
arrendatario, caseiro (Vilar de Perdizes).
arrendo, aluguer de casa, arrendamento. Emprega-se muito.
arrimar, 1) arrumar; 2) arremessar.
arrimar-se, encostar-se. Arrimou-se á parede (Padrôso).
arrizar, melhorar.
arrolar, cantarolar para adormecer uma creança.
arroeinar, chegar a egoa ao cavalo a ver se anda *saida*.
arrudilhar, enrudilhar.
arrumendar, remendar.
artife, pão (giria dos pobres do fôrno).
artificios, artefactos indeterminados. Perguntando em Séla a um lavrador os nomes das diferentes partes do arado, respondeu-me = a gente por aqui usa estes artificios.
artimanha, arte e manha, imposturice: «É preciso ter artimanha || p'ra comer o que o outro ganha».
arujo, argueiro.
asado, arranjado, ageitado. F. ia bem asado. Homem mal asado = defeituoso. «Está muito asado» = a ameaçar mau tempo. As camas aqui (Montalegre) são todos asadinhas=bem feitas.
ascordar, acordar.
ás de copas, assento, anus.
assador, peça de cozinha para assar castanhas. E' semelhante a uma peneira.
assadura, lombo de porco.
assancanhar, querer andar depressa, mas não poder.
asseguir, seguir.
assistencia, 1) acção de assistir a um moribundo; 2) residencia. Dizem que no *Crasto* de Medeiros era a assistencia dos Mouros.
assubir, subir.
assuceder, suceder.
assucre, assucar.
assustentar, sustentar.
atado e atadinho: sem rasgo, sem expediente.
atador, o individuo que ata as messes na ocasião da ceifa.
atafais, peça dos albardões.
atão, então.
atapulhar, tapar com trapo ou tapupulho.
àteiró, travessa que segura o temão á rabiça.
atempar, dar tempo. As batatas ainda não estão atempadas.
atestar, tornar testo, entesor.
atiçar, 1) ativar. Atiça o lume! 2) bater. Atiça-lhe!
atinar, acertar. Atinar c'o caminho.
atirar (a vaca), escornar.
atolambado, tôlo.
atourada (a vaca), que já foi coberta.
atrás, 1) ha pouco tempo. Apareceram muitos javalis numa neve que caiu atrás; 2) a seguir. «Quem coze agora atrás?»
atrevidura, atrevimento.
atufado, zangado.
atuir, atupir.
atupir, tapar com terra ou pedras. O fôgo está atupido.
auga, agua.
auguardente, aguardente.
augas vertentes, encosta. Augas vertentes p'ra cá é português.
auqueduto, aqueduto.
ausservar, observar.
autente, mais crecido, desenvolvido. O rapaz está autente. (Fiães do Rio).
ave, passaro grande.
avergalhado, marôto.
avezeirar (a rez), reuni-la para a vezeira.
aviado, desembaraçado.
aviar-se, andar depressa, Avia-te rapaz!
azeiteira, almotolia.
azeiteiro, 1) que anda pouco limpo; 2) que vive á custa duma mulher.

azête, azeite (Vila da Ponte).
aziume, excesso de fumo na cozinha.
azoutar, açoutar.
azoute, açoute.
azul, que anda com algum vinho.

B

bacatela, bagatela,
bacamarte, mulher mal asada.
bacélos, bacêlos (Vilar de Perdizes).
bachôco, ravina, buraco fundo.
bacia, vasilha de cobre para conter brasas para aquecimento no inverno. E' o que em algumas partes se chama *braseira*.
bacoia, mulher mandriôna.
bacros, e leitões de veiga: porcos pequenos que acompanham uma porca pelos campos.
badalar, falar muito.
badalhoca, 1) pedacito de excremento e terra pendente das pernas das ovelhas; 2) mulher que traz a saia molhada e suja.
badameco, homem sem força moral ou fisica.
badana, saliencia na parte inferior do pescoço das vacas.
badanas, nome insultuoso.
bafareira, 1) bafo de embriagado; 2) fervura da agua.
bagalhoça, dinheiro, riqueza. «F. *trouve* bagalhoça a *barulho*». Termo chulo.
baganho, a cabeça do linho, na qual está a semente.
bago, dinheiro.
bàgueiro, -a, jumento. E muito empregado.
baixâme, vexame.
bajoujo, ingenuo.
balancé, recreio de rapazes.
balboleta, balboreta o borboreta: borboleta.
baldrulhada, barulho.
balisas, 1) pequenos paus que dividem os lameiros (Vilar de Perdizes); 2) pauzitos espetados no terno para regularem a sementeira, e que limitam as *embelgas*.
bambo, cambado. Homem bambo das pernas.
banaboia, vadio.
banca, mesa.
banços, 1) Vid. *àgráde;* 2) as duas travessas extremas do'scâno (Tourem).
banda, lado. P'rá banda do Rio (povoações que ficam nas margens do Cavado e a jusante de Montalegre).
bandalho, nome insultuoso entre mulheres.
bandijar, acção de dar impulso a uma bandeja de madeira para fazer levantar a massa do pão antes de entrar no fôrno. Pão bandijado.
bandoleiro, mandrião.
bantal e bental: avental.
banzé, desordem, barulho.
baraças, cordões dos coletes das mulheres (Paredes).
barandinha, chapeo da carda dos sapatos. As cardas fundidas quantas saem, quantas ficam c'o a barandinha ó ar.
barbeiro, vento forte.
barbilha e regaço: rasgo cavado em pedra para nele encostar uma porta. Regaço do tranqueiro.
barbucho, cabrito.
barbuchinho, dim. de *barbucho.*
bareiros, duas traves que os serradores dispõem de maneira que sustentem o pau que deve ser serrado.
barela, pau com quê os rapazes impulsionavam as buchas no *stourote.*
barisas, varises.
barja, vagem.
barjôco, terreno fundo, precipicio, barranco.
barra, especie de soalho que num dos lados se apoia numa das paredes dum cobêrto, é no qual se guardam alfaias de lavoura, lenha, etc. Vid. *barrela* ou *pôia.*

barraco, a, 1) casa pequena, côrte para bois; 2) casita ligeira feita no campo com madeira, terra e côlmo.

barracucho, pequena casa no campo.

barranhão, especie de pote de barro com duas asas e sem pernas em que se deita o *pingo* do porco.

barrela ou **pôia:** soalho a certa altura dum cobêrto para arrumação de alfaias de lavoura (Tourem). Vid. *Barra.*

barrête, carapuça.

barricha, barriga (Donões).

barriga (andar de), prenhe.

barrigada, choque entre piões que giram.

barrosão, de Barroso. Os moradores de Santo André e Vilar de Perdizes não se consideram Barrosões.

barrote, rapariga gorda e baixita.

barruma, verruma.

basculho, 1) vassoura de varrer o forno, as eiras, etc. No forno emprega-se geralmente o *matão*; 2) mulher suja e que não sabe vestir-se; 3) nome insultuoso entre mulheres.

batatas (operações de cultura das): 1.º Deitar o abôno no terra; 2.º Virar a terra com arado ou enxada á ponta d'alma; 3.º sachar; 4.º Deitar as batatas na terra; 5.º lavra-las; 6.º Engrada-las; 7.º Sacha-las; 8.º Amontoar (chegar a terra). Foi o que me disse um lavrador de Frades do Rio.

bater, chegar: «bateu aí o regedor».

batibarba, reprimenda.

batoque, 1) rôlha da borracha ou pipa; 2) rapariga baixinha e gorda.

baucê, você.

bazulaque, homem gordo e baixo.

beata, 1) ponta de cigarro; 2) moeda de cinco reis.

bêbeda, bebedeira.

beche, carne de cabra.

beiras, planos inclinados do telhado: «Telhado de duas *beiras*».

beiril, fiada de pedras salientes numa parede para impedir a entrada da agua num telhado que em plano inferior encosta à mesma parede.

bedrelho, e budrelho: 1) pequenina pedra; 2) jogo infantil com pedrinhas.

belancia, melancia,

belantina, certa planta de vasos.

beleira, que funciona bem. A chabe está bem beleira.

belfo, que não tem ou não ajusta bem os dentes, que pronuncia mal por não ter dentes.

beliscadura, arranhadela.

beliscão, golpe ou incisão com a unha.

belótigas, bolotas.

belouro, bola feita com neve.

bem, muito. Tem aqui bem feno.

bem cá boi, oich, toma, toma—int. de fazer parar os bois.

bençado, avençado.

benção, pronuncia-se com acento tonico na ultima silaba.

bens, propriedades: «F. tem muitos bens».

bêrças, couves cruas ou cozidas.

berdosas, couves (giria).

bêrgas, varas de carvalho proprias para cestos.

bergontea, castanheiro novo.

bergueiro, pau grosso de mão.

berinho, certa variedade de carvalho. Ha ainda o molar ou cerquinho.

berra, certa ave noturna cujo pio faz lembrar o vagido das ovelhas. Em Sarraquinhos disseram-me que se chamava assim no verão, e *narceja* no inverno.

berrar (a criança), gritar, chorar.

berreiro, grande gritaria.

berrelas, rapaz que berra muito.

berrialho, barulho feito pelas vacas qundo no monte alguma está abortada ou fareja animal bravo. Oh! c'os diabos as vacas lá armam um berrialho!

berringalho, homem ordinario.

bertalhas, 1) as escorridas que transbordam de medir líquido; 2) o ex-

cesso de agua que rega um lameiro.

bertôldo, bruto.

berzunda, bebedeira.

bessadeiro, arado de bessar.

bestia, casaco.

bestigo, 1) cobra grande; 2) qualquer animal grande; 3) homem muito alto.

bêta, 1 membrana sub-lingual; 2) lista, malha. Cavalo de estrela e bêta; 3) homem de estrela e bêta e pé calçado = homem de alto lá com ele.

bêu, veio (Fiães do Rio).

bezerra, a camada imediata á codea de baixo, nas brôas de pão quando este sae do forno mal cozido por ser a massa mal levedada ou a farinha ter sido muito remoida no moinho.

bezerreiro, comprador de bezerros.

bezerro de leite, bezerro (Fiães do Rio).

bezínhos, vizinhos na acceção de moradores, habitantes.

bianda, couves, batatas e feijão do caldo. Deita-me muita bianda.

1. **bica,** bôlo espalucado que se coze com a fornada. Ha a bica *assua*, *milha*, *fôfa*, *sobada* (=çobada) e *centeio*, sendo esta feita com os restos que ficam na masseira, e que são muito bem amasssados.

2. **bica** de manteiga, pequena porção de manteiga que se oferece ou vende.

bich, bich, bichinho,—int. de chamar os gatos.

bicha, orgão genital das femeas.

bicheiro, abertura feita numa parede para passagem do gado. O' tal, abre lá o bicheiro. Na Vila da Ponte dizem *biqueiro*.

bichiche, bicharia.

bichocas (batatas), furadas pelo bicho.

bifar, furtar.

bilhestres, dinheiro.

bilhó, castanha assada.

bingala, bengala.

bios, pauzitos com que se fecham os cortiços.

biqueiro, 1) que come mal ou pouco; 2) abertura numa parede fechada por taboas dispostas de cutelo entre duas pedras chamadas *ocheiras*, em cada uma das quaes ha uma fenda para nela entrarem as taboas (Sirvozêlo) Vid. *debiqueiro*.

birra, o defeito dos cavalos roerem a mangedoira.

bisca, pessoa falsa. Ó que bisca me saiu!

biscato, sapateiro remendão.

biscatos, pechinchas, boas mulheres. Na feira de Montalegre andavam bons biscatos.

Bito, Bitro e Bitulo: Victor.

b'landrau, balandrau, habito do juiz de direito.

blusia, blusa, especie de camisola de riscado que os homens usam entre a camisa e o colete.

1. **bô!,** bom! (int. administrativa).

2. **bô!** bô! bom! bom! Expressão confirmativa que pode traduzir-se por: é isso, não ha duvida.

bõa, boa.

bóca, int. de mandar os cães.

bocanho, bocado de bom tempo.

bochada, miudezas do boi.

boche, bofe. «Ter os boches ao pé da lingua» = ser muito sucetivel.

bôda, casamento na acção da festa de noivado.

bodalhão, bodegão e boldrião: homem sujo e imundo.

boeira, 1) certa ave; 2) mulher que tem grandes as nadegas.

bogalhão, valente, forte. O touro está bogalhão.

bòguinha, dim. de bóga.

boi-tourão, boi inteiro.

bôla, pão espalmado que se coze com a fornada do pão. Por semelhança diz-se = o pão ficou todo numa bôla.

bolacha, bofetada.

bolas, bocados de madeira que se

colocam nos extremos das galhas das vacas.

bolcar, voltar. Bolcou o copo.

bolsa, saquinha de guardar o dinheiro.

bombada, grande prejuizo.

bonda, basta.

bondar, bastar.

boqueiro, passagem para o gado, feita num muro. No boqueiro ha as *hombreiras* (Tourem). Ha ainda *portêlo* e *portal*, porta por onde entram os carros. Vid. *biqueiro*.

borborinho, remoinho.

bordão, pau de trazer na mão.

bôrdo, 1) bordado, bainha; 2) *Arrázou*, mas deixou um bôrdo (no alqueire, falando-se de centeio, milho, etc.).

bordoada, pancada. A vaca atirou-lhe uma bordoado (com um galho).

borges, fôrno (giria dos pobres do fôrno). Adupa o Borges = arde o forno.

bornal, bolso grande no interior da jaqueta.

borne e borno, meio quente, môrno.

borracha e bôlha: empola da pele.

borrajos, terrenos de cultivo destinado ás despesas da junta de paroquia. São trabalhados *á roda*, e o produto é destinado ao vinho distribuido no fim de cada dia de trabalho em comum, concertos de caminhos, colheita do fêno para o boi, etc.

borralheira, 1) grande calor quando o sol está encoberto; 2) rescaldo da lareira ou lar.

borralho e brasas: 1) carvão de lenha meuda; 2) rescaldo do fôrno.

borrão, 1) porco de cobrição; 2) individuo femeeiro.

borrego, a, 1) carneiro pequeno; 2) nome insultuoso entre mulheres.

bossais, cestas que se colocam na bôca das vacas quando se arrinca o centeio.

botar, ir. «Onde bota?»

boteco, ôdre pequeno.

botelha, cabaça seca para vinho.

botelho, 1) botija pequena; 2) nome insultuoso.

boteno, falha nas abas dos pratos, boca dos pucaros, etc. Este pucaro está *esbotenado*.

botije, botija.

bouch, bouch.,—int. de afagar os bois.

bravo, frio. «O nosso Barrôso é mui bravo».

branquejar, diz-se quandu se aponta a alguem um terreno que ao longe parece mais claro que o que lhe fica proximo. É acolá onde está a branquejar.

braseira, panela de barro com buracos onde se queima carvão.

brêspa, vespera. Vid. *abéspora*.

briga, luta.

brigar, ter questões, lutar.

brilheiro, mal castrado.

briol, vinho.

Briza, Brizida.

brôa, pão. Brôa de centeio.

broada, barulho. Quando é de inverno a agua faz ali uma broada!

brocar, voltar um objecto com o fundo para cima. Brocar uma malga. Vid. *bolcar*.

brocha (andar á), estar atrapalhado, em dificuldades.

brôchas, atacas do calçado (Paredes).

broeiro, que come muito pão.

brosque, bosque.

brugêsso, estupido.

brutidade, brutalidade.

buber, beber.

bueiro, anus.

bufarda e cheminé: pequeno orificio no féto de côlmo para sair o fumo (Vilar de Perdizes).

bufarda, pequena janela (Tourem).

bufarinheiro, vendedor ambulante.

bufas, batatas.

bugo, bugo, buguinho,—int. de chamar os porcos (Fiões do Rio).

bulha, luta.

bulôr, bolor.

bumba, bumba: expressão de quem diz que correu alguem á pedra.

burmelho, vermelho.
burra, egoa. É muito empregado.
burra, aparelho de madeira que numa ou noutra cozinha substitue a *gramalheira*.
burrancas, rapaz sem graça.
burreco, a, 1) dim. de burro; 2) rapariga nova e boa.
busarão, lambão.
bustela, obra mal feita.
busteleiro, mau artista.
buziar, ha a frase: Ora vai buziar.
búzio, 1) moribundo. Já está búzio; individuo que acaba de chegar duma viagem cheio de frio.

C

cá, expressão de afirmaçã. «Então guardam segredo?—Cá!»
cã: perguntando no Cortiço as operações do fabrico da lã, respondeu-me uma mulher: primeiro obra-se na *cã*. É palavra descouhecida noutras povoações.
cabaça, abobora.
cabaço, pião fraco que se coloca no terreno quando se perde.
cá baixo e cá bot'ábaixo: int. de fazer descer a rês (Sirvozêlo).
cabana, 1) corte no monte para guardar um rebanho ou pequena casa onde ficam os pastores; 2) vaca com os galhos baixos; o oposto é *pinheira*.
cabaneiro, homem pobre que trabalha por conta d'outro.
cabano, 1) bruto; 2) animal que tem os galhos mal dispostos.
cabeça de casal, chefe de familia.
cabeceira, 1) cabide; 2) a camada inferior da mesma na eira; 3) cabeça de casal. Neste ultimo sentido só ouvi empregar a palavra falando-se de enterros. Se o morto é adulto, mas não chegou, a herdar diz-se *meia cabeceira*.
cabirto, cabrito.
cabo, fim extremo. É no cabo do povo.
cabouco, 1) bruto; 2) buraco; 3) buraco onde trabalha o rodizio do moinho.
cabrada, rebanho de cabras.
cabrêsto, 1) cabeçada; 2) corda que prende um animal; 3) membrana sub-lingual.
cabrioleira, rapariga que não tem amor ao trabalho.
cabritinho, dim. de «cabríto». Se passa de tres meses, diz-se *rexêlo*. «Bota-me p'ra cá os cabritinhos».
"cabucho, cábucho, cabuchinho", interjeição de chamar os cabritos.
cabunho, pequena pedra de amolar os instrumentos cortantes.
cacabina, certo cogumelo. Ha ainda o *cogumelo de sapo*.
cacariar (a galinha), cacarejar.
cacedela, sova.
cachaça, aguardente.
cachaço, sôco, tabefe.
cachafurno, 1) o mesmo que fundão; 2) sitio fundo num rio.
cache, caché... qui, int. de chamar os porcos pequenos.
cachicha! expressão de nojo.
cachoeira, sitio em que a agua do rio se despenha.
cachola, 1) jogo em que o dinheiro é batido num pau; 2) cabeça. «Cachola do porco».
cachopa, rapariga.
cachôrros, pedras salientes na parede para suportarem a soleira duma varanda. Em Montalegre chamam-se *cachotes*.
cacifo, gigo em que os pescadores recolhem as trutas.
caco, cabeça.
caço, tacho.
caçoila, caçarola.
cadável, cadaver.
cadeias, travessas que ligam a parte inferior do chedeiro do carro (Fiães do Rio).
cadête, aperaltado.
cadime, pratico. «Está muito cadime».
cadoicho e **cadoucho:** pequeno novelo.

cadouchinho, dim. de cadoucho.
caduco, falto de juizo.
cafeteira, chapeo alto (giria).
cafúlo, casúlo.
caga-lume, pirilampo.
caganêtas, excremento dos carneiros.
caída, queda. «Ia dando uma caída».
caisquer, qualquer.
cajateiro (rapaz), que brinca muito com paus.
cajato, cajado.
cajo, quasi.
calaceiro, preguiçoso.
calão, mandrião.
calça de colete, calça ligada ao colete, e usada pelos rapazes.
calço, pedra de segurar as panelas na lareira.
caldeiro, pôço fundo num rio.
càleiro, cano de conduzir a agua do telhado.
calhamaço, mulher velha ou de maus costumes.
calhandras, mulher com as saias molhadas e sujas.
calhatras, 1) mulher com a saia molhada e suja; 2) nome insultuoso.
càlheiro, cano de madeira pelo qual se deita da cosinha para a pia a lavagem dos porcos.
calhelha, caminho estreito.
calhoar, jogar o calhau.
calido, duro. Couro calido.
Calistro, Calixto.
calma, calor. Está muita calma.
caloio, caloteiro.
caltivar e **coltivar:** cultivar.
cambalhota, volta, colocando a cabeça no chão.
cambas, os semi-circulos das rodas dos carros. Em Pedrario as cambas são de *oculo redondo.*
cambão, 1) pau, corda ou cadeia para camboar; 2) pau de *acamboar* o rebôlo dos ferreiros.
camboar (um carro), reforçar com uma ou mais juntas de vacas.
Camilio, Camilo.
camisa, rabôna, rabôta e **redonda:** que chega até á cinta, e é usada pelas mulheres. São de estôpa. Já vão sendo substituidas pela camisa moderna.
camisa-saia. Na ata de camara de 17 de setembro de 1867 estabelece-se a condição de os paços do concelho serem por cima forrados de *camisa-saia* de madeira de castanho.
camoeca, bebedeira.
câna, arma. «Tenho lá a câna furada!» Vid. *arca.*
canado, vasilha de folha para receber o leite das vacas.
canalha, crianças. «Finta-se em canalha!»
canastro, espigueiro. Se é pequeno e formado por encanastrado de forma aproximadamente circular, chama-se *caniço.* Em Fiães do Rio disse-me um lavrador que se compunha o canastro das seguintes peças: soleiras, pés, têstos, traves, travesseiros, grade, filête, cantacucos, côlmos, forro e balaustros. Em Pitões noto: tolhão, piso, colunas, grade, canta-cucos, que coberto de pedras e cápias ou capiado, a que tambem se chama *cornije,* quando é feito com moldura.
cancelão, especie de cancelas sem dobradiças: tem num dos extremos uma travessa que gira num orificio feito numa pedra saliente á parede e chamada *folhão* (Vilar de Perdizes).
cancêlo, cancela feita á tôa.
candieiros e **campainhas:** laminas de neve pendentes das arvores ou dos beiraes dos telhados.
candorca, 1) egoa velha; 2) mulher velha a magra.
candiola, candeia velha.
candiote, candieiro pequeno ou ordinario.
càneiro, 1) o buraquinho nos cantaros de medir vinho; 2) dispositivo no rio para apanhar peixe. «Ageitar um caneiro»; 3) angulo formado pelas duas paredes dum *fôjo.*

canelas, massarocas de estôpa, linho ou lã.
caneleiro, instrumento de fazer canelas.
canêlha e **caneilha:** caminho estreito.
canêlo, pernil de porco. Olha que canêlos tem o porco!
canêlos, ferraduras das vacas.
cangaço, 1) ossos que ficam da comida; 2) esqueleto de animal.
cangalhos e **cacarecos:** peças de mobilia, tarecos.
cangos, 1) caibros das casas cobertas de *ripias;* 2) pauzitos sem aparelho que substituem os caibros, e que se apoiam no *cumio.*
cangorça, 1) egoa velha; 2) mulher magra e idosa.
canhões, armas velhas.
canhôto, 1) torgo pequeno da urze; 2) individuo a quem falta algum braço ou que faz uso do esquerdo em vez do direito.
caniço, 1) canastro pequeno; 2) encanastrado para secar as castanhas por cima da lareira.
cantada, canto, cantoria.
cantadeiras e **cantadoiras:** recortes no eixo do carro onde assentam os *enchumaços,* que ficam apertados entre as treitoiras. Em Frades do Rio chamam *conqueiros* ás cantadoiras.
cantadeiro, -a: que aquece o fôrno á segunda-feira e *marca as vezes* para toda a semana. Será por êste motivo que se chama cantadeiro, ou será corrução de *quentadeiro,* (=aquentadeiro: tambem dizem *quecer* por aquecer?)
cantador, galo. É termo bastante empregado.
cantador e **cantadeira:** que canta nas bôdas, ao desafio, etc. Diz-se *de nota* quando tem boa voz e improvisa bem.
canté!, agrada-me!
canto, quanto. «Canto antes!»
cantro, cantaro.
cão, individuo que apoquenta muito as mulheres. «Não imagina como ele é cão!»
capão, galo capado.
capelicha, capelinha.
capilota, tareia.
capitões, capitães.
capôna, cavalo castrado.
capucha, capa que usam homens e mulheres. Tem de nela se considerar: *dibrão*, *fita*, *ourêlo* e *corucho*, que é a parte superior talhada em triangulo e que assenta na cabeça. No Rio dizem com mais freqùencia *capa*, mas no resto de Barrôso é generico o nome de «capucha». Esta, era primeiro de burel regional, veio depois a saragoça e por ultimo a capa de pano em que ha ainda as fôrras e que é usada pelas pessoas mais abastadas. Os homens, para cumprimentarem, levantam um pouco a capucha, pois que com ela não se usa qualquer outra corbertura. Nos trabalhos de campo e até em viagems fóra da povoação, como por exemplo na ida á feira de Montalegre, não se usa chapeo ou qualquer barrete, ainda que não levem capucha. E em seu lugar usam os homens um lenço que envolve a cabeça á maneira de turbante. Os homens de cada freguesia tem a sua maneira especial de usar o lenço. Nos *coutos* realizados na *casa do povo* homens e mulheres conservam as capuchas na cabeça.
carabana, tralha dos tendeiros ambulantes.
carabeira, artefacto de ferreiro.
carabunha, caroço de cereja, etc.
carabunhar (a gadanha), estender-lhe ou espalmar-lhe o fio.
caracha! caramba!
caracois, bôlhas feitas pelos rapazes com agua e sabão.
carada, tacada. «Foi mesmo na carada».
carambêlo, gêlo. O tanque tem muito carambela.

carapelas, crosta duma ferida.
caras, faces. O filete é aparelhado ás tres *caras*.
caravela, presunto, chouriços, etc. que se manda a um estudante.
caravelho, bocado de pau que girando verticalmente serve para segurar as portas. Se gira no sentido horizontal, chama-se *fecho*.
carcassa, mulher velha.
carcela, abotoadura da calça.
cardanho e **cardenho:** casa pequena e ruim.
cardar, passar a lã pela carda ou pente.
cardiela, vento frio, aspero. Está uma cardiela!
cardina, bebedeira.
carga, bebedeira.
carga d'ossos: diz-se de uma pessoa magra.
cargória, carga pequena.
carmiar, esfiar a lã com os dedos para se colocar na roca. Perguntando a um individuo de Vilar de Perdizes quaes as operações do fabrico da lã, respondeu: corta-se, lava-se, carmeia-se (carda-se: no Barrôso), fia-se, doba-se, orde-se, tece-se e leva-se ao pisão.
carneiro meirinho, carneiro com a lã fina.
carnigão, carôço de um tumor.
caroal, fertil.
caroca, cabeça. Disse-me uma mulher de Vilar de Perdizes: «meu avô andou numa guerra de dez nações contra *Napòlião* e chegando aos altos Pirineus de França (sic) numa batalha uma bala levou-lhe a barretina e ia-lhe dando na caroca».
carôço, parte central da espiga do milho.
carola, beato.
carôlo, 1) bocado de pão. Oh que grande corôlo!; 2) pão distribuido á porta da igreja por ocasião dum enterro.
carpauta, bebedeira.
carpino ou **meiotes:** piugas. No Rio dizem *carapins*.
carpinteiro (instrumentos de); garlopa, plaina, enxó, rasgador, guilherme meio fio, badame, formão, garaminho, barrilête, rebaixador, pua, serrote de cota, meia esquadria, corta-mão, juntoira, meio fio de engargalar, compasso, machada, desvão, meia cana de filêtes, meia cana redonda, imprensa, scoupro, trado, macha-femea e banco de carpinteiro.
carraço e **carrapato:** certo bicho que se agarra ao gado.
carrada, transporte das messes em carros. «No tempo das carradas».
carral (porta), por onde entra o carro.
carrancudo, com mau aspecto. O dia está carrancudo.
carranhas, moncos (Sirvozêlo).
carrapito e carrapiço: carvalho pequeno e rachitico. Ha ainda os dimin. carrapitinho e carrapicinho.
carrar, transportar em carro.
carraspana, bebedeira.
carrasquinha, jogo de rapazes.
carrêto, transporte de lenha em carros de bois. É costume juntarem-se os lavradores para fazerem os carrêtos. «F. vae amanhã p'ra um carrêto.»
carriola, grande porção. Carriola de versos. Na estrada vai uma carriola de homens.
carro (termo do). O carro de bois é formado de duas partes: o *chedeiro*, que dizem chadeiro, e o *rodeiro*. O *chedeiro* é o estrado (em Tourem *silhado* ou *lastro*, em Padornélos *pisoal*, em Gralhós *piso*, e *soalho* ou *sobrado*, noutras povoações), que assenta em cima do eixo, e se compõe das peças seguintes: *chêdas*, peças lateraes, que unindo-se formam o *fecho* (*armela* em Frades do Rio), o qual, prolongado é atravessado pela *chavelha* no *pinalho* (Cervos) *pino* (Montalegre) ou *pinho* (Tourem), *travessas* (em Do-

nões *cadeias* ou *grade*), peças que ligam entre si as chêdas pela sua parte inferior; *enchumaços* (em Vilar de Perdizes *coucões*), peças que se pregam na parte inferior das chêdas, os quaes assentam directamente sobre o eixo; *treitoiras* (em Tourem *tréitoiros*), especie de estadulhos curtos que servem para segurar o chedeiro ao eixo; *cunhas* (Montalegre) ou *apuladoiras* (em Tourem apeladoiros), umas cunhas de madeira que apertam mais ou menos as treitoiras contra o eixo; *chavelha* (*cavilha* em Donões), peça de madeira que prende o pinalho ao tumoeiro; *estadulhos* (no Rio *fueiros*) que entram nas *furas; ladrais* (no Rio *ladrelhos*), uns resguardos de madeira que circundam o carro, e que se podem tirar ou pôr. O carro pode ter 8 ou 10 estadulhos. Em Tourem são todos de oito estadulhos.

O rodeiro é formado pelo *eixo*, que dizem *eixe*, e *rodas*. O *eixo* é um cilindro de madeira fixado ás rodas que liga entre si e que gira com elas. As rodas são formadas pelas peças seguintes: *mião*, peça central da roda; *cambas*, peças lateraes da roda ligadas ao mião pelas *rêlhas*, que são umas peças de madeira que atravessam interiormente o mião e as cambas. Nas faces das rodas assenta e é pregada a *ferrage*, composta das *cantelas* (em Vilar de Perdizes *cantebras?*), que são as chapas de ferro que revestem o trilho das rodas; *meias-luas* (em Montalegre *meias-rêlhas*, se são direitas), que são as chapas de ferro em forma de semi-circunferencia que prendem as cambas ao mião, e das *abraçadeiras*, que são uma especie de aneis de ferro que abraçam o mião junto ao buraco onde entra o eixo (se não abraçam por completo, chamam-se *gatos*); *margarida do eixe*, a parte compreendida entre a cantadeira e o mião; *bios*, pequenos tornos que atravessam cada extremo do eixo e exteriormente ao mião; *cantadeiras* ou *cantadoiros* (*couqueiros* em Frades do Rio), recortes no eixo do carro onde assentam os *enchumaços*, ficando apertados entre as treitoiras. Chamam-se *malhaes* duas peças de madeira que atravessam o carro, e *sôbreixe* uma peça tambem de madeira sobre a qual assenta alguma trave ou tronco de madeira que se transporte. A parte curva do interior das cambas chama-se *degolas* das cambas, e a parte inferior do estadulho é a *espiga* ou *espigão*. O carro chama-se *segundeiro*, se tem duas pequenas peças de madeira entre o mião e as cambas.

carroucho, caminho de pé posto, carreiro.

cartola, bebedeira.

cartucheira, saca em que os pastores levam a merenda (pão de centeio).

carual, crual.

carujar, chover meudinho.

carujo, chuva meuda.

carumal — «Maio é mais carumal ao trobão» (Pedrario).

carvalhice, sitio onde ha muitos carlhos.

carvalhuda, pouco amoravel: «Mulher carvalhuda».

casaca, tareia.

casaco de ferro, casaco de burel.

cascada, sem casca. «Orzeira cascada».

cascar, bater.

cascalho, dinheiro.

cascão, que dá *casca*.

cascaria, cascos do cavalo.

caseiro, o que cultiva propriedades que não lhe pertencem.

casqueiro, pão (giria).

cassaco, casaco (Friães).

cassôco, caçoulo de barro.

cassafêlhos, as rãs na sua primeira fase. «Estás um cassafêlho!»

cassola, certã, caçarola.

1. **castanhas,** pancadas.

2. **castanhas** e **castanholas:** batatas. Ha quatro variedades: de Peniche, do Porto, brancas, e vermelhas. Para se diferençarem do fruto do castanheiro, chama-se a este *castanhas do ar*, em contraposição ás *castanhas do chão* ou batatas. Em Frades do Rio chamam ás batatas «castanhas da India».

3. **castanhas do ar,** castanhas. Ha as qualidades *rebolão, vilarinha, cortiçal* e *longal* ou *enxêrta*.

castelo, emprega-se muito esta palavra para designar um sitio fragôso e elevado.

castanheiro e **castinheiro:** castanheiro.

castiça (vaca), que cobre cedo.

castiçar, cobrir o animal.

casufita, casita ligeira e pequena.

casulos, poquenas casas.

cátê!, int. de *virar* os cabritos (Sirvozêlo).

catinga, *mastiço* de coelheiro e perdigueiro.

catraia, egua velha e fraca.

catre, cama de madeira. Ha ainda a cama de bancos, que consiste numa especie de tarimba apoiada em quatro pés.

catréfula, grande porção.

catropiar, dobrar.

caturnos, piugas e sapatos (?).

caudel, individuo nomeado pela Camara e encarregado do *fôjo* e montarias aos lobos em cada povoação. A ultima nomeação foi feita em 14 de janeiro de 1815, e hoje já muita gente não sabe o que era um *caudel*.

causo, caso.

cautela, expressão de elogio. F. é boa professora?—Cautela c'o ela?

cavaca, certo doce.

cavaco, acha.

cavada, ter. agricultado num monte.

cavalos, nuvens carregadas. Lá está a cavalaria!

ceba, porco na engorda.

cega, toupeira.

cegonha, nevoeiro.

celouras, ceroulas.

centeio (operações da cultura do), 1.º decruar a terra com a arado; 2.º atravessar os sucos; 3.º engredar; 4.º outra lavoura; 5.º stercar; 6.º espargar o abôno; 7.º lavrar p'ra cobrir; 8.º estender o pão com o arado; 9.º assucar; 10.º aricar.

centieiro, 1) Vid. *alveiro;* 2) cogumelo que nasce na terra do centeio.

centieira ou **aneira** (terra), que dá pão (centeio) em anos alternados.

centrábel, que tem pouco centro. A terra é pouco centrábel, logo abaixo é salão, rejeste pouco á secura (Séla).

cêpas, colunas com que exteriormente se reforçam as paredes da casa do fôrno. (Pedrario).

cerdeira, cerejeira.

cerne, o interior duma arvore. Seguese o *sâme* e a *casca*.

cernideira, grade em que se fazem mover as peneiras.

cerrar, fechar. Cerrar a porta.

cessão, humidade. A terra inda tem cessão.

cestado, -a, cesto. Cestado de pão, cestada de trutas.

cestas de aricar, o mesmo que *bossais*.

ceva, engorda. Tenho dois pôrcos de ceva.

cevado, porco engordado.

chabouçar, dar a primeira mão. Chabouçar os socos. Pião chabouçado =feito com o podão.

chachinar, matar (falando de animaes).

chaço, pedaço de madeira ou de ferro que serve para, batendo-lhe com um masso, apertar os arcos das vasilhas.

chadeiro, chedeiro.

hafulgo e **chafurgo**: buraco muito fundo no terreno.
chamberleira, o sitio onde se pendura a carne de porco.
chamiças e **chamiços**: acendalhas de lenha meuda.
chamuscada e **chamusco**: bocado de carne assada no espeto.
chanato, sapateiro remendão.
chança, 1) réplica. Não te admito chanças; 2) vaidade. Diz-se aos rapazes nas vesperas de casarem:

Casado te veja eu,
Para de ti ter vingança,
Para te ver atrapalhado,
Já que tinhas bem chança.
(Fiães do Rio).

chancos, socos. Ha-os abertos e fechados (Tourem).
chanfalho, navalha grande e velha.
chanfões, 1) paus apertados no terreno para divisão de lameiros; 2) em Covêlo do Gerez tem as seguintes significações: a) patas dos bois; b) rôlhas de madeira para vedação dos poços.
chão, chã. A terra é mui chão.
chapado, completo. É um burro chapado.
chapejar, ação de bater na agua ou humedecer alguma coisa com pano molhado.
chapelatos ou **chapeos das paredes**, certa herva.
chapeo, palavra com que se imita o som que o ferro da espingarda paoduz batendo em falso.
charca, pequena pôça onde se junta a agua para as regas (Fiães do Rio).
charrela, perdiz cinzenta que aparecia no no Alto do Grito e cuja especie parece estar ali extinta.
charuga e **çaruga**: envolucro da espiga do centeio que na parte supesuperior tem a *argâna*.
chasco, 1) certa ave; 2) fraco. É como um chasco.
chavascos, socos.
chavelha, cunha de madeira que liga o jugo ou antes o *tumoeiro* preso ao jugo com o *pinalho* do carro.
chavelhão, a chavelha maior que atravessa o chedeiro.
chê-cá-chei... chi, chi..., int. de guiar o gado lanigero (Padornélos).
chê-cá-chu, int. de fazer parar um porco (Padrôso).
chê-cá-deina, int. de guiar as cabras (Travassos do Rio).
chê-cá-dónê, int. de guiar as cabras. (Morgade).
chei-cá-p'atrás-bicha, int. de fazer parar as cabras.
chefre, chefe.
chegante, proximo, imediato. Este é o chegante ao mais velho.
cheminé, chaminé.
chêto ou **chito**: quieto.
chi-chi-ss..., int. de enxotar as cabras (Vilar de Perdizes).
chiasco, vento frio e cortante. Está um chiasco!
chiba, nome insultuoso entre mulheres.
chiba-chibinha, bicha, int. de chamar as cabras.
1. **chibo** e **godalho**: bode destinado á cobrição. O nome generico é «godalho».
2. **chibos**, tendões por onde penduram alguns animaes mortos, como o cabrito, o porco, etc,
chica-chica, int. de *tocar* (tanger) uma jumenta.
chicha, carne (termo infantil).
chicharra, 1) certa ave; 2) bicho do centeio.
chichelas, chinelas.
chico-chico, int. de chamar um burro. Se é pequeno diz-se checo-checo (Ponteira).
chicra, chicara.
chincharrabêlha, certa ave.
chinêlo, chinelo.
chinfre, fasquia de um canastro, tapamento, etc.
chino, negro.

1. **chino-chino**, int. de chamar os porcos (Sarraquinhos).
2. **chino-chino**, reco-reco, int. de chamar os porcos (Cervos).
chiqueiro, 1) loja de gado; 2) sitio lamacento.
chiscar, 1) induzir alguem a não responder. Estiveram a chisca-lo; 2) picar. Chiscaram a burra; 3) Olha que te chiscam, — diz-se a alguem que não nos importuna e se quer retirar; 4) chegar. Chiscou fogo; 5) Chiscar o lume=mexê-lo.
Chisco, Francisco.
chisnar, estorrar, queimar.
chispa, faisca de lume.
chisquices, intrigas, mexericos.
chito, jogo com pedras.
chô-chô, int. de fazer parar os burros.
choca, e tambem *reca* e *porca*: jôgo de rapazes. Fazem uma cova a que chamam *nicho* (Montalegre), *celeiro* (em Vilar de Perdizes), *fôjo* (em Cervos), *curral* (em Fiães do Rio), *côxo* (em Tourem e Padrôso), *nicha grande* (em Sarraquinhos), e em volta e a uns dois metros outras mais pequenas chamadas *nichas* (em Montalegre), *neichas* (em Tourem) e *nichas pequenas* (em Sarraquinhos). Começa o jogo por *coquerrarem* (Montalegre), *coquiarem* (Tourem), *coqueliarem* ou *darem coques* (Sarraquinhos), o que consiste em atirarem ao ar a *choca* ou *reca* (bola de madeira) e em a apararem com o pau o maior numero possivel de vezes, indo com ela o que menos vezes a aparar. Logo que o *porqueiro* consegue meter a choca no nicho com o auxilio do seu pau ou atirando-a com a mão, todos os jogadores mudam de nichas, dizendo o que coloca o seu pau na nicha doutro: *sarramuque-muque*, e o que dela sae: *buque-truque* logo que toma a nova nicha, indo com a porca o que não conseguiu *ter nicha*. Emquanto os jogadores *livram*, se o porqueiro consegue ter nicha, o seu dôno pode tomar outra que veja vasia. Sucedendo tomar o porqueiro a nicha ao mesmo tempo que o seu dôno, dizem os jogadores que livram *par a par porqueiro a andar*. Vi algumas vezes o porqueiro andar com a choca e em logar de mete-la no nicho por meio de pau faze-lo com os pés, tendo tambem deste modo de tomar uma nicha de cujo dôno recebe então o pau para livrar, emquanto este vai com a porca. A's pancadas que se recebem nos pés com os paus chama-se *coques*. Se o porqueiro já fatigado ou por outra circunstancia não quer continuar a jogar a choca, os jogadores colocam os seus paus cruzados no nicho, e agarrando-o em charola fazem-lhe dar com o corpo sobre eles, fazem-no ir *ó bata-cu* (na expressão dum rapaz de Sarraquinhos), sendo depois posto fora do jogo. Para continuarem, tornam depois a coquerrear. Em Padrôso, em vez de coquerrearem, vi que atiravam os paus para o nicho á distancia duns quatro metros, indo com a choca o que não conseguisse meter o seu no *côxo*. Em Sarraquinhos, quando o porqueiro mete a porca na *nicha grande*, os jogadores, mudando de *nichas pequenas*, dizem *remeluja—porca suja*. Em Tourem quando são apenas dois os jogadores, um a livrar junto do côxo e o outro a jogar a choca, diz-se: *jogar os santos*.
chôco, adoentado.
chocalhar, 1) andar com contos; 2) abanar (falando duma ferradura, prego, etc.).
chocalheiro, intrigante.
chocalho, campainha quasi cilindrica suspensa do pescoço dos animaes por meio duma correia. Ha tambem campainhas com a forma vulgar.

chumeca, sapateiro.
chuss-chuss, int. de guiar os porcos.
cibinho, poucochinho. Inda foi ha um cibinho.
cibo, bocado pequeno.
cifro, alimentação que os passarinhos levam no bico aos filhos.
cigadonha, cidadonha (Padrôso).
cilindo, cilindro.
cinco chagas, quinas das armas portuguesas.
cinta, facha preta usada pelos homens.
cipó, cacete.
ciranda, certa dança.
cirrar, falar bem. Já cirra,—diz-se por exemplo de quem regressou de Lisboa.
ciscar, dejetar.
cisco, lixo.
ciso, rodela de cortiça no interior da roca.
citote: é assim que nas aldeias chamam a um oficial de diligencias ou qualquer individdo com serviço semelhante.
cizainas, ciumes (?). Meter cizainas no corpo a alguem.
classia, classe.
claustro, caustico.
clime, clima.
clipse, eclipse.
cobertas, peles de cão com que se cobrem as molhelhas.
cobêrto, alpendre (Tourem).
cobrar, quebrar.
cobrejão, manta que se coloca debaixo do selim.
cobres, dinheiro.
coca, mau cheiro.
coça, 1) sova, tareia; 2) marcha grande. Foi uma coça boa.
côco, malga de pau de coassia.
cocharra, colher (nunca ouvi este termo, e é talvez por influencia hespanhola).
cochicha, certa doença no pescoço.
cochichar, falar baixinho.
cochinada, porcaria.
cochino, sujo, pôrco.
côca, pancadas.
côdeas, pessoa suja.
codilhar, ganhar ao jogo.
códio, gelo. Os caminhos teem muito codio.
coiceiros, emigrados politicos sob as ordens de Paiva Couceiro.
coidos e **cuidos:** cuidados. Estar em cuidos. Aquele home stá in coidos de te levar (expressão para atemorizar uma criança,—que ouvi em Pedrario).
coima, multa camararia sobre o gado.
coio, calhau que se atira com a mão.
coirato, coiro dos porcos.
coiros, ôdres (Fiães do Rio).
colandrina, mulher de fraca nota.
cóldre, desavergonhada, descarada.
colhedeira, pá de tirar brasas ou cinza.
colheita, logar onde no fundo dos rios se refugia o peixe.
côlma e **colmáça:** telhado de colmo. Tanto monta colma como colmaça (Sirvozêlo).
colmar, cobrir casas com colmo.
colmedeira, pá chata de cortiça ligada a um cabo de madeira, e que serve para colmar.
colmial, sitio onde ha colmeias.
1. **côlmo**, palha que fica das malhadas.
2. **côlmos**, molhos de palha *inteira* para cobrir as casas.
1. **cambarro**, alpendre, cobêrto. É muito empregado.
1. **combarrinho**, dim. de combarro.
comestives, comestiveis.
comnósco, comnôsco.
comparança, comparação.
compósto, compôsto.
comua, latrina.
comunidade, grande porção. Por aqui ha uma comunidade de perdizes.
concelhio (terreno), baldio, que é *de todos*. Ha tambem os terrenos das juntas de paroquia.
conciencia, injustiça. É uma conciencia!
1. **concho**, ufano, contente.
2. **concho!** int. exclamativa.

conduto, comportamento.
confita (*á certa*), finalmente.
côngara, congrua.
cònhadeira, vassoura de *limpar* (varrer as espigas.
consante, conforme, consoante.
constar-se, constar. Não se consta.
contador de contos, intrujão, intriguista.
contemos, contamos.
contos, intrigas.
contra-cunhado, concunhado.
contra-folha (terreno de), que dá *fruto* em dois anos consecutivos.
contrairo, contrario.
convidar (alguem), oferecer-lhe alguma coisa, dar-lhe *de peita* ou de gratificação.
copeia, copía (verbo).
copernóstigo, repontão.
coquerrar. Vid. *choca*.
coques. Vid. *choca*.
coquiar. Vid. *choca*.
córa, brasido á porta do fôrno durante a cozedura do pão, para não deixar abaixar a temperatura. Em Fiães do Rio dizem *cór*, e em Padornélos *côr*.
córado (pão), que tem a *córa*.
corga, vale apertado; cortada.
coriscada, mudança rapida do tempo.
corla, liquido que se vomita do estomago.
cornada, galhada dada por uma vaca.
cornêlho, canto dum trigo.
cornêlhos e **cornichos**: 1) os dois bicos nos fundos dos sacos; 2) cravagem do centeio.
cornicho, ponta dum chifre em que se mete trapo queimado para servir de isca.
cornipos, chifres pequenos.
córno, côrno.
côrre! córre! (Pedrario).
correal, vadiagem. Andar no correal.
corre-corre e **moinho de vento**: papel que se fixa no extremo duma cana e que os rapazes conduzem correndo a fim de o fazerem girar.
corrupio, criança que não faz senão correr e saltar,—sinal de que ha de ser esperta.
cortada, corresponde ao francês *ravine*.
cortar, 1) fazer estragos. Um lobo ás vezes corta a rez; 2) sair apressadamente, romper. Gira, corta!
córte, açougue.
cortelho, corte pequeno.
cortesões, cortesãos.
cortiço, 1) aparelho de cortiça enrolada para sobre ele bater o linho com a *spadela*. É igual ao *cortiço* das abelhas, mas descoberto por cima; caixote de madeira onde na cosinha se conserva o sal (tambem lhe chamam *teco*).
còrtilho, quartilho.
cortinha, terra lavradia e cercada.
côscos, **limpadeiras** e **rebolheiras**: detritos que ficam da malha do centeio.
coscovilheiro, homem de contos.
cosquinhas, massa que fica agarrada á maceira e com que se fazem as bôlas. Vid. *bica*.
costanha, uma das duas paredes duma casa. Em Pedrário dizem *costãos*. Vid. *outão*.
costela, armadilha de apanhar passaros.
cotio, uso. Roupa de cotio, em oposição a roupa de guarda.
côto, 1) caule com os ramos cortados; 2) dedo cortado.
couceira, comichão. O fêno dá couceira.
couciar (o animal), dar couces.
couracha, pele dos porcos que se tira antes do *subentre*.
couto, 1) terreno em que pela camara ou junta de paroquia é vedado fazer carvão, apacentar gado, etc.; 2) reunião na *casa do povo*, a fim de se tomar alguma deliberação.
covia, pandega. Andar a correr a covia.
covilhete, malga pequena.
côxo, erupção cutanea que se atribue ao rasto de bícho que passaram

sobre a roupa que estava secando ou sobre a pele. Para evitar o *côxo* passa-se sempre a roupa pelo lume.

cozedôr de louça, homem que compõe louça.

craboneto, carboneto.

crastão, chibo. Disseram-me que havia esta palavra, mas nunca a ouvi. O nome geralmente empregado é *godalho*.

Crasto, Castro.

craveirão, utensilio de ferreiro.

çreação, epoca. É da minha creação.

credo! expressão de saudação a alguem que acaba de espirrar.

cria, 1) creação. Leitão de cria; 2) que cria. Egoa criadeira.

criadicho, creado pequeno. É criadidicho cá da casa, mas vale poucas nozes.

criador, abundante. O rio Cavado é muito criador de truitas.

crica, certã. Nunca porém ouvi esta palavra.

crôa, a parte mais elevada. Crôa duma arvore, dum monte, etc. E' muito empregada.

crochudo (pinto), com poupa na cabeça.

cronha, cara. Tem fraca cronha p'ra santo.

crossa, especie de capote de *jungos* usado pelos homens.

crosseira, mulher que faz crossas.

crôsso, crossa pequena com capuz, usada pelas mulheres.

crostes, o primeiro leite qee dá a vaca depois de punida.

crucificio, crucifixo.

crujidade, e **curjidade:** curiosidade. Filho da curjidade ou que nasceu atrás das *gestas* = filho natural falando-se duma criança; se fôr adulto diz-se mais geralmente *zôrro*.

crujidôso, curjidôso e **curijidôso:** 1) amador curioso; 2) cuidadoso.

cruzes, sinais gravados em pedras naturaes ou artificiaes, e tambem feitos no terreno, para delimitação dos *termos* das frèguesias. Ha o costume de *limpar as cruzes*, que consiste em dia previamente marcado em reuniões ou *coutos* irem os povos interessados raspar o musgo que as possa encobrir ou renovar as que teem sido cavadas na terra por no local não haver fragas. As cruzes gravadas nos penedos são pequenas, vão sucedendo o mesmo com as que são cavadas no chão.

cubêlo, covêlo.

cucho-cucho, int. de guiar os porcos (Cabril).

cucho-pé (andar), andar numa perna

cuco, homem cuja mulher lhe é infiel.

cuecas, calças usadas pelas mulheres.

cuja, dita. Na cuja casa.

cum, com.

cumio, trave mestra. Se é *obra fina*, chama-se *fita*.

cumpanhia, companhia.

cunca, malga grande. Nunca porém ouvi empregar esta palavra.

Cundino, Secundino.

cunques, dinheiro.

curral, sitio fechado onde dorme o gado ao ar livre no verão.

curtir (o linho), demolha-lo no rio.

D

dada, doença nos peitos da mulher.

dado, costumado. Não é dado dar tabaco aos cegadores.

daimosa (criança), dadivosa.

danadas (cardinhas), salgadas. Danadas como pilha.

dar fala, pretender namoro ou casamento. F. deu fala a F.

dar ó registo, fazer um registo civil. Vamos dar ó registo.

data, sova.

debaluto, devoluto.

debelidade, fraqueza fisica.

debelitado, fraco.

debiqueiro, que come pouco ou mal. Vid. *biqueiro*.

debotar, perder a côr, desbotar.
decahir ou **cahir** (o fôrno), arrefecer. Deixam decahir o fôrno.
decór, respeito. Não guarda decór a ninguem.
decrua, a primeira mão de enxada ou a primeira lavra.
decruar, fazer a decrua.
definhar-se, emagrecer muito.
defumar, queimar alecrim, alfazêma e cangorça. Defumêmo-lo, a ver se lhe vae o *ar*.
deia, dê.
deixáras-m'as, deixasses-m'as. Deixáras-m'as trazer.
delgado, delegado (do procurador da Republica).
Delovina, Ludovina.
delubar (o linho), pô-lo depois de massado em pequenas porções para o poderem spadar.
demão, ajuda. Deu a a ultima demão. Dar *um* demão.
demolhar, deitar de môlho na agua.
Demoncre, Demonio.
Denões, Donões.
dentes. Vid. *àgráde*.
dentuça, 1) dentadura; 2) mulher que tem os dentes muito grandes.
depenado, sem vintem.
dependural, cabide.
derramada, estragada. Está a faca derramada!
derramado (cão), danado.
derrangado (animal), com a anca decahida.
derreaço, cansaço.
derrota, pégadas. Derrota do gado.
des, desde.
desabrochar, transpirar. Saltava-se logo a desabrochar.
desarado, vàdio.
desanuviar, diz-se de quem corre muito. Parece que desanuvia.
desarreigar, arrancar.
desarriscar, riscar.
desaforido, pouco sofredôr, desenfreado.
desapacientar, irritar, fazer perder a paclencia.
desapôr, tirar as vacas do carro.
desapundoar (o centeio), limpar a espiga.
desasado, desajeitado.
desaugar, desaguar.
desaustinado e **desalmado**: furiôso ou fora de si.
desbandar, desfazer o bando. Desbandar as perdizes.
descampar, rapar a herva para apodrecer na terra.
descascar, tirar a casca. Descascar batatas.
descolmar, desfazer a côlma.
descomparada, muito batida pelos ventos, desamparada. Veiga descomparada.
descordar, acordar.
descorrimento, juizo, boa ideia.
desembaranhar, desemaranhar.
desencabrestada (rapariga), leviana.
desenguiçar (o cabêlo), desmanchalo com o pente.
desenhadôr, emprehendedor. Isso era um desenhadôr!
desfalecer e **expedir**: estar a perder as forças, falecer.
desgracla, desgraça.
desimbandeirar, tirar as bandeiras.
desinçar, destruir. Agora os lobos estão quasi desinçados.
deslareirar, mexer as brasas no fôrno com um *larelro*.
desmancho e **abôrto**: a primeira palavra emprega-se, falando de mulher, e a segunda, de femea irracional.
desmasia, demasia.
desnocar, deslocar. Hombro desnocado. Não sei como se não desnocou nenhuma peça do carro.
desobriga, confissão religiosa.
desougar, dar qualquer alimento em pequena porção.
despear, tirar as peias.
despicar, desafrontar.
despiqnes, satisfações. Tirar despiques.
despôr, plantar. Despôr couves.
desterrar, desaterrar.

desterro, desaterro.
destrocado, trocado. Destrocar diheiro.
detiorar, deteriorar.
Déus, Deus.
dezedélas, contos, intrigas.
dezer, dizer.
dezêres, nomes de diferentes peças. O tiar tem muitos dezeres.
dezoito, cacête.
diabo-alma, pobre diabo.
diacho, dialho, diamo e **dianho:** diabo. Ora o dialho do home!
dia obito, dia de obito (Fiães do Rio).
dinheiral, dinheirão.
disputa, dialogo.
disputos, questões.
distingir, distinguir.
ditajio e **ditajo:** ditado.
ditâmes, historias. São ditâmes.
divede-se, divide-se (flexão verbal).
dixeram, disseram.
dizende, dizei (flexão verbal).
dobadoira, dobadoura. E' mau dobar linhas aos domingos, porque foi neste dia que os judeus dobaram o linho com que teceram a corda para prender o Senhor.
dondo e **dondinho:** mole, brando. A sola depois de molhada fica donda.
d'orredór, ao redor.
dosa, grande sova.

E

edra, era.
ei-boi-ei, int. de chamar os bois (Vilar de Perdizes).
eich, int. de chamar os bois (Paradela).
eido, 1) quinteiro; 2) logar certo. Eido no scâno.
eilo-eilo-eilo-anhinho, int. de chegar os anhos ás mães quando acabam de nascer (Montalegre).
eira (*fazer*), entreter, demorar o serviço de proposito.
eito, tira de terreno. Cada cegador *leva* o seu eito.
eito (*a*), seguir, a direito.
eixar (o carro), apertar o eixo.
eixe, eixo.
êla, ela.
eletico, electrico.
embanar, embalar.
embaranhar, emaranhar.
embelar, embalar. Eu imbelo.
embeloirar, rolar, volver. Embeloirar uma bola de neve.
embelgas, faixas em que, ao ser semeado, se divide o terreno por meio de *balisas*.
embezerrado, de poucas falas.
embezerrar, teimar, amuar.
embida, envide:
emboiar, quasi a morrer. Esteve a emboiar.
emboladas (vacas), com as pontas dos chifres metidos em *bolas*.
embôxa, empola ou bôlha.
embrear, untar com breu. As vasilhas de barro destinadas a conservar vinho, são *embreadas* para não *ressumarem*.
embuchádo, 1) farto, cheio; 2) individuo que deixou de falar numa conversa.
emmedar, pôr em mêda (falando sobretudo do centeio). Cada mêda pode levar, oito, dez ou mais carros. Vid. *cegar* e *emedouchar*.
emmedouchar e **emmedoucar:** pôr em *medouchos*, *medouchas* ou *merouchas* (o centeio). Cada medoucha ou mêda pequena regula por um carro, e tem de ordinario cincoenta molhos. Diz-se *medoucha* quando os molhos de centeio são dispostos no campo, pois que sendo-o na eira já se emprega a palavra mêda. Vid. *cegar* e *emedar*.
empachado, impedido de dejetar.
empairado, amparado. Tem o dinheiro mal *empairado*.
empenados e **empenadas:** caixilhos das janelas.
empecilho, tropêço. Anda sempre a pôr empecilhos.
empernar, prender a caça (coelhos e lebres) ao cinto.

emperrada, pêrra, dificil de abrir.
empontar, despedir de casa.
emprasto, emplasto.
emprègado, entrevado.
empregado, guarda fiscal.
encadolado e **encandelado:** empenado. Taboa encadolada.
encalacrado, logrado.
encante, encanto. «*Consta-se* que na fonte do Salgueiro ha um encante».
encastelar (a perdiz), subir muito depois de ferida.
encatado, prêso, agatado.
encêrto, o primeiro bocado que se tira dum pão.
enchumaços (do carro), chumaços.
encontremos, encontramos.
encorrilhar, dizer a seguir.
encravelhar (alguem), *armar-lhe laços,* ciladas.
encrispar-se, sahir fora de certos limites.
endes, ovo para atrahir as galinhas áo ninho.
enferrar (as vacas), feri-las com o ferro do arado.
enfurmidade, enfermidade.
enfurniscada, suja. A moeda está *enfurniscada* (Solveira).
engaldrapada, mulher que se sujou.
engaranhado, 1) encolhido com o frio; 2) que trabalha pouco. Sempre estás um engaranhado!
engastalhada (perdiz), pousada num galho de arvore. Tambem se diz *empoleirada.*
engrolado, mal cozido. Batatas engroladas (por não ferverem seguidamente). Couves engroladas (por não ferverem a tempo).
engronhar-se, envergonhar-se. Quem deve está sempre a engronhar-se.
engrudar, iludir.
engrunhar, encolher. Engrunhar as pernas.
enguiçado (cabelo), por pentear.
enjagadas, enfezadas. Crianças *enjagadas.*
enleia, cordel.
enlodar, ganhar lôdo.
enraivar-se, irar-se.
enrodilhadas, intrigas.
enrolar, afagar, ameigar a criança.
enroscado (rabo), um pouco torcido (falando dos porcos). E' sinal de boa qualidade terem-no assim.
enruga, ruga.
ensarilhar, enredar.
entalar (alguem), mete-lo em serias dificuldades. F. entalou-se.
entesoado, têso, duro. «Roupa entesoada com o gelo».
entolhar-se, entusiasmar-se. Entolhou-se por o chapeo e comprou-o.
entremoços, tremoços.
enxadão, instrumento de lavoura que faz lembrar uma picareta.
enxaragão, enxergão.
enxermado (leite), o que é tirado á vaca depois de vendida a cria.
enxinar, ensinar (Fiães do Rio).
enxó, armadilha para caçar passaros.
enxopado, zangado, irado.
enzarel, pessoa palida e fraca, que está a expedir. *Anda por enzarel.*
enzoneira, mulher que mente muito.
éo-éo, int. de guiar os cabritos (Sirvozêlo).
erguer (o fôrno), aquecelo. Em contraposição a *descahir.*
Ermegildo, Hermenegildo.
ervilhôto, fruto de certa planta do monte.
esbandalhar, escangalhar.
esbarrondar, desmoronar, desfazer. Casa esbarrondada.
escabelar (o cavalo), largar o pêlo.
escada (de mão), compõe-se de *varaes* e *travessas* (Tourem).
escafular, esfolhar.
escàleira, escada exterior de pedra para subir a uma casa. Tambem se chama a cada degrau.
escalheiro, pereira brava.
escarabelho, rapaz traquina. Diz-se tambem do peão quando não *dorme.*
escariote, rapaz inquieto.
escarolado (pão), que tem o meolo separado da codea.

escatiar, chamar por alguem em voz alta, prolongada e seguidas vezes. O' Maria ú...
escorrichar, enxotar. Escorrichar as galinhas.
escouparão, escorpião.
escuchar, cortar. Está a escuchar couves.
escusa-merendas, certa flor.
esfrangalhar-se, rasgar-se.
esgaçar: esgaçava agua com força.
esgalhar (a lingoa), falar de mais.
esgalhar (uma arvore), cortar-lhe as galhas.
esgalhada (vaca bem), que tem os galhos bem dispostos.
esgravatar, rascar na terra.
esgravatar p'ra fora, diz-se duma mulher muito franca e perdularia.
esguedelhado (cabêlo), mal ageitado.
esgueirar-se, fugir, mudar de logar. Esgueire-se d'aí.
esipela e **zipela:** erisipela.
esipelão e **zipelão:** erisipela brava.
esmolêr, esmoler.
esmonegar, esfrangalhar com os dedos. O home podia *emonegar* a ponta do cigarro, que já os empregados não sabiam que era tabaco hespanhol (Solveira).
esmorangar, esfrangalhar.
esmoucado, 1) ferido; 2) destruido. A sepultura aberta na rocha tem em volta um rebaixo já *emoucado.*
espantalho, 1) boneco para afugentar os passaros; 2) mulher alta e mal composta; 3) rapaz estouvado e travêsso.
espant'demos, estouvado, travêsso.
espantar-se e **pôr-se no mundo:** fugir.
espargedeira, pequena forquilha de madeira com tres ramos para esparger o *abôno.*
esparger, espalhar. Esparger o abôno.
esparrinhar (a agua), saltar.
especado, parado, á espera de alguem. O que me faltava era estar lá *especado.*
espelhado, bem trabalhado. Pão *espelhado.*
espera, logar determinado a alguem nas batidas aos lobos, javalis, etc. *Cada casa tem a sua espera.*
espetar—O cavalo espetou-me um couce.
espiar, acabar. A minha roca já está espiada. A candeia espiou.
espicha: da roca. Pode ser de osso ou de madeira.
espiche, pequeno tõrno para tapar um orificio feito numa vasilha de madeira.
espigueiro, o mesmo que canastro.
espoldrinhar-se, diz-se dos cavalos quando se espojam.
espolinhadoiro, logar onde se espolinham os animaes.
espolinhar-se, roçar-se na terra (falando sobretudo das aves).
esposada, casada. Só ouvi empregar esta palavra em referencia ao dia do casamento.
esqueceu-se-me, esqueceu-me.
esquerdino, que faz uso do braço esquerdo.
estaca, vara ou espeque dos feijões.
estadulheira, colecção de oito estadulhos que competem a um carro, podendo tambem ser de dez.
estadulho, pau metido ao lado do carro para segurar a carga. Na região do Rio dizem *fueiro.*
estaindes, estais.
estafêta (antiquado), condutor do correio.
estalar, quebrar. Estalaram-na aí, dizia um lavrador de Vilar de Perdizes referindo-se uma falhazita de louça numa jarra.
estanqueira, mulher que numa povoação vende tabaco.
estar entre as dez e as onze, não saber para onde ir.
estarrecido, -a, sucumbido.
estátula, 1) estatua; 2) mulher alta, magra e feia.
esticar, 1) fazer figura, apresentar-se bem; 2) morrer. Está a esticar.

esticadôr, bonito. Tens um anel esticador. Vinha todo esticador.

estilar, destilar.

est'outro, este-outro. Emprega-se muito.

estrafogueiro, ferro colocado na frente da lareira a fim de nele se apoiar a lenha que está ardendo. E' sustentado por dois suportes ás vezes prolongados superiormente e terminados por descansos circulares para neles se poder colocar uma caneca, malga, etc. Na falta do estrafogueiro usa-se a *pedra do lar*.

estrafolinhar e **estrafogar:** dar cabo de qualquer coisa. Estrafogou tudo.

estrafonar, gastar perdulariamente o que foi herdado.

estrampalhar, escangalhar.

estampidôr, utensilio de ferreiro.

estrangalhar, estragar.

estrela, figura de papel que por meio de uma linha a que está presa, os rapazes levantam no ar, como brinquedo.

estrela da alva ou **do pastor:** planeta Venus.

estremadura e **strêmo:** orla ou limite de povoação.

estrǒmpado, estropeado.

estropiado, muito fatigado (falando de animais).

estropiar, fazer barulho na rua com os socos.

estudar para galgo, estar muito magro.

étigo, ético.

éu, eu.

exemplo, raridade. Quando casa um rapaz rico com uma rapariga pobre é um *exemplo*.

extraição, extracção.

extrêmazinhas, pequenas pedras cravadas no terreno para demarcarem os sitios em que cada um pode cortar mato, lenha, etc.

(*Continúa*)

FERNANDO BRAGA BARREIROS.



MISCELANEA

Mais vale um gôsto que quatro vintens

(Vid. REV. LUSIT., XVI, 289-299)

Comparavel a *quatro vintens*, quanto ao número, é a expressão francesa *quatre deniers*, que se lê num poema do sec. XII. Quando Carlos Magno enumera quais são os deveres a que seu filho Luis *le Débonnaire* tem de satisfazer para merecer a coroa real, diz-lhe imperativamente:

Ne veve fame tolir *quatre deniers* [1]

onde *denier* significa uma moeda antiga.

J. L. DE V.

Baçaqueira

Nome de uma quinta em Azeitão, pertencente ao nosso ilustre historiador D^or^. Gama Barros. Lembro-me se este nome será metatese de *cabaceira*. Cfr. no onomastico outros nomes do mesmo radical: *Cabaçal*, *Cabaços*, *Cabaça*, *Cabacinho*. A metatese originar-se-hia em não ser muito usual a palavra *cabaceira*, embora da lingoa comum.

J. L. DE V.

Nomes de ventos

1. *Pégo*.

A's designações de ventos estudadas por mim nas *Lições de Philologia*, pags. 427-432, e depois pelo Sr. O. de Pratt em instrutivos artigos da *Rev. Lusit.*, XVII, 198 ss. XVIII, 219 ss., e XX, 118 ss. junte-se mais esta: *de Pégo*. Ouvi-a em S. Bartolomeu de Castro-Marim em 1896, e tenho-a apontado desde então em uma das minhas carteiras. Refere-se ao vento de Sudoeste. *O tempo está de Pégo* é frase usual. Tambem se diz:

Quando Dês q'ria,
Do Pégo aventava
E do Norte chovia,

ditado que tem paralelos noutras regiões. *Pégo* tem a mesma origem que o substantivo comum *pégo*, de pelagus «mar».

---

[1] *Li coronemenz Looïs*, v. 84, ed. de E. Langlois, Paris 1888 (Société des anciens textes).

2. *Xarôco.*

Em 1899 ouvi no Bombarral os seguintes versos:

O vento Xarôco
Promete muito e dá pôco [1];
Mas, se porfia,
É de noite e de dia [2].

Tenho-os na minha carteira n.º LXXI, pag. 74. Cfr. os que o Sr. Pratt inseriu na *Rev. Lusit.*, XVII, 199, que são variantes d'estes.

3. *Ao sopé.*

Vento ao sopé. É o vento Leste, em Baião, na linguagem geral.

4. *Vento Cerzêdo.*

E' o vento de Noroeste. Assim lhe ouvi chamar em Castelo-Branco, por soprar do lado de Çarzedas, antiga vila.

5. *Vento Palmelão.*

Cf. Soropita, *Poes. e pros. ined.*, pp. 6 e 78.

J. L. DE V.

Para «encantar» os ratos

Nas *Religiões da Lusitania*, III, 569, n. 1, disse eu que ao passo que E. Rolland citava na *Faune pop.* (Mammif.), pág. 23, uma fórmula contra os ratos, eu em Portugal não conhecia nada semelhante. Em vez de «que não conhecia», devia dizer «que não me lembrava», porquanto já em 1896 (fins de Dezembro) eu havia ouvido no Algarve, a uma pessoa da aldeia de Vaqueiros, concelho de Alcoutim, uma curiosa fórmula mágica, ou ensalmo, que servia «para encantar qualquer animal, *principalmente ratos*». Aqui a transcrevo da minha carteira LXVII, 43 v.—44:

Ha um santo chamado *S. Brezabúm*, que tinha nove filhos. —Péga-se, com a *mão canhota*, em nove pedras, ou nove objectos semelhantes a elas, como caroços, e diz-se, *jogando* («atirando») sucessivamente uma pedra:

Tanto aumentem vòcês aqui,
Como os filhos de Brezabum,
Que de nove não ficou nenhum!
De nove tornam-se em ôito,
De ôito em sete,
De sete em seis,
De seis em cinco,

[1] Isto é, promete muita chuva, e dá pouca.
[2] Entenda-se: a chover.

De cinco em quatro,
De quatro em tres,
De tres em dois,
De dois num,
D'um em ninhum.

(*E vai-se rezando um P. N. e A. M. a cada um d'estes nove versos que se recitam*).

Tanta parte tenham vòcês nesta carniça [1],
Como a ama [2] do padre tem parte na missa! [3]
Sejam sconjurados e dêtados
P'ra ôtra banda da agoa do mar,
Onde nã oiçam galinhas nem galos cantar,
E nem mãi por filhos bradar!

*

S. Brezabum é evidentemente *Belzebuth*, palavra que tambem deu *barzabú* na lingua popular. O Diabo foi aqui santificado, por ironia, ou por confusão com os santos que figuram nos ensalmos d'esta especie. Os filhos são em número de nove, como noutros ensalmos em número de tres: vid. *Ensaios Ethnographicos*, III, 195; cfr., *tres novelos* a pag. 205. Este ensalmo, onde os numeros vão deminuindo de nove á zero, pertence á classe estudada pelos Srs. Adolfo Coelho e Vasconcellos Abreu na *Renascença*, 47 e 115: á proporção que os números vão deminuindo, a causa do mal vai pouco a pouco desaparecendo. Aplica-se assim o principio da analogia (falsa), que é um dos mais fecundos nas coisas magicas. Começa o ensalmo por uma analogia ou comparação, e logo abaixo, nos vv. 13-14, se torna a estabelecer outra, que é, em verdade, muito satirica! O mago supõe que certos fenomenos se manifestam por imitação, ou lembrança, de outros que para esse efeito ele produz. Cfr. os citados *Ensaios Ethnogr.*, III, 183; aí transcrevi várias comparações, ou exemplos, de magia imitativa. As pedrinhas, que á recitação dos versos se atiram fóra, como se simbolizassem o aniquilamento de cada um dos filhos de Brezabûm, completam o circulo de ideias em que a fórmula se enuncia.

A *mão canhota*, ou esquerda, tem grande significação nos ritos magicos: vid. *Ensaios Ethnogr.*, IV, 357-358, onde, a propo-

---

[1] Se o bicho [ou o rato] ataca a carne.
[2] Isto é: *comà ama* «como a ama».
[3] Porque não tem nenhuma.

sito de «cruzes, canhoto!», que figura num conto de Trindade Coelho [1], falei já da importancia supersticiosa do lado esquerdo.

A *ôtra banda da agoa do mar* para onde os filhos de Brezabum, isto é, os ratos e quejandos animais causadores do mal, são esconjurados, corresponde a um lugar deserto, longinquo. As coisas más mandam-se para o *mar coalhado* (vid. *Trad. pop. de Portugal*, § 368-d) e desterradas para Côira, que fica em um extremo (*Rev. Lusit.*, XIX, 337-338). As mesmas ideias vigoram noutros paises: vid. *Mélusine*, III, 111 e 112; Tylor, *Civilis. primitive*, III, 165, 167. É em parte por concepções analogas que alguns povos crêem que as almas dos mortos vão para o Ocidente, para alem-mar: L. Marillier, *La survivance de l'âme*, Paris, 1894, pág. 6. Tambem entre nós se espalham as trovoadas,

... p'ra a serra do Marão,	Nem meninos a chorar,
onde não haja palha nem grão,	Nem galos a cantar

(*Trad. Pop. de Port.*,, pág. 65), fórmula que se assemelha ao final da que estou estudando.

*

Os nossos ensalmos relacionam-se com os exorcismos eclesiasticos, e uns e outros provém da antiguidade: cfr. *Religiões da Lusit.*, I, 174, n. 2. Já Horacio, *Epistulae*, I, 34-35, disse:

Sunt verba et voces quibus hunc lenire dolorem
Possis et magnam morbi deponere partem,

onde *verba* significa «ensalmo» ou «fórmula magica», e *voces* designa o tom musical da recitação: vid. as notas de Nauck, 11.ª ed., Leipzig 1882, pág. 177, e as de Schütz, Berlim 1872, pág. 11, autores que citam passos gregos de Homero e Euripides a que os versos horacianos correspondem, e mencionam paralelos em Macrobio e Aulo Gelio. Vid. tambem: *Corpus inscript. Latinar.*, I, 818-820, e III, 961 (e as notas); Marquardt, *Le culte chez les Rom.*, I, 135, n. 4; e principalmente Heim, *Incantamenta magica Graeca Latina*, Leipzig 1902, *passim*.

J. L. de V.

Haver (impessoal) no plural

Dizer *houveram homens* por *houve homens*, como muita

[1] **Tambem Camilo emprega «cruzes canhoto!», por exemplo, n-*O santo da montanha*, cap. XIX.**

gente individualmente diz e escreve, é êrro crasso, pois que *homens* é complemento e não sujeito.

Todavia no Algarve, pelo menos em certas regiões, é corrente dizer-se *hòvérẽ pàdêras*, *háiẽ azinhêras*, segundo ouvi nuns versos que me recitaram em 1896 em S. Bartôlomeu de Castro-Marim; e ouvi *háiẽ homẽs* em Tavira. *Háiẽ* é o plural (analogico) de *hai*, fórma impessoal não sómente da lingoa arcaica, mas da lingoa popular de muitos pontos do país, e do proprio Algarve (*Rev. Lusit.*, IV, 330): temos em *háiẽ* o mesmo fenomeno morfologico que em *hádem* e *hándem* da linguagem vulgar de Lisboa. Como a 3.ª pêssoa do plural termina em *-em* no presente indicativo dos verbos da 2.ª conjugação, terminação que como que se junta á 3.ª pessoa do singular (*deve-devem*, *teme-temem*), o povo deu-a tambem a *hái*, d'onde *háiẽ* (a nasal final é *-ẽ*, não *-em* = *-ẽi* ou *-ãi*). É por motivo analogo que várias pēssôas cultas dizem *teem*, isto é, *tẽem*, embora o falar castiço exija *tem* no plural, com a mesma fórma do singular: cfr. as minhas *Lições de Philologia*, pag. 96.

Em *háiẽ*, a par do fenomeno morfologico, ha um fenomeno sintatico e um fenomeno sematologico, pois o povo fez concordar o verbo com o complemento, como se este fosse sujeito e aquele significasse «existir».

Claro está que, desde que o povo deu a *haver* a significação de «existir», devia fazê-lo concordar com o sujeito; d'aí a suposta terminação do plural. Praticou um êrro, supondo que corrigia outro. O impulso para se dar a *haver* a significação de «existir» partiu de casos como *ha um*, *havia um*: isto provocou *haviam dois*, e frases congeneres.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAFIA

Um capitulo de Semantica, por Americo de Moura, S. Paulo, Brasil, 1916, folheto de 16 paginas.

O folheto do Sr. Americo de Moura em primeiro logar põe em relevo que nem todas as orações tem sujeito, apesar de que «do conceito de proposição com todo o rigor logico se infere a absoluta necessidade de figurar entre os actores da frase um protagonista que a todos os outros domine» [1], e em segundo logar procura averiguar as causas deste facto sintaxico.

Demonstra que «é forçoso admitir, no estádio de formação de lingoagem que a todo o momento se reproduz, a existencia de expressões sinteticas e vagas, equivalentes de juizos e proposições perfeitas, mas destituidas dos elementos logicos que a estas caracterizam» [2]. Dentro da categoria das orações indeterminadas, o autor considera dois tipos: as de sujeito pessoal indefinido, mas analiticamente determinavel, e as desprovidas do proprio conceito de sujeito. Pertencem ao primeiro tipo orações como *aiunt, dizem*, *on dit*, e ao segundo orações como *mingit*, *chove*, *e' piove, it rains.* Todavia em homenagem à logica, alguns gramaticos sustentam que tambem às orações do ultimo tipo se pode dar sujeito. Atribuem aos verbos um sujeito divino—*dominus*... «Pode ser que tais construções tenham derivado de outras outrora dotadas de sujeito. Ideias bem diferentes das que hoje temos podiam elas representar para o homem primitivo, que atribuía a uma divindade cada um dos fenomenos da natureza» [3].

Depois, por abstracção, ter-se-hia passado da categoria pessoal para a impessoal, ao contrario do que provavelmente em tempos primitivos acontecerá às formas vagas, que pouco a pouco se definiram, facto linguistico de que ha um exemplo moderno no infinito português.

O limite do campo definido e do indefinido não é bem claro: «Para exprimir com toda a nitidez os conceitos de determinação e indeterminação, os recursos da linguagem usual são

---

1 Pag. 3.
2 Pag. 13.
3 Pag. 12.

muito insuficientes; evidencia-se a sua pobreza até nos casos em que se poderia esperar bem nitida diferenciação, em virtude de concurso de processos analíticos e de outros determinantes qualitativos e quantitativos» [1]. Tambem não é muito mais nitido o processo por que se chega a um ou outro daqueles conceitos: «Ou a lingoagem teve um estádio original concreto, em que ao surto da abstracção no espirito humano se operou o movimento de impessoalização, a que se foram justapondo os outros, ou, o que parece mais natural, em se tratando de um periodo de inteligencia rudimentar, mais passiva do que activa, ou de todo inconsciente, formas primitivamente vagas, sem um sentido defenido, se foram pouco a pouco definindo» [2].

Inclinado para esta ultima hipotese, a mais verosimil efectivamente, o autor conclúe «que as palavras e os morfemas que designam a pessoa gramatical tinham provavelmente a principio um sentido colectivo ou indefinido, de que se desenvolveu o de pessoa definida e que, constituida logicamente a lingoagem, na evolução dessas formas ha sempre acções e reacções, continuando a pessoa indeterminada, como a determinada, visto que os seus conceitos são tão relativos como os do abstracto e do concreto, a ter o mesmo direito de figurar no sistema de conjugação» [3].

Salienta-se o folheto do Sr. Americo de Moura pela riqueza dos factos que apresenta para comprovação das suas ideias.

João da Silva Correia.

A Superstição e o Crime, pelo Visconde de Carnaxide, 1916, edição da Academia das Sciencias de Lisboa.

O livro—*A Superstição e o Crime*, do Sr. Visconde de Carnaxide tem por objecto demonstrar que o Codigo Penal em vigor na metropole não pode servir para julgar actos criminosos cometidos nas nossas possessões de alem-mar. Fornece pretexto e materia para esta demonstração um acórdão da Relação de Lisboa, sob um caso de assassinio praticado por um indigena da provincia de Moçambique na pessoa de uma mulher que um adivinho local indicou como causadora, mercê de seus feitiços, da doença de uma irmã do réo, indicação esta que, segundo o

[1] Pag. 15.
[2] Pag. 16.
[3] Pag. 16.

uso e costume dos negros da região, determinou a pratica do crime.

O estudo deste assunto dá ensejo ao autor para fazer a historia pormenorizada da feitiçaria em Portugal, e muito especialmente do logar que ela ocupa nas nossas antigas ordenações, e para expor com desenvolvimento as suas ideias sobre qual deve ser, á luz da medicina e da psicologia, a orientação do direito penal de hoje.

O Sr. Visconde de Carnaxide aprecia em primeiro logar o acórdão da Relação de Lisboa que iliba de culpa o adivinho condenado pela Relação de Moçambique como cumplice do assassinio, pois aquela reconhece que o réo não havia aconselhado a morte da feiticeira, mas tinha unicamente denunciado esta, o qual acórdão, todavia, não iliba de culpa o autor do crime, embora à pratica dêle o réo fosse levado por uma superstição local.

Não era possivel, ao que parece, julgar doutro modo dentro das apertadas malhas da nossa legislação penal. Iliba-se de culpa quem é possivel ilibar, e que, todavia, não é menos criminoso que o assassino, visto que os indigenas estão persuadidos de que «revelada a existencia de alguma feiticeira no povoado, pela indicação infalivel do adivinho, o exterminio dela, como encarnação do proprio Satanaz, sendo de uma necessidade inevitavel não só para as pessoas já lesadas por seus maleficios, mas para todas as outras da região, incluindo os mais próximos parentes de tão malefica criatura, faz crer que os autores da sua morte se atribuem, como um acto de justiça indispensavel, uma acção até de benemerencia assinalada» [1].

As superstições dos indigenas são tão opressoras e tenazes, que podem provocar, por medo, a morte fulminante dos que nelas acreditam. O adivinho goza de soberano prestigio. Ninguem ousa desobedecer aos seus esconjuros, nenhum criminoso ha que consiga iludir as suas investigações ou ocultar o seu crime. Quando ele recorre, por exemplo, ao julgamento pelo fogo, que consiste em passar pelas mãos dos presentes, colocados em linha, o ferro em braza de uma enxada, por forma tal «que parecendo tocar com ele em cada um, venha, todavia, a deixar queimado só o culpado e nunca os inocentes» [2], o delinquente absolutamente convencido da eficacia deste processo de investigação

[1] Pag. 9.
[2] Pag. 12.

criminal, porque cegamente crê nos altos poderes e virtudes do adivinho, denuncia-se com a maior facilidade.

Dêste elevado prestigio faz o advinho uso imprudente quando decreta de sciencia certa que tal ou tal pessoa se entrega á feitiçaria, pois isso equivale a formular contra ela uma sentença de morte irrevogavel.

O Sr. Visconde de Carnaxide ocupa-se depois incidentalmente da historia da feitiçaria. Transcreve alguns dos capitulos, aliás bem curiosos, que lhe consagrava a nossa antiga legislação (Posturas Municipaes, Ordenações do Reino, Constituições Diocesanas); compara os nossos textos jnridicos com os estrangeiros; e comenta com grande erudição e espirito critico o que está na legislação e o que dizem os tratadistas e os doutos.

Já no seculo IV os concilios hispanicos se ocupavam da feitiçaria, punida depois até com pena de morte nalgumas Ordenações do Reino. Pelas Ordenações manuelinas os feiticeiros «eram ferrados em ambas as faces com um ferro para isso mandado fazer» [1].

O açoite, a prisão e o degredo eram tambem aplicados como castigo desta especie de crimes, como se vê, por exemplo, nas obras de Gil Vicente. A magia alquimica, que procurava obter o oiro, era tambem proìbida na nossa antiga legislação. As disposições sobre crimes de feitiçaria foram-se reproduzindo nos varios textos legislativos, até que totalmente desapareceram em 1852 do Codigo Penal português, passando tais crimes a serem considerados burlas.

Ao fazer a historia da feitiçaria, o Sr. Visconde de Carnaxide é naturalmente levado a enumerar os crimes que a nossa antiga legislação considerava atentatórios da religião do Estado, e dos actos que constituiam heresia aos olhos da Inquisição, no número dos quais passaram a entrar, por bula de Sixto V, as adivinhações, sortilegios e feitiçarias. No Regimento Inquisitorial de 1640, encontra-se esta disposição: «Se alguma pessoa fizer feitiçarias, sortilegios ou advinhações, usando de cousas e superstições hereticais incorrerá na pena de excomunhão, confiscação de bens, e em todas as mais que em direito estão postas no crime de heresia, e contra elas procederão os Inquisidores da mesma forma que procederão contra os herejes da nossa Santa Fé» [2].

Antes de tirar as conclusões da sua obra, e para que elas

---

[1] Pag. 25.
[2] Pag. 57.

redundem mais fortes, o autor aponta varias deficiencias da nossa legislação penal e deixa entrever o que ela deve ser para estar de acordo com os verdadeiros sentimentos humanitarios e com o progresso scientifico. O Sr. Visconde Carnaxide manifesta-se partidario da individualização da pena: «Era preciso um novo grau de individualização a realizar posteriormente à sentença condenatoria e assim depois de exercida a função do poder judicial e no decurso do cumprimento da pena» [1]. É todavia, contrario ao direito de graça dos chefes de Estado, embora nêle haja alguma coisa de bom, porque se exerce geralmente como especulação politica, e tem o inconveniente de readmitir na sociedade delinquentes não regenerados, enquanto outros, que já o estão inteiramente, continuam no carcere, se não ha acontecimento que solenizar. O indulto deve ter uma razão scientifica. A pena só deve ser fixada nos seus traços gerais no Codigo; no pormenor é à administração penal que compete individualizá-la nas casas de educação moral que devem ser as cadeias.

Depois de ter demonstrado que a nossa legislação penal é já atrasada e deficiente para a metrópole, o Sr. Visconde de Carnaxide conclúe que tal legislação, extensiva a colonias diversissimas pelas condições locais, indole e costumes dos seus habitantes, é um absurdo, se, por ventura, não é uma monstruosidade. A legislação metropolitana sobre casamento e duelo que o autor compara às legislações da mesma natureza dos outros paises, é extensiva às nossas colonias, em oposição manifesta com os costumes locais. Para o negro, que tem da honra uma noção, que não é a europeia, o duelo, visto indulgentemente pelas nossas leis, é um crime como outro qualquer; ao contrario, a poligamia e a infidelidade da esposa, condenadas com veemencia na nossa legislação penal, são para êle uma necessidade economica e até um motivo de orgulho. Se sômos indulgentes para com os nossos usos e preconceitos, devemos sê-lo para com os dos negros tambem. Requerem-se codigos penais privativos de cada colonia. Uma legislação unica entibia e desorganiza a vida propria dos povos indigenas, leva a falencia de todas as tentativas de assimilação, com prejuizo do progresso colonial e dos interesses economicos e até politicos da motropole. Apenas se deve tentar uma lenta aproximação de instituições juridicas, à medida que a cultura local fôr aumentando.

Para obstar a crimes de origem supersticiosa importa sobre-

---

[1] Pag. 93.

tudo instruir, se bem que haja superstições compativeis com altos graus de cultura, como a do ocultismo. Nas colonias, porém, onde os crimes de feitiçaria são mais frequentes, a instrução precisa ser acompanhada da intimidação para se evitar que imprudentemente alguem seja apontado como feiticeiro.

Crimes de caracter supersticioso entende o Sr. Visconde de Carnaxide que devem ser julgados por um juri: «Se as superstições não podem perante a lei constituir circunstancias extintivas de responsabilidade, perante a consciencia e soberania do juri é que, quando os seus sentimentos de justiça em algum caso lhe ditem a necessidade moral da absolvição, a dificuldade que para o juiz togado seria invencivel, é inteiramente removida pela sua faculdade absoluta de responder que o crime não está provado o que no elogio e não para censura da instituição os ingleses chamam uma pia fraude» [1].

É o Sr. Visconde de Carnaxide partidario entusiastico dos júris esclarecidos, com atribuições amplissimas: «Ha necessidade de subtrair à jurisdição de juizes singulares e mecanicos o julgamento dos delictos mais graves para nesses casos — não podendo por motivos praticos ser tambem em quaisquer outros — se fazer a entrega dos acusados ao unico poder das consciencias. A essa necessidade acresce manifestamente como seu indispensavel complemento, o que até hoje está longe de ser realizado — a organização do júri com as cautelas e em condições de tal confiança que, quanto humanamente seja possivel, garantam o bom uso da omnipotencia, que, sendo da instituição atributo inseparavel, não pode deixar de lhe ser conferida. Restará, porem, ainda completar a entrega ao júri tambem, embora com a presidencia do juiz togado, da decisão sobre a propria pena a aplicar» [2].

E, embora o atraso seja grande nas nossas colonias, e a impossibilidade de ali constituir um júri à maneira da metropole seja evidente, o Sr. Visconde de Carnaxide entende que ele deve contudo organizar-se lá e do modo «como em cada comarca melhor se ofereça, tanto na categoria ou qualidade das pessoas, como na quantidade» [3].

Com a demonstração da sua tése — os codigos metropolitanas não servem para as colonias — o Sr. Visconde de Carnaxide

---

[1] Pag. 42.
[2] Pag. 123.
[3] Pag. 123.

não honrou apenas a literatura juridica contemporanea, porque enriqueceu tambem a nossa etnografia colonial, e chamou a atenção para varios problemas sociologicos e morais. A *Superstição e o crime* sendo essencialmente um livro de sciencia e de erudição juridica não é menos uma obra de largo alcance para o progresso geral das nossas colonias. Ás vezes os livros valem tanto pelo que dizem, como pelo que sugerem. O do Sr. Visconde de Carnaxide é dos que hão-de fazer surgir problemas novos, e ao mesmo tempo hão-de projectar luz sobre erros velhos. Assim, após a leitura da sua obra, imediatamente nos acodem ao espirito preguntas como esta: Deve a instrução primaria das nossas colonias ser igual em materias à que se ministra na metropole? Ou então são reflexões desta natureza as que nós fazemos:—Se a mesma legislação para a metropole e colonias é um absurdo, a pretensão que de longe vem de converter os negros ao cristianismo, a mais abstracta das religiões, é uma loucura!

João da Silva Correia.

Contribuições para a lexiologia luso-oriental, pelo Dr. Sebastião Rodolfo Dalgado, Lisboa, 1916, edição da Academia das Sciencias.

Este trabalho é, por assim dizer, a reciproca de outro, tambem publicado pela Academia das Sciencias, tres anos antes do que agora veio a lume e que se intitulava—*Influencia do vocabulario português em lingoas asiaticas.* O autor nota no prefacio das *Contribuições para a lexiologia luso-oriental* que «se avultado foi o numero dos termos portugueses que penetraram nos idiomas indigenas», como demonstrou no seu estudo lexicologico de 1913, «tambem não é somenos a quantidade dos vocabulos vernáculos que transitaram para a lingoa portuguesa, passando desta muitos para outras lingoas europeias, e até para a nomenclatura scientifica, especialmente botanica», como demonstra no presente trabalho. O Dr. Sebastião Dalgado lembra como causas da passagem dos vocabulos orientais para a nossa lingoa: «a intensidade e a amplitude da acção civilizadora de Portugal; a sua precedencia no oriente e a sua mentoria, posto que involuntária, ás outras nações da Europa; a sua adaptabilidade á maior parte das lingoas asiaticas, e vice-versa, reconhecida por mais de um sabio estranjeiro; o rápido e perdurável desenvolvimente da raça eurasiatica e os seus consequentes crioulos».

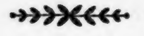
Classifica em várias categorias as palavras que se introduziram em português, das quais — «umas circunscreveram-se á lingoagem asiatica»; «estas acompanhavam os objectos que designavam na sua peregrinação pela Europa e America»; «ainda outras, e estas são poucas, entraram na fala comum com fócos de perfeita naturalização, mas modificaram-se pela maior parte nas suas significações originarias, sujeitando-se a representar na nova patria coisas e conceitos já conhecidos».

As dições de origem asiatica não estão todas registadas nos dicionarios, ou estão-no por vezes com a filiação deturpada, mercê do «desprezo das legitimas fontes de estudo» e da «etimologia empirica» ou «etimologia de palpite», que, estribando-se inteiramente na homofonia, leva a «disparates palmares e desastrados». O processo que ao notavel sãoscritologo se afigura indispensavel no estudo da lexiologia asiatica, e de igual modo no da africana, é o de «percorrer com paciencia as obras de todos os nossos escritores, e as principais dos estranjeiros antigos, que com reconhecida competencia trataram das coisas da Asia meridional, e colher aí os vocabulos exoticos com a sua definição ou descrição e com a sua pátria ou derivação».

Nas *Contribuições para a lexiologia luso-oriental* segue o ilustre orientarista este exaustivo processo, unico que acha «racional e frutifero».

Elas compreendem o estudo historico-etimologico de cerca de duzia e meia de vocabulos, estudo que termina por um modelo da inscripção da palavra asiatica nos dicionarios. Mais honografias deste teor nos promete o sr. Dr. Sebastião Dalgado, antes de dar a lume a obra monumental que tem entre mãos *O glossario luso-asiatico* e que declara já abranger «mais de dois mil vocabulos copiosamente abonados com autoridades nacionais e estranjeiras».

João da Silva Correia.



-

-
á
-
a
s
e
a

s
,
-
e
-
a
o
e
-
a
a

o
a

a
-
-
o,
s
e
s